

De Repente O Destino

S. Miller

 **desfecho**
romances

UM SELLO DA EDITORA MULTIFOCO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.love ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



De Repente o Destino
S. MILLER
De Repente o Destino
EDITORA MULTIFOCO
Rio de Janeiro, 2014

EDITORA MULTIFOCO

Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.

Av. Mem de Sá, 126, Lapa

Rio de Janeiro - RJ

CEP 20230-152

REVISÃO Aline Tomasuolo

CAPA Mariana Tavares e Mauricio Pinho

IMAGEM DE CAPA Mariana Tavares

DIAGRAMAÇÃO Mauricio Pinho

De Repente o Destino

MILLER, S

1ª Edição

Junho de 2014

ISBN: 978-85-8273-694-4

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Multifoco.

Para o amor da minha vida, que tornou tudo isso possível. Nosso amor foi assim, de repente, e será assim para sempre. Para meu filho, a linda e a maior razão do meu viver, a quem devo desculpas pelos dias em que não tivemos muitos minutos para brincar. Foi por uma boa causa. Para minha mãe, que é escritora e uma mulher incrível. Ela jamais entenderá essa história, são anos de cultura nos diferenciando. Para minha amiga querida que me presenteou com o livro Cinquenta Tons de Cinza. Sem saber, ela despertou uma paixão em mim. E por fim, para os leitores. Sem vocês, esse livro não seria nada.

Nota da autora

A história desse livro cita diversos lugares como, a cidade do Rio de Janeiro e do Rio das Ostras no Brasil; Miami, Raleigh, Nova York e Rye nos EUA; Paris, Londres, Dubai e Abu Dhabi nos EAU, Portugal e China.

Alguns locais citados são reais e outros foram criados para contextualizar o enredo. Portanto, não se prendam aos detalhes das cidades e dos locais, nem todos são reais, embora possam se assemelhar com alguns lugares existentes.

Que vocês possam conhecer essas cidades um dia, pois são lugares incríveis, dignos de serem homenageados no livro.

Nomes, fatos e personagens são todos fictícios.

Prefácio

A vida de Sophie não foi nada fácil. Quando ainda vivia no Brasil, foi entregue para servir a um velho e corrupto político quando ainda era adolescente e muito pobre. Foi torturada fisicamente e psicologicamente, e privada dos direitos mais básicos. Chegou a acreditar que nunca seria amada, que sua vida jamais teria salvação e que a justiça não existia. Depois de tanto sofrimento, será que algo ainda seria capaz de machucá-la?

Nas areias quentes de Copacabana, ela conheceu Neal White. Um americano sedutor e disposto a transformar a vida de Sophie em um incrível recomeço, com o que ela sempre desejou, um conto de fadas em outro país. Até que um dia tudo desmoronou e ela conheceu o homem por trás da máscara, o lado cruel, que destruiu toda a felicidade que ela havia recuperado. Neal era o chefe de um esquema em Miami envolvendo drogas, mortes e muito dinheiro. Ele tentou tirar de Sophie o que ela mais amava. Só que Sophie foi mais forte e recomeçou mais uma vez para proteger seu maior segredo. Mas nem tudo é sempre o que parece...

Adam Collins estava em seu destino. Um herdeiro britânico que se transformou em um empresário bilionário com seus próprios esforços. Um homem excêntrico e dono do seu universo, que se apaixonou pela doçura e pelo mistério que envolvia Sophie quando ela trabalhava como stripper na casa de shows Shades in Red em Manhattan. Os dois jamais imaginaram que suas vidas seriam marcadas de tal forma e que o destino às mudaria para sempre. Entregaram-se a uma paixão intensa e proibida. Adam enfrentaria qualquer coisa por ela. Mas até onde devemos ir em nome do amor?

Neal era obcecado por Sophie e jamais permitiria que a mulher, que antes fora sua, pertencesse a outro. E as três vidas se cruzaram. Eles descobrirão que alguns erros podem mudar a vida para sempre.

Uma história sexy, romântica, divertida, intrigante e intensa, com cenas eróticas e sensuais, e um enredo envolvente com ação e suspense a cada capítulo. Personagens que poderiam muito bem ser reais. Sedução e elegância em cada palavra que nos faz pensar que o amor é o castigo ideal para o desejo. Um romance inteligente que mostra a vida como ela é, perfeita em sua imperfeição. Os leitores com certeza pedirão por mais, porque quando o destino cruza caminhos improváveis, é impossível resistir. Não há

limites nem fronteiras, quando a paixão está presente por trás de cada beijo, cada olhar, cada toque, cada palavra.

A história é um clichê? Talvez. Mas o que seria da vida sem os clichês que preenchem nossa alma e o coração com emoções. A vida é um clichê! Leia sem julgamentos, sem limites e sem vergonha a jornada de uma mulher em busca do recomeço e da felicidade. Porque a vida é assim, muita coisa pode acontecer simplesmente... De repente.

O primeiro livro da trilogia Suddenly.

I

Sensualidade, beleza e mistério, eram os ingredientes que eu procurava noite após noite quando visitava o charmoso restaurante e casa de shows Shades in Red, na Rua Bowery, entre a Bleecker e a Houston em Manhattan, no coração de Nova York. Um lugar bem discreto para os desejos masculinos. Mas eu frequentava a casa exclusivamente para ver minha musa. E tinha certeza, ela sabia exatamente que minha frequência na casa era somente por ela, para ela. Não desgrudava meus olhos daquela mulher. Às vezes, olhava profundamente em seus olhos, na tentativa desesperada de transmitir minha mensagem: “Quero você nua em minha cama!”.

Aquela pele tom de canela, cabelos cor de mel iluminando seu rosto, penteados como os de Betty Page, olhos também cor de mel, uma boca carnuda com aquele batom vermelho puro desejo, e aquela pinta do lado esquerdo da boca, que a deixava ainda mais sexy quando sorria. Puro sexo! Estava enlouquecendo. Tinha certeza absoluta de que ela não era daqui, tinha uma pronúncia muito esquisita do inglês. Seu corpo fugia a todos os padrões, em que eu já era perito em decifrar. Aquelas curvas extrapolavam meus conhecimentos... Muito feminina, ela tinha seios firmes, grandes e perfeitos, uma cintura muito fina, uma bunda linda e volumosa, e pernas longas e torneadas de fazer qualquer homem querer estar em ação entre elas. Ela tinha um corpo capaz de me deixar sem palavras. Pela primeira vez, eu estava realmente sem palavras por causa de uma mulher.

E quando ela subia naquele palco apenas de lingerie sexy e vermelha, no melhor estilo anos 50, e começava a cantar e rebolar junto a canção ‘I Just Want to Make Love to You’, eu quase morria engasgado com meu Gim-tônica. Aquela voz suave e inocente, bem diferente da voz firme e rouca da Etta James, e um sotaque que me indicava que eu estava certo. Ela devia ser da América Latina, não sei de que país, mas tinha um sangue muy caliente correndo naquelas veias e fazendo aquele traseiro girar, girar e me fazer perder o ar!

Ela fugia completamente dos padrões físicos das demais dançarinas da casa, que normalmente eram muito pálidas com cabelos extremamente pretos, extremamente loiros ou extremamente ruivos. Mas uma coisa eu garanto, o brilho da sua apresentação não perdia em nada por isso, pelo contrário, parecia ser a super star da noite e mantinha a casa lotada e os olhares masculinos fixos em suas perigosas curvas, com seu jeito sexy e angelical e, ao mesmo tempo, um perigo! Os homens a devoravam com os olhos. O fato é que ela se destacava e me enlouquecia há semanas. Na verdade, mais de dois meses. Nunca esperei tanto para ter uma mulher. Mas a verdade é que essa espera, também era muito erótica, aumentava minhas expectativas e previa um final de arrepiar de prazer. Seus três minutos e cinco segundos de

apresentação cronometrados no meu relógio duraram pouco, pouco demais, tempo insuficiente para que eu pudesse decifrar aquela incógnita. Quem era e de onde veio? Qual o seu nome verdadeiro? Quantos anos ela teria? Vinte e seis? Vinte e sete? Nunca me vi tão obcecado em decifrar um corpo como o dela, minha musa. Deveria esperar sua próxima apresentação ou agir naquela noite mesmo?

Naquela noite de quarta-feira, ao me dar conta do fim dos aplausos, eu estava pronto para fazer o que eu fazia de melhor nessa vida, conseguir qualquer coisa que eu desejasse, e isso certamente incluía ela. Eu era o dono do meu universo e nunca fui de me privar das coisas que eu queria. E o que eu queria era essa mulher.

A casa era pequena, mas tinha um lounge aconchegante e agradável, íntimo e luxuoso, com um cardápio fantástico. Além do mais, era uma das poucas casas de Nova York que ofereciam, discretamente para os interessados, garotas de altíssimo nível, tudo muito discreto e muito escondido. Endereço certo para os homens bem sucedidos conseguirem um pouco de diversão.

Sempre que minha assistente ligava, já sabiam que minha reserva, nos dias de Show Burlesque, era sempre para a mesma mesa. Uma mesa para dois, na lateral do palco, ao lado do piano, de onde eu tinha uma visão perfeita da minha musa, e para onde ela dirigia olhares insinuantes ao longo de suas apresentações. Aquele ponto também era estratégico, pois assim eu fugia do centro das atenções dos inúmeros frequentadores da casa. Quando as luzes diminuía e o foco central era o palco, a banda começava a tocar, e eu sabia que em breve desceria por um balanço suspenso no teto, o motivo de minha atual obsessão. Anunciada apenas como ‘Sophie’, tinha certeza de que esse não era seu nome verdadeiro. Mas naquela noite toda minha espera acabaria. Chamei o garçom.

– Pois não, Sr. Collins? – perguntou, já me entregando mais um Gim-tônica.

– Quero a companhia da Sophie esta noite. – falei o mais firme possível, com o olhar de quem não estava pedindo, apenas comunicando. Não me interessava saber se outro homem já a havia solicitado.

– Senhor, pode me pedir qualquer coisa, qualquer outra das meninas, mas isso que me pede não conseguirá. – pude sentir o quão tenso Jeff, meu garçom preferido naquele lugar, estava com minha declaração.

– Explique-se. – foi tudo que respondi, com o mesmo olhar gelado e intimidador de antes, enquanto tomava mais um enorme gole da minha bebida.

– A Sophie é diferente, senhor. Ela não sai com os clientes e não faz parte do “cardápio da casa”, se é que me entende. Ela nem ao menos aceita vir à mesa de nenhum dos frequentadores. Sophie não se vende. Ela apenas vem, canta, dança e vai embora. E só está aqui porque tem muitos admiradores que pagam uma fortuna apenas para vê-la naquele palco, enquanto sonham que poderão tê-la um dia.

– Não existe ninguém neste mundo que não tenha seu preço. Quero Sophie em minha mesa dentro dos próximos quinze minutos ou avise ao seu patrão de que ele terá problemas para encontrar outro endereço tão bom quanto esse para o restaurante. – disse, para que ele entendesse que eu não desistiria. Na verdade, o jogo agora tinha ganhado novos patamares. Senti-me desafiado. Como uma fera vendo sua presa fácil prestes a tentar correr. – E Jeff, quero Sophie com a roupa que ela usou para se apresentar esta noite, nada mais.

Jeff saiu extremamente tenso com minhas palavras, afinal, ele sabia que eu era o dono daquele prédio também, como de muitos outros em Nova York e pelo mundo. Tomei mais um Gim-tônica e nada de Sophie aparecer, eu seria obrigado a cumprir minhas palavras, infelizmente. Não era uma atitude muito profissional, deixar que o fato de eu querer trepar com uma mulher interferisse em minhas relações profissionais, mas foi o melhor que consegui dizer naquela hora. Levantei, peguei meu blazer de trás da cadeira e quando me virei para ir embora, escutei a voz mais doce do mundo me chamar.

– Senhor, por favor, espere um momento.

Em pé, ao lado da minha mesa, estava ela. Linda, sensual e doce. Com uma das mãos na cintura e a outra na cadeira. A visão mais perfeita e incrível que já tive na vida. Mas é claro que eu a faria implorar. Olhei-a de cima a baixo com desdém, dei as costas e continuei caminhando a passos lentos na direção da porta.

– Por favor, senhor, escute-me por um instante.

Senti uma respiração raivosa atrás de mim de quem foi obrigada a vir até onde eu estava, certamente com uma ameaça de perder o emprego. Quando me virei, vi que Sophie tentava esconder a raiva atrás de um leve sorriso muito sedutor. E mais, vi vários homens olhando para nós como se fôssemos fantasmas. Claro! Jeff havia me dito que ela recusara diversos convites. Eles estavam surpresos por ela estar ali para ficar comigo. Ignorei todos os olhares e me fixei no dela. Segurei minha musa pelo cotovelo, levei-a até minha mesa e puxei a cadeira para que se sentasse. Antes de me sentar de frente para ela, me aproximei de seu ouvido e sussurrei:

– Jamais se esqueça de que sou um homem muito impaciente. – pude ouvir sua respiração forte de quem estava com muita raiva outra vez. Sorri. Aquilo era divertido e me excitava. – Por que demorou tanto? – antes que ela respondesse, chamei Jeff novamente à mesa. Sem desgrudar o meu olhar do dela, que aparentava cada vez mais um sentimento confuso de raiva e vergonha, pedi a Jeff mais um Gim-tônica e uma garrafa do melhor champanhe da casa.

– Obrigada senhor, mas eu prefiro não beber. – disse Sophie olhando para os dedos das mãos que se apertavam em cima da mesa. Queria deixá-la ainda mais desconfortável. Adorava mulheres em seu estado de limite.

– Não perguntei isso. Por que está tão tensa? Estamos apenas conversando... Por enquanto.

– Demorei porque já estava pronta para ir embora e o senhor solicitou que eu usasse as roupas da apresentação. Precisei me trocar e maquiar novamente. Hoje não farei mais apresentações. – dessa vez ela olhou nos meus olhos ao terminar de se explicar.

– Então Sophie, o que posso esperar deste restante de noite? – coloquei minha mão em cima das dela que estavam na mesa. Sua mão estava gelada e trêmula. Sorri e vi quando ela me olhou assustada e completamente envergonhada, seu rosto havia corado. – Veja bem, Sophie, esta é uma reação inesperada para mim, uma vez que você está acostumada a se expor naquele palco quase todas as noites. – e ela puxou sua mão da minha e a escondeu em seu colo. Olhou para mim como se não soubesse o que responder.

– Senhor, apenas não confunda o que eu faço naquele palco com o que eu sou de fato. Não sou o tipo

de mulher com a qual está acostumado. Não confunda as coisas. Eu não faço parte do cardápio exclusivo para senhores, apenas me apresento. E respondendo a sua pergunta, não sei como a sua noite terminará, mas a minha, eu tenho certeza que será em minha cama, sozinha, como faço todas as noites. – disse enquanto olhava no fundo dos meus olhos. Estava me desafiando.

– Está iniciando um nível de dificuldade que me estimula muito, Sophie. Eu sou perito nesse jogo. Mas acredite, não pensei em você hoje, nem na sua cama, nem na minha, nem em cama alguma. – ajeitei-me na cadeira, olhei para ela com olhos famintos e vi sua respiração se alterar. – Se eu fosse comer você hoje, acredite, seria naquele palco, porque foi isso que desejei a noite toda.

– Então, senhor, já teve o suficiente da minha companhia? Posso me retirar? Como eu disse anteriormente, não faço parte das acompanhantes. Mas, se desejar, posso indicar algumas.

Jeff chegou à mesa com as bebidas que havia solicitado, serviu rapidamente, parecia sentir o clima tenso, e saiu, deixando-nos novamente sozinhos. Tomei um gole do Gim-tônica, relaxei meu pescoço com movimentos circulares e voltei a queimar os olhos de Sophie com os meus.

– Beba. Detesto beber sozinho e já fiz muito disso aqui nessas últimas semanas. Beba.

– Poderia ao menos usar a expressão, ‘por favor’ e ser um pouco gentil? – ergueu a taça, como se brindasse e tomou um gole, lambendo levemente o lábio inferior. – Isso... – disse, fazendo um gesto com o dedo apontando para nós dois. – Poderia ser mais agradável, concorda? – e sorriu me fazendo perder o fôlego. – Não acho que minha roupa seja o traje mais apropriado para que eu esteja aqui no salão do restaurante com o senhor. Isso... – ela fez novamente o gesto com a mão, só que desta vez, descendo pelo próprio corpo. Agora estava completamente excitado. Tudo em que conseguia pensar era em jogar as coisas que estavam em cima da mesa no chão, colocá-la ali, abrir suas pernas e meter até ter cãibras. Ela continuou falando, me trazendo para o momento presente. – Pode ser bem melhor. Não me sinto à vontade de lingerie fora do palco. Poderia me permitir dez minutos para que eu coloque algo menos íntimo?

– Gosto de você em algo íntimo. Mas se me prometer sua companhia até à hora em que eu for embora, permitirei que você coloque algo mais apropriado sob seu ponto de vista. Temos um acordo?

– Não são necessários acordos ou promessas, senhor. Preciso do meu emprego e, se o restaurante fechar, serei uma das prejudicadas. Aliás, o dono da casa já me alertou de suas ameaças, só estou aqui por causa disso. Desde que mantenha o limite que mantivemos até o momento, estarei aqui em dez minutos.

Ela se levantou, piscou para mim e saiu em direção aos fundos do restaurante. Foi impossível não perceber todos os olhares que a seguiram. Olhares cheios de desejo, certamente com os mesmos desejos que os meus.

Estava impaciente e não conseguia parar de tamborilar meus dedos na mesa. Que ridículo, parecia um adolescente esperando pela primeira noite de sexo. Sentia-me um idiota. Tinha de resolver essa questão logo e seguir em frente. Nenhuma mulher, por mais gostosa que seja, comandaria o meu mundo e minha cabeça. Isso não! Só queria trepar com ela. Apenas isso.

Levantei o olhar e vi quando, em minha direção, vinha a mulher mais incrível de todas, talvez de Nova York inteira. Foi preciso pegar meus olhos de volta, pois caíram do meu rosto e rolaram pelo chão.

Não era possível! Como ela poderia ficar ainda mais linda, mais sedutora, mais gostosa? Estava completamente excitado novamente, e a droga do volume nas minhas calças ia me denunciar. O que era aquilo que ela vestia? Mais sexy do que se estivesse nua! Cacete! Como iria me controlar?

Ela usava um vestido preto, que desenhava sua silhueta até a altura dos joelhos, com um decote abusado nos seios e uma fenda em formato de triângulo bem abaixo daquela região, mostrando toda aquela pele cor canela. E, para completar, um sapato preto de salto altíssimo. Havia colocado os cabelos em ondas apenas para um lado. Era a imagem de uma mulher sofisticada e elegante. Ninguém ousaria dizer que era a mesma dançarina e stripper, que estava nua há alguns minutos atrás naquele palco, mas sim a esposa chique de algum endinheirado. Levantei-me para recebê-la e quando conferi o restante do look, quase a agarrei ali mesmo. Nas costas o vestido tinha alças grossas e cruzadas, revelando sua pele, a saia descia justíssima até o fim de sua bunda, deliciosa e bem desenhada, e abria em um leve drapeado até os joelhos. Estava completamente sedutora.

– Uau! Você conseguiu que todo o restaurante simplesmente parasse para olhá-la. Nem mesmo sua colega seminua no palco conseguiu manter a atenção dos homens. Você realmente é um belo exemplar feminino!

– Obrigada, senhor.

– Meu nome é Adam Collins.

– Muito prazer, Sr. Collins! – ela estendeu a mão e abriu um sorriso irresistível. Queria segurar aquela mão para sempre. Que pela macia e gostosa! E o cheiro inesquecível que ficou na minha mão? Ela havia se perfumado. Que essência deliciosa! Parecia baunilha. Nenhuma mulher devia cheirar a baunilha. Isso era enlouquecedor.

– E o seu nome? Quando vou conhecer?

- Meu nome é Sophie. É tudo que precisa saber.

– O que sei é que seu verdadeiro nome não é Sophie. Seu sotaque carregado e sua pronúncia errada de algumas palavras me indicam que o inglês não é seu idioma natural. E pelo seu rebolado de quadril, posso garantir que é latina. As mulheres daqui não andam assim.

Ela gelou. Arregalou os olhos. Perdeu o ar. Pensei que fosse desmaiar bem ali na minha frente. Sua nacionalidade realmente não era um assunto agradável naquele momento. Era melhor eu mudar o direcionamento dessa conversa antes que minhas expectativas fossem derrotadas.

– Gosta de se apresentar aqui? Porque você é muito boa, acho que a melhor que já vi! Suas apresentações sempre me levam para a década de quarenta e cinquenta onde as pinups reinavam para os homens. Suas colegas devem ter inveja. Algumas não tiram os olhos daqui.

– Gosto de dançar e de cantar, mas tenho outros talentos mais relevantes que, por hora, não são aproveitados. A vida é assim. Nem sempre podemos explorar o melhor que temos. E sim, não sou daqui. Você acertou, vim da América do Sul. E não acho que minhas companheiras de palco estavam olhando para mim, elas olhavam para o senhor.

Com isso soltei a risada mais espontânea que já dei em minha vida.

– Quer dizer que elas olhavam para mim? Tem algo de errado comigo? – ela apenas ergueu os

ombros.

– E então, Sophie, gostaria de comer algo ou beber um drink diferente? – chamei Jeff, que estava de olho em nós.

– Jeff, querido, quero apenas um Cosmopolitan. – disse ela com muita propriedade, antes que eu escolhesse novamente em seu lugar.

– Jeff, traga dois Cosmopolitan, vou acompanhar a dama.

– Quanta elegância! – disse enquanto olhava a dançarina que fazia um Strip-Tease bem leve no palco ao som do jazz ‘Walk On The Wild Side’ de Jimmy Smith.

– A stripper? – perguntei. Ela voltou sua atenção a mim novamente com um sorriso encantador e angelical, quase inocente demais.

– Não, Sr. Collins. Quanta elegância seu gesto de pedir a mesma bebida que eu. Muito gentil de sua parte me acompanhar.

– É um traço da minha nacionalidade. Sou britânico, nasci em Londres.

– Então, Viva a Rainha! – exclamou, levantando seu drink em um brinde.

– Cosmopolitan é sua bebida favorita?

– Sim! Adoro o Cosmo. – disse, dando um sorrisinho gostoso.

– Conta para mim de onde você é?

– Não. Podemos voltar ao drink? – ela deu outra piscadinha. Acho que estava fazendo isso de propósito, devia ter percebido que me afetava, me desestabilizava, me deixava aéreo.

– Você me disse que tem outros talentos. Fale deles. Estou curioso.

– Entendo de negócios, sou formada em Administração, e adoro escrever. Na verdade, ler e escrever são minhas paixões.

– Entende de negócios? – meu tom de voz saiu mais espantado do que eu gostaria.

– O que foi? Só porque fiz universidade não posso ser uma dançarina metida à cantora que fica seminua em um palco para alguns de homens se divertirem?

– Apenas não imaginei que fosse uma mulher de negócios. Mas tudo bem, você me disse que tinha outros talentos. Por que não trabalha na área? Desistiu por algum ideal? O que houve? – De repente minha boca dizia mais do que eu realmente gostaria que ela soubesse que eu estava interessado. O filtro entre meu cérebro e minha boca havia ido para o espaço.

– Muitas perguntas para uma noite que já está acabando. A propósito, preciso ir. Preciso descansar, do contrário não terei condições de me apresentar amanhã.

– Mas temos um acordo. Você se vestiu, agora fica comigo até quando eu desejar. Espero que seja uma mulher de palavra, ou de fato entenderei porque desistiu do mundo dos negócios.

Seu olhar ficou gelado naquele instante. Sim, sei que a ofendi, mas queria que ela se sentisse desafiada a ficar comigo. Ela me parecia o tipo de mulher de gênio forte. Aquele tipo que eu adoraria domar.

– Então, o que o senhor faz da vida, além, é claro, de estar aqui várias noites para tomar Gim-tônica?

– É sério que não me conhece? Nem agora que já sabe meu nome?

– Não. Por quê? Deveria? É alguma celebridade? Talvez o senhor não seja tão popular quanto pensa.

– Uau! Você novamente me surpreende. Isso para mim é inédito. Sou Adam Collins, talvez um dos vinte sujeitos mais ricos desse país onde você vive. Tenho muito orgulho de ter conquistado minha fortuna cedo e por méritos próprios.

– Entendo. Parabéns! Mas não foi isso que perguntei. Quero dizer, o que o senhor faz? Com que trabalha? Qual é o seu negócio?

– Ah, entendi. É que você confunde algumas palavras e às vezes não se expressa tão bem com o inglês.

– Peço desculpas. Ainda estou aprendendo corretamente o inglês e erro algumas expressões. – disse, corando de vergonha novamente e olhando para as mãos que estavam sobre pernas.

– Tudo bem, Sophie. Olhe para mim quando eu estiver falando, seus olhos são lindos e gosto muito de olhar para eles! – ela me olhou profundamente. – Eu tenho várias empresas e diversos negócios, mas minha grande paixão, e o que fez minha fortuna, é o ramo imobiliário. Gosto de ser o dono de grandes áreas, algumas das mais nobres do planeta. Pode me considerar um genuíno megalomaniaco.

– Então você realmente é o dono desse prédio?

– Desse e de todo o quarteirão. – eu disse, mas ela parecia simplesmente ignorar o que isso significava financeiramente. Apenas deu de ombros. Como poderia não se interessar por mim, depois de saber da minha fortuna? Estava confuso. Comecei a achar que tudo que sabia sobre mulheres não serviria com Sophie. Quem era Sophie? Eu desvendaria seu mistério!

– Realmente preciso ir. Está muito tarde, quase cedo na verdade e estou bem cansada. Além disso, acho que o senhor está perdendo seu precioso tempo aqui comigo. Tenho certeza de que as outras meninas seriam bem mais receptivas. Agradeço os drinks, mas tenho que ir agora. Obrigada pela conversa, foi realmente interessante.

– Interessante, Sophie? Pensei que fosse uma mulher mais inteligente. Não vê a chance que está perdendo? Você já entendeu que tenho uma oferta. Poderá lucrar uma pequena fortuna.

– Está sendo indelicado, senhor. Nem todas as mulheres estão à venda. Eu não estou. Aquilo que acontece ali... – e apontou para o palco. – Não é um leilão. No meu caso é unicamente um trabalho artístico. Sinto muito que não veja assim.

– Apenas escute minha proposta e depois deixo você em casa. – ela permaneceu sentada, olhando para mim sem esboçar qualquer sentimento.

– O que proponho é um negócio simples. Você coloca sua beleza física e um pouco do seu tempo à disposição, e eu coloco meu dinheiro. – ela abriu a boca para começar a reclamar e ergui as minhas mãos como se pedisse para ela esperar e continuar escutando. – Calma Sophie! Antes de pensar que estou comprando sexo com você, termine de me escutar. Você me disse que é apaixonada por ler e escrever. No meu caso, tenho um trabalho desgastante, e nas horas livres, gosto de pintar a beleza feminina, essa é uma de minhas paixões. Não é nada profissional, mas adoro pintar e me relaxa profundamente. Então o que proponho é que você seja minha musa por um tempo. Vou pintar suas curvas, seu olhar, sua beleza e

pagarei por esse privilégio. Pagarei bem.

– Espera, você está dizendo que quer me dar dinheiro para usar o meu corpo?

– Usar, usar, mesmo, de verdade, não. A não ser que isso seja um bônus do pacote. Acredite, eu pagaria por isso também. Mas só quero usar sua imagem. Retratá-la como uma musa. Eternizá-la em uma tela de pintura.

– Os senhores milionários e suas manias esquisitas.

– Eu sou bilionário.

– Dá na mesma. O que quero dizer é que os senhores acham que todo mundo é brinquedo. Que todo mundo tem um preço. Usam, abusam e descartam. Vejo isso aqui o tempo todo. Esqueceu que estamos em um lugar onde mulheres dançam sensualmente e tiram as roupas para fazerem os homens beberem muito e pagarem fortunas por elas? Lógico, que sou uma exceção.

– Quero apenas pintá-la em uma tela. Simples assim. Não me responda agora. Pense. Vou deixar meu cartão com você. – arrastei meu cartão pela mesa até tocar os dedos dela e senti-la mais uma vez. – Se depois de raciocinar, entender que esse é um negócio benéfico para os dois lados, me ligue.

– Eu ganho dinheiro, e o senhor, o que ganha? Já que essa não é uma transação de buy and hold.

– Oras, oras! Fazendo referência à linguagem de Wall Street? Gosto disso. Reflita comigo, estarei comprando sua beleza e seu tempo, meu buy; e mantendo o quadro comigo para que eu possa admirar sempre que desejar, meu hold. Além do mais, sua beleza está no up, o que chamamos de momento ideal para ser vendida, ou seja, você está em ótima posição de negociação. Aproveite e apresente seu valor. Vamos negociar.

– Realmente preciso ir.

– Apenas me diga que pensará na minha proposta. E, a propósito, eu disse que a levaria para casa.

– Obrigada, mas prefiro ir com o motorista. O restaurante oferece motorista para as meninas que saem sozinhas daqui. É uma forma de garantir que não acontecerá nada de ruim com todas nós pelas ruas e que estaremos aqui no dia seguinte para garantir casa cheia e grande movimentação no caixa. Aqui eu realmente sou um ativo financeiro muito positivo. – deu aquela piscadinha novamente e levantou-se. – Sabe, no fundo fico lisonjeada com a proposta do senhor. Entenda, não estou aceitando, estou apenas agradecendo. Sei que não sou a mais bonita das meninas, muito menos a mais sexy, isso é um fato, por mais que o senhor diga o contrário. Estaria mentindo se dissesse que não preciso do dinheiro, afinal, não sou uma bilionária que comanda o mundo imobiliário do mais alto andar de um prédio luxuoso de Wall Street. Então, obrigada por ter colocado minha cotação, e minha autoestima, no topo esta noite. Mas acredite, não sou isso tudo e tenho alguns problemas sérios, e eles não me permitem fazer nada além do que já faço aqui. Eu sou um desastre. – disse, olhando com um semblante triste para o palco. Voltou-se novamente para mim, foi até meu lado da mesa, se abaixou e deu um beijo casto em meu rosto.

– Boa noite, Sr. Collins. Foi um prazer conhecê-lo. – segurei seu braço, me levantei e falei bem próximo ao seu ouvido.

– Li um livro muito sábio uma vez, que diz que por mais inteligente que uma mulher possa ser, se ela não for humilde, o seu melhor se perde na arrogância e ela se transforma simplesmente em um objeto. E

eu ainda completo que, se essa mulher tiver grande beleza, transforma-se em um objeto de luxo ou uma esposa-troféu, como as pessoas costumam chamar. A humildade é a parte mais bela da sabedoria. E você demonstra ter tudo isso, inteligência, humildade, beleza e sabedoria. Se tudo isso não for suficiente para eu desejar tê-la em uma de minhas telas, nada mais seria. E acredite, o prazer dessa noite foi todo meu. Mas prazer mesmo você teria se me acompanhasse até meu apartamento. Não pensa em reconsiderar? – senti seus pelos arrepiarem em meus dedos.

Ela sorriu e por um momento acreditei que ela fosse aceitar. Mas apenas soltou-se das minhas mãos, pegou o cartão que eu a havia entregue e foi andando para os fundos do restaurante, sem nem ao menos lançar um olhar para trás. Mulher impiedosa.

- Senhor, está tudo bem? Aceita mais um drink? Prefere que eu chame um táxi?

- Jeff, eu sou um canalha. Um filho da puta de um canalha. E vou conseguir o que eu quero a qualquer custo. Escute o que estou dizendo, Sophie ainda irá para minha cama.

E saí do restaurante com a certeza que voltaria na noite seguinte e nas próximas. Todas que forem necessárias. Não desistiria até tê-la do meu jeito. Eu sou assim. Não me orgulho, mas sou assim. E não posso lutar contra a minha natureza. Amanhã sempre será outro dia.

II

Passei por coisas nessa vida que me mudaram de tal forma, que não foi mais possível voltar a ser a pessoa que eu era antes. De repente um arrepio tomou todo meu corpo, do meio das minhas pernas até o topo da minha cabeça. O que foi isso? Perdi o ar! Que arrepio foi esse? Tire-o da sua cabeça, sua louca! Ele não é para você, jamais será. Você não passa de mais uma diversão para ele e tenho assuntos muito mais importantes para me preocupar neste momento.

Mas era impossível negar o quanto ele era sedutor. Adam Collins. Até o seu nome soava gostoso na minha língua, imagina aquele corpo... Pare sua idiota! Tira esse cara da sua cabeça. Isso não vai acontecer. Você não pode ter coisas de grifes, e certamente o Sr. Collins é um homem de grife, com uma linhagem que jamais a aceitaria. Jamais me encaixaria no mundo dele. Que estúpida que eu sou! Queria me esvaziar... Queria parar de pensar. Precisava mudar meu foco do momento. Todos os homens da minha vida só me usaram e me destruíram. Por que eu pensaria em aceitar outro?

– Peter, em quantos minutos eu estarei em casa?

– Vai ser rápido, querida. Por que não aproveita, recosta-se, fecha os olhos e descansa um pouco? Quando chegarmos eu a avisarei. – vi quando aqueles olhos negros me olharam pelo retrovisor e sorriram. Peter era um dos motoristas do restaurante, um tipão de uns cinquenta anos de idade, negro, sorridente, que estava sempre em seu terno preto impecavelmente alinhado. Ele estava acostumado a ver de tudo nesta limusine, que orgulhosamente desfilava pela cidade. Desde clientes caindo de bêbados, até dançarinas fazendo o maior sexo oral aqui atrás. Eca! Meu estômago revirou por um momento só de imaginar que estava sentada naquele mesmo lugar usado para tantas coisas obscenas, tantos tipos de sacanagem. Não que eu seja santa ou coisa do tipo, mas aqui as orgias eram feitas por dinheiro. Peter era um bom homem e era meu amigo desde que nos conhecemos.

– Odeio quando você passa por essa ponte. – disse, fazendo um beicinho.

– Por que, senhorita?

– Porque sei que estou a caminho do Brooklyn, quando o meu desejo mesmo era ir para um desses flats maravilhosos e muito confortáveis no Upper East Side. – vi quando os olhos de Peter brilharam em um sorriso para mim.

– Senhorita, até acredito que se realmente quisesse poderia estar dormindo em um desses flats, não faltariam clientes do Shades in Red querendo levá-la para lá, mas não seria a mesma pessoa doce que levo todos os dias para casa. E ouça o conselho desse velho amigo, dinheiro não é tudo e nem sempre traz felicidade, ter dignidade não tem preço, e deitar todos os dias sentindo-se em paz é insubstituível.

Agora descanse. Quando chegarmos eu a avisarei.

Peter subiu a divisão da limusine para me dar privacidade e colocou um som ambiente agradável para que eu pudesse relaxar. Se não me engano, era a música ‘Primavera’ das Quatro Estações de Vivaldi. Fechei os olhos, me aconcheguei no banco de couro, abracei minha mochila e adormeci.

– Senhorita Sophie! Chegamos. Acorde! Não vai querer que eu suba com a senhorita no colo e a coloque na cama, não é mesmo?

– Hum? O que houve? – despertei assustada e não me lembrava de onde estava. Tudo que lembrava era do sonho que tive. Um sonho pra lá de erótico. Que vergonha. Peter me olhou como se não entendesse nada.

– Chegamos Peter?

– Sim, senhorita. Precisa de alguns minutos para se recompor? Posso esperar sem problemas.

– Não Peter, tudo bem. Estou cansada e tudo que preciso é de um banho rápido e minha cama. Obrigada.

–Disponha senhorita. Vou acompanhá-la até a porta do prédio e esperar que suba. Essa área é complicada. Venha! – e ele estendeu aquela mão enorme que me lembrava de proteção. Sorri, grata com aquele gesto.

– Obrigada Peter! Até amanhã! Retorne com cuidado.

Eu morava no terceiro andar de um prédio nada ortodoxo em uma das ruas sem saída do Brooklyn. Meus vizinhos eram, um viciado do lado direito que quase nunca via, e uma garota de programa meio doida do lado esquerdo. Ela já bateu umas duas vezes na minha porta, mas nunca abri. Na frente tem a senhora Jones, uma velhinha simpática que vivia sozinha e de vez em quando me chama para um chá, do lado esquerdo dela viviam alguns rapazes conhecidos na rua por venderem de drogas, e do lado direito um violinista lindo de morrer. Adorava escutá-lo tocar.

Entrei em casa, ainda com o sonho que tive muito vivo nas células do meu corpo. Ainda sentia meus pelos se arrepiarem só de pensar que o senhor Adam Collins poderia fazer com que eu me sentisse tão viva novamente, depois de tanto tempo. Precisava esquecer isso. Ainda podia sentir o seu toque, a mão dele firme em meu braço, em minha mão. Ai, meu Deus!

Minha casa era um caixote, tudo conjugado e sem nenhuma decoração, uma tristeza cinzenta e mórbida. Abri a porta e vi meu sofá e uma mesinha de frente para minha TV, logo atrás, a mesa de refeições, e, em sequência, atrás da mesa, minha cama e do lado direito o roupeiro ao lado da estante de livros. Logo atrás da cama, uma janela enorme para a rua, de onde eu via as crianças brincando e sentia um aperto no coração. Sempre sentia. Do lado esquerdo, de frente para o sofá, uma espécie de cozinha e lavanderia, e ao lado, o banheiro que eu odiava. O que eu ganhava no Shades in Red me permitiria viver melhor, mas precisava suportar isso, meu dinheiro tinha destino certo. Eu esperava dias melhores,

sempre. E no momento, isso era mais que suficiente. Sobreviveria. De repente, me lembrei da mansão onde vivia em Miami... Veio à mente lembranças deliciosas e dolorosas ao mesmo tempo.

Liguei o som ao lado da TV e a música preencheu o ambiente e meus pensamentos. Tocava a música 'Sadness' do Enigma e coloquei para repetir. Tinha algo em mente. Mais do que nunca, eu precisava relaxar. Fui direto para a ducha. Abri a água e peguei meu sabonete italiano favorito, uma fragrância exuberante e sedutora. Essa era a única hora do dia em que me permitia um carinho. Era quando relaxava e viajava para mundos onde eu gostaria realmente de estar. Onde eu realmente merecia viver. Um dos poucos luxos que trouxe da minha vida anterior.

Peguei minha esponja e fiz toda aquela espuma delicada e agradável, comecei a me ensaboar, e ao fechar os olhos estava lá, no Shades in Red, somente eu e ele. Afastei os pudores que teimavam em querer voltar à minha mente, expulsei os medos, demônios e travas do meu corpo, queria sentir prazer, com ele. Deixei as minhas pernas suavemente abertas e voltei minha mente à cena do meu sonho.

Comecei a sentir mais intensamente com a espuma suave e cheirosa a escorrer preguiçosamente pela minha pele. Tudo que via em minha mente era o Sr. Adam Collins tirando minha roupa, me colocando naquela mesa e me penetrando com toda a força que eu podia imaginar e que ele devia usar no sexo. Ai, meu Deus! Desci minhas mãos pelo meu corpo, encontrei meu clitóris que já estava latejando e iniciei movimentos circulares suaves sobre ele. Comecei com um ritmo entre o suave e a pressão. Não, não demoraria muito. Eu podia sentir o orgasmo começando a dominar meu corpo! Desci acariciando os lábios externos e a parte interna da coxa. A sensação da água quente acompanhando meus movimentos intensificava tudo.

Contornei a entrada da minha vagina e senti suavemente meu períneo. Ai, que gostoso! Com a outra mão dediquei minha atenção aos meus seios que estavam sensíveis e duros. Alternando entre apertões generosos nos seios e leves beliscões nos mamilos. Voltei ao clitóris subindo pelos pequenos lábios, que pulsava. Aumentei a velocidade e usei as pontas dos dedos em movimentos circulares... Ai! Estava completamente quente, molhada e sem fôlego. Parei por um minuto, precisava sentir essa sensação que há tempos não me visitava e que era simplesmente enlouquecedora. Me encostei na parede de azulejos, bem debaixo da ducha, pois precisava de algo para me amparar, do contrário me derreteria naquele chão. Ai, meu Deus! Contraí os músculos internos e eles aumentaram a pressão na região e multiplicaram minha sensação em uma voltagem elétrica quase insuportável. Apertei as coxas e depois relaxei os músculos para sentir um pouco mais da sensação.

Tudo que vinha à minha mente eram as mãos enormes, firmes e quentes do Sr. Adam. Volteia pressionar meu clitóris, sentindo cada vez mais um orgasmo ganhar força. Remexi meu corpo para trás e para frente debaixo da água sem diminuir os movimentos circulares no clitóris. Contraí os músculos das coxas, pressionando-as contra minha mão. Apertei firmemente os músculos da minha bunda. Comecei a respirar de forma curta e rápida, era meu orgasmo salvador da noite chegando, ganhando cada vez mais forma. Tentei respirar profundamente... Com a mão em concha, pressionei toda a área externa da minha parte mais íntima, e deixei que um dedo entrasse levemente na minha vagina... Comecei a esfregar tudo de forma rápida, não dava mais para segurar, meus movimentos se tornaram agressivos.

Tudo que via era o Sr. Adam me colocando de barriga para baixo naquela mesa e segurando minha cintura, enquanto entrava de forma quase animal dentro de mim. Soltei minha respiração com um grito e deixei fluir um orgasmo muito intenso. Ai, meu Deus! Explodi em milhões de pedaços em minha própria mão. E fiquei sentindo tudo aquilo por mais alguns minutos.

Abri os olhos e voltei à minha triste realidade. Terminei meu banho, saí da ducha, me olhei no espelho e vi um rosto corado e olhos brilhantes. Para quê um homem quando podia fazer isso comigo mesma? Sentia-me orgulhosa. Vesti meu pijama favorito, abracei minha pelúcia antiga e querida e deitei em minha cama. Em poucos minutos caí no sono mais profundo, revigorante e tranquilo que já tive em meses. Era perfeito, quase mágico.

O despertador do meu iPhone tocou ‘Sugar Sugar’ do The Archies, e sabia que já eram dez da manhã, hora de levantar. Meus dias eram comuns, levantava, organizava meu espaço, fazia yoga, cuidava da roupa, cozinhava, assistia aos noticiários, estudava inglês, lia, escrevia crônicas sobre meu dia a dia, treinava minhas coreografias e músicas, e no fim da tarde, quando o sol estava mais ameno, saía para correr. Quando voltava, tomava um banho, e quando tinha apresentação no Shades in Red, sabia que antes das 19h, Peter estaria na porta do meu prédio me esperando. Quando não era noite de apresentação, assistia a um filme ou uma série, lia, ia ao mercadinho e fazia um tour pela internet antes de dormir.

A rotina era quase sempre a mesma. Quase nada mudava. Exceto os dias em que tinha confusão no prédio e a tranqüilidade era alterada pela chegada da polícia. Mas já me acostumei a isso também. Nos fins de semana gostava de curtir os parques da área nobre da cidade e de ir à igreja. Falar com Deus era sempre necessário, no meu caso então, que precisava de paz para a alma e força para seguir em frente, era essencial, vital mesmo.

Levantei, peguei uma xícara de café, comi uma torrada e lembrei que precisava lavar o vestido que tinha pegado emprestado ontem do closet das dançarinas. Se não fosse por aquele homem, não teria usado aquele vestido, mas usá-lo me deu a coragem necessária para voltar àquela mesa e dizer mais um não ao deus grego, bilionário e perverso.

Peguei minha mochila e, ao retirar o vestido de dentro dela, vi cair bem aos meus pés o cartão que ele havia me dado. Estava escrito na frente: “Adam J. F. Collins – CEO, Collins Enterprises Holdings, Inc.” e no verso, um telefone que supunha ser comercial, um e-mail, e escrito à caneta, um número que imaginei ser seu celular pessoal. Amassei o cartão e joguei no lixo. Esse homem queria fazer uma pintura minha e me dar dinheiro por isso. Que louco! Esperava que depois do fora de ontem ele resolvesse nunca mais voltar ao Shades in Red. Não! Eu até curtia a presença dele lá levantando meu moral. Havia meses que ele frequentava a casa para me ver.

E falando em Shades in Red, comecei a pensar em uma nova apresentação já que era noite exclusiva de strip-tease! Algo que certamente surpreenderia os clientes e faria com que o dono da casa me

colocasse na agenda de apresentações de mais noites da semana, talvez a semana toda. Eu precisava ganhar um pouco mais de dinheiro. Eu estava empolgada! Subiria naquele palco com as lembranças de ontem à noite e ganharia mais dinheiro para ajudar a resolver a questão mais importante da minha vida.

A tarde passou rapidamente, comigo ensaiando a nova apresentação, e eu nem percebi. Quando dei por mim já eram mais de 18h, não dava mais tempo de correr. Tomei um banho super-rápido e me arrumei. Em pouco tempo o Peter estaria lá em baixo aguardando por mim. O Shades in Red teria uma noite inesquecível! Daria tudo de mim, como no fim da noite de ontem. Ai, meu Deus! Nunca tinha feito nada assim antes e sentia borboletas no estômago de tanta apreensão e vergonha.

Na limusine, a caminho do Shades in Red, eu pensei na minha apresentação e no Sr. Adam Collins. Será que ele estaria lá? Quando essa possibilidade veio à minha mente, senti uma vibração intensa em todo meu corpo. Fechei os olhos e encontrei sua imagem em meu cérebro. Um homem alto, pele clara, aqueles cabelos pretos, lisos e perfeitamente bem cortados, sobrancelhas grossas e arqueadas, lábios bem desenhados e o azul profundo dos seus olhos. Ele tinha músculos firmes, que podiam ser notados através de seus ternos caros e bem cortados. Usando sua própria expressão, era um belo exemplar masculino! E aquela voz deliciosa não saía da minha mente. E seu cheiro másculo de sabonete de ervas e gel pós-barba amadeirado. Ai, meu Deus! Precisava parar com isso, deixar o egoísmo e focar no que precisava fazer para resolver a questão mais importante da minha vida. Precisava me concentrar na apresentação da noite, ela me faria ganhar mais dinheiro. E eu realmente precisava!

Fechei os olhos e deixei o tempo passar, mas quanto mais apertava os olhos, mais recordações vinham à minha mente, e quem me dera fossem todas de Adam. Deixei uma lágrima escorrer no canto dos olhos, porque doía muito, tanto, que não conseguia explicar nem para mim mesma. De olhos fechados tentei me esvaziar.

- Senhorita, seu celular... – abri os olhos assustada.
- Chegamos Peter?
- Não senhorita. Seu celular, na sua bolsa, está tocando.
- Verdade, Peter. Obrigada, não tinha percebido. – peguei o celular e vi o nome que chamava. Fiquei tensa e senti meu coração se apertar.
- Peter, pode me dar um pouco de privacidade para que eu atenda essa ligação?
- Claro, senhorita, fique à vontade. – agradei com um sorriso e vi a divisória subir. Pronto, estava sozinha com meus pesadelos.
- Alô! Nana! O que houve?
- Precisamos de mais dinheiro!
- Quanto?
- Tudo que puder conseguir. O mais rápido possível.

– O que houve Nana?

– Não quero dar falsas esperanças, mas há uma alternativa.

– Ah, meu Deus Nana... – as lágrimas já estavam pelo meu rosto. – Quanto? – fiz uma pausa para ouvi-la, e mais me parecia uma eternidade. – Sério? Tudo isso? – escutei novamente com atenção. – Eu conseguirei, eu juro Nana. E no mais, como estão as coisas? Ele não apareceu? Tenho muito medo que os encontre.

– Tudo bem na medida do possível Sophie. Alguns dias melhores que outros. Mas ele não apareceu, não vai aparecer. Tenha fé!

– Mantenha-me informada, Nana, e... Seja para ele como eu seria.

– Eu sempre sou.

– Obrigada Nana. – fiz uma pausa e voltei a perguntar – Será que ele entenderá um dia que me afastei para protegê-lo?

– Isso não pode afetá-lo no momento. – ao ouvir isso não consegui conter as lágrimas e a dor que me cortava por dentro. – Adeus Nana! – e encerrei a ligação.

Fechei os olhos e tantas coisas vieram à minha mente. Passado e presente em um turbilhão de sensações. Algumas felizes, outras terríveis. Tudo isso se misturava dentro de mim. Mas agora precisava me alinhar novamente, era hora do show. E como costumam dizer em meu país, o show sempre tem que continuar!

III

Saía de casa com a intenção de resolver minha questão com aquela mulher de uma vez por todas. Pedi a reserva da melhor mesa da casa, de frente para o palco e já havia solicitado sua presença em minha mesa após a apresentação. Hoje ela sairia do restaurante comigo de qualquer forma. Estava disposto a tudo para que isso acontecesse. Não era homem de perder.

A casa estava lotada, vários senhores da sociedade, da política e empresários vieram até minha mesa. Isso era uma droga. Detestava esse social falso, ridículo e barato. Porque não chegavam e diziam logo: “Olá Sr. Collins, viemos até aqui lambar seu saco para que injete seu dinheiro em nossas empresas, campanhas e bolsos.” Que nojo dessa gente. Mas não queria que Nick, meu braço direito na empresa tivesse um infarto, então sorri, apertei muitas mãos e perguntei por suas senhoras asquerosas, que de certo estavam queimando dinheiro em clínicas de estéticas e em viagens, enquanto seus maridos se divertiam com as mulheres mais quentes da cidade na casa de shows. Isso sim era o sinônimo da hipocrisia!

As luzes diminuía e o foco ficava apenas no palco. Tinha que confessar que a Shades in Red era um lugar que estimulava muito o desejo de fazer sexo. Suas paredes bordô e sua iluminação tênue com lustres de cristal proporcionavam uma margem de pensamentos muito eróticos. Começava o show! Primeiro Abbi, que fez uma apresentação vestida de serviçal. Percebi que ela agradou a muitos senhores, que se empolgaram bastante. Em seguida Sylvia, que fez um strip-tease muito sensual. Já estava no terceiro copo de Gim-tônica e no palco, Erika, uma loira no melhor estilo Marilyn Monroe, cantava e dançava, tirando a roupa de forma muito quente. A noite de strip-tease era sem dúvida a noite mais erótica daquele lugar!

Estava muito impaciente, queria que Sophie subisse naquele palco logo, fizesse sua apresentação e viesse para minha mesa. As luzes diminuía ainda mais, as cortinas foram fechadas por alguns minutos e ninguém entendia o que estava acontecendo. Isso nunca acontecia. Nunca! Desde que eu frequentava o local, pelo menos. Quando as cortinas abriram novamente, era espantoso o cenário que havia sido criado atrás delas.

Velas em candelabros antigos foram colocadas por todo o palco, tecidos enormes em tom vermelho caíam do teto ao chão. Pétalas de rosas por todo o chão que exalavam seu cheiro até as nossas narinas. Era muito excitante! Exatamente no meio do palco, havia um foco brilhante de luz e um poste de Pole Dance. De repente a música começou a invadir o ambiente, e incrivelmente não era um jazz, nem nada parecido. Era uma música new age, ‘Sadeness’ da banda Enigma.

Do canto esquerdo do palco surgiu uma mulher completamente coberta, com uma capa de cor bordô e um capuz. Ela veio a passos rítmicos e lentos, passando por entre os tecidos, até o meio do palco. E quando vi o rosto... Era ela, era Sophie. Vi seu olhar assustado e ao mesmo tempo excitado ao cruzar com os meus olhos. Ela me queria também, tinha certeza.

Ela começou com um strip-tease lento e torturante, como se estivesse fazendo sexo com cada um dos clientes presentes. Retirou o capuz e deixou seus cabelos sedosos contornarem seu rosto, abrindo e fechando os olhos lentamente, mantendo uma respiração visível de quem também estava se excitando. Era demais! De repente, toda a capa estava no chão e eu vi uma dominadora no palco. Santo Deus! Sophia estava completamente vestida de vinil. Vestido vermelho decotado, curto e justo, botas vermelhas acima dos joelhos e luvas vermelhas. Não se ouvia mais nenhum barulho no ambiente, apenas a música que se repetia e a respiração e os gemidos de Sophie.

A atenção de todos estava com ela, completamente dela. Sophie se posicionou de costas, abriu as pernas e abaixou, deixando aquele traseiro enorme para cima, nesse momento percebi que ela havia pegado algo no chão. Eu estava tão duro que chegava a doer, não sabia até quando suportaria. Era um chicote. Um chi-co-te! Sentia minha testa umedecer com o suor que se espalhava pelo meu corpo, de repente o ambiente estava quente demais. Ela continuava de costas, mas vi quando ergueu o chicote e o segurou acima da cabeça com as duas mãos. Logo, eu podia ouvir o estalido das tiras de couro na pele e no vinil da roupa de Sophie. Ela estava se castigando em cima daquele palco, na frente de todos. A dominadora se transformava em submissa.

Os estalidos não paravam, atingiam as costas, a bunda, as coxas e quando cessaram, percebi que ela tinha a pele levemente rosada onde o chicote havia ferido. Era muito sexy. Ela se desfez do chicote, e começou a despir lentamente uma luva, e depois a outra. Em seguida, colocou uma perna no limite do palco, bem de frente para mim, e desceu tão lentamente o zíper daquela bota que acho que meu coração parou por um instante. Repetiu a mesma ação com a outra bota. Ela voltou ao meio do palco, se colocou de costas novamente, levou os braços para trás e desceu o zíper do vestido de forma tão excitante que tenho certeza de ter ouvido o suspiro de um orgasmo do senhor da mesa ao lado. Sophie retirou o vestido completamente e o deixou a seus pés.

Seu corpo estava coberto apenas por uma lingerie transparente, de tule, preta com bolinhas vermelhas. Ela começou a acariciar seu próprio corpo... Tocava seus lábios pintados de vermelho, descia a mão até o pescoço e começava a girar o quadril como se estivesse se masturbando mentalmente. Demorou-se um pouco nos seios e tudo que eu podia fazer era acompanhar cada movimento. Eu estava enfeitiçado, assim como todos os outros homens naquele restaurante.

Sophie desceu um dedo pela barriga e levou a mão inteira entre as pernas fazendo movimentos intensos. Quando subi o meu olhar para o seu rosto, ela fechou os olhos e jogou a cabeça para trás. Ela estava claramente excitada, suas pupilas dilatadas e sua respiração acelerada. Quando tornou a abrir os olhos, olhou tão diretamente para mim que quase gozei. Pude ouvir nitidamente seu gemido. Ela estava pensando em mim, tenho certeza. Estava tão excitado que custei a perceber que segurava as laterais da mesa com tanta força que as articulações dos meus dedos já estavam brancas e doloridas.

Ela caminhou entre os tecidos que saíam do teto fazendo uma dança sensual, erótica, como se fosse uma serpente enfeitando com os movimentos do corpo. E foi assim, até o poste no meio exato do palco. Retirou a parte superior de sua lingerie e seus seios ficaram totalmente à mostra, não havia mais espaço para imaginação e tudo que eu queria era sugá-los com força e fazê-la gemer até amanhã! Ela subiu e desceu no poste com a habilidade de uma ginasta e a maestria de uma mulher que sabia fazer o melhor sexo, o sexo sem limites. Fez isso durante alguns minutos. Desceu, pegou uma vela de um dos candelabros, veio até a frente do palco novamente e derramou toda a vela derretida em um dos mamilos, emitindo sons de dor e prazer ao mesmo tempo.

Era demais pra mim, não pude me conter e senti um orgasmo absurdamente violento tomar conta do meu corpo. Puta que pariu! Nunca perdi o controle antes, muito menos em público. O que essa mulher estava fazendo comigo? Quando voltei a mim, ela estava recolocando lentamente a capa com a qual entrou, e saiu do palco deixando, acredito eu, todos os homens extremamente satisfeitos. Tudo que eu ouvia eram aplausos incessantes e enlouquecidos pedindo mais de Sophie. Nunca vi os frequentadores tão empolgados com uma apresentação. Sophie simplesmente enlouqueceu os homens naquela noite e isso incluía a minha pessoa.

As luzes foram acesas e a banda voltou a tocar um jazz animado como se nada tivesse acontecido naquele palco, quando na verdade, o mundo de muitos homens havia sido abalado. Vi vários se levantando a caminho do toalete. Mesmo sabendo que seria necessário, eu me recusei a levantar para ir me limpar, não queria que algum dos abutres ali presentes visse que não me controlei. Jeff trouxe mais um Gim-tônica até minha mesa e me confirmou que Sophie já estava avisada que deveria vir até minha mesa. E tudo que eu podia fazer era esperar. E eu esperaria todo tempo que fosse preciso.

Exatos trinta e oito minutos depois, todos já haviam voltado ao normal, ou pelo menos era o que parecia. Exceto eu, que mesmo depois de gozar, estava com uma enorme ereção. Sophie veio em um vestido tubo vermelho acima dos joelhos, com mangas românticas e decote discreto, com sapatos pretos de salto. O cabelo estava completamente liso e partido ao meio, como se tivessem sido escovados e sem maquiagem, mostrando toda a beleza de uma pele jovem e perfeita. Como na noite anterior, ela estava completamente elegante e em nada lembrava a stripper devassa que estava naquele palco minutos antes. Como uma mulher podia se transformar tanto? De onde vinha tanta sofisticação?

– Boa noite, Sophie!

– Boa noite, Sr. Collins.

– Gostaria do seu Cosmopolitan?

– Acredito que devo retribuir a gentileza da noite anterior e acompanhá-lo em seu Gim-tônica.

Chamei Jeff e pedi mais dois Gins-tônicas, que chegaram à mesa sem demora.

– Sua apresentação desta noite foi espetacular!

– Agradeço o elogio. Pensei em fazer algo novo. Estava cansada da mesma coisa de sempre. – disse, abrindo o sorriso mais gratificante que já presenciei na vida.

– Por que Sophie?

– O que senhor?

– Por que quis mudar sua apresentação?

– Apenas quis fazer algo diferente, agradar um pouco mais. Preciso de um motivo específico? –

questionou, enquanto bebericava seu drink sem tirar seus olhos dos meus.

– Pensou em minha proposta?

– Não.

– Aceite!

– Não posso.

– Por quê?

– Porque eu poderia complicar sua vida. O senhor não iria querer isso.

– Como uma mulher linda como você poderia complicar minha vida? Nada poderia complicar minha vida Sophie, eu sou o dono do meu universo. – olhei-a fixamente. – Façamos o seguinte, experimente! Acompanhe-me até meu apartamento, deixe que eu comece a esboçar a pintura, e, se depois disso, ainda assim decidir que não quer posar para mim, a levarei para casa. Dou minha palavra de que não tentarei nada. Meu toque se limitará aos pincéis e à tela. Vi quando sua expressão mudou. Ela tentava resolver uma briga interna da qual eu não fazia a menor ideia do que se tratava. Pegou o copo e virou completamente, de uma só vez. Estava visivelmente nervosa.

– Quanto?

– Está aceitando?

– Estou perguntando quanto? – disse duramente, como se aquilo a humilhasse.

– O que acha de duzentos mil dólares? Pago metade ao aceitar a proposta em um depósito em sua conta, e o restante ao terminarmos. Mas não tenho um prazo e você deverá vir em todas as noites livres e ficar fins de semana inteiros em meu apartamento. Poderá dormir lá e terá um quarto só para você. Meu motorista também irá buscá-la e levá-la de volta sempre.

Vi quando a expressão de dor, de luta interna retornou ao seu semblante. Passaram alguns minutos que pareceram intermináveis, até que ela respirou fundo, olhou no fundo dos meus olhos e começou a falar.

– Quero que coloque esses termos em um contrato, que deverá constar que nenhuma pessoa jamais colocará os olhos nessa pintura a não ser o senhor. E isso de dormir em seu apartamento eu não acho correto, quero retornar à minha casa todas as noites. E me escute bem, nada, absolutamente nada de sexo, nem ao mesmo um toque em mim. Estamos entendidos? Ah, e isso não pode levar mais de que alguns dias, tudo bem?

– Você é uma mulher exigente. Mas eu aceitarei seus termos apesar de considerar algumas coisas desnecessárias. – concordei, virando o restante do drink que ainda estava em meu copo. – então vamos começar agora mesmo!

– Agora? Essa noite? – perguntou Sophie com surpresa. Pude perceber que ela havia ficado um tanto tensa.

– Quanto antes nós começarmos, mais cedo a pintura será concluída e poderei liberá-la do compromisso. Parece-me que você mesma não quer que esse acordo se estenda tanto, ou estou enganado?

– Está certo. É só que... – ela estava perdida em pensamentos novamente. Precisava fazer algo antes que ela desistisse.

– Você pensa demais! – sorri e levantei-me inesperadamente, levantando-a pelo braço para levá-la comigo.

– Preciso pegar minhas coisas.

– Então pegue suas coisas e estarei esperando por você na calçada. Não demore. Como disse ontem, sou um homem muito impaciente.

Lá fora estava frio e ventava. Em poucos minutos ela estava ao meu lado novamente.

– O que é isso que carrega?

– Minha bolsa.

– Isso não é uma bolsa, isso é uma mochila de adolescente e não combina em nada com sua roupa sofisticada e sedutora. Que coisa horrorosa!

– Se não o agrada, posso ir para casa daqui mesmo. – disse ela com o ar mais desafiador que já tinha visto em uma mulher em toda minha vida.

– Claro que não. Posso dar um jeito nisso. Está frio, onde está seu casaco?

– Esqueci em casa hoje.

– Que droga, Sophie! Quer ficar doente? Dezembro está chegando, deveria saber que é uma época que esfria muito e venta bastante, principalmente de madrugada. – ela apenas me olhou confusa e arqueou os ombros. Que mulher irritante! Que mulher frustrante.

– Pega, vista meu casaco.

– Não é necessário, senhor.

– Eu não lhe dei uma opção. Eu mandei você vestir a droga do meu casaco. Então pega a porra do meu casaco e vista imediatamente. – ela arregalou os olhos como se não soubesse como reagir ao meu comando e simplesmente vestiu meu casaco.

– Não vim com motorista hoje, vou conseguir um táxi para irmos para minha casa.

– Peter pode nos levar.

– Quem é Peter?

– É um dos motoristas do Shades in Red. – nesse exato momento estacionou um táxi. Abri a porta para que Sophie entrasse, e espalmei a mão em suas costas para apoiá-la. Entrei em seguida e me sentei ao lado dela.

– Para onde senhor? – perguntou o taxista me encarando pelo retrovisor.

– Vamos para a Leonard Street, entre a Church e a Broadway.

Sophie estava tensa, trêmula e com o olhar perdido pela janela daquele táxi. Não podia tocá-la, se fizesse isso, ela pediria para aquele táxi parar e desceria na próxima esquina. Que droga! Detestava não saber o que fazer. Detestava me sentir impotente. Aquele silêncio era insuportável.

Em alguns poucos minutos, que mais me pareceram horas, chegamos à porta do meu prédio. Saí

primeiro para abrir a porta para Sophie. Quando ela desceu, vi seu olhar seguir a estrutura do prédio de baixo ao alto e um brilho de admiração nascer no fundo de seu olhar. Minha casa tinha potencial para agradá-la e isso facilitaria as coisas para mim. Isso era positivo.

– Venha. – passei o braço pela sua cintura e ela não pareceu se incomodar. O segurança e o porteiro abriram a porta imediatamente ao me verem. Senti Sophie ficar tensa ao ver os dois e nem parei. Conduzi a mulher em meus braços imediatamente ao meu elevador privativo. Ela entrou, digitei o código, a porta se fechou e começamos a subir suavemente para minha cobertura. Aquele silêncio dela estava acabando comigo. Nunca desejei tanto que aquele elevador chegasse rápido ao seu destino. A porta se abriu e entramos no hall do meu apartamento e lá estava aquele olhar perdido novamente, parecia desejar decorar cada pedaço daquele lugar.

– Seu apartamento é maravilhoso! – disse ela, girando a cabeça para os lados e conferindo cada canto.

– Obrigado, Sophie! Que bom que gosta de algo meu! – ela corou. – Está com fome? Quer beber alguma coisa?

– Não, obrigada. Está tudo bem.

– Permita-me retirar esse casaco de você. – quando toquei o casaco por cima de seus ombros, senti ela se retrair completamente. O que seria aquilo? Medo? Excitação? Os dois juntos? Precisava saber o que eu estava causando nela. – Sophie, porque está tão tensa? Nem a toquei, apenas retirei o casaco para que fique à vontade. Esse rubor não combina muito com a mulher que vi no palco hoje.

– A mulher do palco não existe. Esta sou eu. Entendo que queira retratar em tela a mulher do palco, garanto que ela estará aqui quando iniciar a pintura.

– Por que acha que a escolhi, Sophie?

– Não tenho certeza. Talvez tenha a ver com o fato de eu ser um mistério para muitos na casa de shows. Ninguém sabe de onde venho, nem o meu passado, nem quem sou de fato. Isso gera uma espécie de curiosidade e sei lá, talvez, desejo, fetiche. Ou talvez apenas pelos atributos físicos mesmo. Na verdade, não entendo porque pagaria tanto dinheiro por uma coisa que pode ter durante o show, afinal, quase sempre fico sem roupas no Shades in Red.

– Escolhas são um território natural para os homens desde que a Terra é Terra, minha querida. Homens possuem uma inteligência pragmática para olhar para a alma de uma mulher e buscar inspiração, da mesma forma que olham para a bunda dela em busca de piração. Apesar de vocês mulheres pensarem o contrário, temos uma sensibilidade altamente desenvolvida, apenas fazemos um uso diferente dela. Usamos nossa sensibilidade para avaliar cada olhar, cada diálogo, e descobrir o que vale a pena e o que não presta. Normalmente tomamos algumas decisões com base no que achamos e com que os outros do clã masculino vão pensar. Aquela coisa de mostrar que conquistamos o que o outro queria. É uma eterna competição de testosterona, quem pode mais, entende? É o jogo de poder pelo qual respiramos e vivemos, seja na vida profissional ou íntima. Somos assim e pronto. Você, minha cara, colou o nível desse jogo de poder na estratosfera. Muitos a queriam, mas nenhum podia tê-la. De certa forma, conquistei uma parte sua para mim, uma parte que vou eternizar em uma pintura. Isso me satisfaz muito.

Não nego que a desejo, seria louco se não o fizesse, mas acredite, o fato de você ter aceitado posar para mim já amaciou meu ego e me colocou à frente de muitos outros. E sim, eu tenho prazer em pagar o que você considera uma pequena fortuna, para tê-la aqui comigo por um tempo, para que eu possa admirá-la.

– Quanta sinceridade. – disse, enquanto caminhava lentamente até a janela de minha sala, de onde Nova York parecia sempre pequena aos meus pés.

– Essa é uma visão que nunca envelhece. Incrível, não concorda? É um dos motivos por eu ter escolhido morar aqui. – disse bem próximo de seu ouvido ao me aproximar cuidadosamente por trás dela. Senti que ela se arrepiava.

– Venha! Quero mostrar a você meu estúdio, onde pintarei minha tela, e o resto da casa. – com confiança, segurei sua cintura e a conduzi escada acima, a caminho do terraço e em seguida da biblioteca, onde improvisei um estúdio de arte e pintura. Não contive uma risada ao ver seu olhar em cada canto da casa, admirando cada detalhe. Ela havia gostado da minha decoração.

A vista havia superado em muito à da minha janela. Deixei que ela fosse à frente pelos degraus acima, me dando a oportunidade de ver suas pernas compridas e fortes de baixo à cima. Completamente excitante! A forma com que seu quadril se movimentava naturalmente... E sua bunda perfeitamente desenhada e marcada pelo tecido do vestido. A vontade era de agarrá-la ali mesmo na minha escada de vidro. Tive que passar à frente e me dispersar um pouco para conter minha ereção. Na volta do terraço, abri a porta da biblioteca, e entre centenas de títulos literários, alguns primeiras edições caríssimas, estavam dois sofás confortáveis, meu cavalete e todo o material que eu precisaria para iniciar a pintura, coisa que não fazia há algum tempo. Mas foi a única desculpa que me veio à cabeça àquela noite para trazer minha musa até aqui.

– Uau! Quantos livros! Já tive uma biblioteca enorme assim! – os olhos de Sophie brilhavam pela primeira vez com um ar de genuína satisfação. Lembrei de imediato que ela havia dito que amava ler. Ponto para mim que a trouxe a uma espécie de paraíso na Terra!

– Aqui passaremos algumas horas durante os próximos dias. A propósito, conhece a pintora Tamara de Lempicka?

– Claro que sim. Maria Górska, também conhecida como Tamara de Lempicka, pintora polaca de arte déco.

– Muito bem, uma mulher de cultura. Parabéns! Bem, eu diria que Tamara tinha um estilo único, ousado, vanguardista, uma espécie de cubismo suave moderno. Mas o que interessa mesmo é que se acreditava que ela era bissexual, e talvez, por isso, sabia como ninguém como retratar de forma exótica o corpo feminino. Passei anos tentando encontrar um de meus quadros favoritos. – caminhei até o outro lado e apontei para o alto da parede, onde centralizado em meio a refletores de luz suave, estava Andromeda, uma pintura incrível. Uma mulher de formas generosas, nua, com as mãos acorrentadas.

– Está me dizendo que este quadro é original?

– Por que não seria? Veja! O jogo de luz e sombra torna a pintura quase real. – olhei para Sophie que não olhava para o quadro e sim para mim. O que será que ela pensava? – Depois de sua apresentação hoje tive certeza de como a quero em minha tela. Vai ser algo mais ou menos assim, só que em uma

leitura atual, moderna e realista.

– Que você queria me pintar quase nua, eu já imaginava. Mas acorrentada? Não me parece muito agradável.

– Mas a mim sim! Na verdade vou querer pintar você seminua. Apenas com uma meia de seda e renda 7/8 pretas, luvas longas de seda preta, a algema e uma rosa vermelha entre suas pernas. Gosto de ver tudo, sem ver tudo ao mesmo tempo, se é que me entende. – ela me encarava apavorada. Juro que era engraçado.

– Então sua diversão é pintar mulheres nuas? – foi tudo que ela disse quando seu cérebro a lembrou de voltar a respirar.

– Na verdade, Sophie, o que eu curto é esse sentimento vivo e primitivo da natureza feminina. O corpo da mulher é perfeição, seja ele como for, cada homem tem um gosto, e posso garantir que o seu corpo se encaixa perfeitamente com meu gosto pessoal.

– Não sei se vou conseguir. Permita que eu esteja pelo menos de lingerie.

– Sophie, de onde aparece tão de repente toda essa vergonha? Você fica quase nua em um palco na frente de vários homens quase todos os dias.

– Essa é a questão. São vários homens, mas nenhum específico. Isso parece pessoal demais, íntimo demais. Sinto que minha privacidade seria invadida.

– Invasão? Infelizmente não mesmo. O que a aflige? Que eu veja sua boceta? Porque sinceramente, o resto eu já vi tudo e gostei muito! – lá estava ela novamente, corada, vermelha e com a respiração ruidosa.

– E se eu disser que sim? Que não quero que veja essa parte minha tão íntima?

– Ora, minha doce Sophie, a genitália feminina é sinônimo de prazer, beleza e delícias. Por que você esconderia a sua parte mais preciosa da minha pintura? Sabia que os termos vaginais chineses e taoístas incluem ‘entrada da vida’, ‘lótus da sabedoria’, ‘gruta do amor’, ‘casa do tesouro’, ‘coração interno’ e ‘portão celestial’? É arte pura!

– Está tarde, eu realmente preciso ir. Tudo foi muito intenso hoje.

– Virá comigo amanhã depois da sua apresentação na Shades in Red?

– Amanhã é sexta e não me apresentarei. Só na próxima semana que volto ao palco. Até então estarei de folga. A casa será fechada para uma pequena reforma.

– Perfeito! Poderei adiantar muito meu trabalho. A que horas posso mandar buscá-la em sua residência?

– Você quer que eu fique aqui amanhã o dia todo?

– Claro que sim, e seu contrato já estará aqui para que possamos ler e assinar. Venha, gostaria de levá-la pessoalmente até sua casa, mas está tarde e vou precisar liberar algumas coisas ainda hoje para poder ficar fora da empresa amanhã o dia todo. Vou pedir a Hamilton, meu motorista e segurança de confiança, para levá-la.

– Peça-o para me buscar às dez da manhã. Antes não conseguirei estar pronta. Preciso dormir um pouco e já está bem tarde.

– Ótimo! Venha com os cabelos soltos e sem maquiagem, bem natural. É como eu a quero em minha tela, uma mulher linda, primitiva e sem-vergonha! – dei um beijo em seu rosto e fui chamar meu motorista. Não voltei para me despedir ou cairia de boca nela ali mesmo. E estaria perdido, muito perdido.

IV

Oh, meu Deus! O que era aquele apartamento? Lindo! Trouxe recordações de Miami e de todas as promessas que foram despedaçadas... Isso era tudo que meu cérebro conseguia pensar.

– Senhorita, para onde devo levá-la? – perguntou, tirando-me de pensamentos insanos, a voz séria do motorista de Adam. Ele mais parecia um militar, ou um lutador de MMA, ou a combinação de ambos. Muito provável tinha em torno de quarenta anos, muito alto e muito forte, musculoso mesmo, do tipo que podemos ver os músculos definidos através do seu terno bem alinhado. Parecia alemão, com a pele muito branca, os olhos azuis e o cabelo dourado em um corte estilo exército. E passava uma sensação de proteção e confiança que me fazia sorrir.

– Senhor Hamilton, podemos ir para o carro e lá indico o caminho. – estava um tanto envergonhada por incomodar, a essa hora da madrugada, aquele homem que devia ficar de babá do Adam o dia inteiro.

– Claro que sim senhorita, por aqui, por gentileza. – disse, me indicando o caminho da porta que dava para o hall e elevador.

Ao chegarmos à garagem do prédio, caminhamos alguns metros e pude notar uma fila de carros muito caros, não tive certeza, mas imaginei que todos aqueles cinco carros deviam ser do Adam. O que era um absurdo, mas me lembrei que ele se assumiu como megalomaniaco. Revirei os olhos para a ideia. Conheço de carros, o último homem que estive em minha vida era viciado em carros e velocidade e acabei aprendendo muito.

Na minha frente tinha um Bugatti Veyron Super Sport que mais parecia o carro do Batman, um Porsche 911 GT2 RS, um Bentley Mulsanne, um Aston Martin DBS, que não é nada menos que o carro do James Bond, e um Porsche Cayenne Turbo, uma SUV linda, todo preta. Seu eu tivesse que escolher, o último seria o meu favorito. Eu podia apostar que eram todos carros do ano. Revirei os olhos mais uma vez. Era clara a predileção dele por carros esportivos, certamente gostava de adrenalina. Mas será que em tudo na vida ele era assim? Senti um arrepio por lembrar o meu passado... Um passado muito recente.

– Senhorita! – vi o senhor Hamilton abrindo a porta traseira da SUV e fiquei toda feliz. Lógico, iria para casa em um carrão! Aceitei a sua mão e entrei. O carro era tudo que eu imaginava, tão grande por dentro quanto por fora, puro conforto, segurança e luxo. Ai, meu Deus! Quem diria que eu entraria em um desses carros novamente!

– E então, senhorita, para aonde devo conduzi-la?

– Com o senhor todo sofisticado no volante desse carro caríssimo, fico até envergonhada de dizer que vamos para o Brooklyn.

– Chegaremos lá em breve. Teremos uma viagem tranquila, esse horário não tem tráfego algum. Relaxe, já estive em lugares perigosos de verdade, e o Brooklyn não é nada do que as pessoas dizem. Será um prazer levá-la em segurança.

– Obrigada pela gentileza, senhor Hamilton.

– Disponha senhorita. – ele virou-se para frente e foi em direção ao enorme portão da garagem. Aproveitei o conforto do carro magnífico para fechar meus olhos e descansar até estar em casa.

– Senhorita, chegamos! – abri os olhos com a voz firme do senhor Hamilton me chamando.

– Oh, sim, muito obrigada e desculpe por todo esse incômodo a essa hora da madrugada.

– Imagina senhorita, esse é o meu trabalho. O Sr. Collins me informou que deverei buscá-la amanhã às dez da manhã neste mesmo endereço. Gostaria apenas de confirmar o horário.

– Sim, está confirmado. Estarei aqui em baixo esperando pelo senhor.

– Até amanhã senhorita. Bom descanso! – deu a volta, entrou no carro e seguiu na direção da área do luxo de Nova York novamente, onde viviam senhores mandões, loucos, endinheirados, muito sexys e apreciadores de adrenalina. Com um sorrisinho bobo subi as escadas do meu prédio que me traziam novamente à realidade, à triste realidade.

Entrei em casa me lembrando do telefonema do início da noite e meu coração voltou a apertar. Nem consegui tomar um banho de tão exausta que estava. Caí na cama de vestido mesmo, tudo que queria era fugir da minha vida e entrar em um sono profundo e tranquilizador.

Despertei assustada, pulei da cama sem entender o que estava acontecendo, pensei que havia perdido a hora quando olhei para o relógio no criado ao lado e vi que ainda eram sete da manhã. Custei a entender que acordei porque meu celular estava tocando desesperadamente. Encontrei-o na bolsa e vi que era uma chamada da Sylvia.

Sylvia era uma das meninas da Shades in Red e uma colega muito boa. Amiga mesmo! Sempre que eu precisava de adiantamentos e ainda estava longe do pagamento, ela me ajudava. Estava sempre do meu lado e foi quem me apresentou ao dono da Shades in Red e me ensinou a dançar e cantar. Conheci Sylvia no aeroporto, ela estava retornando de uma viagem com um “cliente” e eu estava entrando nessa aventura que é minha vida. Vi que ela havia deixado cair a carteira de dinheiro ao tentar colocá-la na bolsa no tumulto do aeroporto, mas a carteira caiu no chão. Peguei e saí correndo para entregá-la. Ela me pagou um café pela gentileza e durante o café eu expliquei que estava chegando a Nova York para procurar emprego. Ela não só me conseguiu o trabalho, como me ensinou a trabalhar.

– Sylvia, o que foi?

– Conta tudo!

– O quê? – do que ela estaria falando?

– Acha que não vi que saiu do Shades in Red com o cara mais lindo e rico da cidade? Agora vai contando tudo! Nunca vi você sair com alguém, estou me roendo de curiosidade.

– Não aconteceu nada. Foi apenas uma gentileza daquele senhor me oferecer carona. – Precisava mentir, não queria contar a ninguém que de certa forma, eu me venderia por dinheiro.

– Não! Definitivamente não aceito essa resposta. Você saiu ontem com o cara mais gostoso da cidade e não transou com ele? Você é louca?

– Você sabe que não estou atrás disso, amiga.

– Eu sei. Mas você não foi atrás, ele veio atrás de você. É diferente. Além do mais, tenho certeza absoluta que faz um século que você não dá uma boa trepada daquelas bem sacana. Deixa de ser ridícula e aproveita essa oportunidade única na vida e relaxa. Aquele cara é lindo demais! Você sabe quem é ele? É um dos homens mais ricos desse país. E sei que ele tem frequentado o restaurante há semanas e fica de olho em você! Todas as meninas só falavam disso. Ele quer você, sua idiota! E ele não tem cara de sexo baunilha, portanto, aproveita. Isso é igual loteria! Sinto até um calor entre as pernas! Nossa! E se não quiser dinheiro para ter relações sexuais com ele, pode passar a grana para mim, e apenas curtir o “Sr. Delícia”.

– Ai, meu Deus, Sylvia! – caí na gargalhada. – Só você mesma para me fazer rir.

– Tenho certeza que ele não a levou para casa aquela hora. Passei aí depois da apresentação e você não havia chegado ainda. Aquele outro deus grego que é seu vizinho, o violinista, me disse que tinha certeza que você não tinha chegado ainda. Por falar nisso, você é uma filha da puta de uma sortuda! Que vizinho é aquele? Quase perguntei se ele gostaria de trepar comigo no corredor do seu prédio.

– Ai, meu Deus, Sylvia! Não seja tão safada!

– Safada que nada! Estou precisando de uma trepada violenta com um cara como esse seu vizinho. Alto, forte, lindo, loiro, de cabelos compridos e com dedos ágeis e fortes de violinista. E aqueles lábios carnudos? E aqueles olhos intensos? A trepada do século! Estou cansada dos velhos babacas do Shades in Red, estou precisando de carne nova e dura... Se é que você entende a parte do duro.

– Sylvia, você não tem jeito!

– Deixa de enrolação e me conta tudo! – não adiantaria enrolar a Sylvia, ela era teimosa e insistente. Talvez se eu contasse uma pequena parte, ela ficaria satisfeita e me deixaria em paz.

– Ele me levou ao apartamento dele para um drink. – falei sem emoção alguma na voz.

– O que? – seu grito quase me ensurdeceu.

– Foi só isso.

– Só isso? Pode me contar todos os detalhes. Quero saber tudo.

– Não tem nada demais. Fomos até a casa dele, tomamos um vinho, conversamos sobre trivialidades da vida e ele pediu ao motorista para me trazer para casa mais tarde. Ele queria apenas um pouco de companhia, nada de sexo ou qualquer outra coisa.

– Não! Tem coisa estranha aí. O que você está me escondendo?

– É sério. Foi apenas isso.

– Ele não tentou transar com você?

– Eu já havia deixado claro que não faria isso.

– Como é a casa dele?

– É linda! – falei com um entusiasmo maior do que eu gostaria. Que droga! Agora ela vai querer saber mais.

– Só linda? Do tipo, linda? Não seja ruim comigo, quero os detalhes!

– É grande, sofisticada e tem uma vista para a cidade de perder o fôlego.

– Não Sophie. Quero os detalhes. Conte sobre a decoração, aquelas coisas que a gente fica sonhando, mas que nunca vai ter. É igual de revista, não é?

– Não vi a casa toda. Não sei se me lembro do que vi.

– Você tem uma memória de elefante, desembucha logo, praga!

– Ok. Bom.. – por onde começar? – É um apartamento de cobertura, na verdade um triplex, que fica em um prédio lindo próximo à região da Shades in Red. Tem um elevador privativo que dá para um hall enorme que já é do apartamento do Sr. Collins.

– Senhor? Você chama aquele deus de senhor?

– É claro que sim. Vai querer que eu continue?

– Claro, não vou interromper mais.

– Continuando... A decoração é uma mistura equilibrada, clássica e moderna. No primeiro piso tem uma sala enorme dividida em três ambientes, um para visitas, outro para jantar e o último espaço é uma sala multimídia, ou de TV, se assim preferir. É onde tem uma lareira muito aconchegante também. Ainda no primeiro piso tem uma cozinha enorme, gigante mesmo, toda moderna, toda em aço cromado, linda! Eu cozinharía por horas naquele lugar. – ouvi sua risadinha maldosa do outro lado da linha. – Se eu ouvir você rir novamente, desligarei e não falarei mais nada.

– Peço desculpas. Continue!

– Algumas paredes são de tijolo aparente, achei esse detalhe lindo, e tem várias obras de arte e quadros originais! Tem uma escada toda de vidro para os próximos pisos. Ela reflete a claridade pela casa toda, uma luminosidade que entra pela parte do teto que é de vidro também. Tudo naquele apartamento foi muito bem planejado! Próximo à escada tem uma mesa de sinuca, achei um charme! No segundo piso vi um piano e algumas portas que imagino serem dos quartos, mas não entrei em nenhum, se é isso que queria saber. No segundo piso também tem outra sala de TV, e você enlouqueceria, a tela parece de cinema, ou até melhor. No terceiro piso tem uma biblioteca na qual eu passaria meses trancada, se pudesse. Tem também uma mini academia, inclusive com metade de uma quadra de basquete. Achei exagerado! E por fim o terraço com piscina e uma área de churrasco que eu imagino que ele nunca usou, não parece o estilo dele. E foi só isso que vi.

– Só isso? Você está louca? Isso tudo é o paraíso com endereço na cidade de Nova York! Quando você encontrará com o deus novamente? Esse cara quer levar você pra cama, tenho certeza! Ele quer comer você!

– Ah, Sylvia, não estou interessada. E não sei se o verei novamente.

– Vou mudar de assunto, do contrário, irei matá-la Sophie! Está tendo a oportunidade de viver o

sonho de todas nós, pobre strippers, e vai jogar fora. Juro que nunca vou entender você. Mas não liguei só para saber do senhor gostoso. Quero convidá-la para irmos a 232 no sábado, na nossa folga. O que acha?

– Acho que não poderei. A 232 é a boate mais cara da cidade! O que farei lá?

– Pode parar aí mesmo! Já conheço essa desculpinha... Eu disse que é um convite e convidadas não pagam, sua tonta! Além do mais, não quero ir sozinha. Quero ir para caçar um cara gostoso, inteligente e rico, que tenha menos de 40 anos e que queira uma trepada sacana e casual comigo! Você é sempre um para-raios para esse tipo de homem, será muito útil pra mim. Você os enlouquece e eu os devoro. Simples assim.

– Você é impossível, Sylvia. Mas já que é um convite tão especial, eu irei.

– Pegue você aí! Passo antes das dez da noite, ok?

– Ok.

– Agora volte a descansar. Beijo!

– Beijo Sylvia.

Sylvia era impossível, mas não queria pensar nela. Tudo o que eu queria era cair na cama até a hora de ir para a casa do Adam. E ter de encarar aquela vergonha de posar nua para ele, mas precisava muito do dinheiro. Encostei meu corpo na cama e desmaiei de cansada. Tudo que via era um sonho desconexo com Adam, chicotes, ligações de celulares, surras, dor, tristeza e prazer.

Outro pulo da cama e meu coração desesperado novamente. Se eu continuasse a acordar assim, uma hora eu teria um ataque cardíaco e morreria. Dessa vez, era meu celular despertando. Nove da manhã. Precisava tomar um banho e me preparar para esperar o motorista do Adam.

Coloquei a cafeteira para funcionar e corri para o banheiro. Em dez minutos estava saindo do banho com os cabelos molhados e o corpo bem mais desperto. De repente, bateu aquele desespero feminino: que roupa ia usar? Minhas roupas eram todas grandes porcaria e não poderia repetir o vestido vermelho que peguei ontem no Shades in Red. Que droga! Podia ser pior? Minha autoestima estaria no abismo no momento em que eu mais precisava dela para encarar mais essa pedra no meu caminho.

– Mas que droga! – pronto! O grito saiu da minha garganta e eu já me sentia bem melhor.

Abri o guarda-roupa e decidi que nada poderia ser pior do que eu já teria de fazer, então escolhi ir confortável com meu vestido preferido, um azul marinho com bolinhas brancas. Ele era fofo! Sua saia era rodada e plissada, e a peça ficava bem acinturada. Bateu o pavor novamente! Se o Sr. Adam se irritou ontem com minha mochila, vai enlouquecer hoje, porque eu iria de tênis, um All Star marrom. Sempre que precisava, pegava as roupas do closet das dançarinas da casa de shows, não ficava gastando meu dinheiro com coisas supérfluas. O que tinha era mais que suficiente. Lembrei das palavras de Adam, que pediu para eu chegar sem maquiagem e com os cabelos ao natural. Que homem mais exigente! Fiz uma careta para o espelho. Ficar acordada de madrugada não ajudava muito a aparência no dia seguinte. Passei suavemente apenas um blush e um brilho labial. Algumas borrifadas do meu perfume preferido,

‘Candy’ da Prada, e pronto! Agora tomaria meu café e esperaria o motorista. Era impossível não esboçar um sorriso ao pensar no senhor Hamilton, ele era muito simpático.

Eram 9h50min, peguei minha mochila e decidi descer para esperar na portaria. Assim não causaria nenhum atraso. Ao abrir a porta, vi meu vizinho violinista chegando. Ofereci um sorriso de bom dia e ele demonstrou que queria me dizer algo.

– Bom dia!

– Bom dia. Meu nome é Sophie. Muito prazer!

– Olá Sophie! – ele estendeu a mão para me cumprimentar e recordei naquele exato momento das palavras de Sylvia... “dedos ágeis e fortes de violinista.” Sorri com o canto dos lábios. Esperava que ele não tivesse percebido. – Meu nome é Rush, sou seu vizinho. Sou músico, para ser mais exato, sou violinista.

– Olá Rush! Eu sempre escuto você tocar.

– Estou incomodando? Peço desculpas.

– Imagina, é um som maravilhoso.

– Sendo assim, além de agradecer o elogio, gostaria de convidá-la para tomar um café comigo qualquer dia desses e ouvir mais de perto o som do meu instrumento. – aquelas palavras pareciam ter duplo sentido.

– Claro Rush! Agradeço o convite, mas estou com um pouquinho de pressa agora. Qualquer hora nós tomaremos esse café. – e dei uma piscadinha para ele. Ele sorriu e entrou em seu apartamento. Eu segui descendo as escadas.

Abri a porta do prédio no exato momento em que a SUV do senhor Adam estacionava. O Sr. Hamilton desceu imediatamente e abriu a porta para mim. Agradei, entrei e seguimos a caminho da Nova York dos ricos e famosos.

Era uma sexta linda e o vento soprava suave. Observei a paisagem por onde passei e pensei que meu bairro não era feio. Havia pracinhas ótimas para as crianças, com algum verde e brinquedos coletivos. Balanço! Adoro balanços! Lembravam-me da infância. Vi um grupo de crianças brincando de bola e uma lágrima escorreu do canto do meu olho...

Em alguns minutos subirei pelo elevador do Adam. Será que conseguiria fazer mesmo isso? Será que ainda poderia desistir? Acho que não, eu precisava muito desse dinheiro. Vai ser como a primeira vez que subi no palco da Shades in Red, assustador, mas eu havia conseguido. Conseguiria hoje também!

V

– Seja bem vinda! – o que ela estava vestindo? Parecia uma adolescente indo tomar sorvete com as amigas. Que ridículo! Será que ela fez isso para tirar meu foco de seu corpo e diminuir meu desejo? Até parece que tudo que já vi até o momento não era o suficiente. Dei uma risada irônica.

– Obrigada. Bom dia! – ela disse meio sem jeito.

– Interessante escolha de roupa. Tem algum propósito? – tentei, mas não consegui controlar meu sarcasmo.

– Não acho que minha escolha de roupas fará diferença, uma vez que o propósito é estar sem elas em alguns minutos. Mas já que interessa, é a minha melhor peça. Tudo que viu antes é da Shades in Red, eles fazem questão que as meninas se vistam bem para acompanhar os frequentadores da casa. Mas se o que estou vestindo o desagrada, podemos encerrar toda essa loucura aqui mesmo. – vi uma lágrima brotar no canto de seu olho. Por que falei isso? Por que não podia me controlar ao menos um pouco com ela? Agora estou aqui, me sentindo péssimo por tê-la humilhado.

– Suas roupas não me interessam Sophie, posso mudar isso com um estalido de dedos. Vamos ao meu escritório, precisamos ver o contrato que você me solicitou. – foi tudo que consegui dizer para amenizar a situação.

Caminhamos em silêncio até meu escritório, abri a porta para ela e fiz um gesto para que ela se sentasse no sofá ao lado da minha mesa. Peguei as cópias, entreguei para que pudesse conferir e me recostei na beirada lateral da minha mesa para poder acompanhar suas expressões ao ler o documento e admirar toda aquela beleza bem na minha frente.

Aquilo durou alguns minutos. Foi torturante observar seus cabelos emoldurando seu rosto e suas deliciosas pernas balançando incessantemente de ansiedade ou outro sentimento que a estava torturando. Torturando... Preciso mudar o foco, do contrário não teria condições de levar isso com calma. O contrato era simples e ela havia passado poucas informações cadastrais, resumindo, não tinha quase nada para que ler e corrigir.

– E então, acabou? Está de acordo? Precisa que eu a explique alguma cláusula?

– Veja bem, senhor Collins, como disse anteriormente, não sou leiga no mundo dos negócios, apenas não tenho a experiência que gostaria de ter. Ainda consta no contrato uma cláusula onde diz que eu devo dormir aqui depois de cada processo da pintura. Havia dito que não concordava com isso. Gostei da parte que diz que é um contrato sigiloso e que o quadro ficará restrito ao conhecimento somente de nós dois. Mas confesso que não compreendi a cláusula que diz que devo cumprir as regras da casa,

estipuladas pelo senhor, quando eu estiver aqui. Que regras são essas? – Sophie disse tudo isso de uma só vez olhando para mim como um animal acuado.

– Senhorita Sophie, o fato de insistir que durma aqui durante alguns dias, é única e exclusivamente uma preocupação com sua saúde e bem estar. A senhorita vive em um lugar distante e um tanto quanto exótico, como pude saber com o Hamilton. Além de seguirmos pintando pela madrugada quando não estiver se apresentando na casa de shows, o fato de ter que atravessar a cidade, fará com que chegue à sua casa muito tarde, diminuindo suas noites de sono e descanso. Fique aqui! Terá um quarto somente para você, e poderá tranca-lo, se assim o desejar. – ela deu um profundo suspiro e pareceu concordar com minhas palavras. Perfeito.

– Regras da casa... Regras são regras Sophie, elas existem para que coisas e acontecimentos pré-definidos não fujam ao controle. Servem também para agradarem egos controladores, como o meu. Garanto que nenhuma das minhas regras será negativa para você. Posso querer, por exemplo, que faça as refeições à mesa comigo quando estiver aqui, ou que use uma roupa ou outra que eu comprar para você. – com certeza ela não era tão inocente assim, e pelo seu olhar, havia entendido meu joguinho.

– Quero apenas deixar claro, Sr. Collins, que não aceitarei que me toque, ou que force alguma situação para me levar para cama. Acredite, tenho muita bagagem nessa vida. Não cairei nas armadilhas de qualquer homem que me julgue inocente e desinformada.

Ela se levantou, andou até mim lentamente olhando nos meus olhos, me arrepiando da cabeça aos pés, passou por mim, pegou uma caneta em cima da minha mesa e assinou os papéis que eu já havia assinado. Depois me entregou minha cópia, voltou ao sofá e colocou sua cópia dentro da mochila.

– Pronta? – perguntei, fazendo o sorriso mais sacana que consegui. Agora sim o verdadeiro show começaria.

– Isso não será nada perto do que já passei na vida. Vamos logo! – tinha certeza de que aquelas palavras foram um desafio.

– Venha. Vou levá-la à sua suíte. Tem tudo que precisaremos para começar lá.

Subimos as escadas em silêncio. Abri a porta do quarto que separei para ela e mostrei o que queria que ela vestisse, que estava sob sua cama.

– Prepare-se, vista isso, coloque o roupão por cima e vá para a biblioteca. Você se lembra onde fica? – ela apenas acenou em afirmativo com a cabeça. Saí do quarto, fechei a porta e a deixei sozinha com seus medos e pudores.

Quinze minutos depois, que mais pareceram uma eternidade, Sophie bateu à porta da biblioteca e entrou. A visão dela de meias e luvas, usando o roupão preto que pedi estava completamente erótica. Fiquei excitado imediatamente. Ela também tinha trazido sua mochila com seus pertences dentro.

Respirei profundamente para me acalmar e fui até ela. Sophie se manteve o tempo todo em absoluto silêncio, mas eu sentia a tensão em sua respiração, em seu olhar. Peguei sua mochila e guardei em uma estante. Voltei até ela e senti seu corpo retrair quando abri o roupão e o puxei de seus ombros, deixando que caísse sensualmente aos seus pés. Ela estava fantástica apenas de meias 7/8 e luvas, como sempre sonhei.

Seus seios eram ainda mais perfeitos de perto. Tive o impulso de agarrar seus mamilos com meus dentes e fazê-la sentir muita dor, mas me controlei. Desci meus olhos lentamente pela sua pele e notei algumas marquinhas pequenas e esbranquiçadas que provavelmente não havia notado antes por causa da distância, ou talvez ela usasse algum tipo de maquiagem para escondê-las na hora do show. Resolvi não dar atenção ao assunto naquele momento. Continuei descendo meus olhos e avistei o que desejava ver enlouquecidamente há semanas. Que delícia! Que linda! Ela não tinha pelo algum, completamente depilada. Adorava aquilo! Como queria enfiar meus dedos ali. Mas mantive a calma, chegaria a hora, estava trabalhando nisso.

– Você é maravilhosa Sophie. Completamente perfeita! Estou diante, provavelmente, da mulher mais gostosa e tentadora que já vi na vida. – tirei os olhos de sua parte mais íntima, e vi que seu rosto estava completamente ruborizado. Achei graça. Aquilo também me excitava. Percebi o quanto sua respiração havia se alterado, seu peito subia e descia em sugadas fortes de ar. Parecia que o oxigênio da biblioteca estava acabando. – Venha, colocarei você na posição ideal para começar meu trabalho.

– Deite-se nesse sofá com a cabeça em cima dessas almofadas para que fique em uma posição confortável. Permanecerá muitas horas nessa posição. Isso, assim. Estique as pernas. Coloque sua perna direita fora do sofá e deixe que as pontas dos dedos do pé toquem levemente o chão. A outra perna mantenha relaxada em cima do sofá.

Ela nem me olhava mais, parecia que havia saído de seu corpo. Seus olhos estavam perdidos em algum lugar, não gostava daquilo. Caminhei até a mesa da biblioteca e peguei as algemas e a rosa vermelha perfeita.

– Agora Sophie, eu colocarei a algaema em você como disse que faria. Tudo bem? – ela apenas concordou com a cabeça. Aquele silêncio me matava. Prendi as algemas em seus dois pulsos. Depois espalmei seus dedos em suas coxas, bem próximo à sua área mais íntima. Coloquei a rosa bem ali no meio. Pronto! Estava perfeita. Ainda mais perfeita. – Sophie você manterá seu rosto natural com os olhos fixos em mim o tempo todo. Estarei atrás da tela bem ali à sua frente. Não se mexa mais, entendido? – Ela não me respondeu.

Fui até ao dock station e dei play no iPod em uma música muito familiar para ela... E para mim. Trazia lembranças espetaculares. Tocaria repetidamente ‘Sadness’ do Enigma. Era a música perfeita para criar um clima sexual, erótico e agressivo. E para fazê-la se soltar. Acendi também uma vela com essência de canela e diminuí o foco de luz superior. Deixei também um foco de luz na tela sob o cavalete, e um abajur na mesinha ao lado de seu rosto, refletindo toda a luz que vinha do olhar lindo e intenso de Sophie. O aquecedor não a deixaria sentir frio. O ambiente havia se transformado em algo profundamente aconchegante e sedutor. Perfeito para fazer sexo. O sexo que eu desejava muito fazer com ela.

– Sophie, não me lembro se lhe disse antes, mas me sinto mais criativo quando me sinto livre, ao natural. Portanto, gosto de criar, de pintar, sem roupas. Espero que isso não seja um incômodo para você. – sorri, virei de costas e me despi lentamente em sua frente. Primeiro a camisa, botão a botão. Caminhei pelo ambiente com a desculpa de colocar a camisa em uma cadeira, somente para que ela tivesse a visão do meu corpo. Estava mais próximo ao sofá agora e vi sua respiração pausar por alguns segundos. Aquilo

era um ótimo resultado ao que ela via. Mas Sophie se mantinha impassível. Continuei. Retirei meu cinto e lentamente desci o zíper da calça. Tirei os sapatos, as meias e despi a calça lentamente.

Já estava completamente excitado desde o momento em que coloquei meus olhos sob ela, mas a visão dela ali bem submissa aumentou ainda mais meu desejo. Vê-la ali tão gostosa, tão quente, era quase insuportável. Retirei a cueca boxer e deixei livre minha ereção. Percebi quando ela piscou os olhos e sugou o ar com força fazendo um ruído, tencionando o maxilar. Fiquei de costas para caminhar até o cavalete e sei que isso a proporcionou a visão dos meus músculos se movimentando. Minha intenção era excitá-la ao ponto dela se rastejar aos meus pés implorando para que eu a fodesse ferozmente.

– Não se mova Sophie. A arte vai começar. – e ela realmente não se moveu. Não desviou seu olhar de mim. Isso também era de propósito.

Sentei-me em um banquinho atrás do cavalete. De onde Sophie estava ela poderia continuar de olho na minha ereção, e bastava que eu erguesse a cabeça para visualizar seu corpo, seu olhar.

Peguei meu material e comecei a esboçar a perspectiva do quadro. Como ela era linda! Sim, o estético era muito importante para quem valoriza a arte. Ela era esteticamente perfeita no meu ponto de vista, uma musa. Eu precisava quebrar o silêncio, não aguentava mais.

– Sophie, nós não precisamos fazer desse, um momento desagradável, podemos conversar e tornar tudo mais simples. – ergui meu rosto e vi um leve sorriso brotar em seus lábios. – Então, já que se surpreendeu outro dia com minha gentileza britânica, diga-me o que sabe de Londres e dos britânicos. Já esteve na Inglaterra?

– Nunca estive na Inglaterra, Sr. Collins. Mas sei algumas coisas, por exemplo, que os britânicos são extremamente pontuais, por isso cheguei hoje dez minutos antes do horário combinado. – deu uma risadinha deliciosa. – Alguns dizem que os ingleses são grosseiros e impacientes, mas eu não penso assim. O transporte público de Londres é impecável, uma realidade surreal quando comparado ao do país de onde venho. Não entendo o motivo pelo qual vocês falam ‘sorry’ para tudo, sempre. Chega a ser engraçado. É tipo assim, tanta nobreza que já se desculpam antecipadamente para qualquer ato pouco nobre que venham a cometer? Acho realmente engraçado! – ela estava empolgada, isso era bom. – Conheci alguns britânicos lá no Shades in Red, e sempre acho que vocês vivem com um ovo na boca, que sotaque mais difícil de entender! Principalmente no meu caso que não tenho o inglês como idioma nativo. Mas vocês são charmosos e se vestem de uma forma peculiar que não vejo muito nos americanos, por exemplo.

– Isso é um elogio, Sophie?

– Isso é uma constatação, senhor. Não é sobre o senhor em particular, é sobre a maioria dos ingleses que conheci.

– Continue! – não pude conter uma risada. Ela também sorriu. O gelo estava se quebrando.

– Bem, os homens ingleses passam a impressão de serem muito sérios, mas basta demonstrar interesse que eles logo ficam receptivos. Vocês chamam a batata frita de chips e não de french fries, e chamam o metrô de tube ou underground no lugar de subway, como aqui na América. Os ingleses dirigem do lado esquerdo e acham que todo o resto do mundo é que está errado. As chances de ser assaltado em

Londres é quase zero quando comparadas com as do país onde nasci. Uma vez conheci um rapaz de Glasgow e se eu achava que os ingleses de Londres falam com um ovo na boca, os ingleses que vêm do interior, falam com uma dúzia inteira de ovos na boca. Não entendia quase nada... – disse, dando uma risada alta e gostosa novamente. O gelo realmente estava se quebrando. – Então concluí que aquele idioma inglês britânico lindo falado nos filmes de época realmente não existe mais. As boas maneiras britânicas compensam tudo. E os britânicos me parecem muito sarcásticos e exigentes.

– Diz isso baseado na minha pessoa. – ela permaneceu em silêncio, parecia refletir. Não era uma pergunta e sim uma constatação.

– Amo a banda The Beatles. Essa é a minha parte mais britânica! – e sorriu novamente.

– Então você não conhece pontos importantes dos britânicos, como o quanto somos protetores, e o principal, uma de nossas características é gostar de cozinhar.

– O senhor cozinha? Não o vejo fazendo isso. Quando penso no senhor, vejo um homem sério de negócios atrás de um computador e com um telefone ao ouvido o dia todo.

– Quando pensa em mim, Sophie? Isso é muito interessante. Tem pensado muito em mim? – Ela se deu conta do que havia falado e ficou corada e em silêncio. Apertou os lábios em uma linha rígida e vi quando seus olhos se fecharam por um momento.

– Mas, então, Sophie, parece que você sabe muito do meu lado britânico. Mas respondendo suas dúvidas, sim, tenho um lado americano muito forte. Vivo aqui há tempo suficiente para ter adquirido algumas manias. Por exemplo, aprendi a ser um empreendedor de verdade aqui, e principalmente que vencer é o que importa, seja em qual jogo estiver jogando e quais regras tenha de suportar. Entendi que aqui na América o lema é “não basta terminar algo, deve sempre terminar em primeiro lugar e da melhor forma possível”. Para ser um vencedor, é preciso passar a imagem de tal. Aqui é o país das oportunidades Sophie, e eu me tornei um grande e respeitado homem de negócios aqui. Para isso, precisei aprender a jogar o jogo deles. Esse é meu lado mais americano. Agora, acho muito injusto você saber tanto de mim quando tudo que sei de você é que é latina, gosta de dançar e cantar, tem paixão por ler e escrever, é formada em Negócios, adora Cosmopolitans e que The Beatles é uma de suas bandas favoritas. Quero saber mais! – disse, voltando minha atenção ao esboço que continuava surgir na minha tela.

– É o suficiente, senhor. Não há nada de interessante sobre mim. – levantei o rosto e vi uma profunda tristeza em seu olhar.

– Não, não é mesmo Sophie. Confie em mim, não há nada que me diga que vá sair de dentro dessas paredes. Mesmo se me disser que é uma serial killer, eu ficaria receoso, mas guardaria seu segredo aqui, palavra de britânico. Vamos! Fale-me de você, me deixe conhecê-la. E pare de me chamar de senhor, meu nome é Adam, e apesar de eu adorar as formalidades britânicas, já estamos íntimos suficiente para você me considerar, no mínimo, seu amigo. – vi que aquelas minhas palavras a pegaram de surpresa. Seu olhar era de espanto e admiração.

Levantei do meu lugar e caminhei lentamente até ela. Sentei-me entre suas pernas e com a chave abri a algea e liberei suas mãos. Ela se sentou imediatamente, completamente assustada, e se acuou no canto

do sofá, pegando as almofadas para esconder seu corpo.

– Calma Sophie. Apenas quero conversar, entender essa tristeza que reflete em seu olhar. Não suporto ver uma mulher triste. Quero saber sua história, e se posso ajudá-la de alguma forma. Porque me parece que você tem um grande problema.

– Ninguém pode.

– Então há algo? – ela olhou para o chão e não me respondeu.

– Sophie, eu já disse que sou sincero, e tenho muita vontade de saber como é estar dentro de uma mulher como você, mas gosto de mulheres receptivas, não vou atacá-la em minha casa se não quiser. Converse comigo. Deixe-me entender tudo, tenho certeza que posso fazer algo. – quando dei por mim, lá estava ela, chorando muito, as lágrimas molhavam todo seu rosto. Era um momento de profundo desamparo. O muro havia desabado. Sophie não se protegia mais.

Não pude me segurar. Se existe uma coisa que me deixava desesperado era ver uma mulher chorando em um momento de total fragilidade. Aproximei-me e a abracei forte. Foi então que me dei conta de que estávamos nus e agarrados um à pele do outro. Era tão intenso que senti meu corpo inteiro tremer. Nunca, em toda minha vida, uma mulher fez isso comigo. E ela só chorava, nem sei se deu conta de como estávamos naquele momento. Ergui seu rosto e a olhei profundamente. Aquela era a hora. Ela precisava sentir algo, eu queria lhe confortar.

Passei uma de minhas mãos em sua nuca e com a outra virei seu corpo em minha direção. E foi o beijo mais profundo e erótico da minha vida. No primeiro momento, quando toquei meus lábios nos dela, senti um pouco de resistência, mas aos poucos ela cedeu e abriu os lábios em um gemido que aproveitei para enfiar minha língua em sua boca. Ela não se movia, só podia sentir sua respiração descompassada. Era louco, Sophie parecia estar em uma crise de asma. Mas não parei. Continuei a beijá-la, descendo pelo seu pescoço com beijos, mordidas e lambidas. Seus olhos não abriram mais. Segurei firme seu quadril e me encaixei ainda mais entre suas pernas, senti a umidade naquele local e seus pelos se arrepiaram por todo o corpo. Era gostoso demais. Não sabia até onde ela me deixaria ir, mas precisava continuar. Puxei com muita força seus cabelos para trás, me proporcionando ainda mais acesso à sua pele. Quando cheguei ao seu mamilo, toquei primeiro com minha língua e depois suguei com tanta força que ouvi um grito abafado em sua garganta. A música que tocava fazia tudo aquilo ainda mais erótico e especial.

– Não. Pare com isso, Adam. Você prometeu que não me tocaria. – ela me empurrou.

– Sophie, você tem minha palavra de que eu não farei nada que você não queira, mas terá de me dizer que não quer isso. – afirmei, enquanto continuava minha exploração pelo seu corpo.

– Pare. Eu simplesmente não posso. Há coisas envolvidas, posso complicar a sua vida.

– Isso não é um motivo para que eu pare. Diga que não me quer, diga que não quer sentir isso, que não deseja que isso aconteça entre nós dois, e pararei imediatamente. – Olhei profundamente nos seus olhos enquanto esperava sua resposta. Ela esfregou as mãos no rosto e não disse nada, apenas ficou ali, receptiva. Era o sinal verde que eu esperava para continuar.

– Estava louco para beijar esses lábios há semanas, desde que a vi pela primeira vez no palco do

Shades in Red. E como são doces! Como você é linda! Como você é gostosa! E seu cheiro de baunilha está me enlouquecendo! Mulheres não deviam ter um cheiro tão doce, é um perigo. Desestabiliza qualquer homem. – e voltei para um beijo enlouquecedor.

Enquanto a beijava, passeava as minhas mãos enfurecidamente por todo seu corpo, eu queria aquilo demais! Quando encontrei a sua entrada completamente molhada, não resisti a explorar aquela delícia com um dedo. Ela estava aberta para mim e fui cada vez mais fundo lá dentro.

– Você está molhada demais, e para mim, isso é enlouquecedor, sabia? Você é demais! Por isso os homens enlouquecem com você no palco. – falei quase sem fôlego. – Como você é quente e apertada! Puta merda! Eu quero saber que sabor você tem aqui. – murmurei em seu ouvido enquanto explorava seu clitóris com meus dedos.

Não dei a Sophie tempo para entender o que ia acontecer. Trouxe seu corpo para a beirada do sofá e me ajoelhei no chão, segurei seus joelhos e os afastei. Caí de boca ali, lambi intensamente e enfiei a língua lá dentro. Percebi quando ela jogou a cabeça para trás e se apoiou no sofá. Ela gritava meu nome... Era excitante demais! Eu estava fodendo ela com a minha língua e o sabor era inacreditável! Queria fazê-la gozar muito. Ela precisava de um alívio para dissipar toda aquela tensão que estava sentindo e eu da qual eu não fazia ideia do motivo. Continuei ali, sugando cada centímetro da sua boceta deliciosa. A excitação e o desejo eram demais.

– Quero devorar você todinha, Sophie! Que delícia maravilhosa é você, Sophie! Como você é perfeita aqui em baixo também, toda rosa, como uma bala, é viciante! – ela se contorceu ainda mais, subia e descia o quadril. Agarrava as almofadas como se fosse perfurá-las com seus dedos. Nossa, que tesão! Meu pau latejava.

Escorreguei meu dedo por cima do seu sexo molhado e vi que os dedos dos seus pés se apertavam ainda mais no chão, quase se quebrando. Eu precisava aliviá-la. Deixei que um dedo a penetrasse bem devagar. Entrasse e possuísse aquela carne que seria só minha.

– Caralho, Sophie! Puta que pariu! Você está completamente molhada e quente. E como é apertada! Não vejo a hora de sentir meu pau dentro de você!

Não só a respiração de Sophie estava ofegante, como a minha estava também completamente descontrolada. Estava tão excitado que doía. Eu precisava dar a ela um alívio muito depressa, porque quando estivesse dentro dela, não conseguiria me controlar. Comecei a mexer meus dedos freneticamente dentro dela e em seu clitóris, e quanto mais dizia todas as maiores sacanagens sobre como ela era gostosa e perfeita, e tudo que eu queria fazer com ela, mais perto de explodir ela chegava. Explorei cada centímetro dentro de Sophie com meus dedos em movimentos circulares. Quando achava um pontinho que a fazia gemer mais intensamente, me dedicava ali por mais tempo, estudando a sensação de prazer em seus olhos. Eu estava mapeando ela. Era demais! Estava fazendo um desenho mental dos lugares que lhe proporcionavam mais prazer. Era óbvio que eu repetiria tudo aquilo muito em breve. Era o máximo ver que seu prazer pertencia único e exclusivamente a mim. Naquele momento eu sabia que ela havia se entregado, que era minha. Minha e de mais ninguém. Eu faria com ela tudo que quisesse. Ela havia se entregado totalmente.

– Goza pra mim, minha musa! Me deixa sentir você gozar na minha mão. – essas palavras foram suficientes para ela entrar em combustão e eu sentir as milhares de contrações que aconteciam dentro dela. Quando a olhei seu rosto, vi que ela mordida o lábio inferior de olhos fechados e agarrava as pontas do sofá com tanta força que as articulações de seus dedos já estavam brancas.

– Ah, isso! Porra Sophie, você é muito sensível e goza muito forte. É incrível o que senti aqui no meu dedo. Isso foi muito intenso! Quero você ainda mais, quero cada centímetro de você, quero gozar muito pra você. Essa sua bocetinha é tão doce quanto o resto de seu delicioso corpo! – ela não disse nada, parecia em órbita, apenas curtindo a sensação. Planando mentalmente. Era simplesmente delicioso assistir o prazer que eu havia causado nela.

Puxei suas mãos e a ergui do sofá. Precisei segurar sua cintura, ela ainda estava desequilibrada por causa de todo aquele turbilhão de emoções. Estava tremendo. Era hora de colocar meu lado mais cretino em prática e eu não seria gentil. Ela já estava relaxada o bastante para isso. Segurei seus cotovelos e a arrastei até a parede do outro lado da sala. Ela ficou de costas para mim e com os seios e o rosto prensados na parede fria. Aposto que aquela sensação da parede fria em sua carne quente era muito intensa. Deslizei minha mão entre suas coxas e subi deslizando um dedo entre a musculatura firme de sua bunda. Ela deu um gemido de protesto e abriu ainda mais aquele espaço para deixar claro quem estava no comando da situação e que eu mandava naquele momento. Presei meu pau naquela carne que estava pegando fogo e a sensação foi quase incontrolável. Um gemido escapou dos meus lábios quando ela arqueou os quadris para trás, usando a parede como alavanca para chegar mais perto. Virei seu corpo para poder encará-la e lhe dei um beijo erótico e molhado. Ela finalmente havia entrado no clima! Tomou coragem e deslizou as mãos em meu tronco de cima para baixo, sem tirar seus olhos dos meus. Levantou uma perna e a prendeu na minha bunda, depois encaixou seus quadris na minha ereção. Estava magnífica e sexy, sua intenção era me seduzir, tenho certeza. Ela queria tomar o controle da situação. Eu precisava impedir.

– Quero sentir sua boca em mim de forma bem vadia. – murmurei lambendo seus lábios. – Quero você de joelhos agora e essa sua boca deliciosa ao redor do meu pau. – Empurrei ela com toda força para o chão. Segurei meu pau pela base esfregando em seu rosto, esperando que ela me fodesse com aqueles doces lábios.

Ela começou tímida, apenas passando a língua na pontinha, mas sua respiração forte me indicava que ela estava gostando do que estava fazendo, vendo e sentindo. Meu corpo estremeceu, mais ousada ela segurou meu pau e sugou forte para dentro da sua boca. Minha cabeça girava de tanto prazer! Aquela visão dela no chão, submissa, me sugando até perder o ar era erótica demais. Comecei a me mover ritmicamente e com minhas mãos, juntei seu cabelo e forcei sua cabeça para que eu fosse cada vez mais fundo. Ela pegou minhas bolas com uma mão e começou uma massagem sensual que estava me matando. Quando desci o olhar para ver o que ela fazia, fiquei surpreso ao vê-la se tocando. Ela esfregava seu clitóris e passava o dedo em sua boceta completamente molhada. Por pouco não perdi o controle e terminei ali mesmo em sua boca. Mas não, eu queria mais.

– Você está se masturbando? Que delícia! Mas fique tranquila, vou aliviar isso aí e dar a você mais

prazer. – abaixei, passei as mãos em volta da sua cintura e a ergui no ar para pegá-la em meus braços. Caminhei com ela em meu colo até o sofá. Pude sentir que ela me cheirava.

– Sophie eu quero possuir você do meu jeito e não será nada gentil. – deixei ela no sofá e olhei intensamente para o meio de suas pernas. – Eu sou dominante no sexo e quero muito que me deixe explorar essa possibilidade com você. Ao menos sabe do que se trata? – ela balançou a cabeça, apenas confirmando. – Posso fazer, então? – ela pensou por alguns segundos e decidiu experimentar. Era muita felicidade! – Tão gostosa! Minha nossa, como você é linda! Eu vou devorar você!

Não dei tempo para ela se preparar para o que viria a seguir. Sentei ao seu lado no sofá com as pernas ligeiramente afastadas. Minha ereção estava inacreditável até para mim, fiquei imaginando o que passava na cabeça dela ao ver aquele pau enorme louco para rasgá-la. Ela simplesmente entendeu o que eu queria, parecia já ter passado por isso antes. Com os olhos hipnotizados, Sophie se apoiou no sofá com as mãos e os joelhos e começou a se curvar sobre meu colo. Ajeitou-se e pressionou seus seios deliciosos na minha coxa esquerda. Passei a mão pelas suas costas e percebi mais alguns sinais esbranquiçados e uma cicatriz um pouco maior na lateral de sua escápula direita. Continuei descendo a mão e quando cheguei até sua bunda, meu pau se mexeu debaixo dela. Levantei a mão e espanquei sua bunda com toda força. O estalido me excitou até a alma. Ela se contorceu e gemeu, não sei se de dor ou prazer. Mas não queria pensar nisso naquela hora. Iniciei uma sucessão de tapas frenéticos que me faziam rugir de prazer. Sua bunda estava rosa com a surra, aquilo era mais que o suficiente para a primeira vez. Poderíamos intensificar nossa brincadeira em outras ocasiões. Aquilo já era demais! Ela havia se derretido em minhas mãos, ficando submissa e confortável quando eu assumi total controle do seu corpo. Era tudo que eu desejava.

Ajudei Sophie a se erguer e fui até minha mesa rapidamente, voltei já rasgando nos dentes o pacote do preservativo que havia buscado. Parei de frente para Sophie que estava em pé próxima ao sofá e coloquei o preservativo lentamente. Aquilo era íntimo demais. Peguei seu braço e a arrastei até minha mesa, empurrei tudo que estava em cima para o chão e dobrei Sophie com os seios para baixo naquele espaço duro e frio. Forcei uma grande abertura de suas pernas empurrando meus pés contra os dela e puxei seus punhos para trás. Peguei a algema que ela tinha usado durante o processo de pintura e a algemei naquela posição. Senti sua respiração se acelerar ruidosamente. Jamais esqueceria aquela imagem, era sensual demais. Passei os dedos em sua abertura e incredivelmente ela estava ainda mais molhada e sua bunda estava quente e rosa por causa da surra. Com uma mão segurei firme seu quadril, e com a outra segurei seus cabelos. Arremeti aquela mulher maravilhosa contra mim e a penetrei tão rápido e forte que até eu senti dor. Ela deu um grito alto e desesperado. Minha intenção era causar essa dor mesmo. Ela ficaria marcada, jamais me esqueceria. Comecei a meter cada vez mais fundo e duro naquela posição. O sexo era violento.

– Adam! Adam! Adam! Eu vou gozar! – ela gritava cada vez que eu fazia mais força e a penetrava mais rápido e mais fundo.

– Caralho. Como eu entro fundo assim em você. Como você está quente, molhada e tão apertada. – grunhi em seu ouvido. – Se você gozar agora, eu juro, que começarei tudo novamente, mesmo que você

não aguento mais de dor. E vou surrar você ainda mais. Portanto, não goze, fará isso apenas quando eu deixar. E acredite, isso é para aumentar o seu prazer. Confie em mim!

Perdi a noção de quanto tempo ficamos ali, enlouquecidos e entregues um ao outro. Feito dois animais. Quando senti que ia gozar, desejei proporcionar-lhe a sensação mais intensa de sua vida. Soltei seus cabelos e agarrei firme sua garganta, forçando-a se curvar toda para trás e colocar seu corpo colado ao meu. Com a outra mão, desci até seu clitóris durinho e comecei a esfregar o dedo ali intensamente. Minhas pernas começaram a tremer por causa do prazer. Falei um palavrão em seu ouvido e meti ainda mais forte quando a ouvi urrar meu nome.

– Goze Sophie! Goze agora pra mim, você é minha! – ela obedeceu gritando de alívio e gozando tão forte que seu corpo inteiro convulsionou. Desabei jogando Sophie sobre a mesa no orgasmo mais intenso que já tive em toda a minha vida. Ficamos ali, naquela posição por algum tempo, e quando consegui me erguer, vi que ela não tinha forças para fazer o mesmo. Retirei as algemas e segurei Sophie em meus braços. Exausta, ela apenas passou seus braços em meu pescoço ainda de olhos fechados. Saí da biblioteca com a minha musa no colo, desci as escadas e entrei no quarto que havia separado para ela. Coloquei na cama aquela mulher que não saía da minha cabeça havia semanas e puxei o cobertor por cima de seu corpo seminu e completamente relaxado. Ela virou-se para o canto e desabou em um sono tranquilo e profundo. Dei um beijo em seus lábios e observei por um tempo a beleza incomparável daquela mulher. Apaguei as luzes e saí dali. Com tanta inspiração, eu precisava voltar para minha tela e pintar.

VI

Acordei me sentindo completamente confusa. Meu cérebro custou a raciocinar sobre o local onde eu estava e o que havia ocorrido. Foi quando me senti gostosamente dolorida e preguiçosamente satisfeita. Ainda estava de meias e luvas. Imediatamente, como mágica, as lembranças me levaram novamente à biblioteca e aos braços de Adam. Meu Deus! Aquilo havia acontecido mesmo? Eu havia feito tudo aquilo com praticamente um desconhecido? O que deu em mim? Sim, uma loucura. Acabei cedendo às investidas daquele homem incrível.

Senti uma fisgada na nuca e minha cabeça começou a doer. Todas as lembranças terríveis do passado que lutei tanto para deixar adormecidas, estavam de volta me assombrando. O gatilho para que isso ocorresse foi aquele sexo sem limites e violento, no qual me entreguei junto ao Adam. Eu errei, errei muito. As lágrimas escorriam pelo meu rosto. Toda aquela dor e humilhação estavam de volta. Tudo me ferindo novamente. Por que simplesmente eu não podia seguir em frente como as pessoas normais faziam? O Adam me devolveu meu corpo enquanto mulher, e agora eu estava imersa em sofrimento novamente. Que droga!

Olhei para o criado-mudo ao lado da cama e vi no relógio que já eram quase cinco da tarde. Meu Deus! Quanto tempo eu dormi? Por horas? Será? Não me lembrava a que horas havia adormecido. Só me lembro de ter chegado aqui nos braços fortes de Adam. Que vergonha! Como vou encará-lo agora? Dei um pulo da cama e fui acender as luzes. O impacto foi imenso. O quarto era enorme, aconchegante e lindo. A cama era tão grande que fiquei realmente muito pequena diante dela. As roupas de cama eram todas brancas e macias. Macias e cheiravam suavemente uma fragrância que parecia jasmim. Em frente à cama havia uma mesinha, e na parede acima dela, uma TV. De cada lado da mesa, portas opacas de vidro. Supus que fossem o closet e banheiro. De um lado do quarto, a porta, e do outro, uma janela enorme por onde entrava um restante de claridade pela fresta das cortinas de renda, e pude ver que a vista era tão incrível quanto eu imaginava. A cidade ficava deslumbrante ali do alto! Lindo de viver! O engraçado era lembrar que já tive um quarto maior que esse em um tempo não tão distante e que tinha sido muito feliz e muito triste nele...

Sentei-me na cama para sentir o quanto ela era confortável, e um pouco mais calma observei que em cima da mesa havia uma bandeja. Me aproximei e dei um sorriso largo e bobo. Uma gentileza tão delicada que voltei a chorar. Como era bom ser mimada e sentir um carinho!

Na bandeja havia croissants e uma xícara de chá ainda quente, sinal de que ele havia colocado aquilo ali há pouco tempo. Chá é tão britânico, pensei e sorri. Havia também uma tigela com frutas

vermelhas, um jarrinho com pequenas margaridas, alguns pauzinhos de canela e uma pequena vela simpática com a chama dançando com o vento. A bandeja me lembrou do ambiente na biblioteca hoje mais cedo. E um arrepio tomou meu corpo. Isso tudo era muito fofo! Mas por quê? Por que ele havia se dado ao trabalho de fazer tudo isso se já havia conseguido o que queria? Foi quando pensei que eu era muito burra em imaginar que ele havia feito isso. Deve ter sido a empregada, concluí. Ainda assim, era um prazer que eu estava adorando receber. E tive um pequeno momento de genuína felicidade e como era bom!

Debaixo do jarrinho de flores havia um bilhete que só depois vi. Uma letra masculina que dizia:

“É hora do chá para alguém tão britânico como eu. Como não sabia do que você gostava, escolhi meus sabores favoritos: frutas vermelhas, croissants amanteigados e chá de hibisco. Espero que goste, caso contrário, sinta-se à vontade para ir até minha cozinha e preparar o que preferir. Peço desculpas por estar sem governanta hoje, dei folga a ela para que você não se sentisse constrangida com outras pessoas pela casa. O chá deve enganar sua fome até à hora do jantar, uma vez que não almoçou. Peço desculpas por isso também. Espero que tenha descansado, não quis acordá-la. Você fica ainda mais linda quando dorme. Tem roupões e produtos femininos no seu banheiro. Espero que sirvam. Aproveite e relaxe. Estarei na biblioteca ou no escritório, você já sabe onde ficam. A.”

Ele era completamente britânico, controlador e prolixo. Fato. Dei um sorriso bobo ao concluir. Ele assinou apenas como “A”. Fiquei olhando aquele bilhete até que meu estômago resolveu me mostrar que o chá não era má ideia. Estava realmente com fome. Havia tomado apenas o café da manhã e fiz todo aquele exercício mais cedo com o Adam. Precisava comer e rápido.

Tomei meu chá tão especial e resolvi viver aquele momento como se fosse o último sonho, o último instante da minha vida. Vai saber se isso se repetiria novamente. Acreditava que jamais se repetiria. Eu mesma não permitiria.

Resolvi seguir as ordens em forma de gentileza do bilhete de Adam e fui descobrir qual das portas davam para o banheiro. Abri a do lado esquerdo e vi um closet imenso. Provavelmente caberia todo meu apartamento ali dentro. Outro exagero do senhor megalomaniaco controlador. Quando abri a outra porta, outro choque, o banheiro era simplesmente enorme e asséptico, completamente branco. Com certeza daria para ver um fio de cabelo no piso. Mas era lindo e a banheira igualmente gigante era convidativa. Em cima da bancada do lavabo havia uma cesta enorme repleta de produtos cheirosos. Sabonetes, sais de banho, xampu, óleos e hidratantes corporais, escova de dente e até um secador de cabelos. Ao lado, um amontoado de toalhas e roupões felpudos e macios. Outra gentileza.

Mas no fundo, tudo aquilo era demais para mim. Não fazia sentido algum. Eu precisava ir embora e rápido. Aquilo tudo estava começando a me assustar. Ninguém era tão gentil a troco de nada e Adam já teve o que queria. Não fazia sentido esse jogo de conquista e sedução. Tomei um banho de ducha e lavei os cabelos. Quando terminei, me dei conta que minhas roupas e minha bolsa haviam ficado na biblioteca. O jeito era vestir um roupão mesmo e ir até lá. Era hora de encarar Adam novamente e eu estava bem envergonhada com toda a situação.

Antes de sair do quarto, recolhi a bandeja e decidi que arrumaria as coisas na cozinha antes de ir

embora. Desci as escadas em silêncio e entrei na cozinha grande e moderna. Depois de tudo limpo, decidi subir até a biblioteca para pegar minhas coisas e ir embora dali. Não sabia se voltaria novamente. Estava muito incomodada e emocionalmente abalada com tudo aquilo.

Eu precisava demais do dinheiro, demais mesmo. Mas não sabia se teria forças para suportar tanta dor novamente. Enquanto eu subia as escadas, percebi que vinha um barulho do escritório de Adam e resolvi ir até lá checar se ele estava no escritório. Conversar de uma vez por todas seria a melhor maneira de decidir que rumo tomaria aquela situação embaraçosa. Que droga! Que inferno!

A porta estava aberta e ele estava ao telefone, bati na porta para avisar que estava ali e se podia entrar. Ele fez um sinal com as mãos para que eu entrasse e continuou a falar, só que agora me olhava de cima a baixo com um semblante agradável de aprovação.

– Sim, Phillip, cem mil dólares diretamente nessa conta ainda hoje... Não. Justifique apenas como doação, sem muitas explicações. Peça à senhorita Trevillan para me enviar a agenda de compromissos da próxima semana por e-mail. Sim, veremos isso depois, tenho um assunto importante agora... Sim, se precisar estarei em casa, mas só se for urgente. – com isso, terminou a ligação.

Adam ficou ali, parado, olhando para mim, como se eu fosse uma obra de arte. Gelei dos pés à cabeça e não sabia muito bem como reagir. Era constrangedor. Ele sabia que eu estava nua debaixo daquele roupão. A situação só piorou quando ele fechou os olhos, respirou fundo e mordeu o lábio inferior. Aquilo era um ato primitivo que sinalizava muito bem quem era a caça e o caçador. Ok! Era o momento de quebrar o gelo e mudar de rumo.

– Obrigada pelo chá, foi... Muito gentil. – disse, apertando a faixa do roupão ainda mais contra meu corpo. Era um gesto inconsciente de autoproteção, de autopreservação.

– Dormiu bem? Sente-se renovada? Conseguiu relaxar no banho? Quero que esteja se sentindo ótima para a hora do jantar. Podemos jantar por voltas das vinte horas, o que acha? Talvez eu resolva apresentar a você minhas habilidades culinárias. Posso surpreendê-la!

– Adam, eu não estou aqui para falar sobre nada disso e não pretendo dormir em sua casa. O que aconteceu entre nós dois foi um enorme erro e complicou tudo a ponto de eu achar que não devemos levar esse contrato adiante. Gostaria de cancelá-lo agora mesmo. Quero ir embora. É o certo a fazer.

– Não aceito. – foi simplesmente o que ele disse, cerrando os punhos e dando um soco na mesa que fez com que todos os papéis saíssem do lugar. – Além do mais, acabei de solicitar a transferência financeira. Exatamente neste momento, você está cem mil dólares mais rica do que quando entrou em minha casa hoje. – disse, olhando duramente nos olhos.

– Adam, isso não é um problema. Posso efetuar uma transferência para você imediatamente. Acabamos confundindo as coisas mais cedo. Nada disso podia ter acontecido, peço que esqueça. Sinto muito se dei a entender que queria fazer sexo com você, juro que em momento algum foi essa a minha intenção. – ele se levantou e veio andando a passos lentos até mim.

Ai, meu Deus! Como vou resistir a essa tempestade em forma de homem? Ele me olhou profundamente, me segurou pelos braços e me deu um beijo profundo e sensual. Em segundos eu estava prensada na parede com um muro de músculos por cima de mim. Suas mãos abriram meu roupão antes

que eu ao menos percebesse o ato, e subiam e desciam por todo meu corpo, fazendo uma corrente elétrica me cortar por dentro. Era demais! De repente ele parou e me olhou nos olhos com aquele sorriso de quem havia provado a teoria do surgimento do universo. Que ódio de mim! Por que simplesmente não o afastei a tempo de me preservar?

– Sophie, eu não estou nem perto de satisfeito em ter o seu corpo só para mim. Eu quero você de novo. Eu quero estar dentro de você de novo. Quero gozar tão fundo dentro de você que nunca se esquecerá que estive lá. Quero gozar dentro de você e sentir isso junto com você. Sua cabeça pode até dizer que você não me deseja e que isso é errado, mas seu corpo está dizendo completamente o contrário. Veja como seus mamilos estão endurecidos e seus seios inchados e pesados. E essa boceta deliciosa que já começou a ficar completamente molhada e aberta para mim. Você me deseja tanto quanto eu a desejo.

– Chega Adam! Quero ir embora agora mesmo. Você não tem o direito de me prender aqui.

– Não. Não tenho e não vou, Sophie. Mas tenho o direito de saber por qual motivo a mulher que transou comigo há poucas horas atrás, agora se sente arrependida e quer fugir de mim. Foi tão ruim assim? Não foi o que você demonstrou lá em cima.

– Adam, não é nada disso. É só que tenho problemas demais e muitas questões a resolver na minha vida. Não posso me envolver com ninguém. Não agora. Você é somente o homem que apareceu no momento errado. Só isso.

– Vou pedir ao Hamilton para levá-la para casa... Depois que você se sentar ali e conversar comigo como uma mulher adulta faria. Apenas quero saber que problemas são esses. Acho que mereço um voto de confiança e uma explicação. Não há nada que eu não possa resolver. Você tem outro homem? É isso?

– Tudo bem! Você quer ouvir toda a merda que vem junto com a minha vida? Sente-se ali. É você quem vai precisar se sentar. – ele se irritou com minha voz alta de comando, foi para o outro lado da sala, onde havia um sofá, colocou uma cadeira em frente e se sentou nela, provavelmente esperando que eu me sentasse no sofá para conversar. E foi o que fiz.

Fechei o mais forte que pude aquele roupão, precisava me sentir segura. Apertei meus dedos no tecido e olhei algum tempo para baixo, para meus pés descalços. Precisava reunir forças. A única pessoa que sabia sobre esse assunto era a Nana. Mas era incrível a confiança que Adam me passava e eu queria dividir todo esse peso com mais alguém. Mesmo que eu não contasse tudo a ele. Mesmo que a história ficasse pela metade. Mesmo que ele sentisse nojo de mim depois de ouvir tudo. A verdade é que eu sentia nojo da minha vida. Era nojento.

– Fui de certa forma vendida em meu país para um homem mais de trinta anos mais velho que eu. Eu tinha apenas quinze anos de idade na época. Esse homem me humilhou, me chantageou, me estuprou e me espancou quase todos os fins de semana durante os quatro anos seguintes da minha vida. Fui usada como um objeto. Ele me tratava como uma puta. Todas essas feridas ainda estão muito abertas em mim. Eu ainda sinto os cheiros, as vozes, os gritos, os espancamentos e toda aquela violência que me mudou para sempre.

Ouvi um barulho e quando levantei meu olhar, Adam havia saído da cadeira tão bruscamente, que ela caiu bem à minha frente. Ele andava de um lado para o outro esfregando as mãos nos cabelos. Droga! Eu

não tinha contado quase nada da história e ele já estava irritado. Eu precisava arranjar forças, me levantar e sair dali, aquilo era um erro. Eu sabia que seria. Levantei e comecei a caminhar de cabeça baixa até a porta.

– Onde pensa que vai? – parei, mas não me virei. Não conseguia olhar para ele de tanta vergonha que sentia naquele momento. Era horrível. Mais horrível do que pensei que seria.

– Vou embora. Era o que eu devia ter feito há horas atrás. Aliás, nem sei por que aceitei essa loucura. Sinto muito por ter começado a contar para você toda essa porcaria da minha vida.

– Volte. Sente-se ali mesmo onde estava e continue. Não me obrigue a fazer uma loucura de verdade, Sophie!

Não sabia como reagir. Foi quase como um robô que voltei, me sentei, apertei meus braços ao meu redor e fiquei olhando para baixo com os olhos cheios de lágrimas. Doloridas lágrimas.

– Como seus pais permitiram isso? – ele parou de girar pelo escritório e parou bem em frente a mim para me ouvir e observar.

– Meu pai está preso e nem sei o motivo, nunca convivi com ele, nem sei direito quem ele é. Foi minha mãe quem me obrigou a ficar com aquele homem em troca de dinheiro para ela e uma passagem para Portugal, o país onde ela sempre sonhou em viver com minha irmã mais velha e onde ela tinha alguns familiares vivendo.

– Por que não procurou a polícia? Não existem leis em seu país? Aliás, de onde você veio?

– Fui chantageada durante todos aqueles anos. O homem dizia que sabia onde minha mãe e irmã estavam, e que as mataria se eu abrisse a boca ou se me recusasse a fazer suas vontades. Eu não tive escolha. Fosse como fosse, era minha única família. E eu sabia que ele faria o que quisesse por causa do poder e da quantidade de dinheiro que ele tinha.

– Puta que pariu Sophie! Isso é pedofilia.

– Eu sei. Tenho plena consciência disso hoje. Mas na época, tudo o que eu tinha era medo. Eu era uma menina boba, vinda de uma cidade pequena. Não sabia nada da vida e tinha medo que todas as pragas da bíblia caíssem sobre mim. Eu achava que a culpa de tudo aquilo que eu vivia era minha por ter sido amaldiçoada com essa beleza que despertava desejos nojentos nos homens. Eu me culpei o tempo todo até entender a verdade.

– Quem é ele? De onde você veio? Não quero perguntar isso novamente. – Adam estava irritado. O ódio era visível em seu olhar. Cheguei a ter medo da expressão que ele fazia.

– Ele era um político e eu sou do Brasil.

– Como você veio parar aqui? O que você fez?

– Essa é a última parte da história. Tem muito mais antes disso.

– Tudo bem, Sophie. – ele levantou a cadeira e se sentou novamente na minha frente. – Continue.

– Quando estava próximo de completar dezoito anos, tudo que eu queria era fazer faculdade. Eu sonhava com isso. Meu diploma de colégio era falso, foi comprado por aquele homem, já que ele não me deixava sair de casa. Eu insistia muito que queria concluir os estudos e ele resolveu comprar o tal diploma para me calar, me satisfazer. Mas eu estudava por conta própria todos os dias na biblioteca que

tinha naquela casa onde eu vivia. Na verdade, fazia isso quando não estava acorrentada e trancada em algum lugar. Eu sonhava com o dia em que toda aquela tortura fosse chegar ao fim. Eu faria faculdade e teria uma vida de verdade. Era isso que me mantinha viva. Foi por isso que resisti à tentação de eliminar minha própria vida tantas vezes, apesar de ter pensado muito em suicídio...

Adam não desgrudava seu olhar de mim. Mas sua expressão estava vazia. Não conseguia compreender o que ele estava pensando ou sentindo. Seus punhos estavam fechados sobre suas pernas e sua respiração era irregular e ruidosa. Parecia sentir ódio de mim.

– Como alguém nunca denunciou esse homem?

– Bem, eu ficava presa em uma casa enorme em uma ilha do Rio de Janeiro, e quando a família dele ia para a ilha, eu ficava escondida na casa da governanta. Quem sempre estava por lá era o caseiro, a governanta, as empregadas e os seguranças, que eram tão fiéis a aquele homem, quanto um cão ao seu dono. Para todo o restante do país, aquele homem era importantíssimo. Além do mais, ele tinha uma família, filhos e uma carreira de sucesso. Minha mãe mesmo o conheceu em uma campanha política na cidade onde vivíamos e foi trabalhar na casa dele levando minha irmã e eu. Para ela, aquela foi a salvação da nossa pobreza extrema.

– Como você fugiu de lá?

– Eu não fugi. Ele se cansou de mim. Provavelmente queria carne nova. Aos dezenove anos de idade, eu já estava velha demais para atender aos desejos dele. Então, um dia, ele chegou à ilha em seu helicóptero, entregou meus documentos, me mandou arrumar a mala, me deu algum dinheiro e ordenou que seu piloto me levasse para qualquer lugar que eu pedisse. Ele ainda me alertou que se eu contasse qualquer coisa a alguém, à polícia ou à mídia, que me mataria e me encontraria, nem que fosse a última coisa que ele fizesse na vida. É claro que acreditei. Nesses quatro anos em que fui escrava daquele homem, escutei telefonemas e vi as coisas assustadoras que ele fazia ou mandava fazer. No mais, estava tão feliz em poder me livrar de toda aquela merda, que tudo que fiz foi sair quase correndo de lá. Quem acreditaria em mim? Seria a palavra dele contra a minha. Eu era uma ninguém, na verdade, ainda sou.

– E para onde foi? O que fez depois?

– Fui largada na cidade do Rio de Janeiro. Com pouco dinheiro no bolso, eu comia apenas quando a fome já estava insuportável e dormia pelas ruas mesmo. A primeira coisa que fiz quando conquistei minha liberdade foi tomar um banho de mar e olhar as pessoas na praia. Havia tantos anos que não via pessoas diferentes que senti até uma espécie de fobia. Em seguida, o plano que veio à minha mente era a faculdade. Eu precisava me inscrever em algum cursinho para depois fazer a prova do vestibular de alguma universidade pública. Para que isso acontecesse, eu precisava de um emprego. Só que, no Brasil, onde até para quem tem curso superior é difícil conseguir emprego, não foi nada fácil. Veja bem, eu não tinha referências, nem endereço. Ninguém confiaria em mim e me daria emprego. Então um dia, caminhando pelas ruas com minha malinha nas mãos, passei em frente a uma pousada simples. Entrei e perguntei o valor do quarto, tudo que eu queria era descansar em uma cama e tomar um banho que não fosse de mar. A senhora, dona da pousada, quando me viu, sentiu pena de mim. Eu estava suja, cansada, havia emagrecido muito e meu estômago roncava de fome. Ela me ofereceu um emprego em troca do

quartinho dos fundos e um pouco de comida. Nem pensei para aceitar. Se bem me lembro, eu estava tão feliz que, se tivesse forças, poderia pular de alegria.

– E então? – ele me olhava quase cético.

– Então, em pouco tempo conquistei a confiança daquela senhora com o trabalho pesado, que eu fazia com dedicação e empenho. Ela aumentou meu salário e eu pude colocar meus planos em ação. Corri para me inscrever em um cursinho preparatório para a faculdade e, em apenas um ano, me sentia preparada para me inscrever na prova do vestibular. Minha dedicação foi imensa! Eu vivia um sonho! Tinha um teto, cama, comida, podia estudar e sonhar com uma vida nova e dias melhores. Então fiz a prova.

– E conseguiu?

– Sim, passei no curso de Administração. Arrumei um emprego no período da tarde na lanchonete do campus da universidade e à noite continuava trabalhando como faxineira até o início da madrugada na pousada onde dormia. E assim foi pelos anos seguintes até a minha formatura.

– Então você superou tudo que aconteceu antes disso?

– Até cair na burrice de me envolver com a pessoa errada novamente. – Ele franziu a testa e permaneceu em silêncio esperando explicação.

– Eu sonhava em participar do baile de formatura da faculdade, mas como tudo no Brasil, isso era caríssimo. Um dinheiro que eu não podia dispor. Estava com quase vinte e cinco anos e revoltada por ver como a vida sempre me fazia mal e me dava o seu pior. Eu queria socar o mundo! Então, no dia da formatura, resolvi sair sozinha e beber muito por vários bares vagabundos da cidade. Nunca tinha feito isso antes. Foi quando conheci um jovem norte americano chamado Neal White que falava português quase fluentemente, ele visitava muito o país, pelo menos foi o que me disse. Ele estava passeando por Copacabana, um bairro turístico da cidade, e eu, completamente alcoolizada, acabei trombando com ele. Neal era deslumbrante, certamente tinha chamado a atenção de muitas mulheres pelas ruas, mas se sentiu atraído por mim, uma moça ridícula, pobre e com o futuro incerto. Tive medo no início por causa de todo o meu histórico anterior, mas burra que sou, resolvi dar uma chance para a pessoa errada. Só que quando descobri isso, já era tarde demais, já estava apaixonada e envolvida nas maiores enrascadas.

– O que aconteceu Sophie? Quem era esse homem? O que ele fez com você?

– A princípio, Neal era o príncipe encantado dos meus sonhos, a primeira paixão da minha vida. Ele sabia tudo que eu tinha vivido antes e me aceitava mesmo assim. Passamos dias incríveis juntos. Apresentei a ele a cidade mais linda daquele país e ele me apresentou o luxo, a boa vida e aquilo que, na época, eu julgava ser a extrema felicidade. Até que ele fez uma proposta. Pediu que eu viesse com ele para Miami, que nos casaríamos e viveríamos felizes para sempre, como em um conto de fadas. Ele me levou para o hotel mais caro da cidade e fez com que eu me sentisse uma princesa, tudo para me convencer, e conseguiu. Depois de algumas semanas, meu passaporte e meu visto estavam prontos e eu embarquei em um sonho que se transformou no pior pesadelo da minha vida. Veja que ridículo, aceitei vir morar em um país que eu desconhecia com uma pessoa mais desconhecida ainda, de quem eu nem ao menos sabia com que trabalhava. Como pude ser tão ingênua? Sinto-me uma idiota ao pensar em todas as

besteiras que fiz.

– Sophie, às vezes o sofrimento é tão grande que faz com que as pessoas vejam felicidade até em uma lata de lixo. Mas continue. O que pode ter acontecido de pior com você em Miami?

– Vou resumir em algumas palavras, porque os detalhes são lembranças horríveis e sórdidas que eu prefiro não expor aqui. Acabei realmente me casando com Neal White, ou seja lá qual o nome verdadeiro ele tenha. Depois de um tempo, comecei a questionar coisas como de onde vinha todo o dinheiro dele, por que não havia conhecido sua família, em que ele trabalhava, entre outras coisas importantes. Então o pesadelo começou de verdade. Ele ficou agressivo, me batia, me torturava e me obrigada a fazer sexo com seus amigos na frente dele. Me humilhava das piores formas possíveis, dormia com várias outras mulheres na minha frente, e por fim, me envolveu no esquema de tráfico de sua gangue. Ele é o que vocês chamam de ‘o grande chefe’. Eu simplesmente não imaginava isso. Meu mundo havia desmoronado novamente.

– Como é, Sophie? – O espanto era visível no rosto de Adam.

– Isso mesmo que está ouvindo, Adam. Quando decidi resistir a tudo e encarar Neal de frente, ele sabia que, ou me deixava sumir da sua vida ou teria de me matar. Por um pequeno momento, realmente achei que aquele monstro era verdadeiramente apaixonado por mim, pois não teve coragem de me matar, e acredite, isso seria muito fácil para ele. Apenas ouvi todas aquelas ameaças que já tinha ouvido um dia em meu país e fui expulsa de casa com apenas alguns poucos trocados. Além do mais, eu tinha me tornado um problema ainda maior para ele por causa das coisas que haviam acontecido comigo durante aquele ano que ficamos juntos em Miami e pelo fato de tê-lo traído em um de seus crimes, fazendo com que fosse quase pego pela polícia. Eu realmente o amei muito no início, mas isso não significava mais nada no final. Era só dor e revolta. Apenas o mesmo ódio e nojo que senti antes no Brasil e que agora sentia por Neal e por tudo em que ele havia transformado a minha vida.

– Como assim, um problema maior? O que pode ser pior do que tudo que já me contou?

– Nada que tenha importância nesse momento. O que aconteceu foi que arrumei novamente minhas malas, peguei um avião, saí da Flórida e fui parar em Raleigh na Carolina do Norte. Nada deu certo lá e vim parar aqui em Nova York. Conheci a Sylvia, minha colega de trabalho na casa de shows. Ela me ensinou a dançar e cantar, conseguiu um emprego para mim e o resto você pode imaginar. Nenhuma mulher fica na Shades in Red sem se vender para os clientes, mas como os clientes me elogiavam muito e me queriam, nem que fosse para olhar, o dono acabou me deixando trabalhar na casa.

– Algum desses dois homens procurou por você novamente?

– O homem do Brasil não. Desse nunca mais tive notícias. Já o Neal... É aí que entra o problema que pode afetar você e sua vida. Ele ainda é obcecado. Foi atrás de mim em Raleigh e me queria de volta a qualquer custo, me ameaçava, aprontava absurdos e eu morria de medo. Ele ainda não me encontrou aqui em Nova York, mas pode encontrar, porque isso é muito fácil para ele. E acredite em mim, você não vai querer seu nome ligado a uma mulher de traficante. Ainda mais do Neal. Ele é frio, perigoso e muito sujo. Ele me disse que mataria qualquer um que se envolvesse comigo. Ainda sou dele... Neal jamais aceitará que eu seja de outro homem.

– Vocês ainda são casados?

– Infelizmente sim. Não acho que ele jamais se divorciará de mim, como disse, ele é completamente obcecado. Tenho certeza de que ele faria qualquer loucura para me ter de volta e por isso, vivo com medo.

– E seu nome verdadeiro?

– Está morto e enterrado. Quando chegamos a Miami, Neal me disse que o melhor para mim seria esquecer totalmente a vida no Brasil e começar do zero. Acabei caindo na conversa dele, era muito ingênua. Ele mudou meu nome, conseguiu documentos falsos e nos casamos em seguida. Por favor, não me pergunte mais sobre nomes, tudo bem? Há coisas que seu eu te contar, certamente serei morta. – olhei para ele, que parecia completamente horrorizado por tudo que eu havia contado. Era demais até para aquela figura masculina dona de seu universo.

– Adam, por favor, me deixa ir embora. – foi tudo que consegui dizer depois.

– Suba e pegue suas coisas. Vou pedir ao Hamilton para levá-la para casa.

Foi tudo o que ele disse. E foi tudo o que ouvi. A sensação de humilhação era tão grande que causava dor física. Se eu não tivesse outra questão em minha vida maior do que tudo que contei ao Adam, sairia dali direto para a linha do metrô. Morrer seria mais digno, mas eu ainda tinha muito por que lutar. Apenas me levantei, olhei para ele pela última vez e subi as escadas. Derrotada, humilhada e mais uma vez, usada e jogada no lixo.

VII

Putaquepariu! Que droga foi essa que me aconteceu? Em que me meti? Eu transei com a mulher de um traficante e eu estava completamente enlouquecido por ela. Aquela mulher era como um vício. Passei semanas planejando como levar a mulher de um traficante para cama. E que porra de passado era aquele? Que merda! Droga! Sophie veio até minha casa, ela tinha um contrato com minha assinatura e meus dados. Droga! Dei um murro tão forte na parede daquela biblioteca que pensei que havia quebrado minha mão. Sophie era uma mulher destruída emocionalmente, sem a menor chance de lutar contra os seus próprios demônios.

Comecei a girar dentro daquele lugar que me trazia lembranças tão vivas dela, seu cheiro, suas formas, seus gemidos, seus gritos de prazer. Merda! Eu precisava sair dali. Desci as escadas e lá estava eu, parado, em frente à porta do quarto onde ela esteve dormindo profundamente depois de um sexo tão intenso. Não resisti e entrei no quarto, me torturar parecia ser inevitável.

Foi só entrar para me lembrar de seu rosto lindo e preguiçoso depois do sexo. Fui até a cama e me deitei onde ela havia estado. Seu cheiro estava impregnado no lençol. Me lembrei do toque da sua pele. Era embriagador. Minha respiração acelerou e fiquei excitado imediatamente. Estava completamente ferrado. Aquela mulher causou algo em mim que eu nem mesmo sei explicar.

Era insuportável sentir seu cheiro ali. Levantei e vi alguns papéis em cima da mesinha. Era a cópia do contrato que eu havia dado a ela. Ela deixou aqui e tinha um bilhete no verso de uma folha. Sentei-me na cama para ler.

“Sinto muito por tudo. Sinto muito por você ter me conhecido e se interessado por mim. Sinto muito por ter sido fraca e ter cedido ao seu charme. Sinto muito por esse contrato. No fundo, eu sabia que tudo isso era errado e que podia ser muito ruim para nós dois. Peço desculpas por ter sido tão egoísta e pensado somente em mim diante da sua proposta. Peço que esqueça, esqueça tudo que nos aconteceu naquela biblioteca, esqueça tudo que contei em seu escritório. E pelo amor a Deus, não me entregue à polícia, não conte nada disso para ninguém. Eu tenho mais questões para resolver do que você sabe. Por favor, não volte mais à Shades in Red. Cada centavo do seu dinheiro estará em sua conta no primeiro horário da próxima segunda-feira. Ninguém saberá de nada disso, dou minha palavra. Jamais voltarei a dirigir meu olhar para você, não se preocupe. Nunca nos veremos novamente. Assim, como tudo na minha vida, o que aconteceu está morto e enterrado. Não significou nada para nenhum de nós dois. Adeus.”

Era um bilhete de adeus. Eu jamais voltaria a vê-la. Como assim o que aconteceu entre nós não significou nada? Quem ela pensava que era para dizer onde eu deveria ir ou não! Como ela podia achar

que todas aquelas porcarias que despejou em mim, não afetariam minha vida? Ela enlouqueceu? Sophie mexeu com toda a minha estrutura e achou que não foi simplesmente nada.

Ela só podia ser louca e tudo aquilo era um monte de mentiras. Não fazia sentido! Era tudo muito desesperador. Não podia ser verdade. O que aquela mulher havia feito comigo? Por que eu estava permitindo que ela me afetasse tanto? Que porra! O que eu devia fazer?

Saí do quarto com o contrato na mão, ficar ali estava me enlouquecendo. Eu me sentia péssimo. Primeiro, eu a forcei a transar comigo. Por mais que eu não quisesse admitir, fui eu quem criou toda aquela situação apenas para seduzi-la e trazê-la até ao meu matadouro. Fui eu que forcei a situação da biblioteca. Fui eu que a pressionei a contar sobre seu passado. E fui eu que a mandei embora feito uma vagabunda que não significava nada. Era isso que estava escrito naquelas linhas. Ela estava se sentindo uma vagabunda, usada, humilhada. Eu havia me tornado o pior de mim mesmo. Se me achava um canalha com as mulheres antes, agora eu era um perfeito imbecil. Eu precisava esquecer o dia de hoje... Completamente.

Desci para a sala, coloquei um CD do David Getta para tocar o mais alto possível e peguei uma garrafa de Dalmore. E algumas horas daquela noite se passaram assim.

- Alô, Nick! Ferrei com tudo!
- Adam? Adam é você?
- Claro que sou eu, porra!
- Você está bêbado? Está em uma festa?
- Nick, escute, ferrou tudo. Estou metido na pior merda da minha vida.
- Adam, onde você está? Não acredito nisso.
- Em casa, seu idiota. Estou em casa. Eu e minha garrafa de uísque.
- Droga! Chego aí em trinta minutos.

Quando me levantei do chão da sala, minha campainha tocava enfurecidamente. Tentei me equilibrar e ir até a porta.

- Que merda é essa, Adam?
- Ferrei com tudo Nick. Fodi com ela e fodi comigo.
- Ela? Quem é ela?

Apontei para o contrato no chão e cambaleei até o sofá. Sentei antes que desmaiasse. Vi quando Nick pegou minha garrafa, que estava pelo menos da metade, e os papéis. Ele colocou a garrafa no barzinho e começou a ler o contrato. De repente ele estava bem à minha frente.

- O que é isso Adam? Quem é Sophie? Que merda toda é essa e porque você está assim?
- Leia o bilhete no verso. – ele leu e permaneceu com o semblante completamente confuso.

– Não consigo compreender nada, Adam.

– A culpa é sua, porra. Você me falou do Shades in Red. É tudo sua culpa, seu filho da mãe!

– Shades in Red? A casa de shows? Adam, você precisa de um banho. Está horrível e cheira a álcool puro. Farei um café forte e depois, quando estiver com as ideias em ordem, vai me contar o que está acontecendo.

Subi para meu quarto, no segundo andar, apoiado em Nick e ele me jogou de roupa e tudo dentro da ducha gelada. Senti como se milhões de facas perfurassem minha pele.

– Seu veado! Filho da puta! – gritei com ele. Nick fechou a cara e apontou o dedo pra mim. Bufava de raiva. Achei que ele fosse me dar uma porrada.

– Escuta aqui, idiota. É quase uma hora da madrugada e você me tirou da cama, onde eu estava com uma loira pra lá de gostosa. Então, se eu ouvir mais uma ofensa vinda de você, vou lhe proporcionar a maior porrada da sua vida. Você tem quinze minutos para se transformar em homem novamente e ir até lá em baixo conversar comigo.

Tomei um choque com a reação do meu braço direito nos negócios e melhor amigo. Amigo de uma vida inteira. A pessoa em quem eu mais confiava no mundo todo. Caí na real e fiquei ali debaixo da água gelada até o porre passar. Tirei minhas roupas encharcadas, tomei um banho digno, escovei os dentes, coloquei uma calça de moletom e uma camiseta e desci para a cozinha. Graças a Deus, Nick não havia ido embora. Estava sentado à bancada com duas canecas enormes cheias de café saindo fumaça de tão quente! Não entendia por que americanos gostavam tanto de café. Mas agora não me parecia uma boa hora para fazer piadinhas e irritar Nick.

– Desculpa Nick! Eu fui idiota e não devia ter gritado aquelas besteiras com você. – sentei bem rápido em frente a ele, ainda me sentia muito tonto e enjoado.

– Tome esse café. Vai ajudar. – ficamos ali em silêncio durante algum tempo, enquanto tomávamos o café, que mais parecia uma sopa de tão forte. Meu estômago revirava.

– Agora, Adam, comece pelo início. O que aconteceu para você chegar a uma bebedeira desse nível? O que significam aqueles papéis e quem é Sophie?

Nick passou a última hora apenas me ouvindo. Era o que ele fazia de melhor na vida, me ouvia e depois me sugeria sempre a melhor solução, ele nunca errava. Em seguida já estava organizando toda a equipe para colocar os planos conversados em prática. Ele era muito bom no que fazia. Ele era o cara que colocava a máquina para funcionar e fazia as coisas acontecerem da maneira certa na empresa. Conheci Nick durante a época do colégio interno na Inglaterra. Apesar de ele ter nascido aqui em Nova York e sua mãe ser americana, seu pai era britânico, e fez questão de manter algumas tradições. Nós tínhamos doze anos de idade, nos tornamos melhores amigos assim que nos conhecemos e nunca mais nos desgradamos, até a faculdade fizemos juntos. Atualmente ele era o COO (Chief Operating Officer) da minha empresa, literalmente o homem que cuidava de perto de todo o meu negócio. Éramos como irmãos. A única pessoa no mundo que poderia me aconselhar sobre tudo que havia acontecido nas últimas semanas e especialmente naquela noite. Contei tudo a ele, desde a minha primeira ida à Shades in Red até o início daquela madrugada. Em momento algum ele alterou aquele semblante calmo de quem tinha a

solução nas mãos. Ele era sempre assim, o ponto de apoio da minha alavanca.

– Tudo bem, Adam. Agora que eu o ouvi, quero que me escute. Em primeiro lugar, me sinto profundamente arrependido por tê-lo apresentado e sugerido a Shades in Red, mas você estava estressado demais naquelas últimas semanas de negociação da aquisição dos prédios em Dubai. Senti que precisava relaxar e a Shades in Red é o local mais discreto, bem frequentado e de alto nível da cidade. Aliás, as meninas de lá são sempre as mais gostosas. Achei que seria uma ótima diversão para você, mas também não podia imaginar que você fosse se envolver com alguém tão problemática quanto essa tal Sophie. – ele fez uma pausa, como se colocasse os pensamentos em ordem. Depois continuou falando. – Você não pode ficar pensando que só porque transou com essa mulher, o tal mafioso vai vir atrás querendo matá-lo. Isso seria ‘teoria da conspiração’ demais para alguém tão racional como você. Nem sabemos se toda essa história é mesmo verdadeira. O primeiro passo será contratar um detetive particular muito bom, discreto e de confiança para investigar tudo isso. Quando estivermos com o relatório em mãos, então pensaremos no próximo passo. Mas até lá, evite contato com essa Sophie e não vá mais à Shades in Red. Estamos conversados?

Nick pegou o celular e começou a tirar fotos dos papéis.

– O que está fazendo, Nick?

– Preciso das poucas informações que temos dela para passar para o detetive. Guarde muito bem esse documento no seu cofre, não sabemos se precisaremos dele.

– Meu amigo, não sei como agradecê-lo! – meus olhos eram pura gratidão.

– Adam, me agradeça me poupando dessas ceninhas estúpidas de adolescente mimado. Onde já se viu, um homem na sua posição encher a cara de álcool? Agora vá se deitar, você está péssimo. Amanhã ligo para saber como está e para te informar sobre o detetive.

Fechei a porta quando Nick saiu e fui direto para minha cama. Desmaiei em poucos segundos.

Acordei com meu telefone berrando ao meu lado na cama. Era Nick.

– Nick!

– Acorda homem! Já passam das doze horas, levante-se, tome um banho, coma alguma coisa saudável e vá fazer algo produtivo. Estou ligando para você desde as dez da manhã. Quase voltei a sua casa.

– Eu apaguei totalmente, Nick.

– Eu sei. Mas hoje é sábado e o dia está ótimo lá fora.

– Peço desculpas por ontem novamente.

– Ah, deixa disso, Adam. Essa culpa não faz seu estilo. Na verdade você é bem filho da mãe quase sempre. – é claro que ele me fez rir com aquele comentário.

– O detetive já está com todas as informações que eu tinha e, a essa hora, já deve estar no rastro da sua maluca Sophie.

– Como assim? Você já achou um detetive? Você dormiu essa noite, Nick?

– Dormi. Na verdade o sono estava ótimo com uma loira gostosa e safada completamente nua fazendo conchinha em mim. Mas aí, meu melhor amigo me ligou com a cara enfiada em um porre e eu tive que vestir minha capa de Batman e ir socorrê-lo. Quem teria sono depois disso? – soltei uma gargalhada. – É claro que me propus a encontrar um detetive ontem mesmo, você estava péssimo e muito preocupado, e como sabe, sou ótimo no que faço, ou você não me pagaria à fortuna que me paga por ano, para ficar lá coçando seu saco na empresa. Mas quero adiantar, detetives bons e discretos são caros, esse, por ser o melhor, é mais caro ainda e isso não sairá do meu bolso, a não ser que agora eu receba também um aumento de salário por atividades secretas exercidas extra expediente de trabalho.

– Obrigado Nick.

– Está certo! Agora tira essa bunda feia da cama e vai curtir o dia! Estou comprometido com um almoço com minha mãe hoje, do contrário passaria aí para acabar com você em uma partida de tênis. Mas isso fica para a próxima. Se precisar muito mesmo, me liga. E esteja pronto, à noite pegaremos todas as gostosas na boate 232.

Passei o dia recluso em meu apartamento mesmo. Tinha muito que refletir sobre os conselhos de Nick. Inclusive levei quase uma hora de sermão por ter redigido e assinado um contrato com informações importantes sobre mim, sem o conhecimento do meu departamento jurídico. Isso foi ridículo mesmo. Nem acredito que fiz isso apenas para levar uma mulher para cama. Fui um perfeito babaca. Jamais repetiria isso em minha vida.

Mas Sophie não saía da minha cabeça. Nunca em toda a minha vida tive uma mulher como ela, que causasse em mim esse tipo de reação, esse tipo de sensação. Estava acostumado a levar para cama as mulheres que queria, normalmente, as mais disputadas e difíceis. Fazia o que quisesse com elas, e no dia seguinte elas iam embora e a vida seguia. Algumas até insistiam em querer mais de mim, mas sempre deixava claro que tudo que me interessava era uma boa trepada sacana e nada mais. Nada de relacionamentos e desgastes emocionais.

Mas com Sophie tudo isso havia ido por água a baixo.

Eram oito da noite quando Nick chegou ao meu apartamento. Até consegui me arrumar, mas não tinha ânimo para encarar uma noitada com mulheres. Não tinha certeza se devia ir à 232.

– Está pronto? Vamos? A noite nos aguarda, meu amigo!

– Nick, não serei uma boa companhia hoje. Acho que vou ficar e rever alguns contratos.

– Não vai mesmo. Combinamos uma saída e é exatamente isso que faremos. Eu, você, algumas doses de Gim-tônica e muitas mulheres lindas e descomplicadas, prontas para nos satisfazer.

- A Sophie mexeu comigo de uma forma... Não sei como explicar.

– Não precisa explicar. Eu vi isso ontem no seu rosto e no seu desespero. Não precisei de muito tempo para entender que pela primeira vez na vida você havia enxergado mais que bunda e seios em uma mulher, e por causa disso, estava entrando em uma loucura inconsequente. Mas infelizmente, era a mulher errada. Coisa da vida, meu amigo, acontece. O que você precisa agora é de outra mulher para satisfazer

esse seu ego enorme e fazê-lo esquecer dessa Sophie. Acredite, vai passar.

– Tudo bem, Nick. Você venceu. Vamos à caça!

VIII

– Sophie, abra essa porta! Não acredito que você esteja dormindo às dez da noite! Esqueceu que vamos sair? É noite das meninas, bebê!

Acordei em um pulo com aquela gritaria toda à minha porta. Levantei ainda zozona ouvindo a voz de Sylvia do lado de fora. Com tudo de horrível que havia me acontecido, esqueci completamente que eu tinha combinado de sair hoje à noite com ela e havia dormido por horas e horas. Saí cambaleando até porta. Diria a ela que não sairia naquela noite, pois não me sentia bem. Abri a porta e do lado de fora, Sylvia e Rush, meu vizinho, me olhavam espantados.

– Sophie, o que aconteceu com você? Estou aqui há pelo menos trinta minutos berrando em sua porta. Esqueceu que vamos sair? Gritei tanto que até seu gentil vizinho veio ver se podia ajudar. Estávamos preocupados. O que deu em você? Por que está assim ainda?

Observei que Sylvia me olhava como se tivesse visto um fantasma e Rush caminhava seu olhar lentamente de cima a baixo em mim como se eu estivesse... Ai, meu Deus, não tinha me dado conta de que estava apenas de lingerie.

– Ah, meu Deus! Que vergonha! Sinto muito, Rush. - saí correndo para dentro para pegar um agasalho e me enfiar nele logo. Quando me dei conta, Sylvia já havia entrado e trancado a porta atrás dela.

– Onde está o Rush?

– Quem? Ah, é esse o nome do seu vizinho gostoso? Ele foi para o apartamento dele bem chocado e visivelmente excitado. Se sua intenção ao aparecer à porta com essa lingerie azul, descalça, toda descabelada com cara de quem acabou de foder, e absurdamente sexy, era para seduzir o gostoso aí da frente, você conseguiu. Ele ficou completamente desorientado.

– Ah, me poupe, Syl! Estou péssima, a última coisa que quero hoje é um homem no meu pé.

– Desembucha logo, o que aconteceu com você?

– Nada. Só cansaço. – Sylvia sabia quando eu não queria falar e não perguntou mais.

– Como eu imaginava que você, como sempre, podia desistir de sair comigo, e colocaria a culpa na falta de roupa. Já me adiantei e passei na Shades in Red e escolhi um modelito maravilhoso para você. Também trouxe sapatos.

– Não estou a fim de sair hoje, só quero minha cama. – disse fazendo um beicinho.

– Já para o banho, você tem dez minutos para estar aqui fora linda e maquiada. Vamos! Vamos! – e foi me empurrando porta adentro do banheiro. Não tinha jeito, se não fosse, teria de aguentar o mau-

humor e os questionamentos da Sylvia pelo resto da semana.

Em exatos 14 minutos eu estava fora do banheiro, apenas de lingerie preta, esperando pelos poucos centímetros de tecido que a Sylvia teria escolhido. Para ela, quanto menos, melhor.

– E o vestido?

– Pode tirar essa lingerie porque não precisará dela. Não tem nada caindo aí no seu corpo. E o vestido que eu trouxe não permite que você use nada disso. – fiquei chocada.

– Você ficou doida, Syl? Acha mesmo que vou para uma boate sem calcinha?

– Na verdade, você vai sem absolutamente uma peça de lingerie. – disse, enquanto tirava o vestido da sacola. O vestido era preto e de renda, completamente curto, colado, decotado e transparente. Era o excesso de tudo. Totalmente exagerado. – Vista antes de começar a reclamar. Nem parece que você está acostumada a tirar a roupa na frente de dezenas de homens. Não seja hipócrita!

Depois de ouvir a reclamação da Sylvia, bufei, arranquei o vestido das mãos dela e fui me trocar no banheiro. Tirei toda a lingerie e me enfiei naquela peça. Fiz um giro em frente ao espelho para conferir como havia ficado. A peça tinha mangas 7/8, mas em compensação, na frente tinha um decote em ‘V’ que mostrava boa parte dos meus seios, e nas costas, um enorme decote arredondado que ia dos ombros ao início do bumbum. O vestido não era totalmente forrado, o forro era estratégico, apenas nas partes principais, por isso não dava para usar lingerie com ele. Minhas pernas estavam inteiras à mostra. Se eu respirasse um pouco mais forte e o vestido subisse, eu estaria nua em segundos. Era justo demais. Ótimo! Eu estava parecendo uma puta. Saí do banheiro e fui até Sylvia.

– Não dá Syl. Eu não sustento esse tipo de produção!

– Você ficou louca? Está gatíssima! Você realmente se olhou no espelho? Venha, vamos terminar de ajeitar você!

Sylvia me pegou pela mão, praticamente me jogou dentro do meu banheiro e ligou o modelador de cabelo. Prendeu minha franja e um pouco de cabelo para trás, de forma mais solta, fazendo um leve volume em cima. Com o modelador, fez ondas suaves no restante do cabelo, deixando com a aparência de bagunçado. Até que não ficou nada mal. Aplicou uma máscara para cílios preta à prova de água, um blush suave e gloss labial. Pelo menos ela respeitou o fato de eu odiar usar muita maquiagem fora do palco da casa de shows. Calcei um sapato preto, com o salto tão alto que ainda não sabia como me equilibraria em cima deles. Oh, Deus!

– Agora você ficou mais incrível do que já é! Vamos logo! – e lá fui eu completamente arrastada e desanimada para a boate 232.

Na porta da boate, esperando que a hostess nos deixar entrar, Sylvia continuou me dando ordens do tipo, sorria, faça charme, deixe os homens virem até você e os divida comigo e, principalmente, dance e se divirta muito. Quando tudo que eu queria era morrer...

Já na fila, começaram as piadinhas e cantadas mais descaradas dos rapazes que também esperavam para entrar. Sylvia estava cada segundo mais empolgada com a noite.

Então eu pensei, quer saber, que se dane o mundo! Se for para pirar essa noite, eu vou pirar! A minha vida não ficaria pior do que já estava. Vou entrar nessa boate, beber muito, dominar a pista de dança com a Sylvia e esquecer que existe passado, um mundo lá fora e homens lindos, ricos e deliciosos como Adam Collins.

– Vamos lá Syl, a hostess está nos chamando, vamos pirar! – Sylvia ficou assustada com minha mudança de atitude, mas adorou!

A balada já estava fervendo e lotada quando entramos. Era sempre assim na 232. A decoração daquele lugar era incrível! O lugar era enorme, as paredes eram vermelhas, no teto piscavam luzes ópticas com os números 232. O bar era gigante, o balcão circulava todo o primeiro piso e havia dezenas de barmans lindos e habilidosos. A pista de dança fervia bem no centro de todo esse ambiente. No segundo e terceiro pisos ficavam os camarotes, reservados para os endinheirados e famosos que frequentavam a casa. Mulheres como nós só subiam lá a convite dos herdeiros que nutriam a esperança de nos levar para a cama no fim da noite.

Depois de apenas uma hora lá dentro, já havíamos bebido diversos drinks, sem pagar por nenhum deles, tínhamos conhecido dezenas de rapazes e recebidos alguns convites para camarotes. Resolvemos não aceitar nenhum. Queríamos mesmo ferver na pista. A onda de depressão havia se dissipado um pouco da minha alma e eu me sentia um pouco tonta.

– Sylvia, vou ao banheiro. Preciso de um pouco de silêncio para minha cabeça parar de girar. – ela apenas levantou o polegar, não queria desviar a atenção do homem lindo que estava jogando a maior cantada nela. Era um rapaz que estava em um dos camarotes e havia descido somente para conhecê-la.

Fui me esquivando o máximo que pude da multidão, o que era quase impossível. A casa estava lotada e a todo o momento eu era parada por algum homem que queria me conhecer, me oferecer uma bebida ou simplesmente dançar se esfregando em mim. Custei a me aproximar da área do banheiro e quando coloquei os pés na escada que me conduziria até lá, senti um puxão forte em meu braço, e fui arrastada para um canto, onde fiquei prensada entre uma parede e... Ai, meu Deus! Era Adam. Adam estava ali e tinha me arrastado para um canto. Perdi o controle da respiração e fiquei parada, apenas o admirando. Ele estava lindo, vestido todo de preto. Minha mente devolveu todas as memórias do que havia acontecido comigo na casa dele e tive o impulso de sair dali imediatamente, antes que ele me esbofeteasse por frequentar o mesmo lugar que ele. Mas Adam me puxou de volta, me segurou ainda mais firme e mais próximo ao seu corpo e me olhou profundamente com um olhar animal.

– Sophie, o que você está fazendo aqui?

– Estou aqui a convite de uma amiga. Mas não se preocupe, vou embora agora mesmo. – disse, enquanto tentava me soltar, mas ele não deixou.

De repente ele se afastou apenas o suficiente para me olhar de cima a baixo e dar um suspiro.

– Nossa! Você está incrível! – eu não sabia como reagir àquele elogio. Não estava entendendo nada. Ele quase me expulsou de sua casa depois que contei sobre minha vida e agora isso?

– Você, por um acaso, é bipolar?

– Só quando estou na sua presença, Sophie.

– Eu preciso ir. – desta vez ele não impediu. Saí correndo dali. Entrei no banheiro, chorei durante um tempo, que mais pareceu uma eternidade e decidi que nada estragaria aquela noite. Eu voltaria para aquela pista de dança, me sentiria livre novamente e ignoraria o fato de que Adam estava ali naquele mesmo ambiente que eu. Lavei o rosto, me recompus e voltei.

– Você demorou Sophie.

– Havia uma fila. A casa está muito cheia hoje.

Sophie me apresentou a dois rapazes que estavam com ela e com o cara do camarote que parecia muito interessado nas suas curvas. Eram lindos, educados e super animados. Fomos para a pista de dança e logo começou a tocar ‘SexyBack’ do Justin Timberlake.

Deixei minha cabeça leve e meus pensamentos flutuando. Sylvia pulava agarrada ao pescoço do cara gostosão, como ela mesmo o chamou, e um mar de pessoas conversava e dançava liberando feromonios em toda a pista. Os dois homens à minha frente me olhavam como se fossem me devorar e eu começava a me sentir louca, selvagem e muito sexy, talvez efeito das bebidas. Mas eu precisava admitir, eu estava vestida para matar e dançaria até o mundo acabar. Joguei os braços para o alto, o que fez a barra do meu vestido subir, mas naquele exato momento, eu nem ligava. Comecei a girar e rebolar feito uma serpente, e mexia os quadris como somente uma legítima garota brasileira sabia fazer. Fechei os olhos e deixei a música que falava de sexo e algemas me levar dali e me conduzir a um mundo de delícias e prazer.

Quando abri os olhos novamente, uma plateia masculina havia se formado ao meu redor e Sylvia me olhava espantada. Então fui até ela para dissipar a vergonha que tomou todo meu corpo.

– Uau, Sophie! Você reuniu uma plateia babando por você, garota!

– Não seja boba, Syl. – e caí na risada. Tomei mais uns dois drinks e decidi ir ao banheiro novamente. Estava transpirando e queria me refrescar. Quando me levantei da banqueta do barzinho, a pista girou debaixo dos meus pés, eu estava definitivamente muito alcoolizada.

Durante o caminho para o banheiro, fui parada alguma vezes e teve até alguns rapazes mais ousados que tentaram roubar beijos ou passar a mão em lugares nada apropriados.

No banheiro, abri a água e me refresquei. Aquela sensação foi muito boa. O toque da água fria no meu corpo quente acabou me excitando e me fazendo recordar das sensações que senti na biblioteca do Adam. Aquilo foi demais! Um sexo tão intenso que não conseguia explicar.

Quando saí pela porta do banheiro fui barrada por uma parede de músculos bem à minha frente. Adam me puxou pelo punho, me puxando pelo corredor do banheiro e me apertou na parede lateral do corredor seguinte, que eu não fazia à menor ideia para onde dava, e era completamente escuro e vazio. Provavelmente ninguém ficava naquela área. Minha respiração ficou irregular, meus olhos perderam o foco e senti que estava muito molhada entre as pernas. Que Droga! O que ele pensava que estava fazendo? Não tinha esse direito.

– Você estava na pista de dança como uma vadia. Onde ficou a mulher triste, envergonhada, tímida e desolada que saiu da minha casa há apenas um dia? O que foi? Estava ali tentando fisgar um milionário otário para colocar mais cem mil dólares na sua conta bancária?

Quando dei por mim, havia esbofetado com toda a minha força o rosto de Adam. As marcas dos

meus dedos ficaram vermelhas em sua pele. Agora sim, ele me mataria ali, e com aquela música alta ninguém ouviria quando eu gritasse por socorro. Tentei me soltar para sair correndo, mas ele me impediu e em um segundo sua boca beijava meus lábios furiosamente a ponto de machucar, seus dedos apertavam tanto minha cintura que eu tinha certeza que deixariam marcas no dia seguinte. Tentei impedir, tentei recusar, mas foi inútil. Era impossível.

Minhas pernas ficaram bambas e pensei que fosse desabar.

– Eu estava ficando duro vendo você dançar daquele jeito. Você estava me provocando! Sabia que eu estava olhando. – disse passando a língua em meu ouvido. Eu mal conseguia acompanhar as palavras que ele dizia. Tudo parecia distante e surreal. Talvez eu realmente estivesse em um sonho. Como eu acordaria? Precisava sair dali. Adam me deu outro beijo e eu simplesmente esqueci a vida.

– Vou enfiar meu pau com muita força em você aqui e agora, e você vai adorar! – era uma voz de comando e eu estava hipnotizada e submissa. Meu cérebro não processava mais nada. O corredor estava escuro e parecia isolado do restante da boate, os lampejos de luz colorida e brilhante me davam o privilégio de, em alguns momentos, ver o desejo nos olhos de Adam. A música alta ressoava por todo ambiente, inclusive dentro do meu corpo. Adam começou a explorar meu corpo. Foi subindo a minha saia a ponto de toda a minha bunda ficar exposta. – Puta que pariu! Você está sem calcinha! E está completamente quente e molhada. – eu simplesmente não consegui ter uma reação sequer.

Ele continuou a exploração. Começou a tocar minha parte mais íntima, eu perdi o fôlego e desejei que aquele momento congelasse. Meus seios começaram a subir e descer conforme minha respiração acelerava. Comecei a sentir uma onda de prazer tomar todo meu corpo. Adam apenas abriu o zíper de sua calça e colocou toda aquela extensão para fora. Eu estava quase gozando só de olhar. Deixei meus braços caírem ao lado do meu corpo e espalmei minhas mãos na parede fria. Ele levantou uma das minhas pernas e encaixou em seu quadril, em seguida me penetrou com tanta fúria que bati minha cabeça na parede, e continuou metendo forte e rápido, como se desejasse que aquilo terminasse logo. Beijava e mordida meus lábios ao ponto que pude sentir o gosto de sangue na língua. De repente ele passou a língua em seu polegar e começou a manipular meu clitóris de forma vigorosa com aquele dedo. Em poucos minutos gozei no alívio do momento mais desesperado e louco da minha vida. Ele colocou o rosto em meu pescoço e meteu ainda mais forte algumas vezes mais, terminando com um grito abafado e com seus dedos quase cortando a carne da minha cintura.

Ficamos ali por apenas alguns segundos. Então ele saiu de dentro de mim deixando um vazio enorme em meu corpo. Desceu minha perna e enfiou os dedos dentro de mim para sentir o que havia depositado ali. Tinha certeza de que o homem das cavernas que vivia dentro de Adam adorava a ideia de toda aquela porra derramada dentro de mim. De repente ele se ajeitou e se aproximou do meu ouvido.

– Imagino que eu já tenha pagado por esta trepada também. – foi quando realmente me dei conta que havíamos transado sem preservativo. Isso era péssimo.

Adam deu as costas e saiu dali como se tivesse transado com uma puta, uma vadia. Era como eu me sentia naquele momento. As lágrimas doloridas voltaram a rolar. Tudo o que eu queria era sair dali. Não vi mais a Sylvia, ela devia ter ido embora com aquele homem que conheceu e deixou minha conta paga.

Peguei um taxi e voltei para casa me sentindo o pior lixo do mundo. Eu não valia nada.

IX

Haviam se passado duas semanas desde aquele sábado na boate e eu nunca mais tinha visto Sophie. O que não fazia tanta diferença já que continuei pintando meu quadro e pensava nela todos os segundos do meu dia. Tinha a imagem dela completamente sexy e entregue no sofá da minha biblioteca e completamente selvagem naquela boate. Era o suficiente para concluir minha pintura. O que eu achava injusto fazer, já que Sophie havia devolvido cada centavo do dinheiro que eu havia depositado em sua conta bancária. Eu tinha sido um crápula com ela na boate, mas não pude evitar.

Eu estava especialmente um tanto quanto tenso, pois teria um jantar com os árabes de Dubai para a conclusão do processo de compra de dois prédios. Tudo tinha que sair perfeito. Toda a equipe tinha passado meses empenhada nesse empreendimento. Não quis saber de café, desci logo para a garagem, queria fazer uma coisa antes de ir ao escritório.

– Bom dia, Sr. Collins!

– Bom dia, Hamilton.

– Wall Street, senhor?

– Não, Hamilton. Primeiro vamos fazer um pequeno desvio. Ainda se lembra de onde vive a senhorita Sophie?

– Claro que sim, senhor. Seguimos para lá?

– Sim, mas não pare na porta. Pare do outro lado da rua de onde eu tenha a visão da entrada e saída do prédio. – Hamilton apenas me olhou pelo retrovisor e confirmou balançando a cabeça que havia entendido minhas ordens. Tive a impressão de ver um sorrisinho naquele olhar. Mas resolvi deixar pra lá. Hamilton tinha gostado de Sophie. Ela era mesmo encantadora!

Algum tempo depois percebi que estacionávamos. O bairro me parecia perigoso e a rua era horrível.

– Senhor Collins, o prédio da senhorita Sophie é aquele de tijolos aparentes na esquina daquela rua sem saída. – disse, apontando apontou para o local. – Aqui é a melhor visão que o senhor terá. Como estamos no meio de dezembro, está bem frio e ventando bastante, mas se desejar pode abrir sua janela para observar melhor.

– Não Hamilton, deixa como está. Só vou ficar por alguns minutos e seguimos para o escritório depois.

– Perfeitamente senhor.

Devo ter ficado por duas horas ali. Eram quase dez da manhã quando resolvi dizer ao Hamilton que podíamos partir, mas então vi o que mais queria em todos esses dias. Sophie estava saindo pela porta do

prédio. Linda! Mas que merda essa garota tem na cabeça? Em pleno dezembro sair para correr com um top? Ela ia congelar. Coloquei a mão na porta do carro para abrir e falar com ela, o impulso era grande. Não, eu precisava me controlar. E lá se foi ela correndo, correndo para longe de mim. O que eu tinha na cabeça? Precisava ir para o escritório.

– Siga para meu escritório, Hamilton. Rápido. – rápido bastante para eu não fazer uma besteira, pensei.

Chegamos à entrada do Edifício Liberty, minha empresa ocupava os dois últimos andares de um dos prédios mais imponentes de Wall Street. Tudo que eu queria era não ter saído da minha cama hoje. Não fazia sentido vir trabalhar quando minha cabeça não estava no trabalho. Minha cabeça tinha ficado nas curvas perigosas de Sophie.

Passei pelas portas giratórias de vidro espelhado e fui direto para o elevador privativo. Inseri meu cartão e apertei o último andar. Era lá que ficava minha sala. Era lá que eu iria me trancar hoje. Não estava com cabeça para falar com ninguém, muito menos tomar decisões.

– Bom dia, senhorita Trevillan. Não passe ligações, cancele minhas reuniões e peça ao Sr. Smith para terminar de organizar a chegada dos árabes hoje. Confirme minha presença apenas para o jantar. – disse enquanto caminhava até a porta da minha sala.

– Sr. Collins? – virei o rosto e percebi que Rose, minha assistente, estava nervosa.

– O que foi senhorita Trevillan?

– O Sr. Smith está com uma pessoa em sua sala esperando pelo senhor. Eles o aguardam há quase uma hora. Tentei localizá-lo pelo celular, mas caía na caixa postal.

– Obrigada, senhorita Trevillan. Isso é tudo?

– Sim, Sr. Collins.

– Então, com licença. – entrei em minha sala feito um trovão, hoje meu humor estava dos piores. Por que raios o Nick levaria uma pessoa em minha sala sem me comunicar?

– Até que enfim você resolveu aparecer, Adam.

– Bom dia pra você também, Nick. Perdeu suas boas maneiras britânicas?

– Não estou com tempo e nem clima para isso hoje. Tenho meio milhão de coisas para fazer até a chegada dos árabes e acaba de cair uma bola de neve bem em nosso colo.

– Do que está falando, Nick?

– Esse é o Sr. Evans. Scott Evans. O detetive que contratamos. – agora tudo fazia sentido.

– Muito prazer, Sr. Evans. Tem notícias para mim? – apertei sua mão em um gesto ansioso e exagerado.

– O prazer é todo meu, Sr. Collins. Muito se ouve falar do senhor. Achava que fosse um pouco mais velho, mas pelo que vejo, tenho idade para ser seu pai.

– Bom, ainda bem que não é, do contrário, não teria sido contratado. Vamos pular essas formalidades. Sente-se aqui e mostre o que tem para mim.

Nick e ele se sentaram nas cadeiras de frente para minha mesa. Coloquei meu paletó nas costas da minha cadeira e pluguei meu celular no carregador. Sentei-me em minha cadeira de frente para eles e lhes

dei toda a minha atenção. Esse assunto me interessava muito.

– Então, podemos começar senhores?

– Senhor Collins, como pode imaginar, o trabalho não foi fácil. Vocês não tinham grandes informações para me passar, então o jeito foi colocar toda a minha equipe especializada do escritório para me auxiliar e isso não é um tipo de caso muito comum por lá.

– Veja bem, Sr. Evans, se esse blá, blá, blá desnecessário é para dizer que ficou mais caro do que o combinado pode parar por aí mesmo. Financeiro não é comigo. Está vendo esse rapaz morrendo de vergonha do que estou falando aí do seu lado? Pois bem, o dinheiro é com ele. Portanto, vamos direto ao assunto, mostre logo a que conclusões chegaram. Essa é a parte que me interessa.

– Senhor Evans, perdoe o Adam, ele está em um momento importante aqui da empresa e isso está gerando certa ansiedade com a qual ainda estamos tentando lidar. – disse Nick, a simpatia em pessoa.

– Senhores, o que tenho aqui são informações seríssimas. Talvez esse não seja o melhor momento para tratarmos desse assunto e prefiram que eu volte outro dia.

Dei um soco na mesa de ódio. Não suportava enrolação e detestava pessoas que acham que sabem o que é melhor para minha vida. Isso me tirava do sério. Tinha vontade de descer a porrada.

– Chega! Entenderam? Nick, você fica calado e o senhor, eu paguei por essas informações que tem aí e quero-as agora mesmo. Pode começar a falar!

O Sr. Evans, um baixinho, careca, de meia idade, começou a colocar algumas pastas em cima da minha mesa e a falar sem parar. Agora sim nos entenderíamos.

– Muito bem, Sr. Collins. A senhorita Sophie White, na verdade se chama Luciana Fernandes, faz aniversário no dia 25 de dezembro e nasceu no município de Rio das Ostras no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Sobre filiação, não temos informação oficial do pai, mas a mãe que consta em Certidão de Nascimento se chama Maria Fernandes, o paradeiro dela ainda não foi confirmado, pois precisávamos de sua autorização para seguir com a investigação na Europa. De acordo com o que soubemos, o sujeito conhecido como o pai, foi morto por um colega de cela em um presídio no Rio de Janeiro há pouco mais de um ano. Acreditamos que nem a própria senhorita Sophie tenha essa informação. Ela viveu até a adolescência nessa cidadezinha, quando foi, com a mãe e a irmã Isabela Fernandes, para a capital. Nessa parte acabam-se os rastros oficiais, já que nenhuma delas jamais teve a carteira de trabalho oficialmente assinada, exceto por um curto período em que a Sophie trabalhou em uma lanchonete de um campus universitário. A senhorita Luciana, ou Sophie para o senhor, é formada em Administração por uma faculdade pública local. Neste período, seu endereço residencial consta em uma simples pensão em um bairro humilde da cidade. Não teve passagem pela polícia nem nenhum antecedente criminal em seu país. As informações extra-oficiais de onde ela viveu, o que fazia e com quem convivia, encontram-se nestas pastas. Acredito que achará interessante um relatório médico que conseguimos de quando a senhorita Sophie estava com dezesseis anos de idade. Parece ter sofrido um acidente caseiro, algo como ter rolado pelas escadas, mas chegou desacordada ao hospital, com hematomas e grave hemorragia, que não condiziam com a descrição da queda relatada por sua acompanhante. O mais intrigante é que o médico, que no início desconfiou do acontecido e levantou outras suspeitas, acabou assinando um laudo como se

realmente Sophie tivesse sofrido um acidente doméstico. Provavelmente foi pago ou obrigado a fazer isso. Estamos lidando com peixe grande, senhor.

– Por que chama de informações extra-oficiais?

– São informações que não podem ser comprovadas oficialmente em termos judiciais, mas que se aproximam quase 100% do relato que o senhor conhece e nos passou.

– E o tal político que a colocou em cativeiro por quatro anos?

– Senhor, como disse anteriormente, essa informação não é oficial e tivemos algumas pistas que nos levaram até um suposto nome, mas não podemos garantir esse dado antes de concluirmos as averiguações. Seria irresponsabilidade minha. Mas estamos empenhados a desatarmos mais esse nó da história da senhorita Sophie também.

– E com relação à vida dela aqui?

– É aí que a situação complica um pouco. Ao chegar aqui, Luciana mudou de nome e se casou com Neal White. Viveu por um tempo em Miami, depois, por uma curta temporada, em Raleigh, e veio para Nova York há poucos meses. Mas veja que interessante, ela trocou de nome e documentos durante o tempo que viveu em Miami, como ela mesma contou ao senhor, mas durante a temporada em Raleigh, ela voltou a usar seu nome verdadeiro. Ainda não entendemos a razão e continuamos investigando. Teve uma passagem por um hospital que foi totalmente sigilosa, e sigilo conseguido com dinheiro, se é que me entende. Ela também não tem ficha suja na justiça aqui. Hoje vive no endereço residencial que o senhor já conhece, trabalha algumas noites no show de strip-tease do Restaurante e Casa de Shows Shades in Red. Parece ter uma vida tranquila e nada de interessante a declarar. Ah, sim, ela tem uma amiga muito próxima, elas trabalham juntas, o nome, que não me recordo no momento, consta nestas pastas, e é a pessoa com quem ela mais tem contato.

– E o tal do Neal White, o que descobriu sobre esse sujeito?

– Neal White é um dos jovens empreendedores endinheirados de Miami, ele nasceu lá mesmo em uma família de classe média e hoje vive em uma mansão na praia. Ele tem trinta e cinco anos de idade, e é dono de uma rede de academias de ginástica bem sucedida que estão espalhadas pelo país. Claro que isso é um negócio para justificar seu dinheiro e permitir que transite tranquilamente pela sociedade. A polícia desconfia que ele tenha negócios com o tráfico de drogas. É um tipão, que circula entre os ricos e famosos da sociedade. Esse negócio das academias não lhe proporcionaria a fortuna pessoal que possui hoje, estimada em, aproximadamente, trezentos e cinquenta milhões de dólares, até onde sabemos. Mas imaginamos que esse valor seja bem maior, é provável que ele tenha contas escondidas na Suíça. Ele é faixa preta em Muay Thai e praticante de Crav Magá. Gosta muito de visitar a cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, onde, coincidentemente, o tráfico de drogas é grande e rentável. Outra curiosidade é que essas academias só apareceram depois que Sophie não estava mais supostamente com Neal. Antes o Sr. White justificava que sua fortuna vinha através de investimentos em times de futebol. A polícia está na cola, mas parece que as rotas e as formas de trabalho que ele utiliza são extremamente bem planejadas e fechadas. Não conseguiram nada que o ligasse ao tráfico até o momento. Quem sabe podemos usar tudo que a senhorita Luciana, ou Sophie, sabe para colocarmos esse mafioso de merda atrás das grades. Eu ficaria

muito satisfeito em contribuir com isso.

– Sr. Evans, esse assunto é totalmente sigiloso, espero que Nick já tenha falado sobre isso. De forma alguma pretendo envolver a Sophie em qualquer tipo de situação que a coloque em risco, estamos entendidos? Quanto a mim, me dou por satisfeito no momento e podemos encerrar essa reunião. Tenho todas essas pastas para ler com calma e entender toda a situação. No mais, o senhor tem carta branca para continuar atrás do paradeiro da mãe e irmã dela na Europa, do tal político no Brasil e de tudo mais que puder descobrir sobre esse tal de Neal White. Quero apenas que se certifique que nada do que está fazendo ligará meu nome a essas investigações.

Levantei e ofereci minha mão em cumprimento, para que entendesse que a reunião estava encerrada. Nick acompanhou o senhor Evans até a porta e voltou para falar comigo. Levantei nervoso, comecei a caminhar pela sala e passar as mãos pelo meu cabelo. Parei diante da minha janela, que tinha uma vista maravilhosa da cidade, e tive vontade de chorar. Fui um imbecil, além de não acreditar em Sophie, que estava me falando a verdade, a maltratei, a desprezei e a fiz se sentir como um lixo. Como fui estúpido. Que ódio de mim.

– O que foi Adam? Muita coisa na cabeça? Se não se sente bem, vá para casa e eu seguro as pontas aqui com os árabes.

– Nick, eu preciso corrigir o meu erro. Eu não acreditei em Sophie e era tudo verdade. Puta que pariu! Ela sofreu isso tudo na vida. E teve a coragem de se abrir para mim. E eu...

– Adam, você precisa raciocinar. Agora que sabemos toda a verdade e que sabemos o quão perigoso é esse tal de Neal White, você precisa tirar essa mulher da cabeça e sair de perto dela para sempre. Ouça o meu conselho. Não vale a pena o risco por causa dessa mulher.

– Nick, agora não é a melhor hora, nem lugar para conversarmos sobre isso. Volte para sua sala, quero ficar sozinho. Prepare tudo e nos veremos mais tarde no jantar com os árabes.

– Tudo bem, Adam. Mas pense no que eu disse. Não compensa, meu amigo. Não acredito que vale a pena você se envolver com essa investigação mais do que já fizemos. Pense e reflita.

Passei o restante do dia trancado em minha sala lendo cada uma das palavras que estavam naquelas pastas, era coisa demais, informação demais e meu cérebro se recusava a continuar. Além disso, precisava ir para casa, tinha o jantar com os árabes. Não podia desapontar a equipe que tinha se empenhado tanto nessa negociação importante para a empresa. Fui para casa me preparar.

Nick vem preparando esse dia como se fosse seu casamento. De acordo com ele, árabes gostam de ser recebidos em ambientes familiares, alegres e fartos, por isso resolveu preparar tudo em sua residência. Ele vivia na região de Greenwich Village e tinha uma das vistas mais bonitas da cidade. As ruas do Greenwich Village oferecem o clima único de uma cidadezinha européia mesmo estando a poucos minutos de tudo o que NY tem a oferecer. Fiquei impressionado com tudo. Nick decidiu que o melhor seria jantarmos em uma mesa redonda, onde não teríamos lugares privilegiados e todos se sentiriam em pé de igualdade. Havia uma sutil decoração árabe e o ambiente estava alegre e aconchegante ao mesmo

tempo. Ele contratou um chef especializado em comida árabe para ficar por conta das entradas e fiquei chocado ao ver funcionários do Restaurante Daniel comandando a cozinha. Nick disse que haveria comida árabe, mas que surpreenderia a todos com a mais fina culinária francesa, que ele descobriu ser uma das preferências dos ilustres convidados. Quando digo que esse cara é meu braço direito, certamente, poderia inserir o braço esquerdo também.

O jantar transcorreu na mais perfeita harmonia e tudo saiu dentro dos planos. Ficamos muito felizes e satisfeitos em saber que havíamos, enfim, entrado no mercado imobiliário em Dubai, uma das áreas de negócios mais proeminentes nos Emirados Árabes. No fim foi ótimo não estarmos em um restaurante da moda, estávamos longe de olhares curiosos e das fotos cheias de especulação da imprensa. E como eu me sentia em casa na residência do Nick, jantar lá reduziu muito minha ansiedade e aumentou minha confiança para as negociações, que saíram melhor que o esperado. Estávamos prontos para lucrar mais alguns milhões.

Quando a limusine, que contratamos para ficar ao dispor dos caprichos de nossos convidados, chegou, eu também estava pronto para ir embora. Precisava encontrar uma solução para o meu recente problema.

– Parabéns, Adam! A negociação foi brilhante. Vamos abrir mais um champanhe?

– Eu é que devo agradecê-lo por tudo, Nick. Boa parte disso é resultado da sua dedicação. E eu sei que é mais que dedicação. Toda essa lealdade é pela nossa amizade. Sei também que às vezes eu sou um grande filho da mãe, mas você sabe que meu respeito por você e pelo seu trabalho, é enorme. Nossa amizade não tem preço.

– Espera! Você consegue repetir? Preciso gravar isso. O que você fez com meu amigo Adam, um grande prepotente, irritante e com o ego enorme? – caímos na gargalhada.

– É sério, Nick. Você sabe como estou hoje. Foi um dia cheio. Preciso dormir e esquecer um bocadinho de coisas.

– Tudo bem, cara. Comemoramos depois. Quer que eu o leve ou chame o Hamilton?

– Dei folga ao Hamilton, mas não precisa se incomodar, você também precisa de descanso. E se chegar atrasado amanhã, desconto no seu salário! – e lá estava a risada de dois legítimos amigos que se entendiam mais que tudo nessa vida. – Vou pegar um táxi mesmo. Boa noite!

No táxi a caminho de casa, minha inquietação estava ao nível do infinito. Eu não conseguiria dormir com tudo aquilo na cabeça. Na verdade, dormir seria impossível se eu não conversasse com Sophie e, de alguma forma, pedisse desculpas pelo que fiz na boate. Peguei meu celular.

– Alô, gostaria de falar dois segundos com o Jeff. Eu sei que é horário de trabalho dele, mas avisa que é Adam Collins. – percebi que ao ouvir meu nome, a atendente de reservas da Shades in Red respirou mais forte. Não entendia essa espécie de reação que eu causava nas pessoas. Era chato.

– Pois não, Sr. Collins. Em que posso ser útil? Temos sentido sua falta por aqui.

– Jeff, eu quero saber apenas se Sophie já se apresentou hoje ou se ainda está na casa.

– Sr. Collins, Sophie se apresentará em quinze minutos. Se desejar, mesmo que de última hora, posso conseguir uma mesa. A casa está cheia, mas possa dar um jeitinho.

– Obrigado Jeff, era tudo que eu queria saber. Apenas não comente com ela que eu liguei. Boa noite.
– desliguei e voltei minha atenção o taxista.

– Senhor, por gentileza, a rota mudou. Siga para o Brooklyn.

Estávamos parados, quase em frente ao prédio de Sophie, fazia um tempo, quando vi a limusine da casa de shows estacionando próximo. O motorista abriu a porta e acompanhou Sophie até a porta do prédio. Paguei o táxi e fui em direção a ela. Estava no fim da escada quando vi Sophie colocando as chaves na porta.

– Sophie! – gritei.

Ela tomou um susto quando me viu, seus olhos se estreitaram, seu maxilar travou e sua expressão era de pura raiva e espanto ao mesmo tempo.

– O que está fazendo aqui?

– Quero conversar com você.

– Não tenho nada para falar com você, até onde sei o dinheiro já está em sua conta há vários dias, portanto esqueça que me conheceu. – ela girou a chave na porta, se eu não fizesse algo naquele exato momento, ela se trancaria em seu apartamento e não me ouviria mais. Peguei o braço de Sophie e a puxei até meu corpo, segurei aquela mulher teimosa com toda força que pude.

– Você vai me ouvir, Sophie. Pode ser na discricção do seu apartamento ou aqui mesmo onde qualquer um pode nos ouvir. O que prefere?

– Me solta! Não tenho mais nada a tratar com você. – ela se debateu, mas eu não a soltei. Tirei Sophie do chão, joguei-a em meu ombro e em segundos abri a porta do seu apartamento, com a chave que já estava lá. Tranquei a porta, enquanto ela continuava se debatendo. Só depois que achei o interruptor, coloquei-a no chão.

Ela começou a dar socos no meu peito, enquanto lágrimas escorriam de seu rosto. Ela estava desabando na minha frente, eu precisava fazer algo. Agarrei sua cintura e a beijei de forma profunda e vigorosa. Quando a soltei, ela caiu de bunda no sofá e ficou me olhando atônita. Agora sim, poderíamos conversar. De repente me dei conta do espaço do apartamento de Sophie. Minúsculo, não combinava com ela, não tinha charme algum. Na verdade, era muito simples e triste. Isso doeu fundo no meu coração, senti muita pena, ela merecia mais.

– Você não tem o direito de entrar em minha casa sem ser convidado e me forçar a ouvir o que não quero. Por favor, vá embora, não piore as coisas. Já está muito difícil pra mim.

– Você vai me ouvir, Sophie. Eu preciso me explicar. Eu preciso me desculpar pela idiotice que fiz naquela boate. Na verdade, não quero me desculpar pelo que fiz. Transar com você ali foi incrível. Nossa! Eu faria novamente mil vezes se você quisesse. Quero me desculpar pelo troglodita, imbecil e sem coração que fui ao dizer aquelas coisas horríveis para você. Entendo que tenha se sentido usada, mas

juro que não foi assim.

– Veja bem, já pediu suas desculpas, agora pode ir. – ela nem me olhava, parecia sentir nojo da minha presença ali. Certamente eu estava trazendo a tona lembranças muito desagradáveis.

– Eu quero que você entenda que aquela reação foi puramente por ciúmes. Você feriu meu ego aquela noite, dançava se exibindo para outros homens, que a olhavam como se fossem devorá-la. Eu simplesmente senti ciúmes. Não sei explicar o porquê, mas senti muito ciúme de você e eu nunca havia lidado com esse tipo de sentimento antes. Não queria que terminasse a noite na cama de um idiota qualquer que conheceu na boate, se queria transar, devia ser comigo. Eu queria satisfazê-la antes que se entregasse a outro homem, e eu enlouqueci só de imaginar outra pessoa tocando seu corpo, beijando seus lábios, penetrando você. É loucura, eu sei, mas é a mais pura verdade. – ela começou a rir. Não entendi essa reação. Eu estava sendo o mais sincero possível. O que deu nessa mulher?

– Me poupe Adam. Sério mesmo? Esse é o melhor que você pode fazer? Dizer que estava sentindo ciúmes de uma garota, que para você, não passa de uma vadia, uma puta?

– Eu não penso isso de você. Considero você uma mulher linda e inteligente e, infelizmente, com um passado marcado pela dor e pela decepção. Não sei se posso mudar seu passado, Sophie e não posso desfazer aquelas malditas palavras da boate, mas eu posso me desculpar e fazer melhor daqui pra frente. E tenho o direito de ficar com muita raiva se você não aceitar.

– Adam, se o que você quer é ouvir que eu o desculpo, então já pode dormir com sua consciência em paz. Mas sinceramente, quero que se afaste de mim, que esqueça que me conheceu, e, principalmente, que não venha nunca mais na porta da minha casa. Consigo entender perfeitamente a reação que teve na sua casa depois de ouvir tudo que eu havia contado sobre a merda toda que foi minha vida. Consigo mesmo, de verdade. É muita coisa, até para mim. Mas não posso entender você me tratar feito um objeto, uma mulher qualquer que você pega, come e depois despeja na lata de lixo, como você fez comigo naquela boate. Já sofri muito nessa vida para aturar esse tipo de atitude agora. Desculpar, eu desculpo. Quem sou eu para julgar alguém? Mas não me peça para compreender. Você precisa entender duas coisas nessa sua vidinha rica e vazia: em primeiro lugar, seu dinheiro pode comprar muitas coisas, menos a sua dignidade, então não se sinta dono do mundo e dono das pessoas. E a outra coisa é que você precisa absorver o significado da palavra ‘gente’. Não importa se uma pessoa é uma prostituta ou uma santa, todos merecem respeito e todos vivem problemas na vida. Portanto, nunca mais, julgue uma pessoa pelo que ela faz para sobreviver, ou pelo o que ela tenha. Posso garantir que já conheci prostitutas mais dignas e honestas do que muita mulher que se diz dama da sociedade. Infelizmente, eu pareço ter uma espécie de ímã por tipos como você. É por isso que não me envolvo mais com homem algum.

Fiquei arrasado com aquelas palavras. Minha postura era de um homem derrotado. Ela não me conhecia, mas o que apresentei de negativo foi o suficiente para formar uma imagem minha que simplesmente não era real. Eu não era um monstro asqueroso. Eu não era nada daquilo.

– Sophie, eu compreendo sua raiva, mas, por favor, não me compare com os homens que passaram pela sua vida. Tive sim um momento de fraqueza, mas não sou um monstro covarde. Vou provar isso para você. Eu a quero, do meu jeito, mas a quero, e não desistirei de você. – bati a porta e saí.

Ao entrar em um táxi a caminho de casa, entendi que Sophie estava mudando algo dentro de mim, porque pela primeira vez, em muito tempo, eu me importava mais com ela do que com o sexo com ela. E isso era simplesmente novo e magnífico. Novamente eu era um homem muito melhor.

X

Será Deus que o Senhor poderia, por gentileza, deixar que eu viva um único momento de tranquilidade? Juro que eu estava a ponto de explodir! Tinha tantos problemas para resolver que começava a pensar que tinha sido culpada pela morte de Cristo. Estava sendo punida?

O que Adam estava fazendo? Por que estava mexendo com minha cabeça desse jeito? Um dia me queria e fazia sexo comigo como se eu fosse a mulher mais gostosa do universo. No outro dia me odiava, me desprezava e ainda me tratava feito lixo. No dia seguinte pedia desculpas e voltava a dizer que me queria, mesmo com tudo que contei. Era muita loucura! Precisava ficar longe dele, pelo bem da minha sanidade mental e espiritual. Dê-me sabedoria, Senhor, para saber lidar com os problemas! Porque se o Senhor me der forças, acabo matando alguém.

Tudo que eu gostaria naquele momento era poder esquecer e relaxar. Decidi que faria a coisa que mais amava, ouvir música e ler um bom livro. Era dezembro, a temperatura começava a cair e eu não tinha uma droga de um aquecedor. Escolhi um pijama bem quentinho, protegi os pés com uma pantufa, levei um cobertor para o sofá, fiz um chocolate quente com um pouco de conhaque, coloquei o CD The Piano Guys para tocar e peguei o livro 'Butterfly' de Kathryn Harvey. Depois de alguns capítulos, já estava absorta na história, e como me identificava com a personagem principal! Uma mulher que sofreu desde muito cedo, mas que deu a volta por cima e ainda estava a caminho de se vingar de seu algoz, tudo isso, com um romance de fundo e uma pitada erótica para apimentar a leitura. Bem escrito, com fundamento e pesquisa, do jeito que eu adorava. Eu definitivamente deveria escrever um livro. Quem sabe, quando todas minhas preocupações estivessem solucionadas eu poderia me jogar de cabeça nessa paixão...

De repente escutei uma batida na porta. Quem seria? Decidi ignorar e voltar à minha leitura, mas a batida insistiu mais uma vez. Fui ver do que se tratava. Abri a porta e dei de cara com Rush, meu vizinho sedutor com dedos ágeis e fortes de violinista.

– Oi Rush, posso ajudar em alguma coisa?

– Estou chegando de uma apresentação e ouvi que estava escutando um CD que eu adoro!

– Peço desculpas, Rush. Não sabia que a música estava tão alta. Vou diminuir o volume.

– Não vim reclamar do volume. Gostaria de convidá-la para comer uma pizza comigo. Acabei de comprar, é sabor Marguerita e está quentinha! Acha que está muito tarde ou eu posso entrar? – por que não? Ele é charmoso e está apenas sendo gentil, pensei comigo mesma e sorri.

– Tudo bem, Rush, entre! Vamos ver se essa pizza é boa mesmo. – era visível a felicidade no rosto

dele. – Não observe a bagunça espalhada pela casa, ando sem tempo de cuidar das coisas por aqui. Muito trabalho entende? Então, prefere comer mais casualmente aqui no sofá ou quer que eu arrume a mesa para nós dois?

– O sofá está ótimo para mim, parece mais quente e aconchegante. – aquela frase soou com duplo sentido na minha cabeça, mas preferi ignorar.

– O que gostaria de beber? Eu estou tomando um chocolate quente com conhaque, mas não acho que combina com pizza.

– E por que precisaria combinar? Só tem que agradar ao paladar. Aposto que o seu chocolate quente é uma delícia! O cheiro está ótimo!

– Se é assim, tudo bem. Vou preparar mais. Fique à vontade. – em alguns minutos voltei com duas canecas e um bule de chocolate quente com conhaque. Sentamos um em cada ponto do sofá e devoramos metade da pizza e todo o chocolate quente. Amanhã teria de malhar o dobro. Seu eu ganhar um quilo, vão me demitir da casa de shows.

– Rush, essa pizza foi a melhor ideia dessa noite. Muito obrigada pelo convite! E a propósito, Marguerita é meu sabor preferido. – e sorri o sorriso mais sincero do dia.

– Uau! Eu que fico feliz em ter conseguido agradá-la. Quando quiser, é só me avisar.

– E então, Rush, você deve gostar muito de músicas clássicas...

– Curto muito sim, mas meu estilo é um tanto quanto alternativo. Apesar de tocar violino, que é um instrumento comum nos naipes de cordas das orquestras de música erudita, gosto de um som mais rock.

– Nossa! Que legal! Um dia você toca alguma música pra mim?

– Ficarei feliz em atender seu pedido agora mesmo, meu violino está bem aqui. – e apontou para o chão ao lado do sofá. Sorri e bati palmas para que ele entendesse que era uma ótima ideia. Afinal, tinha sido uma noite complicada e eu precisava relaxar.

Ele se levantou, abriu a case, pegou o violino e o arco, fez uma medida digna de um príncipe das épocas antigas e começou a tocar. À medida que a melodia ganhava forma, eu ia fechando meus olhos para sentir a vibração do som dentro de mim. Era lindo o que ele estava tocando. De repente meu cérebro identificou a melodia, era ‘Viva la Vida’ do Coldplay. Quando terminou, eu fiquei de pé para aplaudi-lo. Ele não era bom, ele era ótimo!

– Nossa! Rush, muito obrigada! Você foi perfeito, não menos que isso. E sabe de uma coisa? Você me lembrou muito o estilo e o jeitinho de tocar do David Garrett.

– Isso sim é um elogio! David Garrett é uma das minhas inspirações. Aquele cara é fantástico! Meu sonho é me tornar um artista como ele. – era visível a paixão estampada em seu rosto ao falar do seu sonho. Ficava feliz em ver pessoas assim, que se agarram a um sonho para viver. Penso que quando já não temos mais sonhos, é porque estamos mortos.

– Seja dedicado e persistente, e você vai conseguir. Vou torcer muito por você! E quando ficar famoso, não se esqueça da vizinha simples que conheceu um dia. Ficarei feliz em receber um convite para uma apresentação.

– Eu não me esquecerei, há semanas que só penso em você. – Rush disse isso olhando tão fixamente

para mim que me senti envergonhada. De repente ele se aproximou o suficiente para que eu sentisse o cheiro agradável da sua colônia e tentou me beijar. Beijar a minha boca. Que loucura!

– Rush, não estrague uma amizade que pode ser muito boa e durar bastante tempo. Não estou aberta a relacionamentos, não confunda as coisas, por favor.

– Peço desculpas, eu só queria que você soubesse dos meus sentimentos. – ele guardou o instrumento rapidamente e parecia decepcionado.

– Rush, não me entenda mal. Você é lindo, talentoso, parece ser um cara legal. A questão sou eu. No momento tenho muitos problemas. Coisas que preciso resolver antes de encarar qualquer tipo de relacionamento. Mas se você aceitar minha amizade, eu ficarei feliz.

– Sophie, fico agradecido pela amizade... Por hora. Não irei constrangê-la, apenas queria concluir dizendo o quanto você é linda e que estarei bem ali na frente para o que você precisar, seja a hora que for. Conte comigo para qualquer coisa.

– Obrigada. E obrigada pelo jantar, estava delicioso.

– Boa noite.

– Boa noite, Rush.

Fechei a porta e caí no sofá. O que estava acontecendo com os homens? De repente todos decidiram que eu seria uma ótima transa? Ah, meu Deus! Agora sim preciso dormir, tenho que me recuperar dessa noite louca e me refazer. Na manhã seguinte eu me encontraria com a Nana.

A igreja no Queens ficava longe e era muito cansativo ir até lá, mas foi a única forma que encontramos para que Neal não nos descobrisse juntas em um lugar óbvio e perto de onde realmente morávamos.

– Como é bom poder vê-la e abraçá-la. É o mais perto que posso ficar dele.

– Um dia vai ser diferente, querida.

– Trouxe as fotos recentes e os relatórios médicos que pedi?

– Claro que sim, estão aqui.

Olhar aquilo foi o suficiente para meu coração ser cortado pela dor e desabar em milhões de pedaços. Lágrimas escorriam pelo meu rosto...

– Não chore. Você mesma sabe que poderia ser pior.

– Eu sei Nana, mas é demais para o meu coração. Não sei se você faz ideia dessa dor.

– Sei sim, Sophie. Você sabe que se eu pudesse, eliminaria essa sua dor. Sabe bem que jamais terei como agradecê-la pelo que fez pela minha família. Estaríamos todos mortos a essa hora se não fosse por você. É por isso que quero que tenha sempre certeza da minha lealdade. Fiz a promessa de estar ao seu lado até meu último segundo de vida e é exatamente isso que farei.

– E quanto àquela solução que você me falou por telefone? Quais são as chances? Seja sincera.

– Não são muitas Sophie, mas é a melhor possibilidade até o momento.

– Estou levantando o dinheiro. Vai demorar um pouco mais do que eu havia previsto, mas vou

conseguir. Hoje trouxe essa quantia aqui, deve ser o suficiente para todos vocês pelas próximas semanas, mas se acontecer algum imprevisto e precisar de mais, não hesite em me ligar naquele número. Coloquei um pouco mais, afinal o natal está próximo. Compre uma árvore e a enfeite. Faça isso como se fosse eu. – comecei a chorar por não ser de fato eu iria fazê-lo.

– Nana, fique com as fotos e com os relatórios. Sabe que se eu ficar com isso colocarei tudo a perder, caso me encontrem. Lembre-se sempre do que fazer caso eu desapareça ou aconteça o pior comigo.

– Adeus Sophie. Vejo você assim que possível.

– Nana, Deus a abençoe por tudo que tem feito por mim e que sua família esteja realmente livre do problema.

– Está sim, Sophie, graças a você...

Agora era voltar para casa, rever meus planos e pensar uma forma de conseguir todo esse dinheiro. O que eu faria?

No caminho de volta, pensei em inúmeras possibilidades, mas a mais fácil era a forma como as meninas realmente ganhavam dinheiro na Shades in Red, saindo com alguns clientes. Isso para mim seria o fim, mas, se fosse a única forma, ia engolir meu orgulho e fazer o que tivesse de fazer.

No fim do dia eu estava exausta e fiquei muito feliz ao lembrar que essa noite não teria show. Tudo que eu queria eram um banho e minha cama. Depois de subir as escadas do prédio, encontrei um pacote na porta do meu apartamento. Nele estava escrito apenas “Sophie”. Aquilo me intrigou e gelei por dentro por inúmeros motivos. Peguei o pacote, abri a porta e fui verificar do que se tratava.

Sentei em meu sofá e coloquei aquele pacote no colo. Quando retirei o papel preto que cobria a caixa, meu coração disparou a mil por hora. Era uma caixa rígida preta com um laço de fita de seda branca onde constava a logomarca da grife Chanel e a famosa camélia por cima de tudo. Ai, meu Deus! Quem deixou isso na minha porta? Desfiz o laço, abri a caixa, retirei o papel de seda preto e abri a dustbag branca com as mãos já trêmulas. Era uma legítima Maxi Classic Flap Caviar preta, uma das bolsas mais icônica da grife Chanel. Ela custava uma pequena fortuna, e eu sabia dessas coisas. Durante o tempo em que estive com Neal, tinha em meu closet uma coleção de bolsas caríssimas. Aliás, tudo de sofisticado que sei, aprendi com Neal. Aquele modelo de bolsa no tamanho maxi era um daqueles itens que se custa a conseguir, mesmo com todo dinheiro disponível. Fiquei chocada. Quem teria comprado uma bolsa daquelas para mim e com qual intenção? Minhas mãos gelaram e meu coração disparou ainda mais. Peguei o livretinho branco com o certificado da bolsa para conferir em nome de quem estava e lá dizia “Sophie White”. Ah, meu Deus! Será que é coisa do Neal? Será que ele me encontrou e está mandando o recado que está vindo atrás de mim? Abri a bolsa e junto com a dustbag preta e o cartão de autenticidade, estava um envelope branco muito sofisticado. Aquele envelope eu tinha certeza que não fazia parte daquele embrulho. O interior das caixas da Chanel segue o mesmo protocolo há décadas, não teria mudado em tão pouco tempo. Aquele envelope foi colocado por quem comprou a bolsa e certamente

continha uma mensagem para mim. Abri e uma letra masculina inconfundível preencheu meus olhos e minha mente... E meus sentidos sumiram por um tempo...

“Sophie, aquela coisa horrível que usa como bolsa não combina em nada com a mulher linda e sofisticada que você é. Tomei a liberdade de escolher um modelo clássico, porque as vendedoras me disseram que combinaria com tudo e serviria para todos os momentos. Foi difícil encontrar esse tamanho maior, mas você parece carregar a vida dentro daquela mochila horrorosa, então espero que essa a satisfaça a todos os seus propósitos. No mais, acredito que essa bolsa seja mais condizente com uma pessoa que tem hoje duzentos mil dólares a mais na conta bancária, do que tinha ontem. Faça bom proveito do presente. Se puder pensar em mim quando usá-la, ficarei ainda mais feliz. Faça um favor a nós dois, jogue aquele trapo que chama de bolsa agora mesmo no lixo. Sua autoestima agradecerá. Pensando em você. A.”

Não! Aquilo era absurdo demais! Esse cara extrapolou todos os limites do respeito e do bom senso. Ele veria do que sou feita. Amanhã ele terá uma bela surpresa!

Abri o notebook em cima da mesa, e no Google digitei “Sede da Empresa Collins”, em um segundo estava na tela a foto do prédio, o mapa de localização, milhões de sites com referências para Adam Collins e muitas fotos dele. Abri algumas páginas e li muita coisa sobre a empresa, sobre Adam e, principalmente, sobre sua vida pessoal. É impressionante como as pessoas ricas e famosas não têm paz nem privacidade. Em uma dessas páginas dizia o faturamento da empresa no último ano, e realmente estava lá um número enorme na casa dos bilhões. Outro assunto do qual se falava bastante era da tal compra que a empresa estava negociando desde o último ano em Dubai. Páginas e páginas com o perfil profissional de Adam... Estudou aquilo, MBA nisso e como ele era um negociador brilhante. Outra página relatava as diversas ações sociais realizadas pela empresa. Achei bem legal e até me deu uma ideia. Ao entrar em uma dessas páginas de fofocas, descobri um desentendimento antigo entre Adam e seu pai. Parece que Adam desagradou à família ao vir morar nos Estados Unidos e não assumir a empresa da família como se esperava, inclusive dizia que ele e seu pai não se falavam há anos. Nesse mesmo site, havia diversas outras notícias sobre ele, mas uma me chamou muito a atenção, falava de sua noiva britânica, Carrie Carter, que o abandonou próximo à data do casamento, porque o culpava pela morte do filho dos dois. Ela estava grávida de cinco meses quando Adam provocou um acidente de carro no qual os dois ficaram bastante feridos e o bebê não sobreviveu.

O que? Filho? Noiva? Uau! Era coisa demais. Fechei o notebook porque se ficasse ali, tenho certeza, encontraria mais coisas sobre Adam e isso já estava me incomodando bastante. Eu não tinha nada com a vida pessoal dele. Assim como ele não tinha nada com a minha vida e pronto. Precisava dormir.

Levantei cedo no dia seguinte, precisava ir à Shades in Red e fazer mais um monte de coisas antes de devolver aquela bolsa ridícula ao Adam. Também precisaria ir ao banco para resolver a questão dos duzentos mil dólares na minha conta. Que droga!

– Bom dia, Jeff! O que faz a essa hora aqui na Shades in Red?

– Bom dia, senhorita Sophie. Sabe como é, fim de ano, muitas dívidas para pagar, filhos que esperam presentes de natal. Estou fazendo algumas horas extras como faxineiro também.

– É claro que entendo. Você tem muitos filhos?

– Três. Dois meninos e uma menina linda, minha princesinha. – e me mostrou orgulhoso a foto que carregava na carteira.

– Seus filhos são lindos, Jeff. Que Deus abençoe muito sua família. Bom, não se importa se eu for até o closet das meninas para buscar uma roupa, não é? Precisarei dela agora pela manhã, mas à noite, quando vier me apresentar, já a trago de volta.

– Claro que não, Sophie, fique à vontade. Ah, Sophie?!

– Sim!

– Aquele Sr. Adam Collins, que frequenta a casa para ver seus shows, parece muito interessado em você e parece ser uma boa pessoa. Você deveria aproveitar essa oportunidade que a vida está oferecendo.

Não respondi nada. Não tinha nada o que responder.

Escolhi um vestido de renda verde escuro bem comportado. Sem mangas, mas com o comprimento até o joelho. Ele acompanhava a silhueta, mas não era muito justo. Coloquei um sapato nude de salto grosso e um trench coat nude que deixei aberto. Prendi o cabelo todo para trás em um rabo de cavalo baixo. Estava sofisticada e era essa a imagem que eu queria passar. Mas claro, não podia faltar o toque essencial, minha mochila velha de guerra. Minha vontade de rir foi enorme e caí na gargalhada sozinha.

Ao sair da casa de shows, fui direto ao banco. Resolvi o que tinha de resolver e, com o embrulho da bolsa Chanel dentro da mochila, fui direto para o escritório de Adam Collins. Eu faria isso de forma elegante.

Ao chegar à entrada do Edifício Liberty, foi impossível não olhar para cima e admirar toda sua imponência. Era lindo e passava a mensagem “daqui homens importantes comandam seus universos”. Prepotente, mas tinha que admitir, era a cara do Adam. A recepção era enorme e eu não fazia ideia de como conseguiria fazer com que me deixassem entrar e ir até o andar da empresa de Adam. Mas aquele dia eu estava com sorte, atrás de mim, entrava pela porta Adam Collins, muito imponente em seu terno bem cortado, alinhado e caro. Ele estava um deus! Camisa azul clara, gravata azul escuro e terno cinza escuro. O azul de seus olhos brilhava ainda mais e a barba por fazer dava um toque rústico àquele rosto perfeito. Sim, ele faria qualquer mulher perder o fôlego. Era o que ele fazia comigo... Eu perdia o ar... Eu me perdia.

Ele estava checando algo no celular, e quando ergueu a cabeça e deu de cara com meu olhar, parou de caminhar, me olhou por um instante e veio lentamente em minha direção. Não disse nada, apenas me olhou de cima a baixo, parando o olhar na mochila, que fez aparecer uma ruga em sua testa. Pegou-me pelo braço delicadamente e me conduziu a um elevador. Eu não disse nada e não fiz nada. Não me rebaixaria fazendo uma ceninha na frente de todos na recepção, preferia conversar com ele em um local mais reservado e imaginei que ele estivesse me conduzindo até sua sala.

O elevador começou a subir, suave e lentamente. A atmosfera ali dentro era quase palpável.

Impossível não ouvir a respiração de Adam atrás da minha cabeça. De repente, senti seu corpo colar ao meu, sua mão espalmou em minha barriga forçando ainda mais a aproximação. Senti quando ele abaixou a cabeça e se aproximou da minha orelha.

– Espero que esse encontro não seja uma mera casualidade. Você está linda e o seu cheiro é embriagador. Tenho vontade de parar esse elevador aqui mesmo e fodê-la até ouvir você gritar que é minha.

Nem me mexi. Resistir a tudo aquilo parecia uma tarefa quase perdida. Mantive minha postura e meu olhar na porta de aço do elevador. Adam continuou sua tortura, apoiou uma de suas mãos na parede do elevador, passando o braço bem ao lado da minha cabeça, eu estava presa entre ele e a porta. Depois desceu a mão pela lateral do meu corpo até o joelho, em seguida foi subindo, levantando a saia do vestido e tocando minha pele. Senti sua ereção tocar a base da minha coluna e contive um suspiro. Tomei coragem, me afastei para a parede oposta e continuei a olhar para a porta. Ele sorriu e ficou alisando sua ereção por cima da calça olhando para mim.

O elevador abriu, estávamos no último andar. Era uma área enorme, com várias portas nos corredores que seguiam pelo lado direito e esquerdo. Bem à frente havia uma recepção onde estava uma moça loira muito atraente. Ao lado da mesa dela tinha uma porta de vidro enorme onde se lia em letras prateadas: “Collins Enterprises Holdings Inc.”. Quanta imponência!

– Senhorita Trevillan, não passe ligações, cancele minha primeira reunião desta manhã e não deixe ninguém entrar em minha sala, nem mesmo o Sr. Smith. Entendido? – a moça olhou para mim e disse o sim mais confuso de sua vida. Ela acionou um botão e a porta de vidro se abriu suavemente para a lateral. Segui atrás de Adam. Estávamos em sua sala.

A sala dele era enorme, mas eu já estava acostumada com o luxo e a opulência quando se tratava de Adam. A decoração era moderna e contemporânea, toda em branco, cinza e cromado, e o piso era maravilhoso, nunca tinha visto nada igual, parecia um tipo de porcelanato na cor marfim. Com relação aos móveis, apenas sua mesa naquele ambiente era na cor preta e em cima dela, um notebook branco e um telefone. Era uma forma meio agressiva de chamar a atenção e demonstrar onde sentava quem detinha o poder. Atrás e na lateral de sua mesa, havia janelas de vidro que iam do chão ao teto e iluminavam todo o ambiente, a visão de lá de cima era simplesmente espetacular. Isso era provavelmente de propósito, estratégico, afinal, com certeza qualquer pessoa que entrasse aqui para negociar com Adam, perderia o raciocínio de frente para esse vislumbre. De um lado da sala, ainda havia um mesa oval de vidro fumê com cadeiras brancas e confortáveis para dez pessoas. De frente para essa mesa uma tela de TV enorme, de onde, supus, Adam devia conferir durante todo o dia a movimentação nas bolsas de valores do mundo inteiro. No outro canto, um sofá que me parecia bem confortável na cor cinza e ao lado dele uma bancada com barzinho decorado com algumas orquídeas brancas. E, por fim, uma porta, que devia ser da área privativa do Adam. Alguns quadros abstratos em preto e branco davam o ar exótico que ele adorava e que percebi em seu apartamento.

Era dali que ele comandava o seu universo, mas eu não deixaria que ele fizesse isso com o meu. Não mais. Naquele ambiente ele ficava ainda mais intimidador e senti pena das pessoas que precisavam ficar

ali ouvindo suas ordens, vendo-o tomar decisões ou sendo encurralados em alguma negociação, em que ele certamente sairia ganhando. De repente me arrependi de não ter dito tudo lá embaixo mesmo na recepção do edifício. Ai, meu Deus! Precisava me concentrar.

Quando coloquei meus pensamentos em ordem e lembrei o motivo pelo qual estava ali, uma onda de coragem tomou meu corpo. Eu estava pronta para lutar com a fera e para sair dali vitoriosa, deixando-o sem chão. Olhei para o lado, ele havia tirado o paletó e dobrado a manga da camisa, parecia ansioso e me olhava com os pensamentos perdidos no tempo.

– Escute aqui, Adam. Não é porque está em seu espaço que conseguirá me intimidar e fazer o que quiser comigo. Vim aqui devolver esse pacote que apareceu na porta da minha humilde casa. – abri a mochila, tirei o pacote de dentro dela e, em um ato de coragem, pisei firme ao caminhar até sua mesa para depositá-lo ali.

– Por que está me devolvendo isso? Achei que fosse mais educada. Foi um presente. Até onde sei, mesmo quando não nos agrada o que ganhamos, devemos apenas agradecer, ou as regras de educação e boa convivência mudaram?

– Espera porque eu não acabei. - remexi dentro da mochila e tirei de lá um documento. Fui até ele, que estava visivelmente tenso, e o entreguei.

– O que é isso?

– Está escrito. Esqueceu como se lê? Espera, vou ajudar. Aí diz que você fez uma doação hoje de duzentos mil dólares para o Hospital Infantil do Coração. Uma atitude muito nobre, diga-se de passagem.

Ele jogou com fúria o papel para o lado e veio com tudo para cima de mim. Segurou meus punhos e começou a me balançar.

– O que pensa que está fazendo, Sophie? Acha que sou homem de brincadeiras? Eu não tenho muita paciência e já disse isso para você uma vez, aliás, mais de uma. Que atitude está esperando? Porque minha vontade nesse momento é de arrancar a sua roupa e surrá-la até que perca os sentidos, e pode acreditar, isso não teria nada a ver com prazer.

Com um solavanco me afastei dele e me preocupei com o volume de voz que ele estava usando. Havia uma secretária do lado de fora e ela poderia estar nos ouvindo.

– Grite mais. Quem sabe toda Wall Street precisa saber que você pagou duzentos mil dólares por uma trepada com uma vadia!

– Posso gritar o quanto eu quiser, se esqueceu que esse é o meu mundo? Aqui eu mando. Nada sai desse escritório, nem som, nem imagens. Tudo aqui tem proteção. Então, ou entra em um nível aceitável de diálogo comigo, ou vai arcar com as consequências, e ninguém virá aqui socorrê-la.

– Vá se ferrar, Adam! Vim aqui apenas devolver o que não me pertence e dizer pela última vez para você me deixar em paz. Vá viver sua vida de playboy metido a artista plástico e deixa a minha vida cretina e medíocre em paz. Estamos entendidos?

– Você se acha muito superior, Sophie, mas fica se fazendo de coitada ao invés de lutar para colocar a porra da sua vida no lugar e se livrar de vez do mafioso do seu marido.

– Você não tem nada com isso! Da minha vida, dos meus problemas e do Neal, cuido eu.

Ele veio mais uma vez em minha direção e eu sabia o que aconteceria, e mesmo assim não tive forças para fugir. Que ódio de mim! Em segundos eu estava prensada nos braços dele e perdida naqueles lábios que me devoravam como se eu fosse a última gota de oxigênio do universo. Tinha que admitir, aquele cara era bom demais quando se tratava de mexer com a minha libido. Ele se afastou um pouco e pude ver seu rosto vermelho, lábios inchados, pupilas dilatadas, respiração ofegante e a ereção que quase rasgava a calça.

– Você é linda, inteligente e muito gostosa. Precisa parar de ter autopiedade e de achar que todo mundo a vê apenas como um pedaço de carne barata. Eu já disse que quero muito você, me dá mais uma chance. Eu sei que posso corrigir meu erro. E eu sei que você me quer.

– Não quero, não tenho interesse e vamos ficar por aqui. Essa conversa não chegará a lugar algum. E no fundo, o sexo com você pode até ser bom, mas acredite, não é tudo. – com isso fui até a porta, mas ele não abria. – Abra a droga dessa porta.

– Abrirei Sophie, porque tenho a porra de outra reunião inadiável, mas isso não terminou. Quando eu tomo uma mulher, ela passa a ser minha. E foi isso que aconteceu. Você é minha. E será muito mais ainda. Pode sair por essa porta e dizer adeus, mas eu vou encontrá-la onde estiver e vou buscar o que me pertence. Eu quero você. Muito. E eu sei quando ganhei algo, Sophie. Posso te garantir que essa partida, você perdeu.

Ele abriu a porta e eu saí. Não olhei para trás e não olhei para a secretária. Não olhei nada, fui direto para o elevador. Só então caí em mim. Eu achei que iria sair dali com essa partida ganha, mas parece que quem ganhou foi ele, pois no fim das contas, um pedaço meu havia ficado ali.

Eu estava totalmente ferrada.

Meu celular tocou e me arrancando dos meus devaneios. Atendi a ligação rapidamente, grata pela distração.

– Oi Sylvia!

– Gata, eu estou embarcando para Dubai na maior aventura da minha vida!

– O quê? Dubai? Como? Com quem? Você ficou louca?

– Lembra do cara gostosão daquela noite na boate 232? Pois é, ele é um desses executivos ricos que viajam muito. Estamos curtindo algumas loucuras desde aquela noite e ele terá que viajar a trabalho e resolveu me levar. Não é o máximo?

– Sylvia, eu fico preocupada. Apenas certifique-se de que esse cara não é um maluco que fará algo de ruim com você.

– Dubai, amiga, eu disse Dubai! Eu vou trepar com o gostosão em Dubai, no meio do ouro!

– Ai, Sylvia, você é impossível! Estarei torcendo por você. Divirta-se! Me dê notícias todos os dias, tudo bem?

– Pode deixar gata! Já avisei na Shades in Red que ficarei alguns dias fora. Você, se cuida, ok?

– Beijo, Sylvia!

Sylvia era muito louca! Mas quem era eu para falar? Vim para um país onde não conhecia nada, nem uma pessoa sequer, me casei com um desconhecido e só tempos depois me dei conta da idiotice que

havia feito. Esperava, de verdade, que nada disso acontecesse com Sylvia, ela era uma boa amiga e merecia ser feliz. Ao menos ela poderia ser feliz.

XI

O dia se arrastou. Estava com a cabeça no mundo da lua, aliás, no mundo de Sophie. Aquela visita dela me desestabilizou completamente. Como uma mulher que eu quase não conhecia podia fazer isso comigo? Isso nunca aconteceu antes, nem mesmo quando estava com a Carrie.

Ainda podia sentir o cheiro dela na minha sala, o sabor da sua boca na minha e o toque da sua pele nas pontas dos meus dedos. Aquela mulher estava me enlouquecendo. Ela entrou de tal forma em minha cabeça e na minha corrente sanguínea, que era inútil tentar tirá-la dali. Simplesmente um delicioso vício. Eu pensava o tempo todo em um milhão de formas de fazê-la gozar, de fazê-la me querer cada vez mais. Eu queria possuí-la por completo. O que tinha acontecido na minha casa e na boate, não tinha reduzido em nada minha vontade de devorar seu corpo e ocupar seus pensamentos. Eu não me reconhecia mais...

O telefone da minha mesa começou a tocar...

– Sim.

– Sr. Collins, o Sr. Smith está na linha dois e gostaria de falar urgente.

– Pode passar.

O que o Nick queria comigo de tão urgente?

– Nick?

– Adam, que bom que consegui falar com você antes de sair de casa para o aeroporto.

– Aconteceu algo?

– Na verdade não. Mas tenho receio de que aconteça durante minha ausência. Por favor, escute o bom senso que ainda existe dentro dessa sua cabeça grande e não procure mais a Sophie, tudo bem?

– Acho que você deveria estar mais preocupado em agradar os árabes em Dubai.

– Você tem dúvidas quanto a isso? Adam é sério o que estou falando. Não se meta em problemas, principalmente durante as próximas três semanas em que não estarei aqui.

– É verdade. Será a primeira vez desde a adolescência que vamos passar natal e réveillon longe um do outro.

– Você devia vir para Dubai comigo.

– Não. Você resolve tudo melhor sem mim, na verdade, eu normalmente atrapalho. Minha parte se encerra nas negociações, você cuida bem demais do resto para eu me meter. Estive pensando, vai transar com algumas dançarinas de dança do ventre, hein?

– Que nada! Estou levando uma gata que conheci na boate no dia em que fomos juntos. Lembra-se? Espero que não se incomode. Ela vai por minha conta.

– Ainda está saindo com a mulher da boate? Isso sim é novidade.

– Estou sim, ela é gostosa e doida demais, do jeitinho que eu curto!

– E ela topou assim, sem mais nem menos, viajar três semanas para um país desconhecido com um cara mais desconhecido ainda? Que mulher doida! – e caí na risada.

– Eu não sou nenhum tipo de maníaco, Adam e estamos nos vendo quase todos os dias. Tudo bem que não a conheço o suficiente, mas ela faz o que eu curto, e não vou me casar com ela, vou apenas trepar até cansar.

– Ah, Nick, você não presta mesmo! Depois fala de mim. Divirta-se com sua gata e mostre quem é que manda para os árabes de Dubai. Até a volta, amigo! Faça boa viagem e dê notícias.

– E você se comporte, Adam. Até a volta. Meus contatos do hotel e do escritório em Dubai já estão na agenda do seu celular, pedi a Rose para colocar. Então é isso. Até daqui três semanas!

Eu só não contei ao Nick que iria hoje mesmo à Shades in Red. Não aguentava mais. Se não tiver a Sophie hoje, vou enlouquecer. Estava há horas com uma ereção insuportável, só pensando naquele corpo, nos gemidos que ela faz quando estou dentro dela e no cheiro de baunilha que tem aquele corpo delicioso.

Pedi minha reserva para a mesa de costume, ao lado do piano. Jantei por lá mesmo e Jeff já estava trazendo minha terceira dose de Gim-tônica. Em minutos Sophie entraria no palco. Eu estava ansioso e impaciente. No palco alguém começou a falar da apresentação de Sophie. Informou que hoje ela não cantaria, mas certamente encantaria todos os presentes. Eu não tinha a menor dúvida disso, mas começava a não querer que ela trabalhasse mais ali. Ciúmes!

A iluminação foi reduzida e para minha surpresa, o foco de luz veio para o piano e não para o palco. Lá vinha minha musa novamente. Cabelos como os de Betty Page, batom vermelho, uma blusa preta com bolinhas brancas, mangas compridas e tecido fininho, tão fininho que dava para ver na penumbra que ela estava sem a parte de cima da lingerie. Faziam parte do conjunto uma calcinha vermelha deliciosa com alguns babados em renda e um sapato de salto altíssimo na cor vermelho-sangue. Era uma visão enlouquecedora.

Quando Sophie colocou os olhos em mim, perdeu um pouco o entusiasmo com o qual vinha entrando. Mas acho que decidi que nada atrapalharia sua apresentação, respirou fundo, subiu no piano e se colocou em posição enquanto esperava a música iniciar. De repente, o ambiente foi preenchido pelas notas sensuais da música ‘You Can Leave Your Hat On’ de Joe Cocker. Foi a coisa mais sensual e sedutora que já presenciei em toda minha vida.

Sophie sabia que no sexo, a criatividade ocupava um papel fundamental que permitia inventar novas formas de satisfazer o parceiro e de quebrar a monotonia da relação. Ela fazia isso no palco. Era como se ela estivesse transando com cada um ali presente. Estava me enlouquecendo.

Percebi que no palco ela perdia qualquer complexo e inibição. Ajoelhada, deu início a uma dança erótica e lenta, subindo e descendo com seu corpo, como se estivesse cavalcando em alguém bem ali em

cima do piano. Colocava o dedo na boca e sugava. Ela estava seduzindo cada um dentro daquele restaurante. Insinuava-se e excitava os homens com movimentos e atitudes eróticas. Era como se muitos a tocassem, mesmo que nenhum de fato pudesse fazê-lo. Deitou-se no piano e jogou as pernas para cima, abrindo-as o máximo possível e começou a subir e descer o quadril, como se estivesse transando na frente de todos. E começou a provocar ainda mais, apertava os seios, subia um pouco a blusa, sem os mostrar totalmente, e enfiava os dedos dentro da calcinha. Eu estava pirando naquela mulher!

De repente, ela virou-se de costas, ficou de quatro e começou a rebolar aquela bunda enorme, como se alguém estivesse ali, metendo com toda força nela. Comecei a ouvir gemidos por todo salão. Os homens estavam enlouquecendo com Sophie. Eu estava muito excitado e com mais ciúmes ainda. Isso era ridículo. Como eu podia sentir ciúmes? Mas eu queria socar cada um que gemia imaginando que transava com ela. Minha musa. Minha! Ela realmente estava enlouquecedora naquele jogo de mostra-esconde. Quando começou a serpentear em cima do piano e passar a mão por todo o corpo, eu já não aguentava mais. Coloquei minhas mãos debaixo da toalha da mesa, bem discretamente, abri meu zíper e comecei a me masturbar. Fechei os olhos por um segundo, e quando os abri de volta, nossos olhares se encontraram e foi muito intenso, como se ela soubesse o que eu estava fazendo.

Nesse momento, Sophie resolveu surpreender a todos com a masturbação mais louca que já presenciei na vida. Meus olhos não acreditavam no que estavam vendo. Ela agarrou um seio por baixo da blusa, fechou os olhos, jogou a cabeça para trás, e, rebolando no ritmo da música, enfiou a mão dentro da calcinha e começou a se esfregar vigorosamente. Todos enlouqueceram, ficaram de pé, aplaudiam, gritavam seu nome, assobiavam, gemiam, diziam obscenidades, e alguns mais ousados, se masturbavam tranquilamente ali na frente dos outros. Sophie gozou com um grito alto e forte, abrindo os olhos e mirando o olhar diretamente em mim, e, mantendo contato visual, tirou o dedo de dentro da calcinha e enfiou na boca. Foi o suficiente para eu gozar enfurecidamente debaixo da toalha da mesa. Sua apresentação havia terminado. E eu também.

Peguei o guardanapo em cima da mesa e limpei minha mão e a bagunça que eu havia feito. Quando minha respiração se acalmou e voltei ao meu normal, chamei Jeff à mesa e exigi a presença de Sophie ali. Ela viria. Eu tinha certeza.

Poucos minutos depois, ela chegou à minha mesa vestida com um roupão preto com o nome Shades in Red bordado de vermelho. Fiquei imaginando se ela estava completamente sem roupas ali bem na minha frente. Ela me cumprimentou com toda formalidade.

- Boa noite, Sr. Collins. – seu olhar estava em chamas, não conseguia mais disfarçar.
- Sente-se Sophie. – e foi o que ela fez, cruzando as pernas e me dando a visão daquelas coxas firmes deliciosas.
- Quer beber algo?
- Não. Obrigada.
- Você esteve perfeita hoje. Sua apresentação foi...
- Eu sei. Mas é esse o propósito, não?
- Sim. É. – eu estava monossilábico. Que ridículo, parecia um adolescente novamente. Ela fazia isso

comigo.

– Sr. Collins, se me permite, vou pedir licença, realmente tenho de ir para casa. Espero que sua noite tenha sido bastante agradável.

– Quero levá-la, e não me venha falar que tem o motorista daqui. Hoje estou com meu motorista e preciso conversar com você. Nosso encontro dessa manhã não foi concluído, ainda tenho algumas coisas para falar.

– Olha, Sr. Collins, eu estou esgotada de tudo isso. Não vou discutir com o senhor. Se deseja mesmo concluir o assunto, tudo bem, mas vamos logo porque eu realmente estou exausta.

– Ótimo!

Ela foi se trocar e eu fiquei esperando por ela no carro. Em poucos minutos Sophie saía da casa de shows vestida de jeans, camiseta e tênis. Novamente, nada a ver com a mulher apimentada que estava em cima daquele piano. Saí do carro para ajudá-la a entrar. Ela olhou desconcertada para Hamilton.

– Acho melhor conversarmos outra hora quando estivermos sozinhos.

– Tudo bem, Sophie. Podemos conversar na sua casa. Afinal, já fui até lá uma vez e não tenho nada contra ir novamente. – Ela deu um suspiro profundo. Pegou um fone de ouvido dentro da bolsa e não abriu mais a boca dentro do carro. Durante todo o caminho não olhou para mim. Ficou olhando pela janela absorta em suas músicas e seus pensamentos.

Chegamos à entrada de seu prédio. Ela desceu pela outra porta do carro, sem esperar que eu abrisse para ela. Subiu as escadas do prédio feito um furacão e abriu a porta de seu apartamento, me dando passagem para que eu entrasse. Ela fechou a porta atrás de si e jogou a mochila em um canto no chão.

– Sente-se, Sr. Collins. Aceita algo para beber? Talvez um chá?

– Quanta mudança de atitude Sophie!

– Se for começar com suas piadinhas arrogantes, pode se levantar do meu sofá e dar o fora daqui. Não estou com clima para isso.

– Peço desculpas, não foi minha intenção irritá-la.

Ela se sentou na mesinha de frente para o sofá, de pernas abertas, bem de frente para mim, aquilo tirava minha concentração totalmente. Mas eu precisava falar.

– Sophie, eu já falei muitas vezes, mas não me custa repetir. Eu fui um completo imbecil na boate aquele dia, que eu prefiro tirar da minha memória. Peço desculpas. Você não é uma vadia, muito pelo contrário, você é uma mulher fenomenal. Custa acreditar que já tive você em meus braços. Quando lembro fico excitado como nunca fiquei em minha vida. Tenho sentido ciúmes de você, e esse não é um sentimento com o qual já tive de lidar muitas vezes, na verdade, nunca senti isso antes e confesso que estou perdido. Tenho vontade de ficar perto de você o dia todo, de tocar sua pele, sentir o cheiro dos seus cabelos, passar minha língua em você inteira e fazê-la gozar milhões de vezes.

– Adam, você já sabe dos meus problemas e sabe que ficar perto de mim é péssimo para qualquer sujeito que tenha um pouco de amor próprio e inteligência. Passei o dia pensando em tudo que aconteceu entre nós dois nas últimas semanas e realmente acredito que o melhor seja ficarmos longe um do outro para sempre. Além do mais, ainda estou magoada com a forma como me tratou na boate. Não estou

lidando muito bem com tudo isso.

- Eu também não, minha linda. Mas eu posso fazer você esquecer. Eu posso oferecer o melhor de mim todo o tempo que nós dois estivermos juntos. Sei que você está com medo, mas quero que nos dê essa chance. Não a deixarei sozinha, seu destino é ficar comigo.

- Adam, eu represento um risco na sua vida. Você sabe que isso é verdade. Além do mais, o que fizemos foi errado, eu ainda sou casada. E no mais, o que aconteceu é que confundimos as coisas, eu jamais devia ter aceitado aquela sua proposta sem noção.

- Você já teve a prova de que o sexo entre nós é fantástico. Por que não curtir? Não me interessa seu passado, não quero ouvir novamente esse papo de marido. Eu só quero ter você, livre, sem inibições, como você é no palco. Eu quero você. Eu estou louco por você. Olha só para você! Nada do seu passado poderia mudar o meu desejo por você.

- Adam...

Levantei e a puxei para mim. Tudo que eu queria era me enterrar dentro dela. Possuir cada centímetro dela ali mesmo. Tocá-la era uma maneira de me certificar que ela estava ali comigo. Quando sentia sua pele e o calor do seu corpo podia acreditar que não estava sonhando.

- Adam, não, por favor. Eu não consigo resistir, não faça isso. Você nos condenará à morte.

- Shhhh. Se solta. Se entrega. Não resista. Apenas sinta. Me deixa te dar muito prazer.

Não ouvi uma resposta...

Ela arrancou a blusa com uma necessidade urgente, tirou o sutiã em um piscar de olhos e puxou meus lábios para sua pele. Não havia outra coisa a fazer senão acariciar seus seios com minha língua enquanto enfiava a mão em sua calça jeans, procurando o zíper para arrancar tudo logo. Queria Sophie completamente nua. E minha. Ela terminou de tirar a própria calça, calcinha e tênis em um segundo. Estava desesperada pelo meu toque. Aquilo sim era se soltar. Que delícia! Ela abriu minha calça e abaixou minha cueca, ajoelhando-se aos meus pés para chupar o meu pau, fazendo-o crescer de uma forma vigorosa, que dava a ela uma satisfação intensa. Puxei Sophie para cima e comecei a beijar sua boca. Um beijo profundo e sexual.

- Sophie você é linda, é deliciosa, é a mulher mais perfeita que já tive em toda minha vida. - um sorriso de satisfação estampou seus maravilhosos lábios com aquelas palavras.

- O que passou é passado, certo? - foi tudo que ela disse. Eu me sentia o homem mais vitorioso do universo.

- Certo. Vamos começar daqui, de hoje, de agora.

- Então me fode com força agora, daquele jeito como foi na sua biblioteca. É só isso que você quer, não é? Me foder, me fazer sentir dor e prazer, certo? - fiquei sem reação. Não era só isso que eu queria, mas não sabia colocar em palavras o que eu queria de fato. Na verdade, nem sabia direito o que eu queria. Eu simplesmente a queria para mim.

- Eu quero você para mim, Sophie.

Ela me puxou para cima de sua cama e começou a conduzir a transa, não pude evitar, estava bom demais! Ela se sentou entre minhas pernas e começou a me seduzir com aquele olhar. Segurei meu pau

pela base a convidando para se dedicar a ele. Ela fechou sua mão no meu pau acima de onde minha mão estava e ficou espantada! Mesmo com nossas mãos segurando ali, ainda sobrava uma parte do corpo e toda a cabeça enorme e latejante. Percebi quando ela molhou os lábios com a língua. O desejo era muito recíproco!

Sophie começou aquela tortura deliciosa. Manipulava meu pau com sua mão e eu fechei os olhos para intensificar aquela sensação. Quando ela começou a alternar o movimento vigoroso com carícias, beijos e lambidas, eu gemi alto e estremei. Ela massageava meus testículos e lambia toda a área. Era enlouquecedor! Ela era completamente selvagem no sexo oral. Engolia quase tudo, subia e descia comigo entre seus lábios. Era demais!

De repente ela parou tudo que estava fazendo me deixando naquela vontade de gritar “acabe comigo agora!”. Quando abri os olhos, vi que ela tinha ido para meu lado na cama, estava de quatro, mas com uma das mãos, se tocava entre as pernas. Enlouqueci. Subi imediatamente por cima dela e comecei a acariciar sua boceta junto com seus próprios dedos. Estava completamente molhada e pegando fogo naquela região. Pirei!

– Adam, eu quero você demais. Bate na minha bunda e depois me fode com toda sua força.

Ouvir aquilo foi o máximo! Meu cérebro não estava acreditando nos meus ouvidos. Era um presente divino. Sophie me dava naquele momento o controle do seu corpo e o controle de todo o seu prazer. Estava claro desde o início, ela era naturalmente submissa a mim. Aceitava tudo o que eu queria e era uma amante dedicada. O dominador em mim tinha encontrado sua musa. E essa era apenas uma das razões pelas as quais nós éramos tão perfeitos juntos. Não esperei nada. Levantei minha mão e comecei a surrar aquele traseiro. Só parei quando eles estavam quase vermelhos e quentes demais. Meu pau latejava tanto que eu achei que fosse desmaiar.

Mantive Sophie naquela posição e desci da cama, encontrei minha calça e peguei um preservativo. Em um segundo estava de volta em cima dela. Penetrei Sophie sem misericórdia, nem piedade. Não avisei o que eu faria. Ela queria me dar prazer, era assim que eu sentia prazer. Continuei metendo fundo e com toda força que reuni. Ela urrava meu nome, me dizia que estava doendo, mas que era ótimo. Cada som, cada grito, cada investida de Sophie em meu pau somente comprovava o quanto ela estava gostando. Ela simplesmente adorava que eu a dominasse no sexo. Era um presente dos céus para mim. Ela pedia para que eu a fodesse mais, com mais força, mais selvagem, e foi o que fiz até me derramar dentro dela com tanta vontade que perdi o ar por alguns segundos.

– Isso foi simplesmente incrível, Adam. Você é uma delícia. – não consegui responder. Apenas puxei aquela mulher maravilhosa para dentro dos meus braços, dei um beijo em seu pescoço e adormeci ali mesmo, agarrado ao seu corpo, imensamente grato por poder dormir com ela em meus braços.

Acordei com Sophie me chamando.

– Acorde, Adam, você precisa ir.

– Hum? Por quê? Quero dormir aqui com você. – e me escondi debaixo do travesseiro.

– Não. Você precisa ir para casa. – ela estava falando sério.

– Não estou entendendo. O que aconteceu? Me deixa ficar aqui agarrado a você, vai?

– Adam já são quase cinco da madrugada. Não quero que alguém veja você saindo. Você dormiu aqui, só está indo embora mais cedo. É para nossa segurança.

Abracei sua cintura, joguei-a na cama e deixei uma trilha de beijos em seu corpo. Ela sorria de forma tão gostosa.

– Você é linda demais, sabia? A mulher mais linda que já conheci na vida.

– E você precisa ir embora. Anda logo!

Não entendi o motivo de tanta pressa para me expulsar de sua casa, mas levantei, vesti minhas roupas e fui até ela dar um beijo preguiçoso e cheio de carinho.

– Eu realmente queria ficar, mas não vou discutir. Vejo você hoje à noite?

– Não sei. – essas foram suas únicas palavras.

– Pode ser na minha casa? Quero você na minha cama.

– Já disse que não sei Adam.

Abracei seu corpo bem apertado e dei um beijo muito gostoso em seu pescoço. Ela retribuiu com um beijo quente e molhado, que me fez ter ainda mais vontade de ficar.

– Tem certeza que não posso voltar para sua cama e fazer você gozar com o sexo oral mais intenso da sua vida? Estou louco com seu sabor, sabia? Viciado mesmo!

Sophie sorriu, abriu a porta para mim e eu fui embora completamente perdido, não entendia nada. Mas estava satisfeito. Ela era minha novamente e seria por muito tempo, só precisávamos de alguns ajustes. Eu faria aquilo dar certo. Aquilo tudo era bom demais. Eu me sentia bem demais. Parecia um sonho, e eu jamais queria acordar.

XII

Estou aprendendo que nunca é necessário pedir desculpas pelo que sentimos. Era como se desculpar por ser verdadeiro. Mas me sentia tensa, frágil e sem defesa quando era verdadeira com Adam. Acabei abrindo minha guarda e deixando-o entrar, e não estou falando da porta ou de sexo. Mas deixá-lo permanecer na minha vida seria um erro enorme, estaria colocando a vida dele em risco e minha questão estaria desprotegida também, e isso eu não permitiria jamais. Era a coisa mais importante em minha vida. Eu teria de pensar em uma forma de resolver tudo, de afastar o Adam de mim de uma vez por todas. Não podia esperar mais, as coisas estavam ficando intensas demais, sérias demais. E talvez, se eu esperasse, o caminho não teria mais volta. Mas o que eu poderia fazer? Quando achei que na verdade o afastaria de mim, o efeito foi o contrário. Mas antes de pensar no que fazer, eu realmente precisava dormir e descansar.

Acordei com o vibrar do meu celular ao meu lado na cama. Era uma mensagem de texto.

“Bom dia! Na verdade, era para esse bom dia estar acompanhado de alguns beijinhos se eu não tivesse sido expulso por alguém. Você me fez pensar que mulheres são criaturas realmente assustadoras. Só queria dizer que foi maravilhoso e que não vejo à hora de vê-la essa noite... em minha cama.”

Como ele conseguiu meu telefone? Não me lembro de ter passado meu número. Só me faltava essa. Vou perguntar.

“Oi. Como conseguiu o número do meu celular?”

A resposta chegou quase que imediatamente, como se ele estivesse esperando que eu respondesse sua mensagem.

“No dia em que estive em minha casa. Você deixou a bolsa na biblioteca e eu não resisti. A que horas o Hamilton pode buscá-la no Shades in Red?”

Que absurdo! Ele havia xeretado minha bolsa e meu celular.

“De onde eu venho isso de mexer em bolsas alheias é crime.”

Ele precisava saber que não tinha gostado dessa atitude. Em um segundo chamava na tela do meu iPhone o nome Adam Collins, ele havia colocado seu número na minha agenda e eu nem tinha percebido. Precisava colocar uma senha nessa porcaria de celular.

– Alô.

– Não fica brava comigo. Eu precisava saber como localizar você fora da casa de shows e sabia que não me daria esse número.

– Você é maluco, sabia? Não gostei de saber que você invadiu minha privacidade. Prezo muito as pessoas que respeitam meu limite de espaço pessoal. Não faça mais nada parecido com isso ou me dará um motivo para nunca mais falar com você.

– Espera. Dessa vez você não conseguiu superar minhas expectativas. Estava esperando um surto de gritos e palavrões. – escutei sua risada abafada. – A que horas posso pedir ao Hamilton para pegá-la hoje?

– Não vou à sua casa.

– Tudo bem. Não forçarei a situação. A que horas poderei estar na sua casa, então?

– Adam. Você não entendeu. Não quero ir e não quero você aqui. Não fique me procurando. Veja bem, quero ser sincera com você, se o Neal imaginar que tem algum homem na minha vida, matará nós dois. Ele fez essa ameaça antes de me deixar partir. Eu podia ir embora, mas se não fosse dele, não seria de mais ninguém. Neal não brinca com suas ameaças, portanto, seja sensato e caia fora da minha vida. É complicado.

– Sophie, não me interessa se esse cara é da máfia italiana, russa, chinesa, mexicana ou do quinto dos infernos. Nada me afastará de você. Sabe por quê? Porque quero mais com você. Quero mais que uma noite. Quero mais que uma trepada sacana. Quero ter a chance de conhecê-la e ver o que acontece com o tempo. Eu preciso dessa oportunidade. Não tenha medo, nem por mim, nem por você. Ele pode até ser peixe grande, mas eu sou tubarão. Estamos entendidos?

Fiquei em silêncio absorvendo aquelas palavras. Ele queria mais do que fazer apenas sexo comigo. Aquele homem perfeito me queria na vida dele.

– Sophie? Você ainda está me ouvindo? Responda.

– Adam.. – suspirei profundamente. – Você é um cabeça dura. E está sendo um idiota também.

– Não olhe para trás, Sophie, não coloque o foco da sua vida no passado. Não é para lá que você vai. Pense em um futuro menos problemático do que a vida que você vive hoje. Eu vou fazer de tudo para ajudá-la, não me importo que isso implique. E não seja tola de dizer que não me deixará ajudá-la.

– Tem outras coisas. Coisas que me impedem de viver uma vida tranquila. Coisas mais importantes que tudo.

– Do que você está falando? Eu sei que posso ajudar. É por isso que precisa daquela quantia em dinheiro? Foi por causa dessa questão importante que você aceitou minha proposta?

– Sim.

– O valor estará em sua conta ainda nessa manhã e se me devolver novamente perderei a cabeça, entendeu?

– Não posso aceitar. É errado.

– Errado por quê? Estou terminando o quadro. Tecnicamente esse era o nosso acordo.

– Como assim?

– Eu não precisava de você esticada no meu sofá todos os dias, eu apenas a queria lá. Você está

gravada em minha memória, querida. E isso me basta para terminar aquele quadro. Estamos conversados? E se você precisar de mais dinheiro ou de qualquer outra coisa, não tenha vergonha de me falar. Estarei aqui para tudo que você precisar. Tudo. Sempre.

Eu simplesmente não conseguia responder tamanha generosidade.

– Outra coisa Sophie, a bolsa que comprei para você foi um presente. Achei mesmo que você pudesse gostar. Juro que não entendi sua reação. Ela está na porta do seu apartamento do lado de fora. Peguei no carro hoje mais cedo antes de ir embora. Fique com ela, me deixará feliz.

– Você é insuportavelmente controlador! – disse, sorrindo.

– Ainda com relação a esse assunto da bolsa, quero deixar claro que você não precisa usar nada de grife, nada caro para ser perfeita para mim. Na verdade, prefiro você sem nada mesmo! – e escutei sua risada. - Uma mulher é chique em sua atitude, roupas e bolsas são apenas complementos, acessórios. Foram suas atitudes que me fizeram querer você ainda mais, Sophie. Acredite, é um privilégio para a grife ter uma mulher maravilhosa como você, desfilando por aí com um artigo dela.

– Obrigada. – foi tudo que consegui dizer.

– Tem certeza que não quer me ver hoje?

– Tenho. Isso tudo é muito legal, mas ainda tenho minhas questões. Preciso de um tempo para pensar.

– Não conseguirei ficar muito tempo longe de você, na verdade, eu queria estar aí agora mesmo.

– Tenha um bom dia, Adam!

– Posso pelo menos ir vê-la no Shades in Red?

– Tudo bem. Mas não insista em me levar para outro lugar depois.

– Entendi. Ir devagar. Prometo tentar, mas é que você me enlouquece. Só de falar com você por telefone estou excitado. Não posso controlar.

– Toma um banho frio e vai trabalhar, afinal de contas, você tem um universo inteiro para comandar. Até depois, Adam! – e desliguei antes que eu dissesse o que realmente minha cabeça estava pensando e meu corpo desejando. Ou será que era meu coração? Estava ferrada!

Saí da cama, meu corpo estava ainda muito preguiçoso por causa da noite anterior. Fui até a porta, e quando abri, lá estava o embrulho da bolsa e um buquê de rosas vermelhas. Adam era doido mesmo! O que eu faria com aquele homem? Ele não desistiria. E sabe o que era pior? Queria acreditar que tudo isso tinha futuro, que ele poderia um dia me amar.

Precisava espairecer. Coloquei as rosas na água, tomei um banho para despertar e sai para correr. Era o esporte que mais me relaxava. Eu deixava minha mente planar quando corria.

Uma hora e quinze minutos depois, não sabia quantos quilômetros tinha percorrido em minha corrida. Mas foi ótimo sentir aquela dor nas pernas e o suor pelo corpo, era a maneira como esquecia por algum tempo todos os meus problemas e fugia da minha vida. Depois de um gostoso alongamento na pracinha observando as crianças brincar, precisava ir para casa tomar um banho e preparar alguma apresentação nova para a noite. Além do mais, tinha o dinheiro para passar para a Nana. Não devolveria

aquele valor ao Adam agora, mas certamente pensaria em como fazer isso depois. Definitivamente eu não era uma aproveitadora.

Subi as escadas correndo ainda no pique e ao abrir a porta senti meu mundo simplesmente desabar em trilhões de pedaços bombardeado por Neal White sentado no meu sofá. Ai, meu Deus!

- Meu amor! Você chegou. Como é bom vê-la depois de tanto tempo! – Andando lentamente em minha direção, me fez ver tudo girando em câmera lenta. Em um segundo eu estava apertada em seus braços e sendo consumida por um beijo desesperado. Não conseguia reagir.

Quando meu cérebro, enfim voltou a raciocinar, o empurrei com toda a força que consegui e o vi franzir a testa como se aquilo fosse um absurdo. Muito provavelmente ele ainda se sentia meu dono.

– O que pensa que está fazendo aqui? Como entrou no meu apartamento?

– Sério mesmo que eu tenho que responder essas perguntas, meu amor? Sou eu, seu Neal. Eu entro onde eu quero, quando eu quero, ainda mais aqui, onde mora a minha mulher. Esqueceu disso?

– Neal, nós não temos mais nada um com o outro. Por favor, saia da minha casa.

Ele caminhou com aquele sorriso no canto dos lábios, trancou a porta atrás de mim e novamente estava agarrado ao meu corpo suado. Eu me sentia gelada, morta. Não conseguia pensar em mais nada, apenas que ele tinha vindo terminar o que não teve coragem de fazer meses atrás, ele me mataria.

Neal colocou todo meu cabelo para o lado, deixando livre meu pescoço e começou a passar a língua ali. Eu estava tão tensa que tudo que sentia era um frio percorrer todo meu corpo até a alma.

– Porque você veio atrás de mim, Neal?

– Porque quero o que é meu, o que me pertence. Já estou maluco para fazer amor com a minha mulher e seu aniversário está chegando, não podia estar longe nesta data especial. Estava precisando tomar posse da minha mulher de novo.

Ele continuou aquela tortura. Beijava meu rosto, mordida minha orelha, me apertava contra sua ereção, passava as mãos em meus seios por debaixo do top e dizia o quanto me amava a cada segundo. Eu não estava aguentando aquilo mais. Desabei a chorar.

– Sophie? O que foi meu amor?

– Você, Neal. Você é um pesadelo na minha vida. Se você pretende me matar, faça isso logo!

– Enquanto você não chegava, duas coisas me incomodaram muito. – me pegou pela cintura e me virou para olhar em seus olhos. – Em primeiro lugar, fiquei pensando o que levaria uma mulher inteligente a vir morar em um lugar horrível como esse e a abandonar um homem como eu, que podia dar a você o céu se desejasse. E a segunda coisa, quem teria dado flores à minha mulher e por que motivo faria isso. – e olhou para as rosas no balcão da minha cozinha. As rosas de Adam.

– Eu o amava, Neal! Eu vivia por você. Você sabia de todo o meu passado, de toda minha vida, eu nunca escondi nada de você e você me escondeu algo tão terrível quanto o que você faz para ganhar dinheiro. Depois que entendi tudo, você me torturou, eu ainda tenho as marcas em meu corpo. Você me humilhou e me obrigou a dormir com seus comparsas para você assistir, como se eu fosse uma puta, e você me traiu com tantas mulheres que nem sei a quantidade, e me obrigava a assistir. E por fim, quando eu achava que nada podia ser pior, você fez o que fez comigo em Raleigh. Jamais te perdoarei. Jamais

esquecerei. Você dizia que nunca mais ninguém me faria mal, porque você jamais permitiria isso, mas foi o primeiro a fazer. Você me destruiu. Você pegou o que havia sobrado de mim e jogou no pior abismo que existe. Hoje eu não sou nada.

Soltei-me de seus braços e fui andando para a cozinha, precisava muito de um copo de água e de distância daquele homem.

– Essas rosas, Neal, são minhas. Eu mesma as comprei. Não deve se lembrar, mas eu adoro rosas. É só uma forma de alegrar a cor cinzenta da minha vida. – disse sem olhar para trás.

– Tem certeza de que não são de algum cliente do Shades in Red? – engasguei com a água e meu coração disparou. Perdi toda a cor do rosto, me sentia tonta e gelada.

– O que você disse?

– Acha mesmo que eu viria atrás de você sem saber que tipo de vida estava levando? Acha mesmo que eu não teria essas informações? Você só está viva porque sei que não sai com os clientes do restaurante e da casa de shows como as outras mulheres fazem. Mas meu ódio é enorme ao saber que aqueles homens puderam ver o corpo da minha mulher em um palco. E ainda não me decidi o que fazer sobre isso. Você tem alguma sugestão, Sophie querida?

– Eu precisava trabalhar e foi a única coisa que consegui depois que você sujou meu nome e minha identidade. É um trabalho como qualquer outro. Você me deixou sem um centavo sequer em um país que nem o idioma eu conhecia. Você tirou tudo de mim, Neal, você levou a minha alma, o meu coração. Eu não tenho nada disso mais. Sou só uma casca lutando para sobreviver. Apenas isso. Por que não me deixa em paz? Tem tantas mulheres que querem você!

– Você mereceu. Você tirou minha paz naquela época, Sophie. Desconfiava de tudo, se intrometia em tudo, e quando me abri e contei tudo, você me tratou como se eu fosse um monstro. E quando te coloquei no esquema para você entender e se familiarizar, porque eu queria dar uma nova chance a nós dois, você me traiu. Você sabia que eu podia ter sido pego e preso ou pior, podia ter morrido naquele caso da família da Nana, que o capeta a tenha no inferno. Você me traiu sem se importar com nosso amor, com o que aconteceria comigo. Eu só queria me vingar de você. E foi o que fiz. Mas acha que sinto orgulho disso? Por sua causa eliminei nove membros da minha equipe, entre eles meu braço direito. Eu não ligo para nenhuma outra mulher.

– Do que você está falando?

– Acha mesmo que uma pessoa que tocasse em seu corpo permaneceria vivendo para se lembrar disso? Matei todos, um a um, cada um daqueles que obriguei a transar com você.

Perdi o ar e senti que estava indo de encontro ao chão. Quando senti braços fortes me pegarem no ar com tamanha agilidade. Neal me carregou e me acomodou em minha cama. Alguns segundos depois eu já começava a voltar a mim novamente. Mas minha cabeça estava com uma dor insuportável.

– Sophie, está me ouvindo? Concentre-se em minha voz. Meu amor, fale comigo!

– Neal... O que você fez... Aqueles homens... Eu não quero essas mortes em minhas costas. –comecei a chorar. – Santo Deus, Neal! Diga que isso não é verdade. – falei entre um soluço e outro.

– É claro que é verdade. Eu não aguentava mais fechar os olhos à noite e ver todos aqueles caras

sujeitos tocando em você. Eliminei meu problema. É assim que eu sou, é isso que faço. E com relação ao que fiz em Raleigh, foi para seu próprio bem. Não podia deixar você com aquele problema que eu mesmo causei.

– Problema, Neal? Problema foi o que você causou com aquilo no meu coração. Eu morri mil vezes. Eu ainda estou morta.

– Meu amor, eu não quero falar disso mais. Quero que esqueça tudo. Eu vim para levá-la para casa e é isso que farei.

– Você prometeu que me deixaria em paz. Você mesmo disse que não queria ter notícias minhas e que não queria ver meu rosto nunca mais.

– Eu sei. Eu pensei que podia viver sem você. Eu até tentei. Tentei conhecer outras mulheres e esquecer você. Mas seu cheiro estava impregnado em mim. Seu sabor não saía dos meus lábios. Cada vez que me deitava em nossa cama, sentia falta da sua pele, do seu toque, do seu amor. Não podia tirar você da minha mente, do meu coração. Era impossível. E você ainda é minha, muito minha. Nunca nos divorciamos e não faremos isso jamais. Vamos reconstruir aquela nossa felicidade de antes.

– Eu não posso e não quero. Não vou. Você não pode me obrigar.

– Poder obrigá-la eu poderia sim. E faria, pode ter certeza. Mas eu quero você como antes. Livre, me amando de verdade e não intimidada. Eu só preciso lembrar você como éramos antes, tenho certeza que no fundo do seu coração, ainda me ama muito. Quero fazer amor com você agora mesmo.

Aquelas palavras foram como um soco no meu estômago. Senti pavor. Pavor dele, do toque dele. Num pulo saí correndo da cama me acuei perto da mesa. Ele se virou para mim com ódio no olhar. Ai, meu Deus! Ele me mataria. Como sou burra! Neal caminhou até mim, parou bem ao meu lado e tirou de trás da calça, debaixo do blazer, uma arma e a colocou bem ao lado do meu rosto. Eu parei de respirar nesse exato momento.

– Sinto muito, meu amor, que eu precise fazer isso na nossa primeira vez depois de tanto tempo, mas você não me deixa outra escolha. Preciso provar que ainda somos perfeitos juntos e vou fazer isso a qualquer custo.

– Por favor, não! Não faça isso, Neal. Não piore as coisas entre nós dois.

– Eu vou consertá-las meu amor. Confie em mim e fique quietinha. Não me obrigue a usar isso aqui e a destruir as nossas vidas para sempre. Conviver com sua morte seria horrível.

Neal podia ter qualquer mulher. Por que, então, essa obsessão por mim? Ele era alto, forte, não forte do tipo cheio de músculos, mas forte do tipo definido. Tinha a pele pálida e os olhos de um castanho profundo. Intensos. Seus lábios eram finos e perfeitos e seus cabelos escuros e lisos voavam ao vento, ficavam raspando charmosamente nas golas de suas camisas. E ele tinha o bigode e cavanhaque mais sedutores do universo. Neal tinha um jeito sexy, fazia sexo com tanto amor e falava apenas promessas lindas em meus ouvidos enquanto se concentrava em me dar prazer. Sentia tanto por ele ter destruído tudo isso. Por ter me afastado. Por levar a vida que leva.

– Você fica sexy quando finge que não me quer.

– Não estou fingindo. – ele apertou a arma em meu rosto e eu senti as pernas amolecerem.

– Eu disse para ficar quieta. Agora a quero calada também. É meu último aviso. – eu não me mexeria e nem abriria mais minha boca. Precisava pensar na minha vida e em tudo que dependia dela

Neal colocou a arma em cima da mesa e começou a beijar meu pescoço. Eu poderia tê-la pego, mas ele acabaria me matando antes que eu tentasse qualquer coisa. Precisava suportar mais isso.

Ele beijava os lábios e me mordida suavemente, queria me excitar, mas eu estava tensa demais, com raiva demais para isso.

– Admita que você ainda me ama e me adora quando eu a tomo em meus braços e faço amor sem pressa. Eu não consigo tirar meus olhos de você. Quero sentir você. Entrar em você. Estou tão louco para fazer isso que tenho medo de perder o controle e quebrá-la. Quero gozar dentro de você e depois fazer de novo e de novo. Quero ouvir novamente você gritar meu nome quando eu te fizer gozar. Depois de tudo, ainda quero que você fique comigo pelo resto da porra da minha vida.

Desceu as alças do meu top e deixou meus seios expostos. Incrivelmente eu não sentia vergonha com ele. Provavelmente pelo tempo que passamos juntos e pelo nosso nível de intimidade. Seus dedos fizeram um carinho em cada mamilo e depois sua língua continuou com o processo. Com os dedos ele continuou descendo o top e foi ajoelhando-se até o chão para tirá-lo pelos meus pés. Descalçou meu tênis olhando profundamente nos meus olhos, e depois tirou minhas meias. Aproximou o rosto da minha barriga e acariciou a pele daquela região com seu rosto.

– Eu amo você loucamente, minha princesa, mais do que deveria, mais do que você merece. Eu penso em você o dia todo, o tempo todo. Você é linda demais, sua pele é maravilhosa, seu cheiro é embriagador. Você é minha! Minha menina. Para sempre.

Segurou minha legging com as pontas dos dedos e a desceu lentamente. Quando a retirou totalmente, voltou subindo seus dedos entre a parte interna das minhas coxas e depositando vários beijos pelo caminho.

– Nunca mais eu vou macular essa pele. Seu corpo é a maior perdição da minha existência. Por você eu perco completamente a razão. Eu mato e morro por você, Sophie. Simples assim.

Quando chegou com as mãos na minha calcinha, um tremor tomou todo meu corpo, eu sabia o que viria a seguir. Eu não estava preparada para suportar tanto estímulo. Era muito para mim. Ele segurou a calcinha pelas laterais e puxou com tanta força que a peça se desfez em suas mãos, como se fosse papel. Ele a jogou no chão e me olhou com os olhos em chamas. Minha pele ardia por causa daquela violência.

– Essa é a boceta mais deliciosa do mundo, a mais doce, é a única que me enlouquece. Não importa quantas eu tive. Nenhuma outra superou a sua.

E começou uma torturante penetração dos seus dedos em mim. A esse ponto, não há corpo que se mantenha indiferente, eu já estava quente e muito molhada.

– Veja só, Sophie, sinta o quanto você está molhadinha para mim. Eu amo isso em você. Eu amo o tanto que você fica quente e o quanto é apertada. Você me enlouquece, princesa!

Quando olhei para baixo ele chupava os dedos que havia colocado dentro de mim. Eu não podia baixar guarda e ceder. Deus! Não podia! Por que eu simplesmente nunca conseguia o devido controle sobre meu corpo? O que havia de errado comigo?

Ele se levantou, me pegou em seus braços com extrema facilidade e me deitou na cama. Dobrou meus joelhos e forçou a abertura das minhas coxas. Em seguida estava de boca em mim. Fazia movimentos circulares com a língua que estavam me fazendo enlouquecer com tantas sensações intensas. Lambia entre minhas pernas, me mordiscava e me penetrava com a língua durante um bom tempo.

– Você é uma delícia, meu amor! Por favor, se solta, goza na minha língua, permita que eu sinta esse sabor do seu prazer. É tudo que eu quero há tanto tempo!

E voltou a me torturar mais intensamente com aquela língua. E quando comecei a ouvir seus gemidos baixinhos entre minhas pernas, não pude me conter e gozei bem ali, do jeito que ele queria. Eu me odiava por isso. As lágrimas escorriam dos cantos dos meus olhos de tanta raiva que eu sentia de mim mesma e dele.

– Isso, princesa! Que maravilha! Nossa! Você estava precisando de mim!

De repente ele estava de pé tirando toda a roupa. Foi tudo que percebi espiando de uma fresta dos olhos que eu mantinha fechados. Ele veio calmamente por cima de mim, me abraçou e me apertou, e eu pude sentir sua ereção quente e enorme entre minhas coxas.

– Só você faz isso comigo, meu amor! Juro que não fico tão duro assim com mais ninguém. Você tem noção do que faz comigo? Faz ideia do que representa na minha vida? Eu precisava demais estar assim com você, nus, colado um ao outro. Só você e eu, desejo e pele. E muito amor. – de onde ele tirou esse amor? Eu só via ódio e rancor ali.

Ele começou a me beijar com fogo e paixão, fazendo meu sangue gelar e meu coração acelerar. Eu começava a sentir uma mistura de nojo, ódio e desejo. Não conseguia raciocinar mais. Era impossível. O suor começou a brotar das minhas têmporas. Eu o agarrei pelo cabelo e ele segurou a minha bunda, erguendo-me da cama. Enlacei suas pernas e o puxei mais. Sua ereção pressionava o meu sexo com força. Eu arfei com a língua dentro de sua boca. Não conseguia resistir mais. Suas mãos fecharam em concha em volta dos meus seios e começaram a apertá-los. Eu gemi e mordisquei o lábio inferior dele bem devagar. Ele sabia que eu havia me entregue. Estava me sentindo derrotada e horrível. Meu corpo havia me traído. Mais uma vez.

– Por favor, Neal, não faz isso comigo. Eu vou odiá-lo ainda mais.

– Eu te quero tanto que meu coração chega a doer, meu amor. Eu só quero me derramar de amor dentro de você. Você. É. Minha. Para sempre. Eu vou corrigir meus erros, vou amá-la muito e fazê-la profundamente feliz. Eu prometo jamais voltar a magoá-la. Jamais.

Ele desceu sua boca pelo meu pescoço e foi até os meus mamilos, que estavam duros. Ele capturou um em sua boca e começou a chupá-lo. Eu me contorci e me arqueei para ele. Deus! Eu poderia ter um orgasmo só com aquilo. Ele pegou o outro em sua boca e mordiscou. Eu gemi roucamente antes dele reclamar a minha boca na dele outra vez. Neal gemeu forte. Ele passou os dedos carinhosamente pela minha bochecha para secar minhas lágrimas e me penetrou devagar, olhando no fundo dos meus olhos. Não conseguia me desprender daquele olhar. Estávamos transando sem proteção, como permiti Adam fazer comigo na boate. Isso era tão errado. Completamente errado. Ele continuou com aquele beijo lento, gentil, suave e muito íntimo. Ele estava me amando, amando meu corpo, mas eu só pensava em Adam..

– Nunca mais você vai sofrer. Eu prometo.

Aquela penetração preguiçosa, mas vigorosa e profunda permaneceu por tanto tempo que me perdi na minha cama, nos braços do homem que eu deveria odiar com toda minha alma. Perdi as contas das vezes que ele dizia que me amava, até que começou a meter de forma mais intensa, mais descontrolada. Ah, meu Deus! Eu explodi como fogos de artifício com todo meu ser. Arqueei-me mais e ele começou a se movimentar dentro de mim. Quase morri tentando sufocar os gritos. Segurando meus quadris ele se afundou mais uma vez dentro de mim, gemendo descontroladamente, e explodiu em puro êxtase, jorrando absurdamente quando alcançou seu clímax. Notei que Neal chorava, mas não entendia o motivo. Até que ele explicou...

– Minha princesa, talvez pela primeira vez eu tenha compreendido o que é chorar de felicidade. Estar com você é a maior felicidade da minha vida. Tê-la é o maior prazer que posso dar ao meu corpo. Eu a amo tanto que dói fisicamente dentro do meu peito. Não me deixe mais. Nunca mais. Vamos ter filhos, vamos ser felizes. Vamos envelhecer de mãos dadas. Eu quero colocar o mundo aos seus pés. Eu preciso atravessar essa vida ao seu lado, e se existir algo mais depois da morte, eu quero estar lá com você também. Só você me faz inteiro.

Esvaziei minha mente completamente depois daquelas palavras. Não podia negar que elas me tocaram. Durante um bom tempo ficamos ali aninhados. Neal com a cabeça repousando entre meus seios e eu olhando perdida para o teto. De repente ele plantou um beijo gentil em meus lábios. Minha pele formigou com seu toque.

– Você está ainda mais linda agora, com esse olhar perdido e sonolento depois do nosso amor. Eu havia me esquecido o quanto é maravilhoso estar dentro de você. Assim, pele com pele, uma entrega total, completa e irrevogável. Você, como sempre, foi perfeita. A mulher mais gostosa que existe nesse mundo! Eu quero você para sempre. Vamos viver nossas vidas lado a lado. Eu vou cuidar de você e você de mim. Juntos até o fim. Você é a única pessoa que eu amei de verdade nessa vida. É tão intenso que confunde minha mente e meu coração.

Eu nem me mexia. Parecia morta. Era como eu me sentia. Bateu uma depressão tão forte que eu poderia me matar ali mesmo naquele momento. Percebi quando ele se levantou, foi até seu casaco e trouxe o celular para cama.

– Ainda se lembra da nossa música, meu anjo? – disse, colocando para tocar ‘Happy Together’ da banda The Turtles. É bem provável que eu tenha adormecido antes mesmo do fim da canção.

Quando acordei, Neal estava aninhado a mim em uma conchinha possessiva e odiosa. Soltei-me lentamente dos seus braços e saí da cama. A primeira coisa que vi foi sua arma em cima da minha mesa e num impulso impensado, peguei e a aponte para sua cabeça. Ele acordou com essa visão...

XIII

Abri os olhos e lá estava meu anjo, minha princesa, com minha própria arma apontada para minha cabeça. Por um momento voltei a fechar os olhos, pensei ter adormecido e podia estar no meio de um pesadelo. Quando voltei a abri-los ela ainda estava com aquela arma apontada para mim. Era hora do Neal White impiedoso dar as caras outra vez. Não era o que eu queria e muito menos o que eu havia planejado, mas ela estava me obrigando a fazer aquilo.

– Muito bem, Sophie. Atire! – foi um grito de dentro da alma que saiu da minha garganta com toda a raiva que prendia meu corpo àquela cama. – Vamos! Atire! Não me deixe sair dessa cama vivo. Eu não deixaria se estivesse no seu lugar. Acha que tenho medo da morte? Lido com ela todos os dias, somos amigos.

Ela estava atônita. Não se movia. Foi quando a vi jogar o olhar na linha do horizonte, para fora de sua janela, e com isso mudou o rumo da mira para sua própria cabeça. Não. Eu não permitiria. Jamais a perderia de forma tão imbecil. O que deu nessa mulher?

– Sophie, não faça nada do que vai se arrepender depois. Você queria acabar com a minha vida, não com a sua. – levantei-me cautelosamente e fui em sua direção. Eu não podia perdê-la dessa forma.

Ao me aproximar, percebi que ela segurava a arma com tanta força que sua mão estava avermelhada. Precisava trazê-la de volta à realidade. Segurei sua mão e apontei a arma diretamente para o meio do meu peito. Segurei firme pelo cano.

– Atire Sophie! Não era isso que queria? Vamos, seja corajosa, atire! – gritei com ela.

Por um momento achei realmente que ela fosse atirar, vi sangue e ódio em seus olhos. E se isso fosse verdade, se ela conseguisse me matar, era porque eu já estava morto dentro dela, e não precisava mais viver nesse mundo. Minha existência se tornaria um lixo, um buraco vazio e sem sentido como foi até essa manhã antes de reencontrá-la. Mas ela não o fez. Simplesmente não conseguiu. Aos poucos soltou o gatilho e liberou a arma em minha mão. Colocando as mãos no rosto e soltando o corpo, escorrendo até o chão. Estava mortificada talvez pelo que quase havia feito. Sophie era nobre demais, aquilo a estava matando.

– Chega Sophie! Acabe logo com esse teatrinho! Não condiz muito com a mulher que agora a pouco apontava uma arma para minha cabeça. Imagina Neal White ser morto por uma mulher, ninguém acreditaria. – eu precisava quebrar o clima de desespero. Mas ainda precisava dar a Sophie uma lição,

por mais que me doesse, ela precisava entender de uma vez por todas, quem eu era e do que seria capaz. Droga! Manter um relacionamento dava muito trabalho, o tempo todo era uma merda atrás da outra.

Agarrei Sophie pelos cabelos da nuca e a levantei do chão. Seus olhos estavam inchados e vermelhos. Forcei seu olhar na direção dos meus, ainda estávamos nus e isso me deixou com um tesão absurdo. O que essa mulher fazia comigo? Não conseguia explicar. Bastava um olhar dela para eu me derreter por completo.

– Eu disse que você deveria ter me matado! – falei essas palavras com o máximo de ódio que consegui demonstrar. Apesar de no fundo, sentir muito amor. Uma paixão incontrolável. Um desejo que me consumia profundamente.

Joguei minha mulher em cima da cama, montei por cima de suas pernas e dei uma surra repleta de socos em seu abdome, costas e coxas, evitando acertar seu rosto perfeito. Eu sei que doeram, minhas mãos ardiam. Quando ela começou a gritar para que eu parasse, a tomei em meus braços e beijei seus lábios, penetrando-a com toda a fúria que consegui. Eu queria rasgar sua carne, marcá-la feito gado. A mensagem era clara, ela era minha e precisava aceitar isso ou morreria. Sophie se debateu enquanto teve forças, mas depois se acalmou e apenas fechou os olhos. Fui firme até o clímax e gozei deixando o peso do meu corpo recair sobre o dela. Eu estava molhado de suor e o cheiro de sexo dominava o ambiente.

– Você é minha Sophie. E me ama. Do contrário teria me matado. Você sabe disso. Não adianta tentar mentir para si mesma.

– Eu. Odeio. Você. Com todas as minhas forças. – ela disse sem sequer abrir os olhos.

– Não meu amor. Você me ama, assim como eu a amo. Vai ser assim até nosso último dia nesse mundo. – pronto. Minha sentença estava proferida. – Anda, levante-se, tome um banho, apronte-se, precisamos ir para um hotel, estou ficando com nojo desse lugar onde você vive.

Sophie se levantou. Parecia raciocinar sobre algo. Conhecia minha mulher, ela estava mudando de tática. Cederia porque tramava alguma coisa, alguma saída. Para mim era perfeito mesmo que ela estivesse maquinando algum plano em sua mente habilidosa. Como aquela mulher era inteligente! Isso também me encantava. Eu fazia seu joguinho enquanto fosse conveniente para mim, depois ela se sujeitaria a mim de qualquer forma, tenho cartas nas mangas que ela nem sonha em imaginar.

– Neal, ficamos muito tempo separados, há muito para colocar na mesa ainda e não me sinto mais totalmente à vontade com você. Preciso de tempo. Não posso simplesmente fingir que nada de ruim aconteceu entre nós e seguir em frente com você. E ainda tem essas pessoas que você matou. Meu Deus, Neal! Além do mais, tem tudo isso que aconteceu agora. Você não consegue definir se me ama ou se me odeia. Se vai me proteger ou me espancar até a morte. No fundo, você ainda não me perdoou pela traição. Eu não estava pensando antes, agora estou. Precisamos ir aos poucos. Consertar tudo antes de engatarmos em um relacionamento intenso novamente. – ela me pegou pelas mãos e me sentou na cama. Depois se sentou bem ao meu lado. Essa mulher me afetava profundamente. E continuou. – Eu gosto de viver aqui em Nova York. Eu tenho um trabalho do qual não quero abrir mão agora. Precisamos ir devagar. Está bem?

– Meu amor, se tem vontade de viver aqui, venho viver aqui com você. Comprarei uma casa

maravilhosa! Trago todo meu esquema para Nova York. Você pode ficar tranqüila, ninguém tem ou jamais terá algo contra mim. Para efeito fiscal e social, sou apenas um empresário do ramo de esportes que deu muito certo. Apenas isso. Com relação aos vermes que mandei eliminar, não pense nisso. Eles não valem coisa alguma. Fiz um favor à sociedade eliminando-os. Sobre esse seu trabalho, esqueça. Jamais permitirei que você fique expondo o que é meu para a cobiça de outros homens. Você é toda minha. Somente minha. – passei os dedos em sua mão esquerda procurando a aliança que lhe dei e não a encontrei. Meu coração gelou e o ódio voltou ao meu olhar. Sophie ficou visivelmente tensa. Ela entendeu o que havia me aborrecido.

– Parei de usar, Neal. Precisei vender. Sinto muito. – foi tudo o que ela disse abaixando o olhar com vergonha e medo de como eu reagiria àquilo.

Decidi não me alterar sobre isso.

– Tudo bem, princesa. Sairei e comprarei outra ainda mais linda e valiosa para você.

Tudo estava bem até o momento. Eu fingia acreditar naquela súbita mudança de comportamento para manter as atitudes mais leves entre nós dois, mas ficaria de olho. De repente ouço o som de entrada de mensagem no celular de Sophie e meu coração volta a acelerar de ciúmes.

– Não vai ver quem está enviando uma mensagem? – ela ficou tensa. Isso era esquisito.

– Não é necessário fazer isso agora. Deve ser Sylvia, uma amiga. Depois a respondo. – enfiei meus dedos nos cabelos de sua nuca e comecei a beijá-la, queria fazer amor de novo com ela, nunca me cansava, nunca era o suficiente; mas outra mensagem fez barulho na caixa de entrada do seu celular.

– Agora quero saber quem é e do que se trata Sophie, eu já disse para você milhões de vezes que não compartilho, entendeu? – ela perdeu a cor.

– Só pode ser a Sylvia, Neal. Ela viajou de última hora e deve estar pedindo para que eu avise no Shades in Red. – Sophie respirava como se o nível de adrenalina de seu corpo estivesse no pico. Não era verdade o que ela estava dizendo. Ela não sabia mentir. Era um homem, tinha certeza.

– Sophie, não brinque comigo. Me dê seu celular, agora!

Ela se levantou, foi até sua bolsa e pegou o celular. Vi quando seus olhos perderam o brilho e sua pele empalideceu ainda mais. Ela começou a teclar algo, ia apagar as mensagens. Me levantei em um flash e tomei o celular de sua mão, fazendo com que Sophie caísse de bunda no sofá. Ela perdeu o ar. Abri a caixa de mensagens e lá estavam minhas confirmações em duas mensagens que colocaram para fora a fera que vivia dentro de mim.

“Sophie, não consigo tirar meus pensamentos da noite de ontem. Meu trabalho não rende. Só penso em seu corpo, em seus beijos, em seu cheiro, no quanto quero fodê-la até fazer com que perca os sentidos. Estou tão excitado que está difícil permanecer sentado em minha mesa. Você é minha musa e eu quero mais, lembre-se disso. Não vejo à hora de vê-la hoje à noite. A.”

“Minha querida, esqueci de perguntar se gostou das flores. São vermelhas como a lingerie que a deixa ainda mais divina no palco do show, se é que isso possível. Espero que resolva logo seus problemas para que possa se entregar inteiramente à mim, como fez nas últimas vezes. Eu queria estar dentro de você agora. A.”

Perdi completamente a noção de tempo e espaço. Tudo girava. Minha mulher havia se entregue a outro homem que naquele momento a requisitava para ele e ela ainda mentiu para mim. Isso foi demais. Com toda a calma e dissimulação do mundo reli as duas mensagens em voz alta para que Sophie pudesse reagir e começar a me explicar que porra toda era aquela.

– Neal, eu não podia imaginar que você voltaria à minha vida e... – ela simplesmente perdeu a voz e disparou a chorar.

– Sophie, me diz que isso é uma brincadeira de mau gosto e que jamais outro homem tocou em sua pele. – ela permaneceu calada, eu somente ouvia o barulho de seu choro.

– Sophie, esse cara te comeu? Ele conhece essa sua boceta que parece ter sido feito somente para foder? Ele já te meteu o caralho? Ele conhece intimamente o que somente eu deveria conhecer? Responda se não quiser que eu te mate agora mesmo! – gritei com todo o ar do meu pulmão.

– Neal, você precisa me perdoar. – disse se ajoelhando aos meus pés, chorando e agarrando-se às minhas pernas. Mas Sophie não era disso, não era assim, ela sempre me desafiava. Desconfiei que aquele desespero pudesse ser por temer o que eu faria com aquele homem. Ela gostava daquele cretino que ousou tocar em seu corpo.

– Levante-se. Tenho nojo de mulheres fracas que se rastejam. Arrume-se, você tem um horário de show a cumprir. Não quero que se atrase. – frio e calculista. Foram com essas armas que me protegi para poder suportar o que sentia naquele momento. Eu me vingaria.

– Neal, não. Por favor.

– Não me faça repetir.

– Ainda falta um tempo para o horário do show. Podemos conversar?

– Não. Eu vou foder você com força agora. Porque parece que minha mulher não liga muito para fazer amor. Ela prefere ser fodida como uma vadia qualquer. Se você gosta de sentir dor, farei com que sinta muita dor, Sophie. Toda dor que eu puder causar.

Mas Sophie sabia usar as armas que tinha comigo. Era uma particularidade dela somente comigo. Para mim ela não tinha vergonha, nem pudores, nem todos aqueles traumas nojentos que ela carregou até me encontrar. Sophie me devia isso, essa cura. Eu a curei. Eu a libertei.

Ela veio até mim e começou a me tocar, a me beijar. Nossa! Como aquilo era bom. Ela estava fazendo como antes, quando nos amávamos o dia inteiro. Mas ela estava suja, outro homem havia possuído o que era apenas meu. Eu a teria, mas debaixo da ducha, para a água levar embora qualquer coisa no corpo de Sophie que não fosse reflexo do meu.

Peguei Sophie em um abraço delicioso e a levei para dentro do banheiro. Como aquele pequeno espaço era feio. Mas não era hora de falar disso. Eu a queria demais, parecia que nunca me fartaria dela. Nunca era o suficiente. Abri a água e empurrei minha mulher para dentro do chuveiro. Entrei em seguida. Peguei seu sabonete e esfreguei em todo seu corpo. Nossa! Como aquilo era divino! Erótico. Sedutor. Eu poderia gozar apenas tocando seu corpo.

– Me beija Sophie! Mas faça isso com desejo, com paixão. Com aquele amor maravilhoso que você me entregou um dia. Lembra-se das nossas noites naquele hotel lá no Rio de Janeiro? Foi incrível! Eu me

apaixonei por você ali e sabia que você seria para sempre a mulher da minha vida. Você foi a melhor coisa que me aconteceu até hoje!

E ela o fez. E fizemos amor suave e intenso como fazíamos antes. Gozamos agarrados aos corpos um do outro. E pude sentir que tinha minha mulher novamente. Mas ainda precisava saber quem era aquele homem das rosas e resolver a questão o quanto antes. E definitivamente.

XIV

Começo a acreditar que o amor faz os maiores prazeres da vida e as piores desgraças. Mas ainda acredito que quando algo de muito ruim acontece, temos sempre três escolhas: deixar que o ocorrido nos defina, deixar que os fatos nos destruam ou deixar que o problema nos fortaleça. É claro que preferia a última opção e era por ela que eu lutaria.

O meu castigo tem sido capcioso, como uma infecção que se espalha aos poucos, destruindo tudo que era importante para mim. O que faria para salvar Adam? Ajude-me Deus! Está tudo desmoronando outra vez. E a Nana? E meu trabalho? E minha vida? E agora, o que será de mim? Como colocarei tudo no lugar novamente? Ah, meu Deus! Dê-me forças!

Será que toda vez que Neal me tocar, a imagem de Adam vai me perturbar? Por que eu deixei que o Adam entrasse na minha vida... E no meu coração? Antes, quando ele apenas me olhava no palco, semanas atrás, estava perfeito. Era tudo platônico. Eu apenas me permitia sonhar com aquele homem jovem e lindo que me olhava com desejo daquela mesa ao lado do piano. Mas ele tinha que me obrigar a conhecê-lo e a me entregar a ele... E meu coração foi junto. Era terrível!

– Sophie, não demore mais nesse banho ou você irá se atrasar! Eu já estou pronto e estou te aguardando aqui na sala.

Pense Sophie! Pense rápido. Como avisarei Adam que Neal voltou e está indo para o Shades in Red comigo para vê-lo? Pense! O que Neal pretende? Talvez eu possa fazer um acordo com Neal. Pense rápido, Sophie!

– Você me ouviu Sophie?

– Sim Neal! Já estou saindo.

Manterei a calma e essa postura de quem está aceitando o que ele diz. Mas preciso pensar rápido. Neal estava com meu celular e sei que não pretendia me devolver. Provavelmente não me deixaria ir para o Shades in Red com o Peter e lá não teria a oportunidade de falar com Adam. Espero sinceramente que Adam não envie mais mensagens e nem ligue para o meu celular. Precisaria fazer uma apresentação mais simples hoje, não podia deixar Neal mais irado do que já estava. Podia tentar avisar Adam através de Jeff. Sim, é eu faria isso ao chegar à casa de shows. Era a minha única chance. Também tinha de conseguir uma forma de avisar a Nana, ela não poderia mais entrar em contato comigo pelo celular.

Saí da ducha com a cabeça um pouco mais fria, um pouco mais no lugar. Precisaria ser muito racional naquele momento. Não adiantaria desespero, só atrapalharia e me entregaria à Neal. Escovei meu cabelo para ficar bem liso, modelei minha franja, fiz a maquiagem da minha apresentação para

ganhar tempo quando estivesse lá. Optei por olhos bem marcados de preto e boca com um batom fosco vermelho. Passei meu perfume, vesti a primeira roupa que encontrei pela frente e estava pronta para ir. Quando cheguei próximo ao sofá vi que Neal estava vasculhando alguns papéis que estavam sobre minha mesa. Apenas ignorei e informei que já estava pronta.

– Vamos?

– Uau! Você está ainda mais incrível Sophie! Esse seu ar angelical que nunca se perde, e essa maquiagem que a transforma em uma mulher invejável. É perfeito!

– Neal, você vai devolver meu celular?

– Não agora princesa. Precisarei dele.

– O Peter deve estar lá em baixo me esperando com a limusine da casa de shows. Ele sempre me busca e me traz para casa. Precisarei explicar que não irei com ele hoje.

– Quem é Peter?

– O motorista do Shades in Red.

– Tudo bem. Informaremos a ele que hoje você está comigo. Ele sabe que é casada?

– Ninguém por aqui sabe da minha vida passada, Neal e gostaria muito que continuasse assim, se não se importa.

Neal me puxou pela cintura e me apertou em seus braços. Olhou fixamente em meus olhos e soltou o seu possessivo aviso: - Espero que hoje todos entendam que você tem dono e que será a última vez que subirá naquele palco. E esse tal de “A” terá o que merece. Ele tocou em você. Ele ousou tocar em você e ninguém toca no que é meu.

– Eu permiti que ele me tocasse, Neal, eu me entreguei por vontade própria. Sendo assim, você deveria me castigar e não a ele.

– Você é minha!

– Neal, podemos fazer um acordo? – lá estava ele tenso outra vez. Caminhou até minha cozinha, abriu a geladeira e pegou um pouco de suco de laranja e voltou seu olhar para mim. Era a oportunidade de negociar com ele.

– Que acordo?

– Eu volto com você para Miami ou ficamos aqui se preferir. Vou estar do seu lado como antes. Farei o que você quiser. Serei a mesma mulher de antes. Não questionarei nada. Apenas estarei lá para você.

– E em troca?

– Você deixa Adam em paz. Esquece isso. Já tenho mortes demais nas minhas costas. Por favor, aceite! Ele não teve culpa, eu o seduzi. Vou dispensá-lo para sempre.

– Não Sophie. Então o nome do desgraçado é Adam. O filho da puta do Adam. Sou incapaz de viver enquanto imaginar que anda pelas ruas um cara apaixonado por você.

– Ele não está apaixonado, muito menos eu. Foi apenas sexo. Mais nada. Nenhum outro tipo de envolvimento. Por favor, Neal. Vou ser o que você quiser que eu seja. Faça isso por mim!

– Vamos Sophie!

– Diga-me que pelo menos que irá pensar.

Neal abriu a porta e subindo as escadas vinha Rush. Ai, meu Deus! Rezei para que ele não falasse nada que o comprometesse diante de Neal. Não queria causar mais problemas. Sorri um sorriso amarelo para ele com os olhos cheios de água e olhei para o chão. Ele olhou para Neal sem entender nada, mas pelo menos não abriu a boca. Com certeza tinha achado tudo muito estranho. Espero que Rush não resolva se envolver com toda essa sujeira.

Ao chegarmos do lado de fora, lá estava a limusine e Peter encostado na porta do passageiro me esperando. Fui até ele ciente que Neal estava bem colado às minhas costas.

– Boa noite senhorita Sophie!

– Olá Peter.

– Vamos senhorita ou se atrasará para a apresentação.

– Peter, eu não mais irei com você e muito menos voltarei. Agradeço toda a gentileza e cuidado que teve comigo até hoje. Você é um grande amigo. – essas últimas palavras saíram quase como um choro engasgado. Precisei fechar os olhos por um momento para conter minhas emoções.

– Está tudo bem senhorita? – e olhou para Neal, que apenas abriu um sorriso frio para ele.

– Está sim Peter. Vejo você mais tarde.

Peter entrou na limusine com um semblante preocupado, deu a partida e seguiu para retornar ao Shades in Red. Com certeza ele sabia que havia algo de errado e que envolvia Neal.

Quando olhei para trás, Neal estava falando em seu celular. Acredito que com seus comparsas. Desligou, veio até mim, me abraçou por trás e disse para aguardarmos que nosso carro estava vindo. Esperamos ali por cerca de cinco minutos. Quando vi estacionar na esquina da rua uma Land Rover no modelo Ranger Rover Vogue 5.0 S/C Autobiography Super Charged na cor bordô, lindo demais! Aquele carro realmente me agradaria e Neal sabia disso. Logo atrás estacionou também um Dodge Durango todo preto com vidros super escuros, que eu supus ser dos seguranças, que sempre estavam protegendo Neal. Um homem alto e forte, todo de preto, saiu da Ranger Rover e entrou no Dodge para que Neal assumisse a direção do carro.

Olhei para Neal, que estava com um olhar fixo em meu rosto, procurando algum tipo de sentimento que demonstrasse que eu estava satisfeita. Ele queria me agradar e me trazer lembranças da nossa vida em Miami, mas sinceramente, tudo que passava na minha mente eram as complicações que a volta de Neal trazia para minha vida. Consegui esboçar um sorriso falso enquanto ele me conduzia até o carro. Abriu a porta do passageiro para que eu me acomodasse. Entrei e coloquei o cinto de segurança enquanto ele dava a volta para assumir a direção.

Neal entrou no carro, colocou o cinto de segurança e olhou em meu rosto. Em seguida, se aproximou com uma felicidade no olhar que era insuportável para mim e me deu um beijo suave nos lábios. Antes de dar a partida, ele apertou um dos botões no painel do carro e iniciou uma conversa com outro homem, que devia estar no carro de trás.

- Barney, você está no sistema viva voz do carro, só para saber. A mulher que está comigo é minha esposa oficial e sua prioridade a partir desse momento é tratar de sua segurança e atender qualquer

necessidade que ela venha a ter. Seu nome é Sophie White e deverá ser tratada como Sra. White por todos vocês. Muito respeito e cuidado ao se dirigirem a ela. Lembrem-se muito bem do que aconteceu com parte da minha equipe anterior.

– Sim Sr. White. Entendido.

– Quero que sigam na frente a caminho do restaurante e casa de shows Shades in Red, vocês já sabem onde fica. Estarei bem atrás, seguindo vocês. Ao chegarmos lá, apenas estacionem e não saiam do carro até que eu dê outras instruções. Não sei por quanto tempo ficaremos no local.

– Afirmativo senhor. Mais alguma instrução?

– No momento não. Apenas sigam as ordens que já passei pelo celular anteriormente. Façam com que tudo saia perfeito e qualquer alteração ou imprevisto, me comuniquem imediatamente. Não aceitarei falhas, entendeu?

– Sim, senhor. Estamos a caminho do restaurante.

O Dodge passou em nossa frente e fomos em seguida.

– Neal, há quantos homens naquele carro?

– Por que deseja saber?

– Só curiosidade.

– Cinco. Barney, que é o atual chefe da minha segurança e meu braço direito, e mais quatro dos melhores homens da equipe dele. Devidamente armados e com ordens para não deixar nenhuma pessoa com atitude suspeita ou indesejada se aproximar.

Ah, meu Deus! O que eu faria? Estava ficando agitada e ansiosa outra vez. Tinha que avisar ao Adam. Que ordens o Neal poderia ter passado pelo telefone? Não adiantava surtar agora, precisava me manter calma para que ele não desconfiasse de nada e para que meu plano desse certo.

Olhei para Neal que se mantinha sério e concentrado ao trânsito e em acompanhar o carro de seus seguranças. Essa era sempre a sua postura ao volante. Comecei a observar sua roupa, ele estava diferente, mudado, maduro, mais sofisticado. Ele vestia uma calça jeans clássica, uma camisa cinza-claro com o colarinho aberto, um blazer aberto cinza-chumbo com um corte bonito e moderno. Seus sapatos eram muito chiques, provavelmente de alguma grife italiana. Com seu reluzente Rolex de ouro branco no punho esquerdo, se passava perfeitamente por algum herdeiro de família nobre. Mas ainda não chegava aos pés da elegância natural de Adam. Acho que os dois deviam ter a mesma idade, por volta dos trinta e cinco anos. Por que eu estava comparando os dois? Que idiotice!

O clima no carro era pesado. Decidi colocar uma música. De repente os acordes de ‘Stop Crying Your Heart Out’ da banda Oasis inundava todo o carro. Um estilo novo de música no iPod de Neal, antes eu só encontraria hip hop americano e hard rock. Fiquei me perguntando o que o teria feito mudar tanto. Fechei os olhos e viajei com o som. A letra me dizia muita coisa.

Quando abri meus olhos percebi que Neal estava trocando de música e, inacreditavelmente, vinha de seu iPod o som mais que agradável de ‘Only You’ do conjunto The Platters. Fiquei chocada! Percebi o sorriso de satisfação no canto de seus lábios. Quando a música soprava suavemente a parte da letra que dizia: “Only you, can make all this change in me...”, Neal me olhou como se quisesse me dizer aquilo

mesmo, e que a música estava dizendo por ele. Certamente estava me explicando sua mudança. Será que ele achava que isso apagaria todo o terror que vivi com ele naqueles últimos meses juntos? Será mesmo que ele acreditava nisso? Como podia ser tão tolo!

– Tudo bem, querida?

– Sim, Neal. Apenas surpresa.

– Qual é exatamente a sua surpresa, meu anjo?

– Para começar, seu iPod me apresentando esse seu novo gosto peculiar para música.

– Ainda tenho meu gosto preferido, meu amor. Apenas aprendi a me adaptar aos seus gostos também.

Assim poderemos compartilhar ótimos momentos juntos. – e sorriu com satisfação.

Mais alguns minutinhos de tortura dentro daquele carro com Neal e já estávamos estacionados em frente ao Shades in Red. Meu estômago revirava, minha cabeça girava e meu corpo inteiro doía ainda lembrando a surra que havia levado de Neal. Hoje eu me apresentaria com algo mais discreto ou essas marcas ficariam visíveis. Que droga! Se Adam pusesse os olhos nelas, a coisa poderia ficar realmente muito feia.

Neal saiu do carro, deu a volta e abriu a porta para mim. Cumprimentei os seguranças da casa e entrei com aquela sombra atrás de mim. Apresentei Neal à recepcionista da noite como meu amigo e pedi que conseguisse uma mesa para ele. Percebi que ele não gostou da apresentação, mas resolveu não reclamar naquele momento. Vi também que a recepcionista se derretia em gentilezas para Neal. Era esse o efeito que ele causava nas mulheres. Uma delas podia agradá-lo e fazer com que me esquecesse. Eu rezava por isso!

– Neal, preciso me preparar no camarim. Por favor, fique aqui, a recepcionista conseguirá uma mesa para você. Fique à vontade. Dentro de alguns minutos, estarei no palco.

– Onde você se troca?

– Nos fundos. Homens não entram, não é permitido. É um espaço apenas para as meninas.

– Tudo bem. Estarei no salão do restaurante observando. Quando terminar de se apresentar, troque-se e venha até minha mesa. Então decidiremos o que fazer a seguir.

– Tudo bem, Neal. – assenti muito desanimada. Na verdade eu estava cansada, com a energia esgotada e o corpo muito dolorido. Minha alma também doía muito.

Deixei Neal e fui me preparar. Não tinha preparado nenhuma nova apresentação e teria de fazer isso em minutos. Não poderia ser nada extravagante dada às circunstâncias atuais. Ai, meu Deus! Dê-me forças para seguir! Avistei Jeff e o chamei.

– Senhorita Sophie, boa noite!

– Jeff, eu precisarei de papel e caneta. Anotarei um bilhete que deverá ser entregue discretamente ao Sr. Collins. Nenhuma outra pessoa poderá ler ou vê-lo entregando. Entendeu? É muito sério.

– Está tudo bem senhorita?

– Ficará se me ajudar com isso.

– Se precisar de algo, senhorita, conte comigo. Pegarei o que me pediu e volto já.

Enquanto Jeff conseguiria o papel e caneta, aproveitei para me preparar. As meninas estavam

alvorçadas, era sempre assim. Nessa hora, Sylvia estava me fazendo falta, ela sempre sabia que tipo de figurino daria mais certo com cada tipo de apresentação. Escolhi algo sensual, mas que escondia um pouco mais o corpo, assim as marcas deixadas por Neal não estariam visíveis para a plateia. Optei por um corselete tomara-que-caia de renda preta e bem estruturado. Era colado e definia bastante a cintura, também era tão baixo na parte de cima que quase não cobria direito os seios. Atrás ele era de amarração, aquele fetiche que os homens adoram! Para combinar, uma saia de renda preta, totalmente colada ao corpo, mas seu comprimento terminava logo abaixo dos joelhos. Nenhuma das peças permitia o uso de lingerie. Era tudo muito sexy e sedutor. A Agent Provocateur sabia das coisas que agradavam aos homens. Coloquei também um par de luvas longas, pretas, de renda e seda que me lembravam da biblioteca de Adam, uma tiara com penas pretas na lateral para enfeitar o cabelo e uma gargantilha com duas voltas que imitava diamantes. Para finalizar, um scarpin Pigalle preto Christian Louboutin. Quando já estava pronta para o show e muito tensa com a situação, Jeff chegou e me entregou o que eu havia pedido. Escrevi rapidamente o bilhete, dobrei e o entreguei na esperança de que chegasse a tempo nas mãos de Adam.

– Jeff, pelo amor de Deus, garanta que isso chegue às mãos do Sr. Collins assim que ele chegar a casa. Entregue sem que ninguém veja e não comente jamais sobre isso com qualquer pessoa.

– Sim senhorita. Fique tranquila. O Sr. Collins já está em sua mesa favorita. Levarei um drink como cortesia da casa e entregarei seu bilhete discretamente agora mesmo.

Jeff se encaminhou para o restaurante e eu fiquei ali muito nervosa, rezando para que isso desse certo. Não podia falhar. As consequências seriam terríveis. Ajude-me Deus!

A vida era um grande contrato de risco, com curvas imprevisíveis e acidentes inevitáveis. Eu me sentia como em alta velocidade em uma curva sinuosa, mas lutaria até o fim com as armas que estivessem disponíveis. Desistir era para os fracos.

Estava perdida em mim mesma quando percebi que Erika estava indo para o palco para sua apresentação. Depois dela seria minha vez e nada podia dar errado. Eu não olharia nem um segundo para Adam e depois diria a Neal que ele não havia ido ao restaurante naquela noite.

XV

O restaurante estava, como sempre, muito cheio. Todas as mesas ocupadas e todas muito próximas. Isso me irritava, tirava um pouco da minha liberdade, da minha discricão. Aquela noite era especial para mim. Sophie havia me perdoado pelo meu deslize na boate e eu poderia conversar com ela mais um pouco e fazer minha nova proposta. Esperava que ela aceitasse. Eu não queria mais que ela se apresentasse ali. Queria que ela viesse morar na minha casa e a ofereceria um trabalho na minha empresa. Seria perfeito! Assim eu poderia controlar as coisas e resolver esse problema que sempre a deixava muito preocupada.

Tinha vestido hoje a mesma roupa que usava na noite em que nos falamos pela primeira vez e que foi inesquecível. Era meu terno azul marinho, camisa branca, sapatos marrons e gravata marrom com bolinhas azul marinho. Perfeito e bem alinhado. A cor azul marinho favorecia minha pele branca e meus olhos azuis. Queria ser o único homem dentro deste ambiente que chamasse a atenção de Sophie.

– Boa noite Sr. Collins! Trouxe seu Gim-tônica, uma gentil cortesia da casa a pedido da senhorita Sophie. – e sorriu como se houvesse algo mais ali. Falou aquelas palavras tão baixo que quase não entendi.

– Obrigado Jeff. Agradeça a senhorita por essa gentileza. - Jeff colocou um guardanapo em cima da minha mesa e deu dois toques com seu dedo indicador em cima dele. Em seguida me entregou o copo e saiu, me deixando sozinho.

Por que aquilo estava tão estranho? Jeff nunca agia assim. Sophie me enviando uma bebida. Não compreendia nada. Olhei para o guardanapo em cima da mesa e notei, que dentro dele, havia um papel dobrado, devia ser um bilhete de Sophie. Só agora estava entendendo.

Puxei o bilhete, olhei ao redor para ver se alguém me olhava e abri discretamente por cima das minhas pernas. E lá estava a letra linda e feminina de Sophie.

“Aconteceu o pior que podia me acontecer. Neal retornou e está na casa esperando pela minha apresentação (calça jeans, camisa cinza e blazer cinza-chumbo). Ele viu suas mensagens em meu celular. Ele sabe de você, das suas flores e da nossa noite. Estacionado do lado de fora, tem uma Range Rover Vogue bordô do Neal e um Dodge Durango todo preto onde se encontram cinco dos seguranças dele, um deles se chama Barney e parece ser alemão. Tome todo cuidado e vá embora discretamente. Espero que o Sr. Hamilton esteja com você. Não sei para onde o Neal me levará depois da apresentação, mas assim que for seguro, eu darei notícias. Não me procure. Ele está com meu celular e agora tem o número do seu, desligue-o imediatamente, pois ele pode fazer uma chamada para localizá-lo no restaurante. Agradeço

pelo dinheiro que será devidamente devolvido assim que possível. Peço desculpas por tudo isso. Amei conhecê-lo, e, apesar de tudo, foi a melhor coisa que aconteceu nos últimos meses. Sophie. PS.: Escute-me pelo menos desta vez, por favor, senhor.”

Fiquei completamente sem reação por um tempo. O desgraçado do marido mafioso de Sophie havia voltado e sabia de nós dois. Mas que droga! Agora que estava tudo bem entre ela e eu, esse canalha reaparecia. Que droga! Que droga! Queria matá-lo.

Reli o bilhete mais duas vezes, o memorizei e rasguei no máximo de pedaços que consegui. Chamei Jeff, e, com a desculpa de pedir mais um drink, entreguei-lhe os pedaços, pedi que descartasse e que informasse à senhorita Sophie para ficar tranquila.

Peguei meu celular e digitei uma mensagem antes de desligá-lo:

“Hamilton, estou com problemas. Observe uma Range Rover Vogue bordô e um Dodge Durango preto. No Dodge estão cinco homens que possivelmente receberam ordens para me eliminar. Entre em contato com nossa equipe de segurança e prepare um esquema para que eu saia discretamente da casa depois da apresentação da senhorita Sophie. Também quero uma equipe seguindo esses carros o tempo todo. Aguardarei instruções. O sujeito conhecido como Neal White está aqui dentro vestindo calça jeans, camisa cinza e blazer cinza-chumbo, ele tem meu número e poderá me ligar pelo celular de Sophie para me localizar, portanto, meu celular estará desligado. Um dos seguranças se chama Barney e parece ser alemão. Conte com o fator surpresa. Não envolva a polícia e não coloque a senhorita Sophie em perigo.”

Pronto. Agora só podia mesmo aguardar por Hamilton que cuidaria de tudo, confiava a ele a minha vida e ele nunca tinha me decepcionado. Mas eu estava tenso por Sophie. Minha vida era segura e eu tinha meios de me cuidar, mas ela não podia fazer nada. Estava nas mãos daquele desgraçado. Por isso, talvez, não tenha respondido minhas últimas mensagens do dia de hoje. Aquele canalha já devia estar com ela.

Olhei discretamente em volta e vi que o sujeito estava há quatro mesas de distância de mim e olhava por todos os lados, seguramente tentando me localizar. Filho da puta! Continuei bebendo meu drink tranquilamente como se nada estivesse acontecendo.

Resolvi curtir minha noite. No palco estava Erika, extravagante em sua performance de Carmen Miranda com a canção ‘I Like To Be Loved By You’. Uma versão sexy, divertida e engraçada ao mesmo tempo. E que só me fazia pensar mais ainda em Sophie, minha musa brasileira. De repente as luzes se apagaram e imaginei que seria a vez da apresentação de Sophie, ela sempre queria surpreender.

– Com licença senhor. Posso fazer companhia? – quando voltei meu olhar, era Hamilton, que havia trocado de roupas e estava em um elegante terno, ele se passava perfeitamente por um dos assíduos frequentadores endinheirados da casa. Precisava admitir que ele tinha porte.

– Claro. Sente-se e fique à vontade.

Coloquei meu cotovelo em cima da mesa para que meu punho ficasse na frente dos meus lábios, dessa forma impedindo que alguém fizesse qualquer leitura e interpretação das minhas palavras.

– Quais são os planos para depois do show?

– As luzes sempre se apagam rapidamente após o show, será nossa oportunidade. Quando eu me

levantar, siga em direção ao bar na lateral da mesa. Estarei atrás do senhor e irei conduzi-lo ao carro. Temos tudo preparado.

– Tudo bem. – mas depois precisaríamos pensar em como tirar Sophie dessa enrascada.

De repente as cortinas se abriram e diante dos meus olhos havia um cenário incrível. Pequenas lâmpadas roxas piscavam em um painel que cobria todo o fundo do palco, e ao centro, uma chaise em veludo roxo sob o charmoso foco de uma luz pálida. Todo o salão estava escuro, apenas o palco estava iluminado de forma suave. A banda começou a tocar quando Sophie entrou no palco. Ela se sentou de forma sedutora na chaise e iniciou sua apresentação mais que perfeita interpretando com sua voz de anjo a música ‘I Wanna Be Loved By You’ da Marilyn Monroe. Ela estava vestida de forma mais comportada do que o normal, mas não menos sexy. Olhei para o lado e me senti desconfortável com Hamilton vendo minha musa em um momento de sedução. Mas ciúmes de verdade eu senti ao olhar discretamente para trás e ver os olhos de desejo daquele cretino do Neal White queimando a pele da minha Sophie. Ele filmava a apresentação com seu celular. Minha vontade era de ter me levantado e partido a cara dele em muitos pedaços com vários socos. Que droga! Precisava me conter, para a própria segurança de Sophie.

Sophie ficou visivelmente nervosa ao entrar e me ver ali mesmo depois do seu bilhete, mas olhava somente para a direção da mesa de Neal. Ela parecia ter olhos somente para ele naquela noite, o que fazia minha raiva aumentar ainda mais. Estava sufocado por esse sentimento incômodo que, até poucas semanas atrás, nunca havia conhecido.

Quando Sophie se levantou, dançava e remexia aquele corpo de deusa, enlouquecendo cada homem dentro daquele restaurante. E eu me incluía nesse grupo. Seus seios pareciam que iam pular para fora daquele pedaço de pano. Não tive como conter minha ereção. Era demais! Ela era demais no palco! E eu sabia como ela era na intimidade. E o desgraçado do Neal também sabia... Pensamento ingrato.

A apresentação terminou com minha musa jogando um beijinho com a mão e oferecendo uma piscadinha com aquele olhar de fogo para o desgraçado e filho da puta do Neal White. Eu odiei esse momento com todas as minhas forças, com a minha própria alma. Eu odiava aquele homem e faria qualquer coisa para que ele sumisse do mapa para sempre. Sophie era minha e de mais ninguém.

Quando tudo ficou escuro e a banda deu início a um jazz moderno, me levantei e me encaminhei na direção apontada por Hamilton. Ele me seguia e me empurrava para dentro da cozinha do restaurante. Passamos com tanta pressa, mas mesmo assim, nenhum dos funcionários presentes nos olhou, deviam estar cientes da minha passagem. Fui conduzido a uma SUV toda blindada onde havia quatro homens da minha equipe de segurança que seguiram com o carro pela rua dos fundos. Hamilton não entrou. Aonde ele iria? O que estava fazendo? Qual era o planejamento? Detestava não saber das coisas. E minha cabeça estava ainda com Sophie. O que seria dela com a volta daquele criminoso?

– Alguém aqui pode me dizer que porra é essa? Onde está Hamilton e quais foram às ordens dele? Para onde estamos indo nesse momento? – ninguém me respondia.

– Sou eu quem pago a merda do salário de vocês, se não começarem a falar agora mesmo, vamos ter muitas demissões, porra. – finalmente um deles resolveu abrir a boca para explicar algo.

– Apenas estamos cumprindo as ordens do Sr. Hamilton, ele nos orientou que o senhor nos faria esse

tipo de ameaça, mas que deveríamos manter nosso plano em linha de seguimento ou realmente estaríamos encrocados. Apenas confie em sua equipe. Tudo correrá bem. O Sr. Hamilton entrará em contato assim que possível.

Procurei meu celular em meu bolso, mas não o localizei. Que droga!

– Alguém sabe o que houve com meu celular? – o ódio dominava meu tom de voz.

– O Sr. Hamilton precisou tirá-lo de seu bolso durante o caminho para o carro. Ele tinha receio de que pudesse ser localizado pelo rastreamento do chip. Mas já estamos providenciando um novo aparelho, com novo número e todas as suas informações importantes. Assim que chegarmos ao nosso destino, receberá seu novo celular.

– Droga! Droga! Droga! Alguém tem alguma informação de Sophie?

– Não, senhor. Não sabemos nada.

Olhei as ruas pela janela do carro e fiquei irritado ao ver que saíamos da cidade.

– Porque estamos a caminho de New Jersey?

– Teterboro Airport. É tudo que podemos falar nesse momento.

Hamilton enlouqueceu de vez! Será mesmo que ele achava que eu iria para aquela maldita reunião na França depois de tudo que aconteceu hoje com a minha Sophie? Alguém pagaria caro por isso!

Quando chegamos ao destino, dois dos seguranças desceram, abriram a minha porta e me conduziram um de cada lado para dentro do prédio. Devia ser a ordem dada por Hamilton com receio de que eu fugisse. Que inferno! A rapidez com que passamos pela segurança do aeroporto me indicava que Hamilton já havia tomado suas providências ali também. Uma vez que nos liberaram, atravessamos a sala de espera e fomos para a pista de voo.

A minha aeronave estava preparada à minha espera. Estavam na escada o piloto e a tripulação para me recepcionar.

– Boa noite Sr. Collins. Recebemos instruções para adiantar o voo que seria feito amanhã. Estamos apenas aguardando o Sr. Hamilton, que pediu categoricamente que acomodássemos o senhor e o ajudássemos a relaxar até sua chegada. – essas foram as únicas palavras do piloto.

– Quero saber exatamente o plano de voo. – a fúria estava em meu olhar e em minha voz.

– Senhor, novamente, pedimos que se acomode em uma poltrona. Uma de nossas comissárias irá preparar um Gim-tônica e as instruções serão passadas no momento mais oportuno.

Minha vontade era de socar cada um que estava ali na minha frente. Mas certamente eu seria detido por um dos homens de Hamilton, que provavelmente já tinham ordens expressas para me sedar caso eu criasse problemas. Teria de engolir meu ódio e me sentar até aquele filho da puta do Hamilton resolver mostrar sua cara. Que inferno!

– Senhor, seu novo aparelho de celular está em seu assento. Está configurado e pronto para uso. – Disse uma das comissárias que me trazia um drink. O jeito era sentar e esperar. Eu mataria o Hamilton assim que colocasse meus olhos nele.

Acredito que tinha passado mais de uma hora desde a minha entrada na aeronave e ninguém vinha falar sequer uma palavra comigo. Eu estava a ponto de explodir. Já tinha bebido em torno de quatro

drinks e minha cabeça começava a girar, quando ouvi vozes na porta de embarque. Levantei-me depressa e relaxei todo o meu corpo quando vi o filho da puta do Hamilton subindo as escadas com Sophie presa em seus ombros.

– Tenho essa entrega especial para o senhor. – disse Hamilton ao ver minha expressão de alegria.

Ele colocou Sophie no chão que não parecia acreditar no que estava acontecendo. Seu rosto estava molhado de tantas lágrimas. Parecia que havia chorado por mais de uma hora.

– O que você fez Hamilton?

– O que era certo fazer, Sr. Collins. Percebi que o senhor ficaria aflito se eu deixasse a senhorita Sophie para trás. Enquanto uma parte da equipe cuidava da sua retirada do restaurante por terra, outra equipe sequestrava Sophie e a levava para o heliporto mais próximo do restaurante para trazermos ela aqui por ar. Eu me ocupei pessoalmente de limpar o apartamento da senhorita de todas as informações que pudessem nos comprometer ou comprometê-la, inclusive trouxe o notebook e algumas roupas. O celular da senhorita também foi destruído, ocupei um de nossos integrantes da equipe de recuperá-lo do sujeito Neal White e dar um fim ao aparelho.

– Como vocês fizeram isso?

– Pense em ‘saqueadores’ infiltrados senhor. Explicarei o plano de resgate em outra oportunidade, quando a situação estiver mais controlada e calma. – e direcionou o olhar para Sophie.

– Entendido Hamilton.

– Quero sair daqui! Isso é um absurdo! Isso é crime! – gritava Sophie de dentro do avião.

– Cale-se Sophie! Não vê que estamos salvando sua vida? – gritei com ela.

– Sr. Collins, sua mala já está aqui e os passaportes respectivos seu e da senhorita já foram entregues ao piloto. Tudo em ordem. Levantaremos voo em alguns minutos. Seguiremos para Paris, onde o senhor terá compromissos a cumprir. Estamos com todo o esquema de segurança ativado para o deslocamento. Apenas siga minhas instruções e tudo ficará bem. Deixarei vocês dois à vontade. Se o senhor não tiver mais alguma instrução ou solicitação, vou me retirar para junto da equipe de bordo.

– Pode se retirar Hamilton. Obrigado por tudo. Apenas me deixe a par de seus esquemas caso haja uma próxima vez. Quis muito matar você nas últimas horas.

– Entenda senhor, se soubesse do plano, poderia colocar tudo a perder por receio de que algo acontecesse com a senhorita Sophie. Eu precisava ter certeza de sua segurança em primeiro lugar. Foi para isso que me contratou.

– E se eu me recusasse a cooperar, quais eram as ordens Hamilton?

– Estavam recomendados a apagá-lo sumariamente com um sedativo por minha conta e risco, senhor. – vi aquele sorriso torto em seu lábio de quem faria isso sem pensar duas vezes e considerei o motivo pelo qual o contratei. Na minha frente estava um homem completamente leal e competente. Ele certamente seria recompensado por isso.

– Isso é tudo Hamilton. – ele me deixou a sós com Sophie.

– Sophie acalme-se. Eu precisava de você em segurança para poder pensar no próximo passo.

– Segurança Adam? Agora sim estou ferrada. Você conseguiu destruir minha vida para sempre.

Quando Neal nos encontrar, e tenho certeza de que ele irá, vai nos matar. Aliás, ele vai me torturar até a morte. Eu tenho muito mais coisas deixadas para trás do que os objetos que ficaram naquele apartamento.

– Escute Sophie...

– Não quero escutar nada. Peça aos seus seguranças para me levarem de volta agora. Preciso encontrar o Neal e pensar em uma história na qual ele acredite. Meu Deus! Você colocou a coisa mais importante da minha vida em risco fazendo isso. Neste momento estou com muito ódio de você!

– Chega disso agora mesmo Sophie! Está parecendo uma menina mimada. Detesto esse tipo de atitude. Não faça me arrepender de ter... – reconsiderarei minha fala... – De ter me encantado com você. Estou esperando você me dizer que merda de problema é esse que você tem. Já cansei de sua enrolação, pode abrir essa boca e começar a falar agora mesmo! – gritei com ela. Despejei toda a ira que estava sentindo naquelas palavras. Ela pensava em voltar para o Neal.

– Não tenho que falar nada para você. Você não tem nada com minha vida e não tinha o direito de me sequestrar e de tomar decisões por mim. Quero ir embora daqui. Nem sei onde estou. – e caiu em lágrimas novamente. Eu não suportava mais ver aquilo. Estava me matando.

– Você não foi sequestrada. Você estava sendo salva.

– Não fui sequestrada? Você enlouqueceu? Fui sequestrada sim! Não tive tempo nem de tentar entender o que acontecia, veja, ainda estou com a roupa da apresentação. Quando saí do palco, senti mãos me puxando para trás do corredor que dava para o camarim. Fui amordaçada e carregada para fora do restaurante pelos fundos, me enfiaram em um carro e depois em um helicóptero. Somente ao chegar a esse aeroporto e ver o rosto familiar de Hamilton é que entendi que na verdade isso tudo era coisa sua. Até então, acreditava que era uma maneira de Neal me punir e me amedrontar. Entrei em choque em alguns momentos. Tudo que eu pensava a cada segundo era quando ele puxaria o gatilho e me mataria no meio dessa ação.

– Sophie, acredite, nem mesmo eu sabia o que seria feito com você. Foi ideia do Hamilton e não posso negar que adorei e que faria novamente se fosse preciso. Mas você está me enrolando e não me contou sobre o seu problema.

– Para aonde estamos indo?

– Paris.

– Por quê?

– Porque tenho negócios a tratar lá.

– Não quero ir.

– Não tem opção.

– Por que está fazendo isso?

– Simplesmente porque eu posso.

– Vai me levar a força?

– Você já está aqui à força. Que diferença isso faz agora?

– Quando pretende voltar?

– Quando tudo estiver tranquilo para você se mudar para minha casa e puder iniciar seu trabalho na

minha empresa.

– Você ficou louco?

– Sim. Por você.

Tomei Sophie em meus braços e a beijei de forma profunda e intensa. Desejava mostrar a ela a profundidade dos sentimentos que até outro dia eu nem sabia que seria capaz de sentir. Fui interrompido pela voz do piloto que detalhava as condições de voo, orientávamos a nos sentar em nossos lugares e ajustarmos o cinto de segurança e nos desejava uma viagem tranquila.

Sentei Sophie na poltrona de frente à minha e prendi seu cinto de segurança. Aquilo me arrepiou da cabeça aos pés. Adorava observar minha musa presa só para mim. Em seguida me sentei e ajeitei meu próprio cinto de segurança. Sophie mantinha em seu semblante o sentimento de raiva e impotência, mas parecia mais calma e raciocinava sobre a situação.

Depois do tempo que a aeronave levou para levantar voo e se estabilizar na altura adequada, o piloto liberou o uso de aparelhos e nos permitiu levantar dos lugares e andar pela área. Uma das comissárias surgiu para nos oferecer bebidas e lanches. Recusamos e eu disse que a chamaria quando quiséssemos comer ou beber e que gostaria de ficar a sós com a senhorita Sophie sem ser incomodado.

– Por que você fez isso sem me consultar Adam?

– Porque eu só pensava em protegê-la. Você é minha Sophie. Não estou disposto a perdê-la agora que você resolveu perdoar aquele meu deslize.

– Você acabou de destruir minha vida! Não suporto mais ouvir que sou sua ou que sou do Neal. Eu sou dona da minha vida. Eu não pertencço a nenhum de vocês.

– Não Sophie, eu a salvei. E se não quer falar agora desse seu outro problema tão grave, não forcerei mais. Mas você não sairá de Paris sem me contar toda a verdade, tudo que a incomoda, tudo que possa estar acontecendo em sua vida. Quero resolver, entendeu? E você é minha sim. É minha porque você quer ser minha. E eu cuido do que é meu.

Ela apenas abaixou a cabeça e fechou os olhos em posição de derrota. Naquele momento não adiantaria insistir em nenhum diálogo. Levantei-me do meu lugar.

– Sophie, preciso conversar com Hamilton por um instante. Fique à vontade, em alguns minutos estarei de volta para fazê-la companhia.

– Hamilton?

– Sim senhor! – ele estava fazendo um lanche, mas parou e se levantou imediatamente para me ouvir.

– Fique tranquilo e continue seu lanche. Apenas quero saber como foi toda a ação e como ficou a situação em Nova York. – ele terminou de engolir o sanduíche que comia e começou a me contar.

– Senhor, já tinha tudo preparado para qualquer situação de risco que colocasse sua vida em perigo e em que precisasse sair às pressas da cidade. Tivemos apenas que nos adaptar para que a senhorita Sophie fosse incluída no plano. Entrei em contato com meus pontos de apoio e informei que precisaríamos colocar o planejamento em ação. Em poucos minutos a equipe estava posicionada, cada

membro estrategicamente em seu devido lugar. Dividi a equipe, decidi quem o traria para o aeroporto e quais homens sequestrariam a senhorita Sophie. Assim que as luzes se apagaram e acompanhei o senhor até o veículo, para garantir sua segurança, voltei e dei o ok para o restante da equipe entrar em ação. O integrante disfarçado que estava sentado bem próximo do sujeito Neal White se levantou e fingiu derramar água no mafioso. Como ele estava de olho no sujeito anteriormente, já havia percebido em que local ele guardava o celular da senhorita e descobrimos que ele realmente já havia feito diversas ligações para seu número. Como sabe senhor, meus meios não são muito ortodoxos. O sujeito tem uma grande mão leve, enquanto fingia se desculpar e secar a roupa no mafioso com um guardanapo, também recuperou o celular da senhorita Sophie. No mesmo momento, dois outros membros da equipe esperavam a senhorita Sophie ficar sozinha e a sequestraram a caminho do camarim. Ela acreditou que se tratava de algum esquema do tal Neal e cooperou totalmente com a ação sem nos causar problemas. Apenas ficou enlouquecida quando chegou aqui e me viu à sua espera. Como disse, eu mesmo me encarreguei de ir até o apartamento da senhorita e de coletar tudo que julguei necessário. Fiz isso o mais rápido possível, pois imaginava que o mafioso mandaria alguém para lá assim que soubesse do desaparecimento da moça. Também entrei em contato com o piloto e com aeroporto informando a antecipação do voo e acrescentando a senhorita Sophie e mais dois seguranças como passageiros a caminho da França. E aqui estamos sem maiores problemas.

– Você é incrível Hamilton! Certamente eu não faria melhor. Lembre-me de recompensá-lo na volta.

– Farei isso senhor. – agradeceu com um sorriso. – Encaminharei o planejamento de Paris para seu e-mail daqui algumas horas. Tenha um bom voo. Aproveite para descansar um pouco.

Voltei imediatamente para ficar com Sophie que ainda se mostrava muito irritada comigo.

– Ainda está brava comigo?

– Sim.

– Certo. Preciso trabalhar um pouco. Vou me sentar aqui e rever alguns contratos no meu notebook.

Fique à vontade para fazer o que desejar. – ela não me olhou e nem me respondeu.

Seriam horas de voo muito difíceis. Precisaria concentrar minha cabeça no trabalho para distrair minha mente do mau-humor de Sophie. E foi o que fiz, pelo menos por um tempo.

XVI

Eu nunca tinha tido a oportunidade de voar em nada como aquele avião. Já fiz alguns voos interessantes com o Neal, mas nada se comparava àquela aeronave. O interior era enorme com bancos de couro muito confortáveis. Sob o descanso de braço do meu assento havia tantos botões que fiquei com vontade de brincar com eles. Mas nada disso me distraía de fato, estava preocupada demais com o que Neal faria com toda essa situação e a com o fato de Nana estar desprotegida. Será mesmo que Adam me entenderia e poderia fazer algo para me ajudar? Não. Isso não era problema dele, não poderia envolvê-lo ou seria responsável por tudo de ruim que acontecesse com ele. Merda. Na verdade, eu já era a responsável.

Agarrei a poltrona com força quando me dei conta que meus pés estavam de fato, fora do chão. Detestava voar. E nessa situação de tensão, sentia-me ainda pior. Adam notou meu nervosismo e começou a dissipar minha preocupação com o voo.

– Se você estiver com fome ou com sede, tem um frigobar ali no fundo. Sirva-se à vontade. Deve ter frutas, sucos e sanduíches. Imagino que alguma bebida alcoólica também, se isso for ajudar. Mas se desejar uma refeição completa ou mais elaborada, chame o serviço de bordo por esse telefone no braço de sua poltrona e solicite o que desejar. Eles têm ordens para atendê-la em qualquer necessidade.

E Adam falou isso tudo sem tirar os olhos do seu notebook. Notei que ele usava óculos de leitura. Não que isso tenha importância, mas achei bem charmoso e serviu para me distrair por alguns instantes. Minha ansiedade voltou e comecei a roer minhas unhas e balançar as pernas que estavam cruzadas.

– Preciso trabalhar Sophie, o que já é muito difícil com você aqui na minha presença. Se continuar a se remexer dessa forma, vou ter que parar o que estou fazendo e tentar acalmá-la do meu jeito.

– Escuta aqui Adam, não sou um objeto, nem um brinquedo para você fazer o que quiser. Estou aqui contra minha vontade enquanto minha vida desmorona em terra. Neal já deve ter colocado meio mundo atrás de nós dois. Poderemos ser mortos antes mesmo de pisar em solo europeu.

– Vou repetir uma coisa que já disse a você: se ele se acha um peixe grande, eu sou um tubarão. O fato de você estar aqui comigo já prova isso, não? – e me olhou sedutoramente por cima daqueles óculos. Estava ali o deus grego comandando o seu universo e o meu... Das alturas.

– Sophie, talvez seja bom você comer algo e descansar. Temos muitas horas de voo pela frente.

Droga! Aquele homem me deixava nervosa e eu não podia confiar muito em mim e nas reações do meu corpo quando estava perto dele. Precisava tirar aquele incômodo dos meus pensamentos e tentar relaxar até estar em solo firme para decidir como voltaria e o que faria com Neal. O ar ali estava pesado

demais entre nós dois. Sempre tinha aquela intenção erótica no ar. Levantei e fui até o frigobar pegar uma garrafa de água, o calor começava a tomar meu organismo. A roupa que eu ainda usava me deixava ainda mais tensa dentro da teia sensual que o Adam tentava me prender. Como eu chegaria à França com essa roupa? Ai, meu Deus! O que os parisienses pensariam de mim? Imaginariam que os Estados Unidos começavam a exportar putas americanas para entretê-los. Que merda! Que vexame!

Peguei a garrafa de água, abri e tomei mais da metade de uma só vez. O calor estava me consumindo, mas era uma coisa interna, sem explicação. Toda aquela adrenalina que atingiu meu corpo com a volta de Neal e a fuga com Adam estava acabando com meus nervos.

Quando decidi voltar para minha poltrona e tentar dormir um pouco e esquecer toda essa intensidade que havia se transformado minha vida, a parede de músculos formada pelo corpo de Adam me impedia de sair daquele espaço.

– Aonde vai?

– Seguir seu conselho e dormir um pouco. Não há nada que eu possa fazer até essa porcaria pousar.

– Não é uma porcaria! Essa belezinha aqui é um jato BD-700 Global Express. Além de decolar muito rápido, não precisa de pistas grandes para pousar, o que me proporciona bastante tranquilidade e dinâmica. Essa aeronave tem autonomia para ir de Nova York a Tóquio se eu desejar, sem precisar de reabastecimento. É capaz de atingir até 950 km/h com a maior segurança, aliás, segurança é seu codinome. E custa cerca de US\$ 50 milhões de dólares, meu amor! Foi projetada internamente para ter o máximo de conforto e luxo, como se eu estivesse dentro da minha própria casa. Tanto que tenho uma suíte incrível bem aqui esperando por nós dois.

– E esse certamente é o seu lado megalomaniaco se gabando! – meu lado irônico desejava levar a melhor. – Estou cheia disso Adam! Seu dinheiro não me interessa nem um pouco.

– Mas tenho certeza que meu corpo a interessa, pelo menos é isso que seu corpo está demonstrando.

- Só quero descansar. Isso tudo foi muito intenso para mim. Entenda, por favor.

– Tudo bem, minha musa. Mas eu acredito que ficará mais relaxada em uma roupa mais confortável.

– Sim. Ficarei sim. Onde está a mala que o Sr. Hamilton disse que trouxe para mim?

– Em minha suíte. Venha, vou mostrar onde estão suas coisas. – ele parou e se virou para mim e tornou a me provocar. – Você estava brincando quando chamou essa aeronave de porcaria, certo?

– Não Adam. Para mim é uma aquisição compensatória.

– Compensatória? Não entendi.

– Já que você resolveu ficar obtuso, eu explico. Na psicologia aparece um tipo de homem muito comum, o insatisfeito. Aquele que procura compensar partes pequenas com brinquedinhos grandes e caros para egos enormes. – e dei minha risadinha triunfante.

Um ódio ou qualquer outro tipo de sentimento louco tomou conta do corpo de Adam. De repente me arrependi da minha brincadeira. O que ele faria agora? Ele me pegou forte pelos braços e me empurrou para dentro da suíte daquele avião.

Ao entrar, e cair de bunda no chão, fiquei chocada com o que de fato o dinheiro poderia comprar. Aquilo era luxo puro! Uma cama enorme dominava todo o ambiente com roupas de camas brancas. Era o

lado asséptico de Adam gritando. Uma tela de TV enorme na parede de frente para a cama, em um dos lados da cama uma pequena mesa de trabalho, seguindo em frente, um pequeno armário para roupas e ao lado, uma porta, que supus ser o banheiro. Tudo nas cores branca, marfim e dourado. Um ambiente elegante, aconchegante e lindo.

– Achou mesmo que poderia brincar com meu ego e sair ilesa senhorita Sophie? O que foi? Por acaso o Neal tem alguma coisa maior do que eu tenho aqui para você? Por acaso ele trepa melhor que eu? Ele faz você se contorcer e gozar mais do que eu já fiz?

Olhei para cima e vi que ele havia tirado o blazer e estava desabotoando os punhos da camisa e dobrando-os para cima. Em seguida tirou a gravata e abriu o colarinho. Suspirei forte e me levantei do chão.

– Onde estão as minhas roupas? Gostaria de ter um pouco de privacidade para me trocar. Farei isso rápido e em seguida, retornarei à minha poltrona para descansar um pouco.

– Sabe Sophie, como disse anteriormente, temos muitas horas de voo. E já que você acabou com minha concentração e não consigo mais trabalhar, planejei outras atividades para nós dois. – e lá estava toda a ironia em seu tom de voz.

– Não me interessa o que você planejou! Eu só quero dormir e esquecer esse dia fodido! – não pude conter as emoções que resolveram se apresentar naquele minuto e as lágrimas e soluços que começaram a brotar dos meus olhos e da minha garganta. Por mais que eu tentasse me controlar, não conseguia mais. Não poderia mais e desabei na frente de Adam.

Adam se aproximou e me segurou forte pela cintura, me abraçou e cheirou meus cabelos. Ele queria que eu me sentisse segura em seus braços. Mas eu sabia que não estaria segura em nenhum lugar deste mundo.

– Não chore Sophie. Não sei o que fazer quando a vejo assim. Controle-se. Converse comigo. Eu a ajudarei a se livrar dos problemas. acredite em mim. Me dê um voto de confiança. Afinal, arrisquei minha própria cabeça para deixar a sua em segurança.

Adam começou a me despir e eu não tinha mais forças para impedir qualquer ato que fosse. Primeiro ele retirou a tiara da minha cabeça, em seguida cada uma das luvas. Seus olhos eram fogo puro. Quando me virou de costas para ele e começou a desamarrar a fita do corselete, fiquei tensa novamente. Ele descobriria as marcas que eu estava escondendo. As marcas da surra de Neal e eu já podia sentir sua ereção me pressionando.

– Meu Deus, Sophie!

– Não fale nada Adam. Já estou me sentindo péssima por mim mesma, não preciso me sentir um lixo na sua frente também.

Ele ficou horrorizado com as marcas roxas e doloridas em meu corpo. Quando terminou de retirar minha saia, sentou-me na cama, ajoelhou-se e descalçou cada um dos meus sapatos com delicadeza e carinho, finalizando com uma suave massagem em meus pés. Nesse momento eu já me sentia mais tranquila e relaxada, mas ainda estava envergonhada pelas marcas que permiti que Neal deixasse em minha pele. Era uma sensação horrível.

– Juro Sophie, se esse animal estivesse agora na minha frente, eu o mataria. Não! Eu o torturaria primeiro e só demais acabaria com sua vida inútil e asquerosa. Que ódio!

Apenas abaixei a cabeça e coloquei o olhar em meus pés. Me sentia completamente humilhada.

– Espera aqui. – Adam entrou em seu banheiro. Em poucos segundos retornou com um copo de água e um comprimido. Olhou em meus olhos e me entregou.

– Tome esse Advil. Vai ajudar a relaxar e a diminuir qualquer dor que possa estar sentindo.

– Queria eu que o Advil me livrasse da dor que sinto em meu coração. – peguei o comprimido em sua mão e tomei com um gole refrescante de água.

– Volto em um minuto. Não vá dormir.

– Tudo bem Adam.

O que ele buscava agora? Fechei os olhos e tentei acalmar minhas emoções. Quando dei por mim, Adam havia voltado e estava com um pote nas mãos.

– Deite-se de barriga para baixo Sophie. Trouxe um creme com arnica e cânfora. Vai ajudar a aliviar um pouco dor dessas marcas e o arroxeadado.

Queria reclamar sobre isso. Não desejava que qualquer pessoa me tocasse naquele momento. Mas sabia que com Adam não adiantaria negociar sobre isso. Apenas me deitei em sua cama e fechei novamente os olhos me entregando em suas mãos. Percebi quando Adam colocou meus cabelos para cima, dando total acesso aos meus ombros e deixando o espaço livre para seus cuidados. Em cada marca ele depositava um beijo respeitoso e em seguida espalhava aquele creme frio com seus dedos, completando com uma massagem muito gostosa. Tinha certeza de que poderia sentir aquilo para sempre.

– Vire-se Sophie. Quero cuidar das marcas da frente do seu corpo. – e repetiu todo o processo sem nenhuma ação erótica ou que me fizesse pensar em sexo. Aquilo foi adoração pura e legítima.

Fiquei completamente sonolenta. Adam me deu um beijo suave nos lábios, fez um carinho com o dorso da mão em meu rosto e ajustou minha posição ao espaço da cama. Percebi quando ele retirou toda a roupa e apagou a luz. Em seguida, deitou-se ao meu lado, puxou a colcha sobre nossos corpos e me abraçou. Em segundos eu estava em um sono profundo, seguro, apaixonado e restaurador.

Acordei sobressaltada. Custei entender onde estava e porque estava ali. Quando meu cérebro deixou que o raciocínio encaixasse as ideias, me dei conta de tudo que havia acontecido horas antes de pegar aquele voo. Era muita coisa para lidar e absorver. Muita coisa para colocar no lugar e resolver. Por minha culpa, agora a vida de Adam corria risco. Eu estava disposta a aceitar Neal de volta para que Adam pudesse viver em paz novamente e para que encontrasse uma mulher mais adequada à sua vida.

Olhei para o relógio e percebi que ainda faltava muito tempo de voo para chegarmos a Paris. Meu corpo ainda estava tão dolorido. Na verdade, bem menos dolorido do que antes dos cuidados de Adam.

Levantei-me, fui até a porta do banheiro. Era extremamente lindo e elegante! Paredes, teto e pisos brancos, com uma bancada em marfim e dourado. Incrível para um banheiro de um avião! Vi as coisas do Adam em cima da bancada, escovei meus dentes com sua escova e me arrumei um pouco. Ao sair, peguei

um roupão branco muito macio, onde na lateral estava bordado em letras douradas “Collins Enterprises Holding Inc.”. Sofisticado e luxuoso como tudo que era de Adam. Passei um pouco de blush nas maçãs do rosto e um pouco de gloss labial. Assim eu não estaria com a aparência de uma mulher espancada e fodida. Se bem que a parte do fodida o Adam podia gostar. Esse pensamento colocou um sorriso em meus lábios e foi com ele que saí do quarto.

Ao chegar à área das poltronas, Adam estava de costas para mim e, visivelmente nervoso, passava instruções para o Sr. Hamilton e outros dois seguranças. Os três quando me viram, chamaram a atenção do Adam, que se virou imediatamente para mim. Seu olhar abrandou imediatamente e sua respiração se alterou. Passeou com o olhar dos meus pés descalços até aos meus olhos. Virou-se para os seguranças dispensando-os e veio até mim.

– Olá querida! Que bom que acordou! Deve estar com fome. Posso solicitar o serviço de bordo?

– Oi Adam! Achei que ficaria dormindo ao meu lado.

– Precisava resolver algumas questões. Mas me levantei há poucos minutos. Você deve ter acordado em seguida. E se quiser saber, sim, dormi ao seu lado, na verdade, bem agarrado ao seu corpo, e foi o sono mais recompensador que me lembro de já ter tido nessa vida. – que ótimo! Lá estava minha versão envergonhada com o rosto vermelho feito pimenta.

– Adoraria comer alguma coisa sim, mas não gostaria de dar trabalho. Pode ser um lanche rápido ou uma fruta.

– Imagina Sophie. Trabalho algum. Minha equipe está aqui inteiramente para lhe servir. E nada mais. Para mim é um grande prazer poder cuidar de você.

Adam foi até sua poltrona, pegou o telefone e começou a fazer um pedido que me pareceu exagerado. Claro, ele não perderia a chance de me surpreender com seu ego megalomaniaco.

– Prontinho! Enquanto nossa refeição não chega, sente-se aqui, eu gostaria de saber algumas informações sobre a volta do seu marido. – a última palavra saiu quase como um nó na garganta. Ele estava com ciúmes e não fazia questão de esconder. Sentei-me na poltrona de frente para ele.

– Diga Adam, o que deseja saber?

– Como ele a encontrou?

– Não faço ideia. Mas não acho que seria difícil. Neal consegue qualquer coisa que deseja. O fato é que saí para caminhar depois do seu telefonema e quando voltei, ele já estava sentado no sofá do meu apartamento à minha espera.

– E o que exatamente ele falou para você?

– Algo como me achar estúpida por morar em um lugar que mais parecia um lixo, quando ele poderia me dar o mais luxuoso apartamento. Ele reclamou das rosas. As rosas que você me enviou. Neal já estava ciente sobre o Shades in Red e o que eu fazia lá, e incrivelmente, tinha certeza absoluta que eu tinha outro homem.

– Em seguida?

– O que exatamente você quer saber Adam?

– Quero saber de todos os detalhes. Tudo. Tudo que ele a obrigou a fazer. Exatamente tudo.

– Ele queria fazer amor comigo. Recusei. Mas ele não aceitou muito bem a recusa. E também, quando suas mensagens chegaram, ele tomou o celular de mim e descobriu sobre sua existência, o que piorou a situação.

– Então ele bateu em você, certo?

– Sim. Isso parece bem óbvio, não acha? – Abaixei o olhar com vergonha.

– Eu não aceito isso! – fechou os olhos e os punhos como se estivesse tentando se controlar. – Eu bati em você na biblioteca... – o olhar de Adam havia se perdido novamente. – Mas o contexto era outro. Eu não tinha a intenção de machucá-la. Na verdade, eu queria que sentisse dor, mas algo suportável e erótico. Eu jamais a machucaria e você sabe disso, certo?

– Adam, porque estamos tendo essa conversa? Não estou te entendendo.

– Eu só quero esclarecer que o fato de eu gostar de um sexo mais agressivo, não a coloca em risco em minha companhia. Eu jamais faria algo com a intenção de machucar você realmente. Isso é inadmissível para mim! Realmente abominável. Sua pele é perfeita, eu jamais deixaria marcas assim nela. Estou com muito ódio por você estar tão cheia de hematomas.

– Não é a primeira vez Adam..

– Eu imagino. Esses sinais que você tem no corpo e aquela cicatriz maior foi ele que fez, certo?

– Sim.

– Como?

– Não quero falar sobre isso.

– Sophie, eu preciso saber para entender com quem estou lidando.

– Adam, você está lidando com uma pessoa que não tem medo de morrer e que não pensa para matar.

Simple assim.

– Como ele fez essas cicatrizes Sophie?

– Com um açoite com pontas de chumbo.

– Ele bateu em você com um açoite a ponto de deixar essas marcas?

– Parece que sim.

– E a cicatriz maior?

– Neal me cortou.

– Com que?

– Um canivete.

– Por que esse desgraçado fez isso?

– Para me punir. – vi quando os olhos de Adam se arregalaram e ele parecia lidar com algum tipo de luta interna que estava machucando sua alma.

– Punir de que?

– Por eu ter feito sexo com outros homens na frente dele.

– Mas ele a obrigou até onde sei.

– Sim. Mas não tenho como explicar a cabeça do Neal para você. Ele é assim e pronto.

– Essa cicatriz a incomoda?

– Todas elas me incomodam. São lembranças constantes de um passado que teima em me perseguir.

– Desculpa Sophie.

– Pelo quê exatamente Adam?

– Por ter batido em você aquele dia e ter sido tão agressivo. Você deve ter traumas com relação a isso e eu devo ter feito com que revivesse momentos horríveis.

– Até certo ponto sim. Mas com você não foi ruim.

– E o homem do Brasil, o tal político, também batia em você.

– Era o que ele mais fazia. Parecia se divertir com isso. Uma vez quebrou minha costela e deslocou meu ombro em uma sessão de sexo brutal. A dor foi horrível e acabei desmaiando. Fui para o hospital, mas não deu em nada. Ele encerrou o caso rapidamente, como sempre fazia. – Adam fechou os olhos e parecia lidar com um sentimento de dor e ódio.

– Neal sabe de tudo do outro homem?

– Sim. Sempre fui sincera com ele. Eu cheguei a amá-lo de verdade. A coisa ficou feia quando resolvi colocar às claras as coisas que me incomodavam sobre ele.

– O que exatamente o Neal a obrigou a fazer?

– Além de dormir com nove de seus capangas? Ele me fazia levar drogas dentro da minha bolsa para alguns de seus clientes mais especiais, se é que você me entende. A polícia jamais desconfiaria de uma mulher tímida e respeitável como eu. Era perfeito para ele!

– Certo. Quando vai me falar do seu outro problema. Aquele que não a deixa viver em paz?

– Nunca. E não é um problema, é uma questão importante. Podemos parar com esse interrogatório agora?

Na mesma hora o serviço de bordo entrou no ambiente com nossas refeições. E concluí meus pensamentos para o Adam:

– No fim, o Neal tem toda razão. Eu sou uma grande porcaria que ele salvou. Sou dele. Sou casada com ele. Deveria estar ao lado dele e não aqui com você. Ele vai matar nós dois.

– Veremos minha querida. Nunca mais repita essas coisas. Você é uma mulher linda e inteligente, na verdade, uma mulher cheia de predicados, eu passaria o resto do voo somente falando deles. E você não é do Neal. Você agora é minha. E eu cuido do que é meu.

Depois de uma salada Caprese deliciosa e de recusar por quatro vezes o maldito champanhe rosé Dom Pérignon da safra 1996 que Adam insistia em me fazer beber, ainda saboreei o ‘Magret grelhado sobre cama de aspargos e emulsão de frutos silvestres’. Até o nome é chique, a apresentação me deixou sem palavras e o sabor era algo que eu jamais havia experimentado na vida, nem mesmo nos restaurantes sofisticados em que Neal me levava. Fui totalmente surpreendida pelos sabores. Nunca pensei que pudesse comer tão bem em um avião. Mas claro, em se tratando de Adam, tudo precisava ser grandioso e surpreendente, até mesmo a gastronomia.

– Tem certeza que não vai experimentar uma taça do Dom Pérignon?

– Preciso me manter sóbria. Preciso pensar em tudo, e beber não ajudaria muito. Vou ficar somente na água mesmo, ainda assim, obrigada por toda a gentileza e o luxo. O peito de pato estava fabuloso!

– Que bom que gostou, o efeito que eu desejava causar era esse mesmo, além, é claro, de ver seu prato limpo e você bem alimentada. – não pude conter um sorriso bobo.

– Imagino que você tenha trabalho a fazer, Adam. Vou ficar aqui em silêncio, de olhos fechados, para pensar um pouco. Espero não incomodá-lo. – trinta minutos depois, a voz firme e densa de Adam me arrancou de meus pensamentos.

– Tire o roupão. – abri os olhos sem entender muito bem porque ele estava pedindo que eu ficasse nua bem ali, onde qualquer um dentro daquela aeronave podia me ver.

– Desculpa, acho que não entendi.

– Tire esse roupão. - Adam repetiu pausadamente e com o olhar em chamas.

– Não vou ficar nua em um local onde qualquer um possa ver.

– Sophie querida, nenhum ocupante desse avião ousaria entrar aqui sem minha permissão.

– Por que você quer que eu tire o roupão?

– Porque passei os últimos trinta minutos sendo torturado pela possibilidade de você estar completamente nua debaixo desse pedaço de tecido.

– E estou. Minha pele está dolorida e você conhece muito bem o motivo. Eu pensei que ficar apenas de roupão poderia diminuir um pouco as dores.

– Que delícia! Quero ver! Tire essa porcaria de roupão logo minha querida!

Achei que tudo aquilo parecia bem ofensivo. Levantei-me e fui em direção ao quarto. Mas antes de chegar até a porta, fui agarrada por Adam que abriu meu roupão em um segundo e começou a me tocar suavemente. Tentei resistir, Deus sabe que tentei, mas como sempre, foi impossível.

– Vamos Sophie, quero fazer amor com você. Juro que serei suave. Nada exótico. Só quero me sentir dentro de você. Estou ficando louco com você nesse ambiente fechado comigo e eu sem poder ao menos tocá-la. Eu quero você demais.

Palavras não serviriam de nada naquele momento, portanto apenas o puxei pela mão para dentro da suíte. E ficamos lá até quase o fim do voo. Naquele momento eu entendi que, não tinha encontrado apenas alguém que me aceitava com meus problemas, mas alguém que me aceitava mesmo sem os pedaços que faltavam. Aquilo podia ser chamado de amor.

XVII

– Algum objeto a declarar?

– Adam, considerando que foi o seu segurança que arrumou a minha mala, eu não saberia responder a essa pergunta.

Fui até o Hamilton perguntar se teria algo a declarar em nome de Sophie enquanto observava a mulher linda, em um vestido simples e um agasalho aberto, sobre o corpo que me fez sair de órbita algumas vezes na última hora. Ela devia estar sentindo frio. Descendo meu olhar percebi o mesmo velho tênis em seus pés e decidi que Sophie merecia alguns mimos à sua altura. Logo eu daria um jeito nisso.

O homem do guichê verificou nossos passaportes mais uma vez e os devolveu. Aquilo parecia uma tortura para Sophie. Ela sabia que se fosse descoberta com documentos falsos seria presa e estaria em sérios apuros. Mas nada aconteceu.

As instruções eram claras, deveríamos nos dirigir diretamente para o terminal principal sem pausas no meio do trajeto. Coloquei minhas mãos nas costas de Sophie de uma forma possessiva e a conduzi pelo caminho. Em segundos percebi a presença de vários seguranças, previamente contratados por Hamilton, cercando-nos discretamente até nossa entrada no carro blindado, que aguardava para nos levar para o hotel. Os seguranças entraram em dois automóveis distintos, um bem atrás do nosso e outro à frente. Hamilton veio por último e entrou na parte da frente do veículo que conduziria Sophie e eu. Era um sinal que estava ali para garantir que tudo sairia conforme seu planejamento. Hamilton era perfeccionista demais e não admitia falhas.

Durante o voo ele ficou desconfortável comigo duas vezes quando mudei suas ordens para que todo seu foco, a partir daquele momento, fosse para Sophie e não para mim. Hamilton não admitiria isso. Certamente já estava reprogramando sua equipe e comandos para manter o foco em nós dois.

Me sentia sortudo quando pensava na lealdade de Hamilton. Ele era uma espécie de James Bond descoberto pela minha assistente Rose Trevillan durante uma viagem de negócios para a China. Eles se conheceram enquanto ela procurava por um segurança pessoal que pudesse ser uma espécie de babá para mim, esse era o desejo daquele babaca do Nick, sempre preocupado com minha segurança. A verdade é que parece que aconteceu uma espécie de química entre Hamilton e Rose, e aqui está ele, um cão de guarda pronto para matar em defesa da minha vida. Eu era muito grato pela maioria das pessoas que me cercavam e sabia reconhecer isso financeiramente.

John Hamilton Stark inacreditavelmente já tinha sido um membro temido da máfia quando ainda era jovem. Foi parar na vida de mafioso graças ao seu pai, um americano revoltado com seu país que decidiu

tentar a vida na criminalidade. Hamilton foi pego em uma ação da Interpol, passou alguns anos em cárcere e decidiu trabalhar como colaborador e espião da CIA em crimes sem solução que envolvia máfias internacionais, gangues temidas e terroristas, afinal de contas, ele sabia como essa gente agia e pensava. Por essas e outras, recebeu o perdão da justiça americana e acabou se mudando para a China, onde se tornou especialista nas artes marciais Kung Fu e o Wing Chun. Já tinha treinado seguranças de celebridades e de políticos notórios. Ele era um em armas, o que fez dele um integrante-honorário dos Serviços Especiais das Forças Armadas da China e ministrou cursos na Yun Hai Elite Security em Pequim, uma das mais prestigiadas academias de treinamento de segurança pessoal do mundo. Ele podia comandar com excelência qualquer meio de transporte em terra, água ou ar, além disso, tinha habilidades tecnológicas que deixariam surpresos muitos alunos do MIT e falava fluentemente quatro idiomas. Foram suas habilidades especiais, que incluíam uma grande capacidade de leitura corporal e labial e sagacidade em pensar nos fatores surpresa, que o deixavam sempre um passo à frente do inimigo, além de conseguir se disfarçar para entrar ou sair de qualquer ambiente sem ser notado.

Mas o que explica a fidelidade de Hamilton a mim vai além. Ele tem uma filha, Elizabeth e há dois anos ela foi pega pela máfia, que desejava vingança, por ter sido entregue. Não deixaria a filha do meu segurança nas mãos daqueles porcos, portanto disponibilizei todos os meus recursos e contatos a Hamilton, que eficientemente os utilizou, resgatando com louvor sua filha, que agora estava segura em um dos melhores colégios da Europa, com tudo custeado pelas Empresas Collins. Ele sabe que me envolvi contra a máfia por causa da vida de sua filha e de sua tranquilidade, isso o tornou ainda mais agradecido e leal do que já era.

– Preciso de um celular.

– O que Sophie?

– C-E-L-U-L-A-R. Preciso de um. Agora!

– Pode usar o meu.

– Não.

– Tudo bem. Conseguiremos algo para você. Apenas fique tranquila até chegarmos ao hotel.

O clima dentro do carro ficou pesado. Quando chegamos à entrada do Four Seasons foi impagável o olhar de Sophie. Sim, aquele hotel encantava mulheres de bom gosto há anos, não seria diferente com Sophie. Conhecer Paris sob o teto desse hotel certamente era a forma mais sofisticada de todas, e eu queria proporcionar um pouco de felicidade a essa mulher que já sofreu tanto.

– Sério Adam? Four Seasons George V? Sua tendência megalomaniaca não tem limites, não é?

– Você não tem noção, minha querida! Por que mudar os hábitos de uma vida inteira?

Quando as portas do carro se abriram, nossos seguranças já estavam à nossa espera e fomos levados diretamente para o elevador privativo.

– Não precisaremos passar pela recepção?

– No nosso caso não Sophie. Com o tempo você vai entender porque o dinheiro se torna tão importante para algumas pessoas em algumas situações.

– Na verdade Adam, você é que precisa entender que é necessário conquistar algumas coisas que o

dinheiro não compra. Caso contrário, permanecerá um miserável, ainda que seja um bilionário.

– Acredite Sophie, essa é uma lição que já aprendi.

– Então porque valoriza tanto o dinheiro? Até onde sei você já nasceu herdeiro e milionário. É claro que fazer fortuna própria deve ser algo compensador, mas porque é tão importante? Mesmo quando me diz que entende que certas coisas não estão à venda. Isso é incoerente para um homem tão astuto e inteligente como você.

O elevador abriu e estávamos no oitavo andar...

– Venha querida! Você vai se encantar com a suíte The Penthouse, que está mais para um apartamento de luxo com serviços de hotel cinco estrelas, no coração de Paris. Relaxe um pouco e aproveite sua estadia!

Era gostoso ver Sophie se encantar com cada canto da suíte. Quando foi até o terraço e viu a visão 360 graus dos pontos turísticos mais famosos da cidade luz seus olhos se iluminaram com real satisfação pela primeira vez desde que a conheci. Valia cada centavo investido ali!

Mas eu precisava me reunir com Hamilton e com a senhorita Trevillan. Além de colocar as pendências da empresa em dia, era necessário informar Nick, que estava em Dubai, sobre os últimos acontecimentos e achar uma solução para Sophie e o cretino do Neal White.

– Sophie minha querida, precisarei deixá-la por algumas horas. Tenho algumas reuniões. Fique à vontade para solicitar qualquer tipo de serviço, mas prefiro que não saia da suíte, tudo bem?

– Sou uma prisioneira?

– Não Sophie. Mas enquanto não souber o que aquele louco do seu marido está fazendo, você corre risco e como está aqui em Paris sob minha responsabilidade, ficarei grato se me ajudar a cuidar da sua segurança e bem estar. Portanto, alimente-se, tome um banho e descanse, como qualquer mulher faria. Quando eu voltar, verei como poderemos aproveitar Paris. Tudo a seu tempo, minha querida!

Não esperei por uma resposta de Sophie. Com certeza, não seria agradável. Bati a porta e fui para o elevador encontrar com Hamilton.

– Tudo pronto na sala de conferência senhor. A senhorita Trevillan nos aguarda junto com o Sr. Evans.

– Certo Hamilton. Vamos então.

– Senhor, eu tomei a liberdade de contratar uma segurança feminina para a senhorita Sophie.

– É de sua confiança Hamilton?

– Totalmente senhor. Jamais colocaria em risco a vida da senhorita. Ainda mais depois das últimas ordens que o senhor me passou. Ela já está no topo da lista das minhas prioridades.

– Muito bem. – e sorri um sorriso estúpido. Hamilton não entendeu.

– Quando a segurança chegará Hamilton?

– Ela já está a postos senhor.

– Então vamos entrar nesse elevador rapidamente. As paredes virão abaixo muito em breve. A senhorita Sophie certamente ficará uma fera quando souber que agora terá uma babá vinte e quatro horas.

Hamilton abaixou o rosto e deu um sorrisinho irônico e satisfeito.

Ao chegarmos ao andar da sala de conferências, o assunto começou a me deixar tenso pela primeira vez em todos esses dias. Era algo muito delicado. Envolvia a minha vida e a da mulher que não saía da minha mente. Eu precisava resolver tudo isso com cuidado, mas muito rápido.

Hamilton abriu a porta para mim e avistei Rose e o Sr. Evans com semblantes cansados e sonolentos, não era fácil sair de Nova York à noite e estar em Paris no início da tarde, o fuso horário era uma droga. Eles haviam voado ao mesmo tempo em que eu, só que em outra aeronave da empresa. Tudo perfeitamente orquestrado por Hamilton em tempo recorde.

– Espero que tenham feito um voo sem turbulências senhores, já que a agitação deverá acontecer por aqui.

– Olá Sr. Collins. – disse Rose com aquele sorriso automático que ela sempre carregava para mim.

– Então vamos ao que interessa. – Hamilton trancou a porta e ficou de pé ao meu lado com as mãos cruzadas na frente do corpo.

– Está faltando cadeiras nessa sala enorme? Ah, Hamilton, pelo amor de Deus! Sente-se logo e não me faça perder a paciência.

– Perfeitamente senhor.

– Então, Sr. Evans, o que tem para mim?

– Ainda bem que está sentado senhor.

– Sem delongas, Sr. Evans. O que pode ser pior do que tudo que já sei?

– Então, Sr. Collins, vou começar pela informação que o senhor não sabe e nem poderia imaginar, e que acredito ser de suma importância nesse momento. A senhorita Luciana, ou se preferir, Sophie, tem um filho que pode não ser filho do Neal White. Ele a obrigou a interromper a gestação antes da hora, muito provavelmente por acreditar que a criança pudesse ser de um dos seguranças que ele obrigou a dormir com a senhorita Sophie, como o senhor mesmo me contou.

– Que merda é essa? Como assim um filho? Está vivo? Onde? Isso não é possível! Que droga! Isso complica tudo. Por que será que ela nunca me contou essa merda toda?

– Senhor, muito provavelmente a senhorita Sophie esconde a criança por que ele nasceu com sérios problemas de saúde. Como para o Neal este bebê estaria morto, ela conseguiu uma forma de não se relacionar pessoalmente com a criança, protegendo-a assim da ira do suposto pai.

– Onde está essa criança?

– É um bebê ainda senhor e está em um hospital em Nova York sob a responsabilidade da mulher que o registrou como seu filho, Ananda Hernandez, conhecida como Nana. Ela registrou o bebê como Heitor Hernandez.

– Quem é essa mulher e por que teria registrado o filho de Sophie? Não entendo.

– A história é mais complexa do que parece. Essa senhora é mãe de um dos homens que trabalhava para Neal, um mexicano que traiu a equipe tentando roubar alguma coisa. Neal planejou uma queima total da família dele, se é que me entende. A senhora Nana trabalhava na casa de Neal como empregada da senhorita Sophie, pra quem, suponho, que tenha contado tudo o que houve. Sophie provavelmente descobriu o que Neal planejava fazer e secretamente informou a polícia. De acordo com minhas fontes,

Neal gosta de se vingar pessoalmente dos erros da sua equipe, como uma forma de demonstrar quem retém o poder. Nesse caso específico, quase foi pego e morto pela polícia. O desgraçado poderia estar preso ou morto a essa hora, mas conseguiu escapar. Ele sempre tem um plano B muito bem arquitetado. Obviamente ele descobriu a culpa de Sophie e foi nessa mesma época que ela saiu de Miami, e agora já sabemos o motivo, não é mesmo? Esse sujeito foge da justiça com uma facilidade irritante.

– Que porra! Mas como essa Nana foi parar em Nova York e como ficou sendo a mãe oficial do filho de Sophie?

– Imagino senhor que essa mulher deva ser muito grata a Sophie por ter salvado a vida dela e de muitos membros da sua família. Exatamente como ela se encontrou com Sophie depois do ocorrido, ainda não sabemos, mas estamos montando o quebra-cabeça aos poucos.

– E esse bebê, é realmente filho do desgraçado do Neal? O que ele tem, qual é a doença?

– Se o bebê é filho do Neal, ainda não sabemos. Nenhum exame de DNA foi feito. Infelizmente a doença dele é muito grave. Miocardiopatia Dilatada. Em termos simples, o volume cardíaco é muito maior do que seu próprio espaço no tórax e o padrão de contração do coração é arritmico e lento. É uma condição muito rara e a criança dificilmente sobrevive.

– Mas como está o filho de Sophie?

– Mal, muito mal. Vive hospitalizado para que possam controlar suas condições clínicas. Neste momento ele precisa de um transplante de coração artificial até que seja disponibilizado um coração humano que sirva. Como pode imaginar, ele ainda é um bebê e dificilmente há doadores nessa fase da vida. Pelo que descobrimos a cirurgia para implante do coração artificial ainda é experimental e custa uma pequena fortuna.

– Então aí se explica porque Sophie precisava tanto de dinheiro e sempre se desespera quando fala de uma questão importante sua vida. E não é para menos. Ah, meu Deus! Precisamos fazer algo urgentemente. – virei para Rose que demonstrava estar chocada com tudo que escutava. – Senhorita Trevillan, preciso que veja com o Phillip toda a quantia necessária para essa cirurgia e faça chegar até essa senhora Nana imediatamente. Apenas resguarde a origem do dinheiro que enviará, entendido?

– Sim Sr. Collins. Já estou abrindo meu e-mail para passar as instruções.

– Senhor! – interrompeu-me o Sr. Evans. – Há um fator importante que precisamos levar em conta. Essa criança estava segura porque Neal achava que ela havia falecido durante o parto. O que com certeza foi arranjado pela senhorita Sophie juntamente com a médica que fez o procedimento. Lembra-se de que havia um procedimento não relatado que Sophie havia passado em Raleigh e que provavelmente envolvia uma quantia de dinheiro? Suponho que a senhorita Sophie deva ter entregado todo o valor que tinha de reserva para que a médica emitisse um laudo de óbito para a criança. Porém, agora que o Neal a reencontrou, ele deve estar vasculhando tudo neste exato momento e assim como eu descobri toda essa informação, posso garantir que ele também descobrirá e não sei o que poderá acontecer com a criança.

– O senhor tem toda razão. – dirigi minha atenção a Hamilton que estava bem ao meu lado. – Hamilton, precisamos de um esquema para tirar essa criança de onde está sem colocar sua vida em risco. Quero que o encaminhe para o melhor hospital do mundo em termos de cirurgia cardíaca e que ele e a tal

de Nana tenham todo o suporte necessário para que fiquem em segurança e em conforto. Entendido?

– Sim, senhor. Providenciarei algo nesse sentido.

– Pegue todas as informações que precisar com o Sr. Evans e faça isso o mais rápido possível. Outra coisa, a tal Nana não poderá entrar em contato com Sophie até que estejam todos em segurança. Sophie colocaria tudo a perder, afinal de contas, quando se trata de filhos, as mães costumam ficar com as emoções à flor da pele e o com cérebro boiando no espaço.

– Sr. Evans, há alguma outra informação relevante que eu precise saber nesse momento?

– Apenas que o político do Brasil está atrás de Sophie por um motivo que ainda desconhecemos. Mas já estamos focados nisso. Não há com que se preocupar no momento. As demais informações estão nessa pasta, o que também inclui o paradeiro da mãe de Sophie.

– Obrigado Sr. Evans. Agradeço por ter me atendido em caráter de urgência e de forma nada convencional. Aproveite a estadia por minha conta em Paris. Hamilton cuidará do seu voo de retorno a Nova York. Continue com suas investigações e me comunique sobre qualquer descoberta.

O Sr. Evans entendeu a deixa para se retirar da sala de reunião, apertou a minha mão e saiu em seguida. Ficamos lá, Rose, Hamilton e eu com um problema que mais parecia o pavio aceso de uma bomba prestes a explodir.

– Senhorita Trevillan a que horas tenho compromissos da empresa hoje?

– Um jantar com investidores, senhor, às 20h30.

– Tudo bem. E como ficaram as coisas em Nova York?

– Phillip está cuidando de tudo. Deixei ordens para que não vazasse sua localização em nenhuma circunstância. Pedi para redobram a segurança no prédio também. E mesmo que não queira falar disso nesse momento senhor, pedimos seguranças para sua família em Londres, nunca se sabe...

– E o Sr. Smith? Devemos nos preocupar com ele principalmente, afinal é meu amigo e braço direito. – Hamilton interrompeu Rose e me passou a informação.

– Já solicitei segurança redobrada para o senhor Smith desde antes de sairmos de Nova York, senhor. Mas ainda não o localizamos para posicioná-lo sobre os últimos acontecimentos.

– Tudo bem. Mas continuem tentando e informe-o que preciso falar com ele assim que possível.

– Senhorita Trevillan, o contrato de Dubai foi enviado?

– Sim, senhor Collins. Com relação a isso está tudo tranquilo. O Phillip está com todas as instruções, mas caso ocorra algum imprevisto ele tem ordens para entrar em contato comigo imediatamente. Senhor, até quando ficaremos aqui em Paris? Tínhamos uma previsão de retornar amanhã pela manhã, mas me parece que esse prazo será maior.

– Ainda não faço ideia. Mas, de toda forma, não posso me demorar aqui. Espero que a senhorita esteja sendo bem atendida em suas acomodações.

– Como sempre senhor. Obrigada.

– Perfeito. Hamilton, quero um relatório sobre os últimos acontecimentos em Nova York em no máximo duas horas. E não estou falando da empresa. Estamos entendidos?

– Sim, senhor. Imaginei que fosse querer. Já estou providenciando.

– Envie para o meu e-mail. Não quero ser interrompido até a hora do jantar, quando você deverá me levar ao restaurante e me escutar. Até lá, estarei com a senhorita Sophie. E não preciso repetir que ela não saberá dessa reunião e dos fatos aqui colocados até que eu assim decida.

– Perfeitamente senhor. A propósito, acompanhando a senhorita Sophie está a senhora Zhang Lyn, a segurança que contratamos. Ela é chinesa, casada, tem filhos e vive aqui em Paris há cinco anos. Foi treinada com as melhores técnicas de defesa pessoal e combate. E está pronta para derrubar um homem com o dobro do seu tamanho se for preciso. Ela é astuta e muito boa estrategista. Conheci Lyn faz alguns anos durante minha estadia na China e acredito em sua capacidade e lealdade. Ela está honrada em poder servi-lo, senhor. E tenho certeza de que não cederá às reclamações que possam vir da senhorita Sophie.

– Muito bom Hamilton. – virei para Rose ao lembrar-me das condições das vestimentas de Sophie. – Senhorita Trevillan, tem carta branca para mandar comprar todo o vestuário necessário a uma dama como Sophie, desde calçados até produtos de cuidados pessoais como maquiagens e afins. Tudo da melhor qualidade. Lembre-se de incluir alguma produção mais social caso eu peça que ela me acompanhe a algum compromisso e um belo vestido de festa. Acredito que possa conseguir as medidas dela de alguma forma.

Hamilton pareceu desconfortável, mas por fim conseguiu me fazer uma pergunta indiscreta na presença de Rose.

– Senhor, devo programar a escolta para alguma outra suíte deste hotel?

– Vamos ver como Sophie se comportará depois desses últimos acontecimentos. Ainda não sei onde dormirei. – foi tudo que me limitei a responder e segui para o quarto para encontrá-la.

XVIII

Paris realmente não desilude. Elegância. Nenhuma outra palavra descreveria melhor a aura de Paris, mesmo naquele tempo frio e cinzento. Era uma cidade para ser visitada com dedicação e muito amor e essa definitivamente não era minha situação. Minha cabeça e meu coração se encontravam em Nova York, dentro de um hospital, com vários fios e agulhas enfiados pelo corpo. Meu filho. Minha vida. Meu garotinho. Um sonho que eu não podia viver.

A visão que eu tinha da varanda luxuosa do Four Seasons era de alguns dos mais importantes pontos turísticos de Paris, mas tudo que eu queria era poder olhar para o meu filho naquele momento, segurando sua mãozinha e dizendo que tudo ficaria bem.

Eu precisava sair e conseguir um celular. Teria de alertar Nana imediatamente sobre tudo que aconteceu, onde eu estava e sobre o dinheiro para a cirurgia de Heitor que havia conseguido. Somente assim eu ficaria um pouco mais tranquila e conversaria com mais calma com Adam para me deixar voltar e tentar resolver as coisas com Neal.

Peguei minha bolsa e percebi que estava sem meu passaporte. Aposto que Adam ficou com ele para que eu não fugisse. E como eu fugiria? Se bem que eu estava com duzentos mil dólares na conta. Mas isso não vinha ao caso. Que ódio! Dane-se! Sairia mesmo sem meu passaporte. Precisava de um celular.

Quando estava com a mão na maçaneta da porta escutei uma voz feminina com um sotaque irritante atrás de mim.

– Désolé Mademoiselle, j'ai ordre de ne pas laisser sortir. C'est pour votre sécurité.*

Ai, meu Deus! Eu não falava francês. O que faria? Tentei me comunicar em inglês mesmo.

– Peço desculpas, mas não a compreendo. Não falo francês.

– Eu peço desculpas senhorita. É a força do hábito por morar aqui. Fique tranquila, eu falo seu idioma.

– Na verdade fala melhor que eu. Meu idioma natural não é o inglês. Ainda estou aprendendo este idioma.

– Então senhorita, eu não posso permitir sua saída. Fui contratada para mantê-la em segurança. Meu nome é Zhang Lyn, mas pode me chamar apenas de Lyn se preferir. Estou às ordens.

– Como assim não pode me deixar sair? Por acaso sou uma criminosa e estou sendo presa pela polícia francesa?

– Não senhorita. É apenas para sua segurança. Peço que compreenda. Posso preparar um banho se a senhorita desejar.

– Que merda! Eu vou matar o Adam assim que ele colocar os pés dentro desse quarto. E pare de me chamar de senhorita. Meu nome é Sophie. Veja bem, Lyn, eu preciso sair para fazer uma coisa urgente e a não ser que tenha ordens para me amarrar, eu sairei por esta porta e voltarei quando puder.

– Infelizmente senhorita, se for ser resistente, tenho ordens para contê-la da forma que for preciso. Isso inclui algemas e sedação. Eu realmente não gostaria de usar nada disso. Peço que tome um banho e se acalme. Assim que o Sr. Collins estiver aqui, ele dirá se poderá sair ou não, e em que condições.

– Eu matarei Adam! Eu vou matá-lo!

Não adiantava tentar sair. Lyn não estava disposta a cooperar e provavelmente eu causaria problemas para mim e para ela se tentasse fugir. Que droga! O jeito era esperar. Me sentei naquela cama enorme e fechei os olhos. Sentia-me cansada e sem forças. Estava realmente chateada. De repente ouvi o barulho da porta se abrindo e uma voz conhecida dando ordens à Lyn. Era Adam.

– Senhora Zhang Lyn, fique do lado de fora da suíte até segunda ordem, por favor. Estarei por aqui algum tempo e preciso acertar algumas coisas com a senhorita Sophie. Fique por perto, podemos precisar da senhora.

– Sim Sr. Collins. – e ouvi novamente a porta bater. Em seguida o silêncio dominou todo o ambiente. Tudo que eu podia ouvir era a respiração cuidadosa de Adam e os meus batimentos cardíacos muito acelerados.

– Realmente sou uma prisioneira agora Adam.

– Já disse que não é isso Sophie. Apenas uma questão de segurança. Mas você é livre.

– Não foi o que pareceu há dez minutos quando tentei sair.

– Sophie não é seguro ainda.

– Que porra Adam! Preciso sair. Preciso organizar minha vida. Estou preocupada com muitas coisas. Você não pode mandar na minha vida. Eu te odeio nesse momento! – e desabei em lágrimas. Eu queria quebrar tudo à minha frente. Meu coração explodiria.

– Pelo amor de Deus, Sophie. Mantenha a calma. Você passará mal se continuar assim. Alivia essa pressão. Acalme-se. Deixa que eu resolva tudo. – disse me abraçando ao ponto de me sufocar.

– Você não pode me entender Adam. É muito mais do que você pode imaginar. Eu preciso sair daqui agora. Eu não vou aguentar. Eu, eu... Eu estou sentindo que meu coração não suportará. Pelo amor de Deus, me deixa sair daqui. Eu tenho que resolver muitas coisas.

– É o celular que havia me pedido antes? Use o meu, ou posso conseguir outro para você, ou se preferir, use o telefone do hotel, está liberado para qualquer necessidade sua.

– Preciso fazer isso do meu jeito Adam.

– Acha que vou rastreá-la se usar os meus recursos? É isso Sophie?

– Adam eu só quero fazer as coisas do meu jeito como sempre fiz. Desde que você entrou na minha vida está tudo desmoronando. Preciso me organizar novamente. Preciso de tempo. Preciso viver a minha vida com os recursos que eu tenho. Preciso sentir liberdade novamente. Você faz com que eu me sinta uma escrava como antes no Brasil. Eu não quero me sentir assim. Isso fere, me machuca e abre muitas cicatrizes.

– Não diga uma coisa dessas Sophie. Apenas preciso ajudar você. É assim que eu sou. Pego os problemas e os resolvo.

– Você acha que é meu dono porque assinei uma droga de contrato para posar para um quadro? Pensa mesmo que é meu dono porque transou comigo algumas vezes? Você é um louco! Um maníaco controlador! Se continuar me mantendo em cárcere privado, eu entrarei em contato com a polícia francesa e direi tudo que está acontecendo. – mesmo que eu não quisesse, meus sentimentos aflorados fizeram essas palavras saírem aos gritos em meios às lágrimas.

– E vai dizer mais o quê Sophie? Que é casada nos Estados Unidos com um traficante e que seus documentos que serviram de entrada na França são falsos?

– Agora vai usar tudo que contei contra mim? Você é muito baixo!

– Cada um usa as armas que têm. Para protegê-la eu faria qualquer coisa. Mesmo que isso a mandasse para a cadeia.

– Eu odeio você Adam. Odeio.

– Que nada. Você me adora! Adora a forma como olho para você com desejo, como faço você sentir prazer. – as palavras saíram de seus lábios como uma promessa.

– Você acha mesmo que com tudo que está acontecendo que eu consigo pensar em sexo? Não seja mesquinho.

– Apenas deixe que eu pense no que é melhor agora para nós dois. Você precisa relaxar, teve um dia de merda. O meu também foi super estressante. Pensei que podíamos dar uma trégua nessa confusão toda. Podemos fazer uma refeição aqui na suíte mesmo e depois relaxar na banheira por um tempo. Depois pensamos em como resolver toda a situação.

– Vá se foder Adam! – levantei, peguei minha bolsa e em um segundo estava novamente com a mão na maçaneta da porta, quando senti os braços fortes de Adam me envolver e me arrastar até a cama. Eu estava presa em seu feitiço.

– Sophie aceite que você não sairá daqui até que seja seguro.

Eu não tinha mais forças. Ele usava a sedução e o sexo para me controlar e ele sabia que funcionava. Passei tanto tempo como escrava de um homem que infelizmente ainda não sabia lidar muito bem com esse tipo de atitude. Faltava-me uma maturidade que parecia que nunca chegava com o tempo. Por que o sexo me controlava tanto? Por quê?

Passei meses fazendo terapia com um psiquiatra que Neal indicou e me obrigou a ir. No início eu achava perda de tempo. O nome dele era Dr. Trevis, mas fiquei tão amiga dele que já o chamava pelo primeiro nome, Peter. E ele me ajudou.

Engraçado pensar nisso agora... Até sinto falta das minhas longas conversas com Peter. No fundo a terapia me fazia bem. Ele me orientava em como lidar com o passado para não ferrar com o presente e o futuro. O fato é, que depois que Neal e eu começamos a brigar, não pude mais ir às reuniões com o Dr. Trevis. Mas algumas conversas e conselhos ficaram gravados para sempre em minha memória.

Uma vez Peter disse que eu precisava usar meu passado para erguer um futuro melhor, o que me fez recordar das palavras que minha mãe me disse um dia: “Filha, faça o que você pode, com o que tem,

onde você estiver. O mundo não vai parar para assistir sua dor e suas derrotas. Você precisa sempre juntar o que sobrou de bom e seguir em frente.” Lembrar da minha mãe também era algo dolorido e triste. Ela não se importou muito comigo e nunca mais me procurou. Não fazia ideia se eu estava viva ou morta. Mas no fundo, eu torcia muito para que ela tivesse conseguido o que desejava na vida, dinheiro e tranquilidade. A saudade era tênue, mas machucava...

Peter também me disse que eu não devia esperar que o mundo mudasse. Que isso era utópico demais. Eu é que deveria mudar meu próprio mundo. Mas isso era muito difícil quando seu mundo estava interligado para sempre com o de outra pessoa como no meu caso. Não podia fazer nada que prejudicasse ainda mais a fragilidade da existência do meu filho.

Outra coisa que Peter colocou em minha cabeça foi sobre meu relacionamento com Neal. Ele me perguntou se eu amava Neal a ponto de achar que ele me completava. Respondi com um enorme sim, sem pensar duas vezes. Peter murchou o olhar e disse que essa era minha maior ingenuidade. Para ele, pessoas que se sentem incompletas não estavam prontas para um relacionamento. Somente pessoas “inteiras” poderiam viver uma vida realmente feliz ao lado de outra. Melhor do que achar alguém que nos completasse, seria achar alguém que nos transbordasse. Neal nunca me transbordou...

Eu já não sabia dizer se amor era uma coisa boa ou ruim. O amor trouxe meus maiores prazeres e minhas piores desgraças. Mas no fundo eu sabia que o amor verdadeiro era uma grande emoção, uma emoção poderosa. Era o que eu sentia pelo meu filho. Eu faria qualquer coisa por ele, eu morreria por ele. Nossa! Pensar em tudo isso me fez ver o quanto eu estava péssima. Na verdade, fisicamente até estava bem. Mas todo o resto, emocionalmente, psicologicamente e romanticamente, não poderia estar pior. Tudo estava desmoronando ao meu redor. Tudo.

Tentaria me lembrar das coisas boas que tinha aprendido com Peter, como quando ele me disse que o segredo da saúde mental e física estava em não se lamentar pelo passado e nem se preocupar com o futuro, muito menos se adiantar aos problemas. Seria necessário viver sábia e seriamente o presente e procurar resolver uma coisa de cada vez. Era preciso superar. Seguir em frente. Olhar para trás era perda de tempo. Eu precisava pensar em o que fazer com Adam, com Neal e com meu filho.

Queria mesmo que Peter tivesse me ajudado mais com relação ao sexo. Isso era um fator de risco na minha vida. Eu sempre deixava as necessidades do meu corpo falarem mais alto. Ainda não tinha aprendido a me controlar, a não ceder, a dizer não. Peter disse que era uma espécie de síndrome pós-violência sexual, uma espécie de compulsão por sexo por necessidade de proteção.

Define-se o vício em sexo como o momento em que o sexo passa a prejudicar a pessoa, ou o momento em que o sexo passa a ser compulsivo, sem controle. No meu caso era claro que o sexo me prejudicava porque simplesmente não conseguia dizer não. Foi por esse motivo que demorei tanto a me relacionar com alguém depois do velho desgraçado no Brasil e também depois de Neal. Por isso também, nunca atendia nenhum cliente da casa de shows. Era uma forma de me manter segura. Livre de ficar dependente de alguém ou de arruinar minha vida deixando que um louco fizesse qualquer coisa comigo.

Eu era ridícula, eu sabia disso. Era uma adulta, tinha um bom nível cultural, mas simplesmente não sabia me posicionar como deveria quando o assunto era sexo. Bastava ouvir uma voz de comando ou

sentir um toque, que desmoronava e perdia a noção de qualquer controle que eu deveria manter. Ainda não sabia como lidar com isso e Adam usava meu problema para me controlar, para fazer o que quisesse comigo.

– Adam nós precisamos conversar.

– Estou aqui só para você. Pode falar.

–Sinceramente não entendo o motivo por estar se envolvendo tanto na minha vida, mesmo sabendo que isso pode prejudicá-lo, mas você não pode tomar decisões por mim.

– Eu sei que tudo isso parece esquisito, mas é como falei para você, quero tentar mais e ir além com você nesse relacionamento. Na verdade, estou muito envolvido com você.

– Eu simplesmente não quero, não vou e não posso ter nada mais com você porque sou casada e tenho mais problemas do que você pode imaginar.

– E o que você queria que eu fizesse? Que deixasse você com aquele mafioso agressivo e perigoso? Não consigo imaginar outro homem tocando sua pele, possuindo seu corpo, beijando seus lábios. Eu sei que ele fez isso ontem e tenho vontade de matá-lo por isso. Eu não divido o que é meu Sophie.

– O que é seu? Ficou louco? Ainda sou casada com Neal. Você e eu tivemos alguns momentos legais, mas foi apenas isso.

– Legais? Momentos legais? Gostaria de me ofender mais Sophie? Vamos! Pisa mais no meu ego.

– Peço desculpas. Não foi bem isso que eu quis dizer Adam. Apenas não quero que confunda sexo com relacionamento. Porque não é isso e nunca será.

– Se for para me deixar de lado, que seja ao seu.

– Você fala como se fôssemos namorados.

– E não é isso que quer dizer ‘mais’ e ir além do sexo?

Tudo bem, naquele momento ele havia conseguido me deixar sem palavras. Não dava mais para guardar tantos segredos de Adam. Ele estava se envolvendo demais comigo. Ele queria ser meu namorado, uma coisa impossível de acontecer. Eu precisava ser um pouco mais honesta e confiar no homem que havia arriscado a própria pele para proteger a minha.

– Adam, como você sabe, a minha vida tem sido uma tragédia e isso mudou minha história para sempre. Eu poderia até mesmo dizer que me sinto como uma morta-viva, vazia e sem luz. Tudo que posso fazer é buscar motivação para ser grata por estar viva e tentar seguir em frente. Eu não tenho alternativa a não ser voltar para Neal. Só assim poderei controlar um pouco os passos dele e impedir que ele chegue até onde guardo um segredo com todas as forças do meu ser. Portanto, é melhor que eu saia da sua vida agora e deixe uma bonita lembrança, do que insistir em ficar e me tornar um verdadeiro problema para você. Entenda que você não está me perdendo porque na realidade você nunca me teve. Acredite quando digo que a vida o recompensará com alguém muito melhor e mais adequada. Neal nesse momento odeia você mesmo sem conhecê-lo e você sabe o que Neal faz com os desafetos dele.

– Se ninguém te odeia certamente você está fazendo alguma coisa errada. Tenho certeza que tem muito mais pessoas querendo minha cabeça do que somente Neal. Sou um empresário e lido no mundo dos negócios de forma muito agressiva, e com isso, conquisto muitos desafetos. Ele terá que entrar na

fila.

– Por que eu Adam? Por que essa insistência? Ainda é aquele joguinho de poder que você me falou no seu apartamento a primeira vez que fui lá? Eu nem sou tão atraente assim. Seja sincero!

– Preciso confessar que quando levei você para o meu apartamento tudo que eu queria era foder você, conhecer esse seu corpo delicioso e ter toda sua beleza e sedução para mim. Mas eu acabei conhecendo a mulher por trás do corpo. Entende? É impossível não se apaixonar por você, assim de repente, de uma hora para outra. Neal é prova viva do que estou falando. Ele é muito apaixonado por você, isso eu não posso negar, vi como ele a olhava no *Shades in Red*, era com admiração e desejo genuínos. Só que tudo em Neal é doentio. Você não merece a vida que teria ao lado de um criminoso como ele.

Era tudo que eu não precisava. Porque ele falou em paixão? Ai, meu Deus! Não! Não permita que Adam se apaixone por mim. Eu destruiria a vida dele. Me levantei e fui até a varanda respirar um pouco de ar fresco. Aquilo tinha sido demais para mim. Eu não sabia como contar parte da verdade da minha vida para Adam. Olhei para o topo da Torre Eiffel e para uma Paris fria e tive muita vontade de poder voltar o filme da minha vida para o início. Como eu queria corresponder esse sentimento de Adam! Mas era impossível.

– Vamos Sophie! Me conte tudo. Todos os seus problemas. Me dê um voto de confiança. – Adam estava atrás de mim, com suas mãos agarradas à minha cintura, me fazendo sentir arrepios pelo corpo todo. – Você não está mais sozinha. Eu estou aqui ao seu lado para tudo que precisar.

– O que constrói um caráter forte Adam, é fazer o que é certo quando for mais difícil. Por mais que seja tentador tudo o que você está me oferecendo, eu preciso manter meus olhos no meu foco e ir para muito longe de você. Não quero que sofra as consequências por minha causa.

– Eu não queria ter desejado você assim e juro que até tentei pensar somente no sexo, mas você me enfeitiçou. Eu não quero mais fazer parte de um universo no qual você não exista para mim, Sophie. Eu gosto de você não porque somos parecidos, até porque somos bem diferentes, mas porque você é a peça que faltava na minha vida. Eu nem sabia até outro dia que eu era incompleto. Mas agora que conheci você, que fiz amor com você, seria uma tortura perdê-la.

Comecei a rir. Não sabia se de nervoso ou outro motivo.

– E agora, porque está rindo?

– Porque acho que você precisa de uma consulta com o Dr. Trevis para falar sobre sentimentos e pessoas incompletas.

– Quem é Dr. Trevis?

– Peter Trevis. Um psiquiatra com quem eu fazia psicoterapia em Miami para me restabelecer dos traumas sofridos no Brasil.

– E o que ele diria para mim?

– Basicamente que os seres humanos amam aquilo que não podem possuir.

– Mas eu já possuo você. Veja! Bem nesse minuto, estou prestes a levá-la para aquela cama e... – ele se aproximou do meu ouvido e falou com uma voz firme e doce ao mesmo tempo. – E amar cada pedaço

do seu corpo.

– Já disse que não vamos transar, Adam. Não tenho cabeça para isso. – mentira! Eu estava mentindo para mim mesma. Estava louca para cair naqueles braços e esquecer de todo o resto. Mas o mais digno a fazer era dizer o tão difícil não. Isso seria uma vitória na minha guerra.

– Tudo bem, vou tentar respeitar seu momento. Então me fale mais do Neal White.

– Por que quer saber mais coisas sobre o Neal? Já sabe o suficiente para ficar bem longe dele.

– Veja bem, já dizia Sun Tzu na Arte da Guerra: “Se você conhece o inimigo e a si mesmo, não precisará temer o resultado de cem batalhas e seguramente ganhará a guerra. Se você se conhece, mas não conhece o inimigo, para cada vitória sofrerá uma derrota. Se você não conhece o inimigo e nem a si mesmo, perderá todas as batalhas e conseqüentemente a guerra.” Então quero saber tudo desse desgraçado para me antecipar. Vivo minha vida como em um jogo de xadrez, quero estar sempre pelo menos três jogadas à frente do meu adversário e só conseguirei isso se conhecer as jogadas dele. Portanto, conte-me tudo que sabe do Neal.

– Já falei tudo que posso sobre o Neal. Não me obrigue a pensar nele mais do que já tenho pensado. Você não tem guerra alguma para vencer. Não alimente essa preocupação. No mais, acredito que melhor do que querer todas as boas cartas da mesa é aprender a jogar bem com as cartas que tem na mão.

– É por isso que adoro você, você é inteligente, esperta e desafiadora! – e me deu um beijo estalado na boca e foi para um canto atender seu celular que estava tocando.

– Como é Hamilton? Não admito essa porra! Se vira. Sabe que isso é muito importante. Quando aconteceu?

Adam parecia irritado ao telefone, provavelmente algum problema nos negócios. Ouvi o telefone do quarto tocando e fui atender, podia ser alguém da recepção procurando por ele.

– Pois não!

– Uma ligação internacional para a senhora Sophie White.

– De onde?

– Nova York. – de quem poderia ser essa ligação? Quem poderia saber que eu estava em Paris e naquele hotel? Adam me disse que havia usado um nome falso para que ninguém me localizasse no hotel. Como a pessoa da recepção me chamou pelo nome?

– Pode transferir por gentileza, obrigada.

– Alô! Sophie falando.

– Se desligar essa ligação ou disser para alguém que sou eu na linha, vai receber suja de sangue a medalhinha que está presa à roupa do seu filho.

Perdi todo o ar que meu corpo precisava para sobreviver. Era Neal e ele estava com meu filho.

* Em Francês: Désolé Mademoiselle, j'ai ordre de ne pas laisser sortir. C'est pour votre sécurité. Em Português: Desculpe senhorita, tenho ordens para não deixá-la sair. Isto é para sua segurança.

XIX

– Hamilton, quando foi que essa porra aconteceu?

– Acreditamos que foi um pouco depois de senhor e da senhorita Sophie pegarem o voo para Paris, o que indica que Neal White já sabia da existência do filho de Sophie e da senhora que cuidava dele, e, principalmente, onde estavam.

– Há alguma pista do paradeiro da criança? Pelo que entendi essa criança não pode ficar sem cuidados médicos. Hamilton, se algo acontecer com o filho de Sophie, ela jamais me perdoará. Vai terminar antes mesmo de começar. Você me entende?

– Eu entendo senhor.

– Eu já disse isso uma vez quando você precisava resgatar sua filha e vou dizer novamente nesse momento. Use todos os meus recursos, todos os meus contatos. Você sabe que eu tenho contatos até mesmo no Governo, use tudo, todo o meu dinheiro, mas encontre essa criança. Entre em contato também com o Sr. Evans e diga a ele que a prioridade da equipe nesse momento é o filho de Sophie. Peça também que ele descubra toda a sujeira do Neal que está debaixo do tapete, quero colocar esse desgraçado atrás das grades, porque se eu colocar as minhas mãos nele, eu o matarei. Localize também o Sr. Smith, quero que ele retorne de Dubai e se encontre comigo o mais rápido possível, se tiver de fretar um avião, que o faça.

– Sim, Sr. Collins. Ah, já tem alguns relatórios que o senhor me solicitou no seu e-mail.

– Obrigado Hamilton. Vou pensar se retornamos para Nova York em breve ou não.

– Sim senhor. Aguardo suas instruções.

– Hamilton, eu quero essa criança em segurança em no máximo vinte e quatro horas. Entendido?

– Farei o possível senhor.

– Não Hamilton, faça o impossível. – finalizei, desligando a ligação.

Olhei para os lados e não avistei Sophie. Ela devia ter entrado quando fui atender a ligação. O que eu devia fazer agora? Não tinha condições de acompanhar minha agenda de negócios hoje. Liguei para a senhorita Trevillan.

– Sim Sr. Collins?

– Cancele toda a minha agenda.

– Toda senhor? Até o jantar de hoje a noite que já tínhamos confirmado?

– Toda a agenda senhorita Trevillan. Diga que é por questões pessoais e que retornará o contato quando minha agenda estiver disponível novamente, mas que não tem previsão de quando isso ocorrerá.

– O senhor está me dizendo que está se afastando dos negócios?

– Estou dizendo que tenho outras prioridades, senhorita Trevillan. O Sr. Smith retornará imediatamente para assumir minha posição até que eu tenha tranquilidade para fazê-lo novamente.

– Tudo bem senhor. Há mais alguma coisa que eu possa fazer?

– Cuide dos comentários. Não quero nada na imprensa. Nada mesmo.

– Sim senhor.

– Obrigado senhorita Trevillan.

Foi só desligar a ligação que o celular começou a chamar novamente. Eu certamente estava vivendo um dos piores dias da minha vida. Dessa vez a ligação era da minha mãe.

– Oi mãe. Tudo bem?

– Meu filho, há dias você não me liga. Quer me matar de preocupação?

– Mãe, forma dias corridos. Só isso.

– Fiquei sabendo pelos jornais da negociação em Dubai. Parabéns!

– Obrigado mãe. Como vai tudo?

– Tudo está do mesmo jeito. Seu pai com aquela azia que nunca passa, ele não toma remédios, coração já não é o mesmo da juventude e o humor dele está cada vez pior por causa da empresa. E eu vou tentando contornar tudo, para o clima em casa não ficar tão ruim.

– Mãe, eu já falei mil vezes que aquele velho teimoso devia deixar a presidência do banco e da empresa para um dos sócios assumirem. Ele pode ficar como conselheiro ou algo assim.

– Você conhece seu pai, Adam, ele vai morrer naquela cadeira. Não há nada que possamos fazer. Na verdade, vocês dois são iguaizinhos. O que me lembra de perguntar o motivo de você ter dobrado a segurança de nossa casa. Por que fez isso, meu filho?

Ah, merda! O que eu responderia para minha mãe? Que estava envolvido com uma stripper que é casada com um mafioso que quer me matar? Ela surtaria do outro lado da linha.

– É por causa de Dubai. Fiquei muito em destaque e tenho receio de que vocês possam sofrer um sequestro ou algo do tipo. É apenas para minha tranquilidade, mãe.

– Se é isso, tudo bem, meu amor. Mas estou sentindo sua voz tensa e preocupada.

– É apenas cansaço. Vou tomar um banho de banheira e isso logo passará.

– Precisa cuidar mais da sua saúde, meu amor. Você nunca tira férias. Me fale como está Nick! – ela adorava aquele cretino como se fosse seu filho.

– Está ótimo mãe, cretino como sempre. Está em Dubai acertando os contratos com os árabes.

– E você, porque está em Paris? Foi a Rose que me disse. Na verdade, arranquei isso dela.

– Negócios mãe. Sempre negócios.

– Tudo bem, já que você não vem aqui em sua casa, decidi pegar um voo para me encontrar com você em Paris. Estou com muita saudade, meu filho!

– Mãe, eu estou aqui a negócios. Não terei como dar a devida atenção à senhora?

– Não me importo. Só de vê-lo já ficarei feliz. Não tente me persuadir a não ir. Já decidi. Está no Four Seasons, certo?

– Sim mãe. Se é o que deseja, reservarei uma suíte para a senhora.

– Obrigada meu amor. Pegarei o primeiro voo que conseguir. Um beijo meu querido!

– Beijo mãe.

E mais essa! Terei que lidar com minha mãe querendo saber de tudo. Ela vai questionar um milhão de coisas sobre Sophie. Preciso avisar o Hamilton.

– Pronto Sr. Collins?

– Minha mãe virá me ver em Paris ainda hoje, reserve uma suíte para ela. Descubra em qual voo ela chegará, busque-a no aeroporto e providencie segurança para ela. Lembre-se que minha mãe não pode saber de nada dos últimos acontecimentos.

– Sim senhor.

Desliguei. Minha vontade era de jogar aquele celular para o alto e vê-lo se partir em milhões de pedaços. Eu não queria pensar em problemas, queria apenas curtir Paris com Sophie. Droga!

Como colocaria a situação para Sophie? “Oi querida, eu paguei um detetive para vasculhar sua vida desde o Brasil. Sei tudo, incluindo sobre seu filho que está desaparecido e em poder do Neal.” Como fazer isso? O fato é que não podia mais esconder tudo isso dela. Não com o bebê nas mãos daquele monstro. Ela tinha o direito de saber. Faria isso mais tarde. Queria ter mais notícias antes de preocupá-la. Fui ver o que ela estava fazendo.

Cheguei ao quarto e via garota que em tão pouco tempo havia significado tanto para mim, desesperada sentada no chão e todas as sacolas de roupas que mandei comprar para ela em cima da cama. Será que o desespero era por isso? Porque havia comprado algumas coisas para ela? Não era possível!

– O que foi querida? – Sophie não respondeu.

– Sophie, se você está assim por causa desses presentes, peço que não seja tão tola. Você agora é minha namorada, ou algo do tipo. E é isso que os namorados fazem, não é? Compram presentes e cuidam de suas namoradas. Eu só quero que você tenha tudo do melhor. E eu posso fazer isso. Na verdade, isso não é nada para mim.

Ela se levantou, parecia acabada, sofrida. Seu olhar estava distante. Não eram somente as roupas, havia algo mais.

– Adam eu estou muito cansada e não quero discutir. Mas vou dizer uma coisa que acho que já disse a você antes. Quem precisa de muitas coisas por fora é porque está vazio por dentro. Eu não preciso de nada disso. Eu não posso pagar por nada disso. Mas se é um presente, agradeço, e os usarei por hora. Apenas quero pedir uma coisa, vamos retornar para Nova York o quanto antes. É tudo que peço. Na verdade, eu suplico.

– Sophie, nós retornaremos a Nova York muitíssimo em breve, no mais tardar amanhã no fim do dia, mas hoje ficaremos aqui. Minha mãe está vindo de Londres me ver e apresentarei você a ela como minha namorada. Portanto, prepare-se, vai passar pela rigorosa avaliação da Sra. Collins.

– Desculpa Adam, mas não estou com clima para conhecer alguém, muito menos sua mãe.

– Não tem escolha. Você está aqui na minha suíte, ela vai querer saber quem é você e certamente irá

conhecê-la. Quando a senhora Collins quer alguma coisa, acredite em mim, ela não desiste.

Sophie estava distante. Não sabia o que tinha acontecido nesse meio tempo. Tudo bem que ela estava preocupada com o filho, mas aquela mudança de humor tão repentina me fazia pensar que havia acontecido algo mais. Mas o quê? O quê, meu Deus?

– Venha Sophie. Vamos tomar um banho juntos. E antes que diga que não, só estou pensando em banho mesmo, nada de sexo, só quero relaxar um pouco com você.

Ela estava atônita com alguma coisa. Peguei-a pelos braços delicadamente e fui com ela até o banheiro. O banheiro da suíte era maravilhoso, todo em mármore bege, uma área enorme para a ducha, e no centro de todo o banheiro, uma magnífica banheira. Era exatamente lá que eu queria esquecer a vida por algum tempo junto de Sophie.

Sophie continuava com o olhar distante. Deixei-a de frente para a banheira, fui até a porta e tranquei. Voltei à banheira e deixei que enchesse com uma água quente e agradável. Coloquei uma essência deliciosa na água e voltei até Sophie, ela parecia não perceber nada que eu fazia ali. Despi seu casaco e deixei que caísse ali mesmo pelo chão. Em seguida ajoelhei-me e tirei um tênis de Sophie de cada vez, deixando beijos na parte de cima de seus pés. Ela continuava não sentir nada. Eu precisava trazê-la um pouco para mim. Levantei-me e puxei junto seu vestido, retirando-o pela cabeça dela. Ela estava sem roupas íntimas todo aquele tempo. Oh, Deus! Como seu corpo era lindo! Droga! Eu já estava com o tesão à flor da pele, mas tinha prometido me controlar. Dei apenas alguns beijos em seus ombros e pescoço enquanto fazia carinho em sua cintura. Sophie não se mexeu. Nem mesmo sua respiração se alterou. Ela não estava ali comigo. Aquilo estava me ferindo profundamente. Deus! O que estava sentindo por aquela mulher? Retirei toda minha roupa com o coração saindo pela boca. Como conseguiria ficar ali com Sophie me ignorando? Como eu ficaria colado a ela dentro daquela banheira sem tocá-la? Precisava ser muito forte. Resistir. Entender o momento que ela vivia. Eu não podia ser um cretino filho da puta naquele momento.

Abracei Sophie por um tempo, queria que ela se sentisse protegida comigo. Era isso! Queria que ela soubesse que eu estaria ao seu lado, mesmo quando existissem coisas mais coisas escuras em sua vida, nada importava. Eu não permitiria que alguém a machucasse, nunca mais. Eu não a machucaria mais. Por ela eu estaria disposto a deixar meu jeito sádico para trás. Eu só queria dar todo carinho do mundo a ela. Será? Será que eu estava amando Sophie? Seria isso? Era melhor não pensar em sentimentos tão profundos naquele momento. Ela não precisava de alguém confundindo sua cabeça.

Sophie desabou a chorar ali em meus braços. Ela estava de volta, estava comigo. Sophie era minha novamente. Somente minha. Minha mulher. Minha.

– Não chore mais Sophie. Nada de ruim acontecerá. Eu não permitirei. Confie em mim. Estarei ao seu lado, sempre, se você deixar. Me deixa cuidar de você. Me deixa gostar de você. É tudo que peço. Quando voltarmos para casa, se você ainda quiser ir embora, tudo bem, mas por hora, fique comigo. Esqueça tudo e fique comigo. Se entregue. Relaxe.

Carreguei Sophie em meus braços e a coloquei na banheira. Ela começava a relaxar e a parar de chorar. Fui para trás da banheira, coloquei um pouco de gel de banho nas mãos e massageei os ombros

dela que estavam muito tensos. Massageei, fiz carinho, deixei alguns beijos em seu pescoço. Como aquela sensação de cuidar dela era boa, era única, era extasiante. Nunca, em toda minha vida eu havia sentido aquilo. Era amor. Por que continuar negando a mim mesmo? Era ridículo negar, era amor. Um amor que nunca senti antes. Era amor. Era amor!

Droga! Com o amor vinha o medo da perda, uma possibilidade muito desconfortável de se imaginar. Já tinha perdido muito nessa vida. Eu estava sofrendo com minhas emoções e preocupações. Era tudo pouco familiar, muita coisa era novidade e tudo era muito difícil de compreender e explicar. Eu simplesmente não sabia como me declarar para Sophie.

– Posso entrar na água e ficar um pouco com você Sophie?

– Sim.

Entrei na banheira e fiquei de frente para Sophie, queria ver seu rosto, decorar mais um pouco dos seus traços maravilhosos. Tenho certeza que Deus dispensou um tempo generoso ao desenhar essa mulher. Que pintura maravilhosa! Coloquei minhas mãos em seus pés e comecei a massageá-los, a massagear seus tornozelos. Era agradável para ela e sorri quando a vi fechar os olhos e jogar a cabeça para trás. Fiquei fazendo aquilo por tantos minutos que nem sei dizer ao certo quanto tempo. De repente ela se sentou, olhou para mim e me fez uma pergunta surpreendente.

– O que de fato aconteceu entre você e sua ex-noiva Adam?

Não era o assunto mais agradável, mas ela queria saber algo de mim e estava saindo um pouco do foco dos seus problemas. Talvez se eu me abrisse, ela poderia se sentir à vontade para fazer o mesmo.

– Carrie me culpa até hoje pela morte do nosso filho.

– Como foi que aconteceu o acidente?

– Estávamos saindo da casa do meu pai, depois de uma das minhas inúmeras brigas com ele. Minha cabeça estava a mil por hora. Na estrada, não me lembrei de um cruzamento, Carrie estava ao meu lado. Vinha outro carro e quando percebi, já era impossível reduzir e parar na velocidade que eu estava. Eu até tentei desviar, mas perdi o controle do carro que capotou. É tudo que me lembro do momento do acidente. Quando acordei dias depois, estava no hospital e a primeira coisa que fiz foi perguntar por Carrie e meu filho. Os médicos me disseram que ela estava desacordada e que seu estado ainda era crítico, e que, infelizmente, meu filho havia morrido. Foi impossível salvá-lo, fizeram o possível, mas Carrie estava com uma hemorragia violenta e se não retirassem o bebê, os dois morreriam. Era uma gestação de cinco meses e ele não resistiu. – uma lágrima escorreu dos meus olhos. Lembrar de tudo aquilo era doloroso demais.

– E depois? Ficou tudo bem com a Carrie?

– Passei dias segurando a mão dela enquanto seu corpo lutava para sobreviver naquela cama de hospital. Quando ela acordou e soube do bebê, não quis mais olhar no meu rosto, me odiava e me culpava pelo nosso filho. Eu pedi perdão, tentei procurá-la diversas vezes, fiquei atrás por muitos meses, mas ela nunca mais quis me ouvir. Soube muito tempo depois que ela refez sua vida e que se casou.

– Era um menino? Seu filho era um menino?

– Sim, meu garoto. Já tínhamos até escolhido o nome. Ele se chamaria George Carter Collins. –

fechei meus olhos, pensar no meu filho era doloroso demais. Pude então compreender a dor que Sophie sentia.

– Ele está com Deus, Adam.

– É o que me conforta. Mas eu jamais me perdoarei por isso. Jamais. Se eu não fosse um idiota, se eu não estivesse na velocidade que eu estava, meu filho ainda estaria aqui Sophie. Eu fui um completo babaca.

Ela se levantou da água e veio até mim. Sophie me abraçou apertado. Mesmo com todos os seus problemas, ela ainda pensava nos meus. Ela tinha uma bondade infinita.

– Adam, eu sempre prefiro pensar que quando o teto está desmoronando é porque Deus está reconstruindo toda a estrutura para ser melhor e mais resistente. Você ainda é jovem, poderá ter quantos filhos quiser. Você é bom, meio maluco, mas é um bom homem. Encontrará uma mulher que o ame e que o faça feliz. Com certeza poderá ter filhos com ela.

– Eu estou feliz aqui com você. Mas você não me quer...

– Nós dois... É impossível Adam. Sempre será. Neal nos mataria. Eu preciso aceitar meu destino. Isso aqui é tudo muito lindo, o que você propõe é maravilhoso, mas para mim é impossível.

– Eu gosto do impossível Sophie, gosto de transformá-lo em possível. Apesar de você me considerar um megalomaniaco incorrigível, eu gosto de saber que nem tudo está ao meu alcance com facilidade, que nem tudo será meu só por eu desejar. Isso me mostra meu limite e me faz ser humilde, e, principalmente, evita que meu ego cresça e fique maior do que eu. Eu gosto de correr atrás e de conquistar, de realmente lutar pelo o que eu mais quero. É o que estou fazendo nesse momento. Eu quero muito você. Muito. Você é minha Sophie. Minha.

– Isso é apenas uma falsa esperança Adam.

– Ter falsas esperanças é melhor do que não ter esperança nenhuma. Eu não desistirei de você.

Sophie voltou para o seu lugar e continuou a me olhar, aquele olhar me consumia como fogo no papel.

– E seus pais Adam, como eles são? Porque você brigou tanto com seu pai?

– Meus pais são herdeiros, os dois já nasceram ricos, assim como eu. Meu pai é filho único e banqueiro, herdou o banco do meu avô, que herdou do pai dele. São gerações de banqueiros e ele queria que isso se perpetuasse. Eu deveria assumir o controle da empresa e ensinar a função para meu filho que assumiria futuramente e assim em diante. Ridículo. Nunca quis ser banqueiro, nunca desejei viver de herança. Me revoltei e saí de casa logo depois da faculdade. Chamei um amigo e fomos para Nova York tentar a vida, e aqui estou. Já minha mãe, junto com seus três irmãos, é herdeira das fazendas de cereais do meu avô, mais especificamente trigo e aveia. Mas ela quase não se envolve com a administração, somente recebe mensalmente o que compete a ela e pronto. Minha mãe é formada em artes, daí que veio minha habilidade de pintar. Quando eu era pequeno, lembro-me de acompanhá-la nas tardes em seu ateliê, enquanto pintava seus quadros. Ela me dava papel e tintas e me deixava fazer uma bagunça. Algumas pessoas consideram-na muito arrogante, mas é o jeito dela, sabendo lidar, fica tudo certo. Ela é uma mãe muito ciumenta e protetora.

– E você, além de tudo que tem, vai herdar tudo isso... É tão injusto. Alguns poucos acumulam tanto, enquanto uma grande maioria passa fome.

– Eu sei, parece desesperador. E realmente é. Penso em promover algumas ações sociais, mas não sei ainda exatamente como fazer isso. Que meu pai jamais sonhe com isso. É capaz de colocar fogo no banco antes que eu assuma. – e soltei uma risada.

– Sua mãe vai me odiar.

– Isso é impossível, minha querida. Seja você mesmo e tudo dará certo. Mas chega dessa conversa sobre mim e sobre minha família, porque não me fala um pouco mais da sua vida.

– Eu queria Adam. Queria contar todos os meus problemas. Mas eu não tenho direito de envolvê-lo mais do que já o envolvi.

– Não acha que essa deveria ser uma opção minha?

– Em situações normais sim. Mas a minha vida não é normal e você já sabe mais do que deveria.

– Venha aqui Sophie.

Sophie se arrastou pela água e veio até mim. Fiz com que ela ficasse de costas para mim, entre minhas pernas, encostada em meu peito. Peguei o gel de banho e comecei a ensaboá-la. Tocar em seu corpo, em cada uma de suas curvas era enlouquecedor. Ela sentiu minha ereção e pareceu ficar desconfortável. Era hora desse banho terminar, antes que a situação ficasse incontrolável. Levantei-me da banheira e peguei uma toalha para me secar. Vi que ela percorreu com o olhar todo o meu corpo. Isso era bom. Ela gostava do que via. Peguei um roupão e levei até ela. Ela se levantou e eu a vesti com o roupão. Peguei uma toalha e sequei seus cabelos.

– Vou me trocar no anexo e você fique a vontade para se trocar no quarto. Sugiro que encontre algo clássico entre seus presentes. Iremos jantar com minha mãe.

Esse jantar seria uma batalha. Mas eu não podia dizer isso a Sophie...

XX

Minha vida estava simplesmente acabada. Neal estava com nosso filho. Aliás, filho que ele nem ao menos aceitava que fosse dele. Eu tinha certeza que era. Nosso bebezinho se chamava Heitor Hernandez... Nem ao menos o meu sobrenome pude colocar nele. Mas era mais importante protegê-lo. Neal foi bem claro naquela ligação, se eu não fizesse exatamente o que ele queria, meu filho seria morto. Não entendia como ele tinha conseguido encontrar a Nana e meu filho tão rápido. Mas eu faria tudo e qualquer coisa para salvar a vida do meu amor. Eu estaria com Neal até a data do meu aniversário. E faria qualquer coisa que ele quisesse. Por ora, precisava manter as aparências para Adam e me despedir de toda a vida linda que ele me oferecia.

Não sabia bem o que vestir para conhecer a mãe de Adam. Ela devia ser uma mulher muito elegante, chique e inteligente. Adam disse para escolher algo clássico. Fui ver o que tinha de comportado nas sacolas. Depois de um tempo abrindo sacolas de calçados, bolsas, roupas, acessórios de grifes como: Prada, Valentino, Roberto Cavalli, Balmain, Burberry, Hermès, Dolce & Gabbana, Tom Ford, Chanel, Christian Louboutin, Jimmy Choo, Dior; diversas só de lingerie como: Etam, Cadolle Couture, Chantal Thomass, Sabbia Rosa; e até de cosméticos e maquiagens da Sephora, consegui enfim chegar a uma escolha que eu achava mais adequada. Optei por uma saia longa, leve e fluida na cor turquesa e combinei com uma blusa de mangas longas na cor nude com detalhes bordados em dourado. Parecia perfeito, mas ainda faltava alguma coisa. Escolhi um cinto de metal dourado e coloquei por cima da saia e a blusa por dentro de tudo. Um sapato nude e uma carteira dourada complementaram a produção. Agora sim estava perfeito no meu ponto de vista. Eu sinceramente esperava que agradasse ao Adam e a mãe dele.

Voltei ao banheiro para me maquiar. Peguei o secador e sequei meu cabelo rapidamente e com o modelador, fiz algumas ondas colocando tudo de um lado só. Nada de maquiagem marcante, apenas uma máscara para cílios, blush e um batom cor de boca. Pronto! Só precisava agora do meu perfume. Fui até minha bolsa e peguei para aplicar. Nesse processo todo devo ter levado mais de uma hora. Adam devia estar impaciente comigo.

Voltei ao quarto e o vi parado de frente para a cama olhando toda a bagunça que eu havia deixado com as sacolas abertas e todas as roupas espalhadas. Ai, meu Deus! Eu era uma imbecil mesmo! Ele devia estar pensando que eu não tinha gostado de nada. Respirei fundo ao reparar em como ele estava ainda mais lindo! Estava perfeito em seu terno cinza de risca de giz e corte slim. Parecia que tínhamos combinado, ele havia escolhido uma camisa também na cor turquesa, uma gravata cinza escura e sapatos pretos. Lindo, elegante e perfeito! Ele percebeu minha presença, se virou para mim e seu olhar não me

dizia se ele havia gostado ou não do que via.

– Se quiser posso trocar.

– Trocar o quê?

– A roupa toda. Não ficou bom, não é mesmo?

– Você está perfeita! É realmente um verdadeiro atentado contra as outras mulheres da humanidade. –

ele veio até mim. – Mas na verdade falta algo, o que é imperdoável da minha parte.

– O que falta Adam?

– Uma joia nessa orelha linda. Amanhã dou um jeito nisso. Por ora, coloque apenas um casaco bem quente, está muito frio. E vamos! Pedi ao Hamilton para levar minha mãe ao restaurante, prefiro encontrar com ela em um ambiente movimentado caso ela resolva surtar por eu ter uma namorada e não ter contado nada a ela.

– Na verdade pensei que teria um tempo para arrumar a bagunça que deixei em cima da cama. Abri tudo rapidamente para encontrar algo adequado e não coloquei nada no lugar ainda.

– Gostou de tudo?

– Gostei, mas é bem exagerado. Tem uma fortuna em cima dessa cama.

– Se você gostou é o que importa. Vamos? Alguém virá arrumar a bagunça, não se preocupe.

Quando saímos pela porta, Lyn estava lá feito um cão de guarda. Fiquei pensando se ela passou a tarde toda e parte da noite ali, de pé, só esperando à hora em que fôssemos sair. Seguimos para o elevador e ela veio atrás.

– Espero que goste do restaurante que escolhi. Na verdade eu preferia ir a um bistrô que fica de frente para o Louvre, mas como o restaurante que minha mãe gosta aqui em Paris fecha na semana do natal, tive que escolher a segunda opção que mais a agrada.

– Não conheço nada aqui.

– Queria passear com você para te mostrar todos os encantos dessa cidade. Mas vamos ter nosso momento. Prometo. – ele pegou minha mão e a beijou.

Entramos em uma limusine e percebi um carro nos guiando à frente e outro logo atrás nos seguindo. Certamente eram seguranças. Lyn havia entrado na parte da frente do nosso veículo.

Durante todo o trajeto me recusei a falar uma palavra ou a olhar pela janela. Eu queria conhecer Paris em outra situação, onde meu filho não corria risco de ser assassinado ou de morrer por causa de uma doença. E em que Neal não existisse na minha vida e em que Adam me amasse.

Chegamos à porta de um restaurante muito luxuoso. Em cima da imponente porta verde estava em relevo o nome L'Ambroisie. O maître nos levou até nossa mesa. Como sempre Adam havia escolhido uma mesa em posição mais discreta, que não chamasse tanto a atenção. A mãe dele ainda não havia chegado.

– Não fique tensa Sophie. Nada que aconteça nesse jantar ou em qualquer momento da nossa vida tem o poder de mudar o que sinto por você. Eu não preciso da aprovação de ninguém para ficar com você. Essa é uma escolha exclusivamente minha.

– Definitivamente não sou a mulher certa para você, não me encaixo no seu mundo.

– Querida, eu queria dizer isso para você em outro momento, mas talvez esperar possa ser um erro, então vou dizer agora porque não pretendo deixar o momento passar. Eu pensei muito sobre isso e não acho que estou me precipitando ao dizer que o que eu sinto...

– Adam meu filho, que saudade de você!

Merda! Quando Adam ia me dizer algo importante, a mãe dele resolveu chegar. Que coisa chata! Mas ela era lindíssima. Baixinha perto de Adam, magra, loira e extremamente bem vestida. Certamente não aparentava ser velha e era muito bem cuidada. O corte de cabelo dela era incrível, curto e moderno. E ela estava deslumbrante em um elegante tailleur que devia custar uma fortuna.

– Mãe! Que bom vê-la tão bem! Seja bem vinda a Paris!

– Adam, eu pensei que você me receberia no hotel. Onde estão seus bons modos? Esqueceu como se comportar educadamente depois de passar tanto tempo naquela América?

– Mãe a senhora é terrível! – Adam soltou uma gargalhada forçada ao dizer essas palavras.

De repente percebi o olhar da mãe de Adam me capturando. Como me senti pequena com aquele olhar. Que droga! Foi embora toda a autoestima que me restava nessa vida. Eu não devia ter aceitado vir nesse jantar.

– Adam seus bons modos estão realmente esquecidos, uma pena, me empenhei muito neles. Não vai me apresentar a mocinha que o acompanha nesta noite?

– Perdão mãe. Estou um pouco tenso com o trabalho. Deixa que eu as apresente. – eu me levantei para cumprimentar a mãe de Adam. – Mãe essa é Sophie, minha namorada. – ai, meu Deus, ele disse namorada. Minhas pernas ficaram bambas, mas aguentei firme! – Sophie essa é a Sra. Helena Collins, minha querida mãe.

– Prazer em conhecê-la Sra. Collins. Ouvi coisas incríveis sobre a senhora e seus quadros. Adam não exagerou em nada, a senhora é lindíssima! – não sei por que aquelas palavras saíram da minha boca. Eu realmente não queria agradecer àquela senhora.

– Adam você não me disse o sobrenome da senhorita Sophie.

– Peço desculpas mãe, foi falta de atenção da minha parte. O sobrenome de Sophie é White. Sophie White. – percebi sua expressão de desgosto ao dizer meu sobrenome.

– Não conheço nenhuma família White em parte alguma do globo. – virou-se para mim e disse. – Prazer em conhecê-la senhorita White.

A guerra estava armada, a mãe de Adam me deixou com mão no ar e havia ignorado completamente o fato de Adam ter me apresentado como sua namorada. Ela realmente me odiava.

– Sente-se mãe, vou pedir o cardápio para escolhermos o jantar.

– Filho, você sabe que em Paris gosto do restaurante Alain Ducasse Au Plaza Athénée. Este aqui é minha segunda opção, o outro é bem mais requintado.

– Mãe, o Alain fecha na semana do natal, se esqueceu? Ele abrirá novamente no próximo ano novo.

– Que cabeça a minha, é verdade filho. Mas me conte mais dessa notícia inusitada de namoro.

– Não tem muito que falar. Conheci Sophie há algum tempo e resolvemos assumir nossa relação. Na

verdade já estamos morando juntos. – engasguei totalmente com a taça de champanhe que Adam havia solicitado ao maître. Namorada? Morar junto? Adam tinha ficado louco!

– Vocês estão morando juntos? Há quanto tempo? Por que eu só estou sabendo disso tudo agora?

– Mãe, a senhora sabe que não sou de falar muito da minha vida pessoal.

– Não tem nada disso. Participei de todos os momentos importantes com a querida Carrie. Até mesmo da escolha do vestido de noiva que, infelizmente, nunca foi usado. – Helena virou-se para mim e continuou. – Senhorita White, meu filho lhe contou sobre a senhorita Carter?

– Mãe Carrie está casada ela não é mais senhorita Carter, é Sra. Ross.

– Esqueci-me dessa infelicidade meu filho. O fato é que você amou muito Carrie. Ela era perfeita para você. Vinha de boa família, era estudada, inteligente, bem relacionada. Além de muito bonita e elegante.

– Sophie tem todos esses predicados e muito mais!- a Sra. Helena voltou-se novamente com sua atenção para mim.

– Então, senhorita White, porque ao invés de Adam apresentá-la a mim, não faz isso você mesma? – meu Deus! Por que Adam me colocou naquela situação?

– Bem Sra. Collins, não tenho muito que falar. Sou formada em negócios e na verdade trabalho com apresentações artísticas.

– Apresentações artísticas? Você é administradora de algum teatro ou casa de espetáculos? É isso?

– Não senhora. Eu me apresento com dança e canto em um restaurante. Na verdade, no restaurante onde seu filho me conheceu. – a bomba havia estourado. Veríamos até quando ela me aceitaria naquela mesa. Tive muita vontade de cair na risada. Seria bom para Adam ver que eu não me encaixava em sua vida perfeita. Helena olhou para Adam que estava com aquele semblante de que nada o afetava.

– É isso mesmo mãe. Sophie é a dançarina mais linda daquele restaurante. – ele falou como se precisasse ter orgulho daquela informação.

– Que interessante meu filho. E quem são os pais da senhorita White? O que eles fazem?

– Ela é órfã. – ai, meu Deus! De onde Adam estava tirando todas aquelas mentiras. Certamente não queria contar que minha mãe era uma empregada doméstica e que meu pai era um presidiário. Tudo bem, eu concordava com ele, isso era demais para uma senhora como a mãe dele, e eu definitivamente não tinha a intenção de vê-la enfartar no restaurante.

– Uma pena senhorita White. Pais fazem uma grande diferença na criação e na vida de qualquer pessoa.

– Tenho certeza disso Sra. Collins.

O maître voltou à mesa e Adam fez os pedidos de todos. Era a parte controladora dele falando mais alto. E ele estava visivelmente nervoso com toda aquela situação desconfortável entre a mãe dele e eu. O jantar seguiu com todo aquele clima tenso e conversas inúteis e supérfluas. Adam tinha pedido para mim um prato com um nome gigante, o “Oeuf au sabayon de cresson, asperges vertes et caviar”, que não sei explicar exatamente o que era, mas era esquisito e definitivamente caviar não agradava ao meu paladar. Comi os aspargos e fiquei remexendo aquele resto esquisito no meu prato até o garçom retirar. Eu tinha

certeza que havia jogado fora naquele prato uma pequena fortuna.

– Não gostou do seu prato, senhorita White? – perguntou de forma arrogante a mãe de Adam.

– Não é isso senhora. Estava delicioso. Eu é que estou sem fome. – disse sorrindo de forma debochada para ela.

– Diga-me uma coisa, suas roupas são muito caras para alguém que ganha a vida dançando. Seu closet foi ajustado pelo meu filho, certo? – foi o limite para que uma lágrima escorresse no canto dos meus olhos. Ai, meu Deus! Eu queria sair correndo dali. A mãe de Adam estava me humilhando e me ofendendo ao insinuar que eu estava com o filho dela por interesse, pelo dinheiro dele.

– Mãe, e como está o velho? – graças a Deus Adam chamou a atenção da mãe para ele e não precisei responder aquela afronta.

– Não chame seu pai de velho, Adam. Que modos são esses? Charlie está doente, e você precisa visitá-lo. Seu pai ficará muito ofendido por não saber que o herdeiro dele está em um relacionamento em que, inclusive, já mora com a namoradinha.

– Quando eu tiver um tempo tranquilo no trabalho, visitarei papai. A senhora pretende ficar em Paris até quando?

– Está me expulsando daqui meu filho?

– Jamais faria isso mãe. Apenas quero saber de seus planos.

– Devo retornar amanhã depois do café, com seu pai doente preciso cuidar dele e da casa. Mas ficarei muito preocupada em deixá-lo depois de tantas novidades.

– Não se preocupe mamãe. Já sou bem crescidinho. Dou conta de cuidar da minha vida.

– Assim espero. E espero que saiba fazer boas escolhas. Algumas coisas não têm retorno.

O jantar terminou com a Sra. Collins dizendo que queria voltar no carro com seu filho, mas Adam foi irreduzível e disse que teria um tempo a sós com ela assim que chegássemos ao hotel. Seguimos para a limusine. Eu no mesmo silêncio mortal da ida para o restaurante. Não tinha ânimo para falar sobre nada, principalmente sobre o jantar em que fui completamente humilhada.

– Sophie, eu não quero que se preocupe com as coisas que minha disse. Ela é assim mesmo. Foi assim até no início do meu relacionamento com Carrie. Só com o passar do tempo ela foi aceitando a situação. Ela é muito ciumenta. Então, tranquilize-se com tudo que ela falou.

– Não me importo com as coisas que sua mãe falou. Ela está certa em proteger o filho. Além disso, não somos nada daquilo que você falou durante o jantar.

– É sério quando eu disse sobre morar comigo. Apenas adiantei para minha mãe o que acontecerá quando retornarmos para Nova York. Assim ela já vai se acostumando à ideia.

Durante o resto do trajeto permaneci em silêncio com aquela ideia de morar com Adam na minha cabeça. Ao chegarmos ao hotel, me despedi da megera da mãe dele e subi para a suíte. Adam me disse que conversaria um pouco com a mãe para acalmá-la. Peguei o elevador junto com Lyn e segui para a suíte. Lyn entrou, verificou todo ambiente e só depois liberou minha entrada. Ela ficou do lado de fora e eu entrei e fechei a porta. Estava cansada de tudo aquilo, seguranças, limusines, mães megeras e homens controladores. Era tudo muito cansativo.

Decidi que me enfiaria em uma das lingeriees que Adam comprou para mim e em seguida desmaiaria na cama até amanhã, o dia em que finalmente eu deixaria aquele momento de fantasia para meu destino, para salvar meu filho.

Escolhi um pijama da Etam, nada muito sexy, apenas feminino e confortável. Regata e calça pretas com um tecido agradável ao toque e que brilhava. Escovei meus dentes, retirei minha maquiagem, passei um hidratante, fiz um rabo de cavalo no cabelo e fui para a cama, sabia que mais tarde Adam se deitaria ali também. E eu preferia já estar dormindo para não cair em tentação. Meus planos foram por água abaixo quando Adam entrou naquela suíte e me chamou.

– Sophie, você já dormiu? – preferi fingir que sim e não respondi nada. – Não finja para mim, sei que não teria dado tempo de você dormir, ainda mais em sono profundo.

– Adam, eu estou realmente cansada. Quero apenas dormir e pensar no retorno para Nova York que você me prometeu para amanhã e que eu espero que cumpra.

– Cumprirei querida. Apenas quero conversar com você antes de dormirmos.

Sentei-me na cama e olhei profundamente nos olhos de Adam. Via desejo e paixão naquele azul profundo.

– Fale Adam. Estou ouvindo.

– Você está de pijama?

– Sim. Mas aposto que não é sobre isso que você quer falar.

– Sophie, eu estou entre o limite da razão e da loucura por você. Isso já passou de paixão. Eu não consigo pensar em viver sem ter você, sem tocá-la, sem saber que é toda minha. Que está segura, protegida, feliz. Quero tanto levar você para casa comigo e ficar horas e horas com seu corpo abraçado ao meu. Eu quero tanto ficar com você agora que chega a doer.

– Adam, por favor, pare com isso. Não continue, já está bem difícil para mim. Não torne a situação ainda pior. É difícil demais ir contra meu corpo e contra meu coração. Mas minha mente sabe o que é o certo.

– Escuta, mesmo que você decida amanhã, depois que chegarmos à Nova York, que não ficará comigo, deixe esse pensamento fora dessa suíte, longe dessa cama, somente por essa noite. Me deixe amá-la. Me deixe fazer de você minha mulher. Eu quero... não, eu preciso fazer amor com você hoje, ter seu corpo, sua alma e seu coração todo para mim. Nem que seja por algumas horas. Eu preciso de você, Sophie.

– Adam não me peça isso, por favor. – mas lá estava ele subindo na cama e me puxando pela nuca para os lábios dele. Eu sentia como se ele fosse me devorar. Tudo bem, aquela seria a última noite, a última vez. E depois eu aceitaria a realidade de voltar para Neal.

– Tudo bem Adam. Apenas essa noite. É tudo que posso oferecer em agradecimento a tudo que fez por mim até aqui. – consegui falar entre seus beijos.

Ele se levantou da cama e começou a se despir. Retirou o blazer, depois a gravata, e seus olhos não se desgrudavam dos meus. Abriu a camisa botão a botão, lentamente, em seguida os punhos. Depois retirou a camisa e jogou pelo chão. Retirou a calça, os sapatos e as meias. Ficou apenas com uma cueca

branca. Estava delicioso! Continuei sentada na cama apenas admirando seu corpo a cada movimento. Adam pegou o celular e colocou para repetir incessantemente a música 'I'll Stand by You' na versão da banda Girls Aloud. Era uma canção linda! Me emocionava profundamente tudo que aquela letra de música dizia...

– Minha Sophie, preste atenção nessa música, ela fala por mim.

Ai, meu Deus! Aquilo era demais, e lá estavam minhas lágrimas rolando em minha face. Adam subiu na cama e se aproximou de mim. Ele era tão gentil. Meu coração batia mais forte cada vez que ele se aproximava. Ele reduziu ainda mais o espaço entre nós dois.

– Você é muito sexy, até de calça de pijama. Mas prefiro esse corpo nu e todo à minha disposição. Pode ser?

– Está pedindo permissão, Sr. Collins?

– Não. Estou apenas sendo cavalheiro. Você já é minha!

Ficamos de joelhos olhando um para o corpo do outro. Eu ainda de pijama.

– Que belo tórax nós temos aqui, Sr. Collins. Aposto que o senhor passa horas na academia diariamente.

– Na verdade senhorita Sophie, nós britânicos curtimos muito alguns esportes, particularmente aprecio o rúgbi que tem alguma semelhança com o futebol americano, e o críquete, um esporte que utiliza bola e tacos, parecido com o baseball. Além do mais, fui obrigado a aprender o tênis, um esporte em que empresários americanos fecham muitos negócios. Adoro relaxar com tiro ao alvo no paintball e sou muito bom nisso, já que desde pequeno tive contato com armas porque ia caçar com meu pai, outra tradição britânica. E por fim, pratico Muay Thai duas vezes por semana com um ex-campeão da modalidade. Não gosto de academias, por isso faço musculação em casa quando tenho vontade. Prefiro o conforto e a privacidade do meu apartamento.

– Muito bem Sr. Collins! Já eu, pobre e sem recursos, pratico a dança diariamente, aproveitando para ensaiar para o Shades in Red, e corro todos os dias pela manhã alguns quilômetros. Pratico Yoga no tapetinho da minha humilde casa e nada mais.

– É por isso que a senhorita tem um corpo tão durinho e gostoso! Não gosto daquelas mulheres muito musculosas, elas ficam pouco femininas. Prefiro suas curvas generosas e tentadoras. Você é perfeita para mim! Será tudo para você hoje. Confia em mim?

– Sim. – era a mais pura verdade. Sentia-me completamente segura com Adam.

Adam então começou a despir o meu pijama. Retirou a blusa e acariciou cada seio. Joguei a cabeça para trás quando ele fechou os lábios em um mamilo. Ele chupou profundamente e com a outra mão acariciava o outro seio. Meus seios ficaram completamente enrijecidos. Não consegui abafar o grito de prazer que fugiu de seus lábios. Ele realmente sentia prazer em me dar prazer. E a recíproca era verdadeira. Com a língua ele percorreu o caminho até o outro seio e deu ao outro a mesma atenção que ao anterior. Era divino! A música romântica e os movimentos lentos de Adam enfatizavam o quão sutil era a sensualidade entre nós, até o momento em que nossos corpos explodiam de prazer. De repente ele me deitou bruscamente na cama, beijava intensamente meus lábios, com uma fome inexplicável, e descia com

os beijos pelo pescoço, e mais até chegar ao meu umbigo e enfiar a língua ali por um tempo. Lentamente foi descendo minha calça e me deixando completamente nua e exposta para ele. Em um dado momento ele desceu da cama e voltou em seguida com três de seus lenços de seda na mão.

– Quero que confie em mim Sophie. – eu nem precisava responder.

Ele pegou um lenço e amarrou em meu rosto tampando meus olhos. Em seguida amarrou cada punho meu em um lado da cama. Eu estava presa, exposta, com os olhos vendados e completamente à disposição de Adam. Como aquilo era excitante! Ele desceu novamente da cama e ouvi somente quando ele voltou com algo que pelo barulho parecia ser um copo com pedras de gelo. Subiu na cama novamente e ficou em cima de mim. Podia sentir seu peso.

– Se você pudesse me ver agora, me tocar nesse exato momento Sophie, entenderia o que você faz comigo. Estou completamente excitado apenas por vê-la assim. E nem comecei o que tenho planejado para esta noite. Já estou tão duro que chega a doer.

Adam pegou uma pedra de gelo e começou um caminho torturante pelo meu corpo. Passou nos meus pés, na parte interna da minha coxa e subiu para o meu pescoço. Contornou cada seio e torturou com aquela sensação gelada cada mamilo. Desceu pela minha barriga e chegou à minha parte mais íntima. Eu já estava completamente arrepiada, excitada... Apaixonada. Ele continuou a tortura, forçou a abertura das minhas pernas e passou o gelo em toda a minha parte mais íntima. Era demais! Era enlouquecedor. Era Adam sendo fantástico e inesquecível.

Ele colocou uma pedra de gelo entre os dentes e beijou meus lábios. A sensação do calor do meu corpo com o frio dos lábios de Adam estava me enlouquecendo. Eu já estava completamente molhada entre as pernas. Não sabia por quanto tempo suportaria toda a tortura.

Ele deslizou a mão pelos meus cabelos desfazendo o rabo de cavalo. De repente Adam soltou minhas mãos e massageou cada punho para ativar novamente a circulação de sangue no local. Em seguida retirou a venda dos meus olhos.

– Para fazer amor, quero você inteira e vendo cada segundo da minha adoração por você.

Adam passou as mãos firmemente pela minha nuca e pela extensão das minhas costas. Eu subi minhas mãos massageando com os dedos seus ombros largos. Ele me beijava como se nunca o tivesse feito, agarrando meus lábios com seus dentes enquanto mordida e sugava. Passeava sem pudor com sua língua por onde quisesse, por todo meu corpo, cada centímetro. A pressão que eu fazia nas pernas para reduzir o tesão era tanta que sentia meus músculos rígidos e as veias do meu pescoço sobressaltando. Adam inclinou o corpo para frente, para que não houvesse mais espaço nos separando, fazendo-me segurar firmemente em suas costas e naqueles seus músculos firmes. Ele segurou minhas pernas com força e forçou com que elas abrissem o máximo possível. Senti que um hematoma se formaria ali tamanha era a pressão que ele depositava. Em algum momento ele havia retirado a cueca e eu nem tinha percebido até aquele momento em que direcionei toda minha atenção para pênis dele. Como era firme! Enorme e grosso. Meu Deus! Pensei que nunca o havia notado direito. Nossa! Arrepiei completamente quando senti o peitoral definido de Adam encostar-se a meus seios que estavam muito sensíveis. Ele voltou a me beijar desesperadamente, sua língua querendo a minha completamente para ele. Suas mãos em minhas

coxas não cediam, me abrindo cada vez mais. Eu ficaria marcada ali. Finalmente Adam levou uma mão ao interior das minhas pernas, com certeza com a intenção de ver o quanto eu estava molhada. Devia ter se assustado, pois eu sentia meu prazer escorrer entre as pernas, tamanha era a minha excitação.

– Tão úmida... Não me torture. – ele implorou ao passar vagarosamente dois dedos por sobre meu clitóris, arrancando gemidos abafados dos meus lábios. Ele brincava com a unha na região, deixando-me arrepiada.

– É você que está me torturando. – foi o que consegui dizer entre suspiros e uma respiração que tentava manter-se regular.

– Você é muito... Gostosa. – pressionou os dedos fortemente, dançando tentadoramente com eles.

Eu queria muito que ele me penetrasse logo.

– Goze pra mim Sophie! – Adam sussurrou em meus lábios, estocando os dedos até o limite, fazendo-me gemer alto e murmurar um “Ahhh!” enquanto gozava em sua mão inquieta e ardente. Ele subiu os dedos molhados e chupou cada dedo que havia estado dentro de mim, apertando os olhos ao sentir meu sabor. – Não é o suficiente para mim, preciso te beber inteira para me saciar. Na verdade, esse desejo nunca vai passar, nunca será o suficiente, nunca me fartarei de você. É por isso que quero você todos os dias para mim. Só para mim. Você é minha. Toda só minha. Não deixarei você escapar de mim, jamais. Somos perfeitos juntos.

Eu desejava muito retribuir tanto prazer. Surpreendi aquele deus grego indo até seu pau e enfiando ele em minha boca. Claro que não dava para colocar tudo, mas fui o máximo que consegui. Era delicioso! Caprichei, acariciando com a mão e chupando forte. Passei a língua de leve na veia bem marcada pela ereção e o escutei soltar um gemido. Eu estava fodendo Adam com minha boca. Mas ele me jogou na cama e inverteu o jogo me abocanhando entre as pernas.

– Não precisa fazer isso sozinho. – e me posicionei para que nós dois aproveitássemos aquela brincadeira. Nos sugávamos e nos chupávamos, a vontade era de um devorar o outro ali mesmo. Ficaríamos repletos de marcas no dia seguinte. Mal conseguia respirar tamanho era o prazer que sentia. Senti um orgasmo violento tomar todo o meu corpo enquanto ele ainda estava com a boca em mim. Adam continuou pressionando a língua, me transformando na devassa que ele desejava. Meus músculos estavam retesados, latejando de prazer ardente. Não tinha mais palavras para descrever aquele momento.

– Fico lembrando como é bom estar em você por inteiro, pele com pele, como naquela vez na boate. Aquilo me enlouqueceu por dias, perdi a noção da quantidade de vezes que me masturbei lembrando aquela transa. Quero muito fazer isso novamente, confio em você e você não tem porque não confiar em mim, estou completamente limpo. Me deixa te penetrar sem preservativo novamente? Quero muito isso e quero agora. – Disse ele todo autoritário, puxando-me para um abraço. Começamos a nos beijar novamente, esfregando as mãos em cada parte possível do corpo um do outro. E porque talvez aquela fosse a última vez, eu não precisava responder, apenas não o impedi de fazer qualquer coisa que quisesse, afinal de contas eu tomava pílulas contraceptivas.

Adam me penetrou de uma só vez. Ele investia fortemente, sentindo cada centímetro de sua extensão deslizar dentro de mim. Nada se comparava àquilo. As estocadas eram violentas e os gemidos tentadores.

Subi minhas pernas abraçando-as em sua cintura e senti o pênis de Adam percorrer minha abertura até o fim no que parecia ser uma eternidade. Estava totalmente aberta para ele. Sentia a pressão dentro do útero e a ponta de seu pênis alcançando o ponto mais profundo do meu corpo. Adam me beijava sedutoramente para conter meus gritos de prazer e conforme me preenchia, também emitia sons de incontrolláveis. Aquele deus me penetrava com tanta força que a sensação que eu tinha era de que ele queria terminar aquele momento comigo morta em seus braços. O sexo era furioso e ele me dizia o quanto estava gostando, como ele desejava me ter naquela cama e como eu era bonita. Eu me sentia cada vez mais próxima dele, mais íntima dele. Eu estava cada vez mais envolvida no mundo dele. Percebi quando o orgasmo estava a ponto de dominar o corpo de Adam e então o apertei ainda mais com a minha boceta, ele começou a me masturbar com dois dedos para que chegássemos juntos até as estrelas. E foi exatamente o que aconteceu, explodimos em milhões de pedaços um nos braços do outro. Foi intenso demais, louco demais. E ele gozou muito dentro de mim! Que sensação deliciosa!

– Quanto mais você aguenta Sophie? – perguntou ele quase sem fôlego.

– Tudo que você quiser Adam. – respondi ainda de olhos fechados e sentindo todo o prazer que dominava meu corpo.

– É assim que eu gosto. – beijou-me intensamente. Os dedos enfiados em meus cabelos puxando forte.

Subi em seu colo, sentei em seu pau ainda duro e comecei a cavalgar deliciosamente, fazendo Adam rolar os olhos nas órbitas. Ele estava completamente insano, rezando para que aquilo nunca chegasse ao fim. Comecei a rebolar loucamente alternando com movimentos para frente e para trás. Era enlouquecedor para ele. Eu podia ver em suas expressões de loucura e prazer. Ele segurou minha cintura pressionando meu corpo para baixo, me fazendo sentir dor, sentir ele por inteiro. Adam queria que eu não esquecesse aquele momento. E como seria possível esquecer? Nem em mil anos. Tinha certeza que a pele da minha cintura ficaria marcada com suas digitais, tamanha era a força com a qual ele me apertava.

– Sophie eu quero que você pense em mim comendo você todos os dias, todos os minutos. Lembre-se dessa dor que eu fiz você sentir e de todo o prazer que sentirá depois.

– Eu jamais vou esquecê-lo Adam. É humanamente impossível. Eu juro. Eu prometo.

– Deus, você é incrível Sophie.

– Eu diria o mesmo de você. Mas agora me ajude a continuar com isso aqui bem forte. Eu quero explodir em seus braços mais uma vez.

Comecei a cavalgar enfurecidamente em cima de Adam. Quanto mais doía, mais eu curtia a sensação.

– Isso! Oh, Deus! Sophie você vai me matar!

E não parei até sentir que nós dois explodimos em uma combustão atômica. Ele se sentou na cama ainda dentro de mim, colou sua testa à minha e soltou a frase mais surpreendente de todas:

– Eu amo você!

Não pude responder. Não sabia como fazer e nem podia. Apenas levei aquelas três palavras para o meu coração e as guardei lá com muito carinho. A música ainda dominava todo o ambiente, misturando-se

às nossas respirações irregulares. Estávamos completamente molhados de suor.

Ficamos ali naquele abraço por um longo tempo... E nem percebi quando adormeci nos braços de Adam e com ele ainda dentro de mim.

Na manhã seguinte, levantei-me fui ao banheiro e vi no enorme espelho todas as marcas que Adam tinha deixado em meu corpo na noite passada. E por falar em Adam, ele não estava na cama quando acordei. Vesti um roupão, lavei o rosto, escovei os dentes, ajeitei o cabelo e fui procurá-lo. Ao chegar à sala da suíte, percebi que a porta do terraço estava aberta e uma linda mesa de café estava esperando por mim com a visão de uma Paris fria, mas linda!

Sentei-me e ao fazer isso, senti toda a dor que Adam deixou em mim durante a noite. Era uma lembrança maravilhosa. Encostado no vasinho de flores havia um bilhete e atrás dele uma caixinha de veludo na cor vermelho escuro com a palavra Cartier bordada na tampa em lindas letras douradas. Quando abri a caixa, reluzia em cima do tecido branco, um par de brincos maravilhosos! Eram argolas lindas com uma pantera repousando na base de cada uma, repletos de diamantes do começo ao fim. Tenho certeza que eram diamantes, afinal foram escolhidos por Adam que não deixaria seu lado megalomaniaco adormecido naquele momento. Perdi o ar... Mas ainda tinha o bilhete para ler.

“Querida Sophie, não sabe o prazer que tenho em dizer que amei tê-la como minha mulher na noite passada. Faltam-me palavras para descrever todo aquele momento. Pedi um típico café francês porque notei que não comi muito ontem no jantar. Como prometi, voltaremos hoje para Nova York. Agora estou em uma reunião importante, mas em breve estarei com você novamente. A proposta de vir morar em minha casa continua de pé, sério mesmo, você é minha namorada ou mulher, como preferir. Não fique brava pelos brincos. Apenas aceite. É um presente que fala do meu amor. Na verdade deveria ser um anel de compromisso, mas não encontrei o que queria na joalheria. Terei tempo para procurar com calma em Nova York. Vamos resolver todos os seus problemas e vamos ser muito felizes juntos. Não se preocupe com nada por ora. Não fique chateada se estiver dolorida porque você também me deixou completamente esfolado.

A.

PS.: Eu amo você! Não disse só pelo prazer do momento.”

E ler aquelas palavras de frente para a Torre Eiffel, certamente não teria momento mais sonhado no mundo, pena que nas piores circunstâncias como a minha. Nada daquilo que Adam prometia seria possível. Toquei os brincos com as pontas dos meus dedos e fechei meus olhos por um tempo desejando que tudo aquilo pudesse ser real na minha vida. Mas jamais seria. Tomei meu café e fui para o banho. Era hora de colocar a cabeça no lugar e pensar em uma forma de convencer Neal de que Heitor era realmente seu filho e de que eu ficaria com ele para sempre se ele aceitasse nosso filho e me ajudasse a salvar a vida dele. Ele não recusaria, tinha certeza. Enquanto eu estivesse ao lado dele, meu filho estaria seguro.

O amor declarado de Adam me assustava muito. Mas não era o que me fazia ir embora, na verdade era o que me fazia querer ficar...

XXI

Quando entrei na suíte, minha Sophie estava de roupão e de toalha enrolada nos cabelos. Certamente havia acabado de sair do banho. Era possível sentir o cheiro de baunilha do seu perfume à distância. Essa mulher me mataria de tanto tesão. Mas precisava encarar a realidade e conversar com Sophie. Era o momento de falar dos meus sentimentos por ela, olho no olho, e também de contar tudo que sei sobre ela, como fiquei sabendo, e a parte mais difícil, o que aquele desgraçado do Neal fez, enquanto voávamos para Paris. Não seria fácil, mas nosso relacionamento não podia começar com mentiras. Era preciso existir confiança entre nós.

– Se me olhar assim mais um pouco, arrancará um pedaço da minha pele. – aquela voz doce me tirou de meus pensamentos.

– O pedaço que eu quero que você me dê de bom grado, fica mais interno, no lado esquerdo do peito.

– Adam, nós dois precisamos conversar. O que você me falou ontem e escreveu no bilhete é muito precipitado. Fico lisonjeada que pense isso sobre nós, mas é um sentimento muito fora da nossa realidade. Entre nós há sexo. Um delicioso sexo por sinal, mas é só isso. Não posso aceitar os brincos, principalmente porque aceitá-los seria aceitar seus sentimentos. Eu não quero ficar com você, voltarei para o Neal assim que chegarmos à Nova York.

– Você enlouqueceu Sophie? Acha que vou deixá-la voltar para aquele monstro?

– De tudo que falei você conseguiu processar apenas isso?

– Todo o resto que você disse é uma grande besteira para fugir dos seus e dos meus sentimentos. Está se achando agora a dona da verdade? Acha que pode mandar no que eu sinto. Eu amo você, porra! Eu quero viver isso na minha vida. Desde que terminei meu noivado com a Carrie, a quem eu nem sei se amei, agora que sei o que sinto por você, nunca mais encontrei alguém que mexesse com toda a minha estrutura... Até ver você pela primeira vez no palco da casa de shows. Eu nem sei o que aconteceu dentro de mim. Na verdade ainda estou tentando entender. Eu amo você Sophie! Tive muitas mulheres depois de Carrie. Mulheres que eu comia e mandava embora sem sentimento algum. Nunca me envolvi com ninguém. E aí você apareceu, na verdade, eu a encontrei. E algo mudou dentro de mim.

– Eu sou casada.

– Isso é um detalhe que vamos resolver.

– Neal nos mataria!

– Antes de ele sonhar em fazer isso, eu acabo com ele. Eu sou capaz de sujar minhas mãos de sangue

se for preciso.

– Não diga isso nunca mais Adam. Você é um homem de bem, correto, nobre. Não faria uma coisa para acabar com sua vida e com minha paz. Não repita isso jamais.

– O que senti ontem à noite com você é inexplicável. Nenhuma mulher jamais causou tamanho efeito em mim.

– Eu não posso retribuir seu amor. Isso jamais acontecerá. A noite foi linda, perfeita. Mas hoje é outro dia e peço, por favor, não insista nessa história maluca nunca mais.

– Sophie, eu sei tudo. Cada detalhe. Não precisa esconder mais nada de mim. Eu sei de tudo.

– Do que você está falando? – ela parecia perder a cor.

– Eu sei que você se chama Luciana. Eu sei que você tem um filho. Eu sei da doença do seu bebê. Eu vou resolver tudo isso, apenas me dê um pouco de tempo.

Ela não respondeu nada. Apenas vi quando seus olhos se reviraram na órbita, ela perdeu toda a cor do rosto, amoleceu as pernas e desabou desacordada no chão, bem na minha frente. Levei um susto! Carreguei-a em meus braços e a levei até a cama. Busquei uma água fresca e uma toalha úmida para ajudá-la a acordar e se restabelecer. Em alguns segundos ela estava acordando, fiz com que bebesse um pouco da água e a obriguei a permanecer deitada por mais um tempo.

– Como? Como você descobriu tudo isso? O que você fez? Você colocou meu filho em perigo! Ai, meu Deus! – e Sophie desabou a chorar desesperadamente.

– Acalme-se Sophie. Eu vou explicar tudo, mas acalme-se. Tente se controlar.

Ela levantou-se bruscamente e quase caiu novamente. Veio para cima de mim com tapas, socos e ódio nos olhos. Eu tentava contê-la com abraços.

– Você não tinha esse direito Adam. É a minha vida. Se eu não lhe contei é porque não queria que soubesse. A culpa é sua. Agora eu sei, a culpa é sua. Você deixou rastros ao encontrar meu filho e Neal os seguiu. A culpa é sua! Eu jamais te perderei. Eu o odeio! Você é um louco controlador! O mundo não é seu, minha vida não é sua e jamais será. Escute bem, se o pior acontecer com meu filho, eu encontrarei você, nem que seja a última coisa que eu faça na vida, e o matarei.

Sophie caiu de joelhos no chão, completamente desesperada. Eu não entendia do que ela estava me culpando. Não entendia nada.

– Sophie do que é que você está me culpando? Eu não entendo.

– Seu idiota. Neal descobriu onde meu filho estava e o sequestrou. Se eu abrir a boca, ele vai matar meu filho sem misericórdia ou piedade. E o que está me matando ainda mais é que meu filho necessita de cuidados médicos especiais, e, nesse momento, ele está fora do hospital, ele pode morrer a qualquer momento. Eu não sei se Neal está cuidando dele como é necessário. Você colocou meu filho em risco.

– Como você sabe disso Sophie? Pedi para que ninguém contasse a você antes da hora. – eu não sabia mais como agir. Quem teria contado isso para ela? Eu matarei essa pessoa. – Quem foi Sophie? – quando vi estava gritando com ela. – Peço desculpas. Eu não devia ter me exaltado. Apenas quero saber como soube desse fato.

– O próprio Neal me ligou aqui.

– Puta que pariu! Ligou? Como? – agora sim, eu precisava de muitas explicações. Alguém pagaria por isso.

– Achava mesmo que era mais esperto do que Neal? Lembre-se que ele não tem receio ou medo de matar ou de morrer. Ele sempre consegue o que deseja, mesmo que isso custe a vida de alguém. É claro que ele saberia para onde você me trouxe. Ele ligou no hotel e eu atendi a ligação.

– Quero saber exatamente cada palavra que ele falou para você.

– Não é da sua conta. Não acha que já ferrou demais com minha vida? Me deixe em paz para eu pensar como convencerei Neal a me aceitar de volta. Eu preciso me sacrificar para salvar meu filho.

– Nunca! – agarrei Sophie pelo braço e a fiz olhar diretamente em meus olhos. – Você é minha. Não repita uma idiotice dessas. Jamais permitirei que volte para aquele sujeito. Já disse que darei um jeito. Na verdade, Hamilton está organizando uma enorme força-tarefa para resgatar seu bebê. Quando ele estiver conosco, terá todo o atendimento médico que precisar. Tudo que tenho está à disposição de vocês dois. – ela não parava de chorar e de olhar para mim com todo o ódio do mundo.

– Como você descobriu tudo sobre minha vida?

– Detetive.

– Que absurdo Adam! Você não conhece o significado das palavras limite e privacidade. Por causa da sua loucura, meu filho pode morrer, se já não aconteceu. Meu Deus! Por que meu filho, Deus? Adam, você é o responsável pela maior dor da minha vida.

– Escute Sophie, é possível que o Neal já soubesse do seu filho antes mesmo de eu pensar em detetive. Eu mesmo só fiquei sabendo da existência do seu bebê quando chegamos aqui. Neal já devia saber a muito tempo porque o desgraçado agiu com muita rapidez.

– Quem você acha que é Neal? Depois de tudo que eu tinha te contado a você, foi muita idiotice pensar que você seria mais esperto e mais rápido do que Neal. Ele não usa cartas limpas. Ele joga sujo, sempre.

– Sophie, eu preciso saber tudo que ele falou por telefone para salvar seu filho.

– Salvar? Fique longe de nós dois! Neal matará meu filho sem pensar duas vezes se você se atrever a mexer um dedo, está entendendo? – Sophie voltou a chorar compulsivamente.

– Acalme-se meu amor.

– Nana! A Nana. Ai, meu Deus! Ela já deve estar morta a essa hora. Ele vai saber que alguns membros da família dela sobreviveram. Neal vai caçar um por um. Meu Deus, a Nana morreu!

– Não se precipite. Você não sabe de nada. É como dizem: nenhuma notícia é boa notícia. – eu também acreditava que a Nana já estivesse morta, mas precisava acalmar Sophie.

– Meu amor, eu juro que farei qualquer coisa para devolver seu filho a você. Vocês dois irão viver comigo, sobre a minha proteção, sobre os meus cuidados. Vamos levar seu bebê aos melhores médicos desse planeta. Ele vai se curar! Confie em mim!

– Não me chame de amor. Nesse momento tudo o que sinto por você é um imenso ódio. Você acha que seu dinheiro compra tudo, compra a vida que você sonha. Tenho nojo disso. Tudo que o dinheiro pode comprar é barato. As melhores coisas da vida não têm preço. A vida do meu filho não tem preço.

– Você não pode usar meu dinheiro contra mim. Vivemos na América. Lá, qualquer um que tenha ambição pode fazer grandes coisas! Não usei meu dinheiro para prejudicá-la. Pelo contrário, quero seu filho aqui tanto quanto você. Ele faz parte de você, portanto também é muito importante para mim, mesmo sendo filho daquele desgraçado do Neal.

– Eu quero você longe de mim e do meu filho! Não entendeu? Não me prejudique mais! – e Sophie desabou a chorar novamente. Suas emoções estavam à flor da pele. Talvez fosse preciso um sedativo. Naquele ponto, não sei se sabia mais lidar com ela.

– Sophie, eu morreria! Eu não quero fazer parte de um universo em que você não faz parte da minha vida. Nossas almas são feitas da mesma coisa. Você é para mim. E eu sou para você. Você me faz inteiro. Não! Você me transborda! Eu amo você profundamente.

– Adam, não é o amor que mantém um relacionamento. É a forma de se relacionar que mantém o amor. Você me traiu, mexeu em um passado que eu não queria revisitar e colocou em risco a vida da pessoa mais importante para mim.

– Eu quero ter um lar com você. E vou ter. Sei que para nosso lar ser feliz, seu filho precisa fazer parte dele. E vai fazer. Dou minha palavra. Não medirei esforços para salvá-lo.

– Quando voltamos para Nova York?

– No fim da tarde. Assim que chegarmos, você irá direto para minha casa. Não quero nem saber, você pode gritar, me bater e tentar me matar, mas é para minha casa que você irá. Eu não terei cabeça de encontrar seu filho se não vê-la em segurança e bem cuidada.

Sophie não respondeu nada. Entrou novamente no modo automático e foi trocar de roupas. Voltou mais calma, estava tramando alguma coisa. Eu precisava ficar de olho nela daqui para frente. Ela nem se preocupou em se vestir. Colocou uma calça, um agasalho de moletom e um tênis. Provavelmente era parte das coisas que Hamilton havia pegado em sua casa. Ela estava declarando guerra e deixando claro que não usaria mais as coisas que comprei para ela.

– Sophie, se Neal disse a você algum endereço, qualquer coisa que possa ajudar a rastreá-lo, esse é o momento de me dizer. Pedirei ao Hamilton para rastrear a ligação dele para o hotel, mas tenho certeza que era de um número não rastreável. Preciso da sua ajuda. Para falar a verdade, nem sei como ele a encontrou neste hotel já que dei outro nome para você na recepção.

– Não. Provavelmente sei menos que você. Neal apenas disse: “No seu apartamento, amanhã no fim da tarde, do contrário receberá suja de sangue a medalhinha que seu filho carrega.” É tudo que sei. Mais nada. Nada que indique onde ele esteja e como está meu filho.

– Vou perguntar algumas coisas que deixaram a sua história com alguns buracos para mim. Por exemplo, como essa Nana a encontrou? Como aconteceu? Como você entregou seu filho para ela sem Neal saber? Por favor, me responda.

– Nana era minha empregada. Desde que me mudei para Miami, ela cuidou de mim, foi empatia à primeira vista. Quando contei para ela minha história, ficou muito comovida e se tornou uma espécie de figura materna para mim. Eu ficava sozinha em uma casa enorme quando Neal precisava viajar, e, se não fosse por ela, eu surtaria, pois não tinha permissão para sair de casa quando Neal não estava na cidade.

Ele dizia que era perigoso para minha vida. E, com ele por lá, ninguém se atreveria a tocar em um fio do meu cabelo. Um dia a Nana chegou desesperada e me contou que um de seus filhos que trabalhava para Neal o havia traído. Nessa época eu já sabia quem ele era e o que fazia, inclusive já tinha sofrido muito nas mãos dele. A Nana sabia de tudo que Neal fazia comigo. Eu sabia que Neal não perdoaria traição e que mataria a família inteira para deixar como exemplo para os outros comparsas dele. Vigiei e vasculhei até conseguir ouvir o que ele faria e quando faria. Vendi algumas joias e consegui dinheiro para passagens, para a Nana e os filhos dela que quisessem fugir. Disse que ela deveria entrar em contato comigo assim que possível por um celular que eu tinha conseguido sem Neal saber. Ela e as duas filhas adolescentes saíram imediatamente da cidade. O rapaz que traiu Neal também deu o fora rapidinho, mas os dois filhos mais velhos se recusaram a sair da casa que haviam comprado com tanto sacrifício. Esses foram mortos e queimados juntos com a casa, conforme Neal havia planejado. No dia da tragédia, avisei a polícia de um possível crime, mas nem citei o nome de Neal. Ele quase foi pego e morto. Mas como já disse, Neal é esperto demais para ser pego. Consegui fugir e ainda descobriu que foi tudo que tinha acontecido tinha sido minha culpa. Então a desgraça da minha vida teve início.

– Continue. Preciso saber tudo.

– Neal juntou todo o ódio que já tinha da minha gravidez com a traição sobre o caso do filho da Nana. Ele tinha certeza de que aquele filho que eu carregava em meu ventre era de um dos seus empregados e me torturou ainda mais. Até que um dia caiu em si, ele viu que seria impossível ficarmos juntos e me deixou ir embora. Quando estava segura em Raleigh, tentei localizar a Nana, mas não consegui. Até que um dia ela ligou no meu celular, me disse onde estava e perguntei se ela manteria a palavra de cuidar do meu filho para que eu pudesse trabalhar depois que ele já tivesse nascido. Eu não podia confiar em mais ninguém. Ela manteve a palavra. Enviei dinheiro para que fosse me encontrar junto com suas duas filhas e as mantive escondidas todo o tempo. Mas Neal não havia realmente desistido de mim. Um dia ele me encontrou enquanto eu andava pela cidade em busca de trabalho. Insistiu em voltar, mas eu neguei. Então ele me levou a força para uma casa que havia alugado. Consegui apenas avisar o que tinha acontecido à Nana através de uma mensagem de celular. Pedi que se mantivesse escondida e disse que daria notícias assim que fosse seguro. Destruí o celular depois disso. Passei algum tempo em cárcere privado com ele naquela casa. Neal me batia, me fazia usar drogas para provocar o aborto, mas parecia que Deus protegia a mim e ao meu filho todo o tempo. Até que um dia tive um sangramento horrível. Ele me levou para o hospital e apenas me largou lá na porta.

– Então seu filho nasceu e sobreviveu.

– Por ironia do destino, sim, foi o que aconteceu. A médica que cuidou de mim demonstrava muita pena. Inventei uma história sobre o pai do meu filho para ela, que estaríamos mortos se ele soubesse que o bebê sobreviveu e ofereci todo o dinheiro que eu tinha guardado. Ela aceitou e assim foi. Eu fiquei muito tempo no hospital por causa das complicações do parto, e nesse meio tempo o meu bebê começou a passar mal, e, depois de vários exames, descobriram sua doença e me indicaram os hospitais de Nova York para tentar salvá-lo, apesar de me darem pouquíssimas esperanças. Morri naquele dia, fiquei arrasada. Sabia que a culpa era minha por ter permitido que Neal me batesse e me drogasse com meu

bebê dentro do meu ventre. Eu nem tinha visto meu filho direito porque eu também não estava nada bem, então não permitiram que eu ficasse com ele. A médica, Nana e eu planejamos uma fuga. Um dia a doutora saiu com meu filho do hospital, o levou para a Nana registrar e ir com ele para Nova York, direto para um hospital onde tínhamos conseguido vaga. Assim que recebi alta, fui direto para Nova York e o resto você já sabe. Eu sei, parece história de filme, mas é a verdade.

– Onde a Nana ficou todo esse tempo?

– Ela e as filhas ficaram em abrigos até eu me restabelecer financeiramente. Depois alugamos um apartamento para ela e as filhas, mas na verdade, ela ficava o tempo todo com meu bebê no hospital. Eu sustentava a casa e as filhas dela, além, do tratamento do meu filho. Por isso aceitei o primeiro emprego que me ofereceram. Até mesmo porque na minha situação e com documentos falsos, eu não conseguiria nada melhor.

– Porque usou seu nome verdadeiro no hospital?

– Porque Neal disse que não era para usar o sobrenome dele. Não queria ligações entre ele e eu naquela situação.

– Entendi.

– Adam, o que você sabe sobre as filhas da Nana?

– Ainda não temos certeza de nada. Não as localizamos, nem a Nana. Mas é cedo para tirarmos conclusões precipitadas. Minha equipe está focada apenas nisso. Seu filho é prioridade. Vamos aguardar. Tenho certeza que assim que chegarmos a Nova York teremos boas notícias. O desgraçado do Neal quer apenas fazer pressão para você volte com ele. Ele sabe que se fizer qualquer mal a seu filho você jamais o perdoaria. Tranquelize-se. Tudo que ele quer é você de volta. – ela colocou mais um casaco e foi para a varanda. O que estaria na cabeça de Sophie naquele momento? Eu não suportava vê-la assim. Fui atrás e a abracei pela cintura.

– Paris é linda e especial como você. Não. Na verdade, nada é como você. Você é única.

– Saia de perto de mim, Adam. Você me faz mal. Se meteu em um assunto que não era da sua conta e agora o universo está caindo sobre minha cabeça.

– Sophie, tudo o que eu fiz foi pensando no seu bem. E tudo que farei a partir de agora será pensando em você e no seu filho. Não pode pensar que quero seu mal. Eu amo você.

– Chega de repetir essa besteira de amor. O amor só me trouxe desgraça e dor.

– Quer conhecer algum lugar ou fazer algo antes de partirmos?

– Não. Apenas me deixe sozinha. Preciso pensar.

Com certeza não adiantaria mais tentar convencê-la de nada naquele momento, deixei Sophie com seus pensamentos e fui me encontrar com Hamilton para ver se ele tinha alguma novidade.

Quando eram quase 17 horas fui avisar Sophie que estava na hora de partir. Ela não se alimentou o dia todo. O café da manhã foi à única refeição que ela fez direito. Rejeitou o almoço, o chá que mandei servir no quarto para ela e os lanches que enviei de hora em hora. Simplesmente não quis tocar em nada.

Passou o resto do dia deitada. Lyn me informou que Sophie estava apática e chorava quase o tempo todo. Lyn também havia feito as suas malas porque Sophie não quis saber de mais nada. Estava completamente deprimida. E não era para menos. Eu compreendia tanta tristeza. Era de partir o coração, e estava partindo o meu. Como eu me sentia impotente! Detestava me sentir assim. Gostava de orquestrar meu universo.

Bati na porta da suíte, entrei e percebi que meu amor estava realmente dormindo. Era provável que depois de horas chorando em desespero, o corpo cansado a tivesse vencido. Eu não queria acordá-la, parecia tão relaxada, mas tínhamos de pegar o voo.

– Meu amor, acorde!

– Hum? Neal?

– Sophie, acorde agora! – ela tinha dito o nome de Neal. Será que estava sonhando com esse desgraçado? – Acorde já Sophie!

– O que foi? – perguntou e se sentou em um pulo.

– Oi amor! Precisamos pegar o voo de volta para Nova York.

– Tudo bem. Estou pronta. Vamos. – sua voz estava pesada, carregada de tristeza e dor.

O esquema para chegar ao aeroporto foi o mesmo da nossa chegada. Sophie não deu sequer uma palavra em todo o trajeto. Seu olhar estava distante e seu semblante era de uma mulher cansada e derrotada. Eu não suportava mais vê-la assim. Precisava resolver tudo muito rápido.

Depois de entrarmos no meu avião, ela sentou-se em uma poltrona, colocou o fone de ouvido do seu iPod e fechou os olhos. Era um sinal de que não iria proferir uma palavra em todo voo. Aquilo seria uma tortura.

O piloto veio nos cumprimentar e nem assim Sophie se mexeu. Pedi que chamassem o serviço de bordo.

– Pois não, Sr. Collins.

– Prepare para mim e para a senhorita, a nossa receita especial de ‘Salmão com Crosta de Castanha e Molho de Peras’. Traga também uma salada leve, pães, água e chá.

– Sim senhor. Mais alguma coisa?

– Apenas isso. Obrigado.

Sophie precisava de uma refeição. Mas como não comeu o dia todo, pedi algo leve e nada de bebida alcoólica, eu sabia que ela não beberia nessas condições em que se encontrava. Toquei suas mãos com meus dedos e ela abriu os olhos e me olhou. Fiz um sinal para que retirasse o fone de ouvidos. Ela retirou e apenas ficou me olhando. Eu precisava mudar o foco.

– O que toca no seu iPod que faz com que se perca em pensamentos de forma tão intensa?

– Eu sou muito eclética, tem Alanis Morissette, Oasis, Justin Timberlake, David Garret, The Piano Guys, Frank Sinatra, The Beatles, David Guetta, Bruno Mars, Nat King Cole, Kings of Leon, entre outros.

– Posso pedir uma coisa de todo coração? – ela apenas me olhou, não respondeu nada.

– Canta alguma coisa para mim, por favor. Será como um presente. – fechei os olhos porque achei que ela me ignoraria e sabia que isso doeria demais. De repente, uma voz de anjo, suave, doce, começou

a entoar a melodia de ‘Yesterday’ dos The Beatles, mas de forma feminina e delicada como na versão em bossa de Monique Kessous. Continuei com os olhos fechados, queria absorver cada segundo daquele presente. Era perfeito demais para acabar. Quando Sophie terminou tive uma ideia...

– Canta essa só mais uma vez. Foi maravilhoso! – ela começou novamente com toda delicadeza, só que desta vez, meu celular estava preparado para gravá-la sem que soubesse. Eu teria aquele presente para sempre comigo. Aquela voz de anjo que me enlouquecia.

– Pedi uma refeição para nós dois.

– Não tenho fome, Adam. Quero apenas fechar meus olhos e descansar.

– Você precisa comer, não fez uma refeição decente desde o café da manhã. Por favor, coma alguma coisa, preciso saber que você está bem.

Ela apenas voltou a colocar os fones de ouvidos e fechou os olhos. Certamente não estava disposta a discutir por causa de comida. Mas naquele momento, tamanho era o meu desespero, que eu preferia que ela brigasse comigo por causa de qualquer coisa, do que ficar ali ao meu lado apática, triste, desolada.

Algum tempo depois nosso jantar chegou, o cheiro era divino, a apresentação impecável e o sabor completamente especial, mas Sophie apenas deu algumas garfadas, agradeceu, levantou-se e foi para a suíte. A tristeza era enorme em seu olhar.

Fui para o quarto atrás dela. Eu precisava trabalhar um pouco no meu notebook, mas não tinha cabeça. Queria ficar o máximo de tempo possível ao lado do meu amor. Quando entrei na suíte, Sophie havia retirado apenas o calçado, deitou-se na cama e encolheu-se, sua alma não estava ali mais, apenas o corpo. Meu coração se despedaçou naquele momento eu também precisava descansar, depois de tudo que tinha acontecido nesses dias, então retirei toda minha roupa e deitei-me ao lado dela, puxei o edredom sobre nós dois, abracei Sophie, e adormeci profundamente com a mulher que tinha escolhido para partilhar minha vida.

Eu cuidaria dela. Eu a faria feliz custe o que custar. Amaria Sophie até a existência do meu último átomo. Nada era absolutamente definitivo, muito menos a vida, por isso a importância de viver toda a felicidade hoje, agora. Neal seria apenas uma mancha apagada e distante no passado da minha mulher, mesmo que para isso eu tivesse que gastar cada centavo da minha fortuna e, em último caso, sujar minhas mãos de sangue. Desgraçado!

XXII

Acordei algumas horas depois com Adam totalmente por cima de mim. Eu precisava me livrar dele e sabia que não seria fácil. O melhor que eu tinha a fazer era deixá-lo pensar que eu estava obedecendo-o, assim ele abriria a guarda e me daria tempo de fugir. Precisava encontrar com Neal na data e local combinados de qualquer forma. Era a única chance que tinha de salvar meu filho. Precisava convencê-lo de que Heitor era seu filho.

Levantei-me, calcei meu tênis e saí da suíte. Fui para a poltrona e esperei que alguém aparecesse para me dizer quanto tempo de voo ainda tínhamos. Eu teria exatamente esse tempo para pensar em uma forma de fugir da casa de Adam, sem que ele percebesse. Senti sua presença antes mesmo de ouvi-lo. Era uma coisa inexplicável nossa ligação.

– Oi Sophie. Por que não me chamou quando acordou?

– Você parecia cansado... E eu queria pensar longe de você.

– Por que longe de mim?

– Porque você me sufoca.

– Eu não queria sufocá-la, meu desejo é apenas de protegê-la, mantê-la segura e feliz.

– Isso não cabe a você. A responsabilidade de ser feliz é só minha. Somente eu mesma posso fazer isso por mim.

– Em que estava pensando? – Adam sentou-se bem ao meu lado.

– Em tudo que conversamos no hotel. Tudo que você falou.

– E a que conclusão chegou?

– Você está realmente disposto a arriscar sua vida pelo meu filho?

– Estou disposto a qualquer coisa para fazê-la feliz. Coitado do homem que a tinha e não soube dar valor. Neal era tudo para você e ele mesmo escolheu ser nada. É bom que ele saiba que agora você encontrou alguém muito melhor, disposto a viver e morrer por você, e seu filho é um pedaço de você.

– Você já fez muito por mim. Sei que para um empresário do seu porte ter deixado de lado os negócios, mesmo que por pouco tempo, é muito difícil, e você o fez. Você me deu um dos maiores presentes que se possa dar a alguém.

– Qual presente?

– Você me deu seu tempo, uma porção da sua vida que nunca mais voltará. E eu nem mereço. Só posso dizer obrigada. E pedir que entenda minhas reações. Meu filho corre risco e não consigo pensar em mais nada, eu só posso chorar e chorar, e rezar e rezar.

– Tudo vai dar certo, meu amor. Confie em mim, eu dou minha palavra.

– Tudo bem.

Ele se virou para mim e me olhou com um olhar de felicidade, como uma criança que acabava de ganhar um presente muito esperado. Mal sabia ele que eu destruiria seu coração.

– Tudo bem. Vou confiar em você. Vou para o seu apartamento e vou deixar que tome conta de mim e do meu filho.

– Estou feliz demais! Mas o que a fez mudar de ideia?

– Dormir. Dormir e colocar a cabeça em ordem. E entender o que seria o melhor para meu filho e para mim. Agora eu estou raciocinando e aceitarei o que é melhor.

Quando olhei para o rosto de Adam, percebi que ele estava desconfiado da minha mudança repentina, mas não tinha muito escolha, a não ser aceitar e ficar de olhos bem abertos.

– Adam, quantas horas de voo ainda temos?

– Pelo que vejo dormimos muito, temos menos de uma hora de voo. Em breve estaremos em casa, em Nova York. – ele disse olhando para o Patek Philippe 2499 em seu pulso.

Adam aproveitou aqueles minutos finais de voo para conversar e passar instruções a Hamilton e sua equipe. Pelo visto não queria que eu soubesse que instruções eram, pois foi com eles para a área de serviço de bordo. Fechei meus olhos e me limitei a pensar que em poucas horas estaria com meu filho novamente. Pronta para salvar sua vida.

A vida é uma coisa muito estranha e imperfeita. O homem que eu achava que amava, me maltratou e destruiu quase tudo dentro de mim, e teria de passar o resto da minha vida ao seu lado. Já o homem a quem realmente amava, que tinha colocado sua vida em risco para manter a minha segura, eu teria de abandonar. Deus tem planos maiores, só podia ser isso. Adam é de grife e eu sou de bazar, por isso é tão imperfeito, tão incompatível. Mas quando sonhamos, não precisamos de rótulos e isso nos deixa mais livre, mais inteiros, mais felizes. O amor é cruel, é piadista e nunca vai ser pra mim. Nunca.

Adam sentou-se novamente ao meu lado, o avião estava em procedimento de pouso. Um frio na barriga, uma dormência na alma, uma dor no coração, eu sentia tudo ao mesmo tempo. Era o adeus silencioso a Adam, a vontade de ter meu filho nos braços, e o desespero de ter me entregar a Neal. Adam percebeu minha ansiedade e segurou minha mão entre a sua com toda força.

– Relaxe meu amor, estou aqui. Estamos preparados para qualquer coisa que Neal possa ter preparado para nossa chegada.

– Não acho que ele fará alguma coisa na chegada. Esse não é o modus operandi do Neal. Ele jamais faria algo que manche sua reputação pública. Tudo que Neal faz é pelas costas.

– Você só precisa saber que estamos preparados. Confie em mim.

– Eu confio.

Fechei os olhos para segurar uma lágrima. Pousamos em Nova York, era onde eu me sentia em casa, segura. Era...

Assim que o avião pousou, Adam levantou-se para falar algo com Hamilton e antes que eu percebesse, minha boca e meu coração haviam traído meu cérebro.

– Eu amo você Adam!

Ele ficou sem reação, não sabia se ia ao encontro de Hamilton ou se ficava ali comigo para vivenciar a minha primeira declaração de amor para ele. Ele estava felicíssimo, mas não sabia como reagir. Apenas sentou-se novamente ao meu lado, segurou minha mão olhando em meus olhos e disse que me faria feliz a qualquer custo. Que seríamos felizes.

Dois homens de ternos pretos, que também deviam ser seguranças, entraram no avião, me colocaram em um colete a provas de bala e em um agasalho preto com capuz por cima, e me seguraram pelo braço.

– Senhor, em breve estará com ela em seu apartamento, mas de acordo com o esquema do Sr. Hamilton não podemos transportá-los juntos. – explicou o segurança para Adam que também vestia um colete e um agasalho.

– Espero que Hamilton tenha dado instruções sobre a importância da segurança da senhorita Sophie.

– Sim Sr. Collins. Estamos cientes e reafirmamos que ela estará em seu apartamento em breve.

– Não gosto da ideia de seguir em carros diferentes e de ficar longe de Sophie, mas confio em Hamilton. – e virou-se me segurando pelos ombros. – Sophie, fique tranquila. Em breve estará segura em casa. – deu-me um beijo casto nos lábios e me deixou seguir com aqueles homens.

Entramos em uma SUV e seguimos rumo à noite de Manhattan com outros dois automóveis nos seguindo. O fuso horário era muito louco! Custei a notar que fazíamos um caminho diferente do costumeiro. Devia ser alguma instrução de segurança do Hamilton. Fechei meus olhos para pensar em como fugiria da casa de Adam. Não seria fácil.

Quando chegamos à região do prédio de Adam, a tensão de todos aqueles dias começava a surgir na minha pele. Eu tremia dos pés à cabeça, transpirava frio, estava com a respiração descompassada e os batimentos cardíacos completamente acelerados. Estava começando a ter uma crise de pânico! Entramos pela garagem, pegamos o elevador privativo de Adam e entramos no hall do seu apartamento. Estava exatamente como eu me lembrava. Grande, lindo, elegante e tinha até o cheiro de Adam no ar.

– Senhora, deve subir para sua suíte, tomar um banho e descansar. Essas são as ordens do Sr. Collins. Estaremos aqui fora caso precise de algo. O apartamento já foi completamente revistado e aumentamos as medidas de segurança. Pode ficar tranquila.

– Obrigada. – foi tudo que consegui dizer com uma voz trêmula e sem força. Fiquei ali por um momento girando por aquele ambiente, pensando no que fazer para fugir.

– Você deve ser Sophie. – uma voz masculina, forte e que parecia me odiar, chamou minha atenção. Quando me virei, vi um homem alto e bonito parado bem à minha frente.

– Quem é você?

– Acho que essa pergunta deveria ser minha. Afinal, é você a intrusa na vida do meu melhor amigo. Você não percebe que está colocando Adam em risco? Já não basta arrancar dinheiro dele? Tem que colocar a vida do meu amigo em risco também? Qual o valor, de quanto mais você precisa para dar o fora daqui? – comecei a chorar compulsivamente. Todos os sentimentos do meu coração saíram com aquelas palavras.

– Eu não estou aqui por minha vontade. Eu fui sequestrada, enfiada em um avião e levada para Paris.

Eu não queria vir para cá, eu tenho uma vida muito mais importante para salvar. Mas Adam... Ele simplesmente não me escuta e colocou várias seguranças para me vigiar. Estou proibida de sair deste apartamento. Eu não queria me enfiar dessa forma na vida do seu amigo. E quem é você afinal?

– Nick! Que alívio vê-lo aqui! – a voz de Adam dizia que ele estava muito feliz em ver esse tal de Nick. Espera! Observando bem, esse homem era muito parecido com o rapaz com quem a Sylvia viajou. Não era possível! Seria coincidência demais! Mas pelo visto ele não me reconheceu. Claro, eu devia estar um horror com a aparência feia e abatida. Melhor assim.

– Meu amigo! O alívio é meu de vê-lo vivo aqui bem na minha frente. – ambos se abraçaram calorosamente. Pareciam irmãos.

– Não é para tanto Nick.

– Não é para tanto? – Nick gritou com Adam que abaixou a cabeça e parecia respeitá-lo. – Escuta aqui seu inconsequente, por causa de uma trepada você está ferrando com sua vida inteira. Minha vontade é de te socar até você cair na real e mandar essa vadia para a rua agora mesmo.

Adam partiu para cima de Nick e segurou-o pelo colarinho.

– Nunca, nunca mais fale assim de Sophie. Entendeu? Ou eu esquecerei nossa amizade e partirei para a ignorância. Eu respeito suas opiniões, mas tenha respeito por minhas escolhas e por minha mulher.

– Sua mulher? – Nick arrancou as mãos de Adam de sua camisa. – Você está louco Adam? Só pode ser isso. Você me fez sair urgente de Dubai sendo que eu ainda tinha coisas para fazer lá e em Abu Dhabi. Achei que quisesse minha ajuda. Mas pelo visto essa daí já o agarrou pela boceta. Como isso é possível?

Adam simplesmente deu um soco no meio do rosto do seu melhor amigo. Minha culpa. Era tudo minha culpa.

– Não Adam! – gritei com ele. – Pare com isso! Nick está certo, ele só está tentando abrir seus olhos e protegê-lo. Pare já com essa violência ou eu sairei daqui de qualquer forma. – ele soltou o amigo que já estava pronto para revidar o soco.

– Nick, saiba que só não quebro você inteiro porque Sophie está pedindo.

– Ah, sim, muito nobre da parte da vadia. – disse Nick.

– Saia da minha casa, Nick. Hoje será impossível conversar com você. Amanhã, quando sua cabeça esfriar, conversaremos lá na empresa.

Nick pegou seu casaco e foi para a porta. Eu me sentia cada vez pior assistindo toda aquela cena.

– Você é um idiota Adam. Um completo idiota. Com tanta mulher interessante se jogando na sua cama, você foi escolher o pior do pior, o lixo do lixo.

– Nick! Eu já disse: fora daqui! Os seguranças extras o acompanharão e ficarão por sua conta. Amanhã, na empresa, conversaremos.

Fiquei ali assistindo e sendo o pivô de toda aquela cena. Me sentia péssima, pior do que quando coloquei meus pés ali. Abracei forte a mim mesma e deixei as lágrimas aliviarem um pouco a minha alma.

– Sophie, perdão por isso. Nick não é mau. Ele é super protetor. É como um irmão sabe? Precisei contar tudo a ele porque ele é meu lado esquerdo do cérebro, aquela parte mais racional. Tenho certeza

que amanhã ele estará envergonhado por isso e pedirá desculpas a você.

– Ele não tem que me pedir desculpas. Nick está certo. Ele está certo. – foi o que disse entre soluços. Adam me abraçou muito forte.

Quando me acalmei, ele me pegou nos braços e subiu comigo as escadas. Abriu a porta da suíte que eu já conhecia e me colocou no chão só quando já tínhamos entrado.

– Espero um dia fazer isso quando você puder ser chamada oficialmente de Sra. Collins. – Sorri.

– Suas coisas serão trazidas e colocadas no closet. Enquanto isso poderá usar os roupões que estão no banheiro. Sinta-se em sua casa. Pela manhã a Sra. Roberts estará aqui, ela é minha governanta e a servirá também. Qualquer coisa que precise, peça a ela. Só não a levei para meu quarto porque acho que não vou conseguir dormir agora por causa do jet leg, nunca me acostumo. Depois desse tempinho afastado da empresa, também preciso trabalhar um pouco e repassar algumas coisas com o Hamilton. Se precisar de mim, estarei no meu escritório. Pedirei alguém para deixar uma refeição aqui para você.

– Adam, como é a segurança aqui na sua casa?

– Fique tranquila querida. Aqui nada chegará perto de você.

– Não é isso, só quero saber como será o esquema aqui.

– Temos o melhor da segurança em termos de tecnologia, câmeras, sensores de presença, alarmes, etc. Além disso, sempre haverá dois seguranças pela casa, mais o Hamilton e a Sra. Lyn aqui na porta do seu quarto. Na entrada do prédio também temos um carro com seguranças.

– Que ótimo. – ai, meu Deus! Como vou sair daqui. Só tinha mais algumas horas para estar no local combinando com Neal. Pensa sua idiota! Pensa em algo muito rápido! Tomarei um banho, Adam realmente precisava achar que estava aceitando suas ideias. – Então tomarei um banho.

– Aproveita e relaxa minha linda! – saiu e fechou a porta.

Aquele banheiro já era conhecido. Eu o adorava! Branco, limpo, elegante e luxuoso. Entrei, tirei a roupa, e enquanto terminava de encher a banheira, me olhei nua no espelho. Via só um corpo cansado. Ainda era possível ver as marcas doloridas deixadas por Neal e as possessivas deixadas por Adam. Dois homens tão diferentes. Passei a mão em meu corpo e notei que algumas partes estavam realmente doloridas, talvez a água quente da banheira enorme de Adam pudesse me ajudar a relaxar um pouco. Fiz um giro 360° na frente do espelho e cheguei à conclusão de que eu não era feia, estava apenas mal cuidada, mal amada e, ainda por cima, tinha um passado que fazia de mim uma vítima do presente, porque eu realmente não sabia como lidar com as situações de forma normal, como as outras pessoas. Uma droga de vida! Uma vida fodida.

Entre na banheira com uma água quentinha e uma espuma cheirosa e devo ter ficado ali por um longo tempo. Quando senti a pele dos meus dedos se enrugando, decidi sair. Havia usado todo esse tempo para pensar em como fugir do apartamento de Adam, mas não achei nenhuma solução. Talvez o melhor fosse dizer a Adam a verdade, que eu não ficaria com ele, que sairia dali e encontraria Neal para ficar com ele e com meu filho. Mas Adam era cabeça dura e não entenderia. Não permitira. Eu tinha certeza, ele era muito mandão, louco por controlar tudo a sua volta.

Saí do banheiro e fui até o closet. Que maravilha! Adam havia sumido com minhas coisas, apenas as

roupas que ele havia comprado estavam lá. Não ia discutir por causa disso. Escolhi um agasalho completo, pois estava bem frio. Sequei meus cabelos e deixei-os soltos. Estavam sedosos e cheirosos. Eu precisava admitir, Adam sabia do que uma mulher gostava e esse pensamento me fez pensar que toda essa experiência estava relacionada ao número de relacionamentos que ele tinha tido ao longo da vida.

Como na última vez, havia uma bandeja com um lanche para mim em cima da mesa. Eu não tinha fome. Estava preocupada demais com tudo. Me deitei na cama e fiquei olhando para o teto. Queria ter uma luz sobre o que fazer para escapar da casa de Adam. De repente meu estômago roncou de fome. Imaginei que o lanche em cima da mesa era providencial. Me levantei e fui até lá. Na bandeja tinha uma tigela com salada de frutas que me fez sorrir, podia imaginar o Adam picando as frutas com delicadeza. Também tinha um copo de leite... Ah! Eu amo leite! E por fim um sanduíche. Tudo parecia delicioso e preparado com carinho.

Peguei o sanduíche, a fome estava aumentando, mas antes de colocá-lo na boca senti cheiro de amendoim. Meu Deus! O sanduíche tinha sido feito com manteiga de amendoim. Ainda bem que não mordei, eu era totalmente alérgica a amendoim. Que susto!

Mas de repente passou uma ideia meio maluca pelo meu cérebro. Talvez essa fosse uma boa ideia para sair daquele apartamento e, talvez em um hospital, eu tivesse um pouco mais de liberdade e de chances para fugir. Era um plano arriscado, mas podia funcionar e pelo meu filho eu tinha que tentar qualquer coisa. Com muita coragem dei duas enormes mordidas no sanduíche e tomei um pouco de leite. Me sentei na beirada da cama e esperei o desfecho da história.

Em oito minutos, tempo que me pareceu uma eternidade, comecei a tremer absurdamente e a me sentir muito mal. Droga, a reação não era somente alérgica, era anafilática, eu podia morrer. Que droga! Observei que estava com dificuldade para engolir e respirar e que minha laringe estava inchando. Eu respirava como se estivesse no meio de um parto, de repente meu corpo amoleceu, minha pressão sanguínea estava caindo, eu ia desmaiar e se não recebesse socorro imediato morreria. Com muita dificuldade fui até a porta e falei, quase sem voz e quase sem oxigênio nos pulmões: - Lyn, por favor, chame o Adam, sou alérgica a amendoim. – Tudo que vi em seguida foi à aproximação do meu rosto com o chão, um silêncio e o mundo apagou.

Tentei abrir meus olhos, estava em uma ambulância. Meus olhos estavam pesados e eu sentia muito frio...

– Sophie fique comigo! Pelo amor de Deus Sophie, abra os olhos! Ela não pode morrer Deus! A culpa é minha! Fique comigo Sophie meu amor! – a uma distância que parecia ser entre um mundo e outro, eu ouvia de longe a voz de Adam suplicando para que eu ficasse com ele. E eu tentei... Tentei muito. Mas tudo se apagou.

Os olhos piscavam e vi uma luz. Ai, meu Deus! Eu morri. Morri e estou indo para o paraíso. Que idiota que eu fui.

– O senhor não pode entrar.

– Mas ela é minha mulher.

– Senhor, pelo bem dela, espere notícias aqui. Assim que possível virei conversar com o senhor.

– Pelo amor de Deus, salve-a!

– Faremos todo o possível.

– Faça o impossível doutor.

E lá estava a escuridão novamente. Total e completa. Era o fim.

Meus olhos abriram com dificuldade, quanto oxigênio! Ai! Não conseguia sugar tanto oxigênio. O corpo doía. Eu ia vomitar, tinha algo na minha garganta, eu ia vomitar. Quando remexi um braço senti uma dor aguda, era uma agulha, soro, eu estava em um hospital. Como?

– Doutor? Enfermeira? Alguém pelo amor de Deus! Minha Sophie acordou. – a voz de Adam me trouxe para a Terra novamente. Agora me lembrava. O sanduíche com manteiga de amendoim, Neal, meu filho. Comecei a chorar e a agradecer por estar viva. Estava muito agradecida.

De repente uma enfermeira e um médico velho, barrigudo e careca entraram correndo na sala. Vi os olhos cheio de preocupação de Adam derramando algumas lágrimas. A equipe médica me desintubava e eu já conseguia respirar. O pior tinha passado. Eu sobrevivi à minha loucura.

– Sophie, eu sou o Dr. Jensen Rogers, responsável pelo plantão dessa noite aqui no New York Downtown Hospital. Preciso que você inspire e respire forte para que eu retire o equipamento de intubação endotraqueal. – quando o médico puxou, tossi bastante, senti a garganta seca e achei que fosse vomitar. – Essa sensação passará logo. Você sabe o motivo de estar aqui?

– Acho que tive uma reação alérgica a amendoim.

– Isso mesmo. Foi uma reação alérgica muito severa, na verdade, foi uma reação anafilática. Sua laringe inchou impedindo a passagem de ar para os pulmões, e, por isso, você ficará nesse oxigênio aí pelo menos até amanhã. Além do mais, você teve uma dilatação dos vasos sanguíneos, o que levou a uma afiada queda de pressão sanguínea, provocando perda de consciência, pele opaca, midríase, transpiração fria e tremores. Administrei epinefrina que é a adrenalina, para conter os sintomas e a reação anafilática, e a colocamos no soro para manter a estabilidade isotônica. Durante o tempo que ficar aqui no hospital, você fará uso de anti-histamínicos e corticosteróides para prevenir um segundo ciclo de reação alérgica. Qualquer outra coisa que você notar de errado ou sentir, toda a equipe do pronto-socorro e eu estaremos aqui à sua disposição.

– Resumindo, quase morri, não é verdade, doutor?

– Por alguns minutos. Mas seu marido foi muito rápido. Vou deixá-los um pouco a sós, mas em breve precisará deixá-la. Você precisa muito descansar. – o doutor anotou alguma coisa na prancheta que estava presa à minha cama e saiu em seguida fechando a porta.

– Por que não me falou que era alérgica a amendoim? – Adam esbravejou comigo.

– Escute aqui Adam... - Falei por entre os dentes. – eu não saio por aí contando minhas condições de saúde para as pessoas, muito menos as que eu não conheço direito. O que você queria? Que eu dissesse “Oi Adam, meu nome é Sophie e sou muito alérgica a amendoim”?

– Eu quase morri durante essas horas. Na verdade eu morri. Morri de medo de perdê-la. E tudo teria

sido minha culpa. – e capturou minha mão e deu um leve beijo nela. Foi quando observei como ele estava com a aparência abatida. Pálido, com os olhos inchados de chorar, a camisa com a qual viajou toda amassada e com as mangas levantadas. Estava visivelmente cansado e abatido. Não era nem uma sombra do Adam que eu conhecia. Eu o afetava, o risco de me perder para sempre o afetava. Que merda! Eu o destruiria com o que eu faria nas próximas horas.

– Já passou Adam. Eu quero que você vá para casa. Coma algo, tome um banho, troque essa roupa que está horrível e durma para descansar um pouco. Você não está nem de longe o Adam elegante que eu conheço.

– Não posso sair daqui. O hospital não permite que Lyn fique armada na porta do seu quarto e imaginei que você não iria querer que uma pessoa estranha a visse nessas condições aqui dentro do quarto. Ela e o Hamilton estão na sala de espera. Eu mesmo terei de ficar aqui todo o tempo para garantir sua segurança.

– Não é preciso Adam. Apenas você, a Lyn e o Hamilton sabem que estou aqui. Isso é um hospital, nada de mal vai me acontecer. Além do mais, Lyn e Hamilton também precisam descansar. Lembre-se de que eles são seres humanos e não máquinas. Por favor, podem ir. Me sentirei muito melhor.

– Assim que amanhecer eu irei à empresa, então Lyn e Hamilton ficarão aqui, quer dizer, na sala de espera bem aqui ao lado.

– Tudo bem, se isso o deixa mais tranquilo.

– Sim, deixa. – ele suspirou profundamente e me deu um beijo nos lábios. Um beijo carregado de carinho e paixão. – Vou para a sala de espera. Você precisa descansar.

Adam apagou a luz do quarto, saiu e fechou a porta. Acho que os remédios eram muito fortes, por que em alguns minutos meus olhos pesaram e eu caí em um sono muito profundo.

Quando abri os olhos novamente o sol entrava pela minha janela. Meu Deus! Por quanto tempo dormi? Eu tinha um horário para cumprir com Neal. Quando olhei para o lado, vi Adam sentado em uma poltrona ele já estava outra pessoa. Em seu terno alinhado, o cabelo molhado do banho, um copo de café em uma mão e o jornal Financial Times na outra, havia encorpado o personagem empresário durão novamente. Eu estava muito feliz por isso.

– Passou a noite aqui ou chegou agora? – ele largou o copo de café na mesinha lateral e o jornal na poltrona. Levantou-se, veio até minha cama e sentou-se ao meu lado.

– Bom dia! Como se sente?

– Bem. Na verdade, sinto-me melhor. Bom dia! Você ficou o tempo todo aqui?

– Sim. Na sala de espera. Quando amanheceu fui ao apartamento tomar um banho e passei aqui para vê-la acordar e dar bom dia antes de ir para a empresa encarar Nick e seu mau-humor. – e sorriu um sorriso lindo e sincero para mim.

– Então um bom dia de trabalho para você. Estarei aqui quando você voltar. Acho que não vou a lugar algum assim. – levantei o braço com o soro e sorri para ele. – Só uma coisa, por que disse ontem ao

médico que era meu marido? Ficou doido?

– Você é minha mulher, Sophie. Isso deveria bastar para você, pois é o suficiente para mim.

– Bom dia ao casal! – interrompeu Dr. Jensen. – Como você se sente Sophie?

– Muito bem doutor. Muito obrigado por ter me salvado ontem.

– Não precisa agradecer mocinha! Mas devemos nos ver ainda essa noite. Estou encerrando meu plantão, mas à noite passo por aqui para vê-la e, se não houver alterações, amanhã darei alta.

– Olha que ótima notícia Sophie! – Adam estava genuinamente feliz e radiante.

– Que bom doutor. Então até mais tarde.

– Até querida. A enfermeira passará por aqui para trazer seu café da manhã e retirar o oxigênio, mas o soro ainda ficará por algumas horas por causa da medicação que mandei administrar em você. Com licença, tenham um bom dia. – saiu, deixando Adam e eu sozinhos novamente.

– Eu já vou meu amor. Não queria, mas infelizmente tenho que honrar alguns compromissos.

– Tudo bem. Ficarei bem.

– Hamilton irá comigo, aquele cabeça-dura não me deixou ir sem ele para o escritório, mas Lyn ficará aqui. Além disso, parece que a segurança desse hospital é boa.

– Fique tranquilo Adam. Estou bem presa aqui. Apenas me preocupo com o aviso de Neal sobre o encontro de hoje.

– Esqueça isso, apenas concentre-se em sair logo daqui. Já está tudo resolvido com Hamilton. Confie em mim. Esse Neal não terá chances de fugir e terá de entregar seu filho de qualquer forma.

– Eu confio Adam. – ele me deu um beijo e foi saindo.

– Adam! – gritei. Ele virou-se. – Amo você. – talvez essa fosse a última vez que diria isso a ele.

– Eu também amo você Sophie. Até mais tarde. – e partiu.

Minutos depois uma enfermeira entrou, retirou um pouco do meu sangue com uma seringa para fazer exames, deixou meu café em uma bandeja ao lado da cama e retirou o oxigênio do meu nariz. Ainda bem, não aguentava mais. Antes de sair ela me entregou um copinho com várias pílulas.

– Para que são essas pílulas? – perguntei.

– Essas pílulas são medicamentos antialérgicos para conter a crise, senhora.

Peguei da mão dela, joguei na boca e deixei debaixo da língua. Se eu tomasse todos aqueles medicamentos certamente dormiria até amanhã. Quando ela saiu cuspi na lixeira ao lado da cama.

Meu tempo estava reduzido. Vi minha bolsa na mesinha ao lado da poltrona, minhas roupas deviam estar no armário ao lado. Arranquei aquela droga de soro e desci da cama. Ainda me sentia muito tonta, mas não podia esperar mais. Peguei papel e caneta na minha bolsa, escrevi um bilhete para Adam e o deixei em cima da cama. Troquei de roupa e abri a porta com cuidado. Adam havia me dito que a sala de espera, onde Lyn estava, era ao lado, portanto teria de sair por alguma outra porta. Segui o corredor pela direita. Eu não podia demorar ou dariam falta de mim e, se ainda estivesse dentro do hospital, me localizariam. A enfermeira que havia me medicado vinha pelo corredor, e eu entrei na primeira porta à minha frente. Ai, merda! Era um quarto de uma paciente que parecia péssima. Que droga! Quando vi que a porta seria aberta, entrei bem debaixo da cama do paciente. Que merda! Que constrangedor se me

pegarem aqui. O que eu explicaria? Que droga! Fiquei ali por uma eternidade. Até que enfim a enfermeira saiu do quarto. Me levantei e fui até a porta, esperando que as vozes se dissipassem no corredor. Na mesinha ao lado da cama da paciente tinha uma bolsa que estava aberta. Era possível ver um lenço e um óculos de sol dentro. Eu com certeza precisava daquilo mais do que ela! Amarrei o lenço na cabeça escondendo meu cabelo e coloquei os óculos escuros. Quando estava saindo, a porta abriu de uma vez e uma enfermeira entrou já brigando comigo.

– Não pode ficar aqui. Ainda não estão liberadas as visitas a essa paciente.

– Peço desculpas, mas eu não aguentava mais a ansiedade de vê-la. Estava muito aflita.

– Tudo bem senhorita, mas peço que aguarde na sala de espera com os outros. Assim que possível, o doutor falará com vocês.

Nunca corri tanto na minha vida, entrava e saía de corredores. Que inferno de hospital enorme! De repente vi uma placa em vermelho que indicava a saída. Era a portaria de emergência do hospital. Quando vi a luz do sol, agradei tanto a Deus que até beijaria o chão se pudesse. Em segundos estava na rua. Nenhum segurança me segurou. Corri pela Gold Street até que avistei um táxi. Se não entrasse nele, desmaiaria ali na rua. Definitivamente, eu ainda não estava bem.

– Por favor, senhor, Central Park na altura da 80th St., próximo à entrada do Delacorte Theater.

– Sim senhorita? Está se sentindo bem?

– Acabei de sair do hospital.

– E está indo para o Park? Não prefere ir para casa?

– Não senhor, para o Central Park. E por favor, não pergunte mais nada. – ele se virou para frente e seguiu o caminho. Já estávamos na 8th Ave quando minha respiração começou a normalizar.

Desci antes para caminhar um pouco, andar era minha maneira de estabilizar os pensamentos e de reunir coragem. As pessoas se chocavam comigo, eu ainda estava muito tonta. Caminhei pela 79th St. e fui até o Shakespeare Garden. Aquele lugar era mágico para mim, mas infelizmente eu estava ali para voltar ao pesadelo da minha vida. Quando cheguei ao Delacorte Theater parei em frente para a estátua de Romeu e Julieta, ela contava uma história de amor com um final, que não sabia julgar se tinha sido feliz ou triste, mas uma certeza eu tinha, o meu “felizes para sempre” jamais aconteceria.

– Hoje quando acordei... - Me virei, era a voz inconfundível de Neal. – até achei por um momento que você não estaria aqui como combinado. Mas você não perderia a chance de ficar com o bastardinho, não é mesmo?

– Neal, nós dois precisamos conversar sobre Heitor.

– Em breve. Apenas siga comigo como se fôssemos um casal feliz que se encontrou por acaso.

Seguimos caminhando. Eu estava fraca demais e perdi o equilíbrio, indo com os joelhos ao chão bem atrás de Neal. Ele andava muito rápido e eu não conseguia acompanhar.

– Sophie! – gritou Neal já me apanhando do chão. – O que você tem? Está pálida e trêmula!

– Acabei de sair do hospital.

– O que aquele desgraçado fez com você?

– Não é nada Neal. Eu me intoxiquei com manteiga de amendoim.

– Mas você é alérgica. Sabe disso.

– Mas eu não percebi que tinha isso no sanduíche.

– Droga Sophie! – ele me apoiou em seus braços e seguimos em frente. Era humilhante.

Havia uma SUV preta com alguns seguranças do lado de fora nos esperando. Sentei no banco de trás e Neal vendou meus olhos com um lenço preto e seguimos ao encontro do meu filho. Pelo menos era o que eu achava. Mas o desespero estava apenas começando...

XXIII

Ela era minha novamente. Como sempre, eu havia vencido. Sophie era minha para sempre. Mas precisaria de uma lição para entrar nos eixos antes de seguir a vida comigo. Precisava dar as instruções para Barney. Aquele Adam Collins merecia uma lição também. E a dele seria lenta e dolorosa, um pouco por dia até que eu decidisse que o seu fim.

– Barney, pode eliminar de uma vez por todas e fazer a entrega.

– Neal, do que você está falando? Neal, pelo amor de Deus, não faça nada. Eu estou aqui! Eu estou aqui com você! Eu ficarei. Eu ficarei. – Sophie começou a chorar desesperada com a situação.

– Sim Barney. Sophie já está comigo. Pode completar as ordens que dei. Vejo você mais tarde.

– Cala a boca Sophie ou será muito pior. – eu podia senti-la tremendo ao meu lado. – Coloquem uma música bem alta, não quero ouvir o choro e as lamúrias dessa mulher aqui atrás! O som da música ‘TKO’ de Justin Timberlake envolvia meus pensamentos dentro daquele automóvel antes que eu enlouquecesse com Sophie desesperada por causa daquele desgraçado.

Depois de darmos algumas voltas para confundir a cabeça de Sophie, entramos em um estacionamento e trocamos de carro, pegamos um Chevrolet Impala 67 na cor preta, com bancos de couro, cheio de estilo. Adoro carros antigos! Enfiei minha mulher no banco de trás e um dos rapazes foi para a direção. Seguimos rumo à estrada I-95 N. Depois de um bom tempo na estrada, estávamos chegando a nossa casa provisória, eu tinha outros planos. Estávamos em Rye City, no condado de Westchester County em Nova York. Adam Collins jamais saberia a localização da minha mulher. E eu não tinha a menor intenção de deixá-la sair de casa por um bom tempo.

– Se continuar chorando vai se desidratar, e pode ter certeza de que suas lágrimas não me comovem.

– O que você fez Neal?

– Não é da sua conta. Aliás, é sim. É culpa sua. Eu avisei Sophie, que jamais aceitaria uma traição. Eu não compartilho o que é meu. Você preferiu não escutar, então agora agunte as consequências dos seus atos.

– Quero ver meu filho.

– Tudo tem sua hora, minha querida. Ainda temos uma longa conversa pela frente. Inclusive sobre as novas leis sobre as quais você viverá de hoje em diante.

– Neal, o Heitor precisa de cuidados médicos. Meu filho morrerá. Eu imploro se é isso que deseja.

– Eu disse que você teria seu filho, Sophie, e costumo manter minha palavra, bem diferente de você, inclusive. Agora pare de falar nesse bastardo. Vou retirar a venda de seus olhos. Estamos em casa.

Sempre gostei de casas, odiava viver em caixotes, como são os apartamentos. E essa casa era especial! Era para surpreender Sophie. Mostrar do que ela estava abrindo mão ao tomar a idiota decisão de ir com aquele Adam Collins. Por fora minha casa era em tijolo colonial, tinha grandes janelas de vidro e muita área verde. Fantásticos 1060m² divididos em três andares de construção completamente afastados de qualquer vizinho. Uma construção isolada do jeito que eu gostava.

– Essa é minha humilde casa, querida. Tem piscina, spa, sala de jogos, bar, adega, sala de cinema, academia, sauna, e são oito suítes, meu amor. Uma pena você ter desprezado tudo isso, não é mesmo?

– Você sabe que não ligo para nada disso Neal. Sua casa é bonita, mas não pode me comprar com ela. Estou aqui como combinado, quero ver meu filho e a Nana imediatamente.

Essa mulher me desafiava. Veríamos até quando. Peguei-a pelo braço e a puxei para dentro da casa. Arrastei-a até meu escritório e a joguei no sofá bem de frente para minha mesa.

– Neal, onde está meu filho?

– Vamos combinar o seguinte Sophie, se me perguntar pelo seu filho novamente, não colocará os olhos nele tão cedo. Porque, na verdade, antes de qualquer coisa, faz muitas horas que não tenho minha mulher.

Caminhei até Sophie que parecia completamente abatida naquele sofá. Levantei-a e comecei a soltar seu lindo cabelo. Continuei descendo as mãos pelo seu pescoço e ela apenas se retraía em minhas mãos. Segurei-a forte pela nuca e a beijei com meu corpo carregado de desejo. Afastei-me e sentei na beirada da minha mesa. Precisava de distância ou não resistira em tocar minha mulher, em fazer amor com Sophie. E eu não podia demonstrar nada disso por hora.

– E então vadia, gostou de Paris? Eu prefiro aquela cidade na primavera. Ela fica cinzenta nesta época do ano em que você preferiu ir com aquele filho da puta.

– Neal, me escute. Eu não fugi de você, eu não tomei aquela decisão. Eu fui levada para o avião e não tinha muito que fazer. Mas eu já expliquei para o Adam que não o amo, que não quero ficar com ele. Eu pretendia voltar para você de qualquer forma. Não foi porque sequestrou meu filho, quer dizer, o nosso filho.

Levantei-me e caminhei para ficar cara a cara com Sophie.

– Você dormiu com ele novamente? – ela abaixou o olhar de vergonha e, infelizmente, aquela era a minha resposta. Simplesmente não suportei imaginar... Dei-lhe um tapa no rosto com toda a força do meu ciúme, fazendo-a cair novamente no sofá e percebi que seus lábios e nariz sangravam. Mas era pouco pela dor que ela me causara.

– Neal... – ela chorava muito, o tempo todo, eu já estava perdendo a paciência. – Perdão! Estou aqui para você, me perdoa. O Heitor é seu filho. Não é de nenhum daqueles homens, eu fiz as contas do tempo. Não faz sentido ser deles. Ele é seu. É nosso filho e vai morrer se não receber cuidados médicos.

– Eu sei que o bebê que você teve é meu. Na verdade minha querida, eu tenho plena certeza disso. Inclusive fiz até um teste de DNA.

– Então por que continua me torturando? Por que simplesmente não cuida do nosso filho?

– Quem disse que não cuido?

– Do que você está falando Neal?

– Você saberá no momento certo Sophie.

– Heitor precisa ir imediatamente para um hospital especializado em tratamentos cardíacos. Ele precisa de um transplante de coração que nem imagino quando conseguirá. Mas enquanto espera pelo transplante, ele precisa fazer uma cirurgia para colocar uma espécie de coração artificial para que consiga esperar.

– Sophie, preocupe-se no momento somente com o que você fez nessas últimas semanas, do restante eu cuido.

– E a Nana? E as filhas dela?

– Todas mortas.

Começava todo aquele desespero novamente. Sophie chorava e se negava a acreditar que eliminei aquelas traidoras.

– Querida, era uma coisa que já estava definida muito antes de vocês virem para Nova York. Não se lembra? Você apenas impediu que esse arquivo fosse apagado na hora certa. Apenas tratei de colocar as coisas no lugar novamente. Coitadas, foi um acidente. – e coloquei toda a acidez do meu sarcasmo naquelas palavras.

– Quem está cuidando de Heitor?

– Nosso filho está muito bem cuidado pela minha outra mulher, a que ocupou seu lugar em Miami, e a quem eu estava disposto a abandonar para voltar com você, até você fugir com aquele filho da puta.

– Sua mulher?

– Sim. Minha mulher. Não no papel, essa ainda é sua função, mas para os demais propósitos tenho a Karen. Gostaria de conhecê-la? – Sophie não respondeu, parecia completamente assustada. Fui até minha mesa, peguei o telefone e informei que queria Karen em meu escritório imediatamente.

Em minutos Karen entrou completamente sexy em meu escritório. Era uma morena dos olhos azuis maravilhosa. Mas era uma beleza comum, esperada, nada surpreendente, ela era muito diferente de Sophie. Karen veio em minha direção e foi me beijando e se esfregando em mim bem na frente de Sophie que não reagiu a nada. Porra! Não era essa a reação que eu esperava.

– Karen, diga a Sophie que Heitor está ótimo. Muito bem mesmo.

– Sim. Heitor está muito bem. – virou-se para Sophie. – Não se preocupe, eu cuido dele direitinho.

– Neal, eu não quero nenhuma pessoa estranha cuidando do nosso filho. Eu posso cuidar dele. – Sophie gritou com raiva nos olhos. Ótimo! Ela começava a reagir. Sentia ciúmes.

– Karen querida, pode ir. Nos deixe a sós. Mais tarde nos vemos. – Karen saiu sorrindo para Sophie, se impondo, dominando a área, mostrando qual era seu lugar.

– Neal, eu não quero essa mulher com meu filho.

– Você não entendeu que não tem direito de exigir nada, de querer nada? Aqui quem manda sou eu. E Karen está realmente cuidando muito bem do nosso filho.

– Por sua causa eu nunca pude cuidar de perto do meu filho, nunca o tive em meus braços. Agora você permite que outra mulher o tenha nos braços. Se quiser o divórcio, se quiser ficar com essa Karen,

que fique, eu não ligo. Eu não quero nada seu, nada do seu dinheiro. Quero apenas meu filho. Por favor! Ou então, o que está esperando para me matar?

– Acha mesmo que eu a deixaria livre para aquele Adam? Você é minha Sophie. O dia em que você não me pertencer mais, é porque estará morta. É ou é minha ou não é de mais ninguém.

– Por que Neal? Por quê?

– Você é minha propriedade. É tudo que precisa entender. Agora vamos às regras para você viver nesta casa. Em hipótese alguma tente fugir daqui, meus Dobermanns alemães a destroçariam em segundos. Eu detestaria recolher seus pedaços dos dentes deles. Você sairá desta casa somente para onde, quando e com quem eu permitir. Não temos telefones na casa, mas se tentar usar um celular, as câmeras estarão gravando cada segundo. Seus horários e suas refeições serão definidos por mim. Vai me servir da forma que eu bem desejar na hora que eu quiser. E, se for uma mulher muito obediente quanto a todas essas regrinhas básicas, permitirei que veja nosso filho em breve. Dou minha palavra de que ele está muito bem cuidado e tem acesso a tudo que for necessário para sua saúde.

Aproximei-me de Sophie que apenas chorava. Era tentador ter uma atitude de carinho por ela. Mas eu não faria isso, pelo contrário, apresentaria a ela um Neal perverso. Levei-a para fora da biblioteca, queria mostrar a suíte preparada especialmente para ela. Subimos a primeira escada e no corredor do segundo andar ela deu de cara com Rush. Soltou-se do meu braço e parou na frente dele com ódio nos olhos.

– Rush? Você aqui? Não acredito que disse um dia que você era uma pessoa boa. Tenho nojo de você. Esse tempo todo você trabalhava para Neal? Você sabia de tudo? Verme!

– Então já que se conhecem, dispensamos as formalidades. Rush, digamos, é o bonitão com rosto de anjinho da minha equipe. E como ele tem esse talento para música, mais precisamente para tocar violino, achei que seria a pessoal ideal para estar por perto e me falar de você. É um cara acima de qualquer suspeita. Perfeito, não acha Sophie? Ninguém poderia desconfiar de quem se tratava de verdade. Nem você, que costumava ser tão esperta, desconfiou de Rush. Tenho que admitir, ele fez um trabalho brilhante, digno de um troféu!

– Não acredito que você fez isso comigo Rush. Levei você para dentro da minha casa. Confiei em você. Pensei que você realmente gostasse de mim e queria ser meu amigo. Por que fez isso comigo?

Rush não respondeu absolutamente nada e desceu as escadas.

– Acredite Sophie, Rush é um dos meus melhores atiradores, além, é claro, de ser muito leal. Ele faria qualquer coisa que eu mandasse. Até mesmo morar naquele lixo onde vocês moravam e fingir interesse por você. Era tudo parte do meu plano. Acha mesmo que eu a deixaria em Nova York, sem saber o que fazia, como vivia e com quem estava? Quanta inocência, menina!

Sophie perdeu as forças e quase foi ao chão. Peguei minha mulher em meus braços e subi com ela a escada que dava para o terceiro andar, onde ficaria sua suíte, preparada especialmente para ela. Abri a porta e a coloquei no chão. O quarto era sem vida e tinha grades nas janelas. Apenas uma cama e um tapete no chão. No banheiro, apenas o suficiente para sua higiene, e no closet, as roupas que ela deveria usar a partir de agora para mim.

– Esse é seu quarto Sophie. – ela olhou para todos os cantos e imagino que começou a entender como seria a sua vida ao meu lado. Não disse uma palavra sequer, somente olhou e olhou. E depois voltou seu olhar para mim.

– E agora vamos inaugurar seu quarto, baby! – comecei a beijá-la e tocá-la violentamente. Ela tremia.

Despi Sophie lentamente, peça a peça, deixando apenas a minúscula calcinha vermelha de renda. E quando ela estava nua e indefesa, vi as marcas que eu havia deixado na última vez em que estivemos juntos. Mas vi também outras marcas. Marcas em suas coxas e cintura que não haviam sido feitas por mim. Adam estava morto. Ah, estava!

Segurei com força os seios dela. Doloroso demais para que ela tivesse qualquer vestígio de prazer, mas em compensação, eu já estava insuportavelmente duro. – Retire minha roupa!

E foi o que ela fez com aquele olhar triste e perdido no tempo. Retirou minha blusa e desceu as mãos lentamente arranhando com suas unhas o meu tórax. Estava claro que ela faria qualquer coisa para ter nosso filho de volta, até mesmo me agradar. Se eu não a fizesse parar com aquilo, gozaria antes de tirar as calças. Empurrei aquela mulher com força para o chão e abri minha calça rapidamente, puxando-a junto com a cueca para o chão. Sophie retirou tudo rapidamente incluindo meus calçados. Puxei seus cabelos um pouco para cima fazendo com que seus olhos mirassem os meus.

– Agora me faça sentir muito prazer sua vadia! – ela começou a me sugar com toda força, descia a língua da cabeça à base e voltava com mordidinhas pelo mesmo caminho, enfiando quase tudo na boca logo em sequência.

Meus olhos deslizaram pelas feições daquela mulher que me encantava e me enlouquecia. Conferi cada uma de suas curvas, seus olhos com o brilho apagado e seus fartos lábios que me envolviam. Fechei meus olhos por um momento e pensei o quanto esses meses foram difíceis, eu a sentia mesmo sem poder vê-la ou tocá-la. Tornei a abrir meus olhos para apreciar novamente aquela visão magnífica de Sophie com os lábios em minha pele, seus lábios vermelhos, seus cabelos sedosos e bagunçados, sua pele perfeita. Seus seios que subiam e desciam com uma respiração rápida, profunda e ruidosa. Ela era diferente de qualquer outra mulher que já passou pelos meus olhos nessa vida. Perfeita para mim. Uma mulher naturalmente sensual. Pensei na quantidade de homens que eu sabia que a cobiçavam, mas ela era minha e estava comigo, me dando prazer. Um prazer cada vez mais intenso e desesperado.

Não! Não suportaria. Perderia meu controle se não a impedisse de continuar com a boca em mim. Merda! Por que essa mulher fazia isso comigo? Seria tudo muito mais simples se eu não me derretesse em seus braços.

Sophie se levantou, desci minhas mãos pelas suas costas nuas, e agarrei sua bunda arredondada puxando-a para o meu colo. Girei pelo quarto e a preensei na parede. Senti aquelas unhas finas arranharem a minha pele, e, no desespero do toque, minha boca devorava a dela. Não teria preliminar alguma ou qualquer outra carícia que preparasse seu corpo para me receber. Sequer me dei ao trabalho de retirar sua calcinha. Empurrei a peça para o lado com os dedos, e guiei meu cacete, penetrando-a por completo de uma vez só, arrancando um gemido de prazer com vestígios de dor. Eu não pensava em pegar leve nem

um pouco. Sem interrupções meti violentamente, destruindo sua carne, obrigando aquela boceta estreita a se moldar ao que era exigido. Sophie gritou lançando a cabeça para trás, encostando-a contra a parede. Meti com ainda mais vigor, empurrando seu corpo frágil, quando comparado ao meu, contra a parede, com violência até que ela gozar se desmanchando fraca em seus braços.

Ela parecia não ter mais nenhuma energia, mas eu não pretendia parar. Ela não merecia sentir prazer, e muito menos ser a única a sentir prazer.

– Neal... — ela disse num fio de voz. — Me desculp... — interrompi antes que ela terminasse a fala.

– Sophie... — sussurrei prensando os lábios contra o dela num beijo seco. — Já se foi o seu tempo, vadia. Não perca tempo se desculpando. — ela me empurrou com força, tinha lágrimas nos olhos. Saí de dentro dela sem nenhuma cortesia e a joguei na cama.

– Fique de quatro agora! —fui até minhas roupas que estavam no chão, peguei meu cinto e bati naquela bunda gostosa até que ficasse vermelha e quente. Seus gritos desesperados me davam ainda mais prazer. Em seguida subi na cama, a penetrei novamente com toda força e comecei a meter enlouquecidamente. Segurei aquela cintura fininha e meti cada vez mais fundo e mais forte até que gozei violentamente dentro daquela carne que era minha.

Saí sem a menor elegância de dentro dela e fui até minhas roupas me vestir novamente, largando-a ali, fodida, dolorida e humilhada. Quando estava terminando de me vestir, ouvimos o choro de Heitor em um quarto no andar de baixo. Sophie ficou alerta novamente.

– É Heitor! Neal, é o choro é do meu filho. Está chorando. Me deixa vê-lo. Por favor. Deixa-me ver meu filho. — e começou a chorar desesperadamente.

Abri a porta, olhei para ela com o sorriso mais irônico que consegui e tranquei a porta por fora. Enquanto descia as escadas, percebi que Sophie esmurrava a porta do quarto, chorando e gritando desesperada para ver o filho. Ela sentiria a dor que me fez sentir quando fugiu de mim. Ela pagaria por cada minuto de desespero que tive.

Ela sangraria por dentro... E eu nem tinha começado.

XXIV

Desespero. Eu estava completamente desesperado. Aquele maldito mataria minha mulher. Eu precisava aliviar meu ódio. Joguei tudo que estava em meu barzinho pelo chão. Quebrei tudo.

– Adam, você precisa esfriar a cabeça. Não poderá fazer nada por ela, nem por você, se continuar agindo com a cabeça a mil. Vamos pensar em algo, meu amigo. Mesmo que eu não concorde com esse relacionamento, estarei ao seu lado como sempre.

Abracei Nick desesperadamente na sala da minha casa. Eu estava no meio de uma reunião quando o hospital ligou informando que Sophie havia desaparecido essa manhã. Lyn não tinha noção por onde ela pudesse ter saído. Já tinha solicitado todas as filmagens do hospital e, se for preciso, solicitaria também todas as filmagens das ruas de Nova York às autoridades.

– Ligue para o detetive, Nick. Quero que ele esteja em minha casa ainda hoje, não ligo se é véspera de natal.

– Farei isso Adam, mas preciso que se acalme. Precisamos pensar e raciocinar com inteligência.

– Mas estou desesperado Nick! Você não entende. Não posso ir à polícia e dizer que minha mulher sumiu, simplesmente porque ela é mulher do homem que está com ela nesse momento. E envolver a polícia poderia colocar Sophie ainda mais em risco. Neal está com raiva e sabe que ela esteve comigo em Paris. Poderia matá-la.

– O que dizia na carta que ela deixou na cama do hospital?

– Já li aquele bilhete mil vezes e não consigo acreditar que ela fez isso até agora.

– Ela é mãe Adam. Isso deveria bastar para você entender. Sophie iria atrás busca do filho de qualquer forma. Era previsível.

– O que eu faço Nick? O que eu faço agora? Sophie ainda não está bem. Ela pode nem ter chegado até o Neal. Fico pensando nela caída pela rua, morrendo e meu coração não suporta mais essa espera, essa falta de notícias. O que eu faço?

– Deixa-me ver esse bilhete. – e entreguei o bilhete a Nick.

“Adam, eu sei que nesse momento você está muito chateado comigo, então começarei pedindo perdão antes de qualquer coisa. Não sei como será essa vida sem você, mas sei que é assim que tem de ser. Juro que eu queria ficar, oferecer meu tempo a você simplesmente, porque é você que fez meu tempo valer à pena. Você cuidou de mim. E eu só trouxe desespero e desgraça para sua vida. Enquanto você me oferecia uma luz, eu trazia o abismo e a escuridão. Mudei muito nesses dias que estive com você. Abri meu coração e dei espaço para coisas e sentimentos novos. Mas eu não deixei de ser quem eu era. Meu

objetivo também não mudou. Ainda é meu filho e sempre será. O meu grande pecado não foi outro se não confiar no homem com quem eu me casei. Mas ele era mal e destruiu qualquer chance de recomeço que eu poderia pensar em ter. Quero que você encontre uma boa mulher para lhe dar filhos e fazê-lo muito feliz. Pode demorar, mas ela virá e será tudo aquilo que você sempre sonhou. Eu sei que você sentirá saudade por um tempo, é normal, eu também sentirei. Mas a saudade é uma dor que pode ser acostuada depois de devidamente doída. Para isso é preciso ter paciência. Todo dia sem você será muito tempo. Tenha a certeza que nada em mim foi covarde, nem mesmo desistir de nós dois. Desistir, ainda que não pareça, foi meu grande gesto de coragem e amor. Quem nunca disse “se cuida” querendo dizer “Te amo”? Portanto, se cuida! Quero fazer um acordo com você: Não me persiga e eu não fugirei de você, e então, quem sabe, um dia nos reencontraremos! Deixaremos o destino decidir. Estou indo embora aos pedaços para que você viva por inteiro. O tempo cura todas as feridas, mesmo que nem sempre evite as cicatrizes. Recomece sua história. Entretanto, prefira substituir o “era uma vez” pelo “é dessa vez”. E lembre-se de que nem todo ponto final indica o fim de uma história, pode ser apenas o começo de um novo parágrafo. Sophie.”

– Nossa! Nem sei o que dizer a você, Adam. Eu me sinto muito mal por ter falado todas aquelas coisas horríveis para ela ontem à noite. Mas você não acha que ela está certa? Talvez ir atrás e coloque ainda mais em apuros. Ela e o filho. Faça como ela diz aqui, siga em frente, e quem sabe o tempo resolve as coisas e você se reencontra nesse mundo à fora.

– Você ficou louco Nick? Ela é a única mulher, depois de Carrie, por quem senti que valia a pena tentar um relacionamento outra vez. Você não entende. Eu a amo! E onde está Hamilton que não liga e não me informa as notícias? Já liguei para o celular dele e só cai na caixa de mensagens. Que droga! Quero matá-lo. Sophie era responsabilidade dele.

– Olha, Adam, eu acho que você precisa descansar. Tome um calmante e vá para a cama. Eu acompanharei as novidades e ligo para você assim que soubermos de alguma coisa.

– Eu apenas preciso que você cuide da empresa Nick. Assuma meu lugar, porque não sei quando estarei pronto para fazer isso novamente.

– Você pegará um voo para a casa dos seus pais ou ficará em minha casa esta noite? Afinal é natal e não tem sequer uma árvore enfeitada nesse apartamento.

– Eu não quero pensar em natal. Não tenho cabeça para isso. Só quero minha Sophie. Amanhã é aniversário dela e não poderei abraça-la. Nem sei se ainda está viva.

– Mais tarde passarei aqui. Não vou abandoná-lo nessa situação meu amigo. Estarei aqui ao seu lado. Ficarei na empresa durante a tarde e à noite estarei aqui com você.

– Não mude seus planos por mim, Nick.

– Vá descansar Adam.

Subi as escadas e fui para o quarto de Sophie. Entrei, sentei-me na cama e fiquei olhando para o teto. Pedi a Deus que me enviasse uma resposta, que me indicasse para onde aquele criminoso havia levado minha mulher e o filho dela. Reli a carta mil vezes. Chorei, me desesperei, quebrei coisas pela casa, bebi e chorei ainda mais. Fui para o meu closet onde eu havia colocado o quadro que pintei de Sophie.

Vislumbrei aquele olhar triste e as curvas generosas na tela. Era perfeita! Perfeita demais para mim.

O interfone tocava insistentemente. O que o porteiro poderia querer comigo? Eu disse que não queria ser incomodado. Que merda! Desci as escadas correndo e fui para a cozinha atender. Onde estaria a droga da governanta também? Que droga! Todo mundo resolveu sumir dessa merda de mundo hoje? Que porra!

– O que é?

– Temos uma entrega muito estranha para o senhor aqui na portaria.

– Como é? Deixa aí, quando minha governanta ou Hamilton chegar, entregue para eles.

– Acho bom o senhor receber agora. Parece urgente demais!

– Porra! Suba com essa merda aqui então. Eu não vou descer. É para isso que vocês são pagos.

Bati o interfone com força. Merda! Que droga de entrega poderia ser aquilo? Aposto que é apenas um presente de natal de um dos meus inúmeros capachos. Que porra!

A campainha tocou, devia ser o porteiro. Quando abri a porta, o copo com vodca que estava em minha mão foi ao chão, partindo em vários pedaços. O porteiro trazia nos braços um bebê-conforto com um bebê nele. Só podia ser Heitor, só podia ser o filho de Sophie. Meu Deus!

– Por que não me disse logo que era um bebê seu idiota!

– Eu não sabia como explicar isso, senhor.

– Quem trouxe? Quem deixou esse bebê aqui?

– Um moleque senhor. Deixou do lado de fora da porta do prédio e saiu correndo. Quando fui chamar a polícia, vi que preso ao bebê tinha um envelope direcionado ao senhor. Então resolvi contatá-lo para que o senhor decida o que fazer.

– Envie a filmagem da câmera da porta do prédio imediatamente.

– Sim senhor.

Recebi o bebê-conforto e fechei a porta. Liguei para Nick e pedi que voltasse aqui para meu apartamento imediatamente e para que localizasse Hamilton e o detetive.

Coloquei o bebê em cima da minha mesa de jantar e fiquei olhando-o, queria encontrar traços de Sophie nele. Mas não consegui. Também, era apenas um bebê, devia ter no máximo oito meses, não se pareceria com ninguém ainda.

Me aproximei e observei que estava quieto demais. Será que estaria morto? O problema do coração teria o matado por estar fora do hospital? Sophie jamais me perdoaria. Eu jamais me perdoaria por não tê-lo encontrado antes. O envelope! No envelope deve ter um bilhete direcionado a mim.

“Adam Collins, imaginei que quisesse muito ficar com esse problema, já que procurava desesperadamente por ele. Agora ele é seu. Faça bom proveito, se ele ainda estiver vivo.”

Tinha sido impresso em um computador e não dizia nada, não oferecia nenhuma informação. Grande droga! Mas que porra era essa? Merda! Naquele momento eu só desejava socar uma pessoa até a morte!

Repentinamente tomei toda a coragem do mundo e toquei o bebê que parecia quase sem vida. Peguei-o no colo e quando o aproximei do meu peito ele abriu um pouco os olhos e tornou a fechá-los novamente. A respiração dele estava fraca demais, quase imperceptível, ele não sobreviveria longe de

um hospital. Como que por um estalo, me lembrei do meu filho, que tinha deixado morrer... Mas o filho de Sophie sobreviveria. Era um milagre que ainda estivesse vivo. Era um sinal de Deus que eu ainda teria uma história com aquela mulher, eu só precisaria salvar o filho dela. Pensei como um pai poderia fazer uma coisa dessas com o próprio filho. Abandonar nessa situação, deixá-lo para que morresse. O que me fez pensar que qualquer idiota poderia fazer um filho, mas que precisava ser um homem de verdade para ser um pai. E eu seria um pai para o filho de Sophie.

Coloquei o bebê no bebê-conforto novamente, e desci para a garagem. Fui direto para o meu Porsche Cayenne e preendi o bebê-conforto no banco traseiro. Literalmente voei para o hospital sem pensar em qualquer legislação de trânsito. Olhava para trás o tempo todo rezando para que o filho de Sophie resistisse até chegar ao hospital. Levei-o para a mesma emergência onde havia levado Sophie na noite anterior. Nem estacionei, apenas parei o carro na entrada de emergência. Peguei o bebê no colo e segui para dentro do hospital até ser barrado por um segurança.

– Não pode deixar aquele automóvel ali senhor.

– Não vê que meu filho está morrendo. Eu volto para estacionar assim que ele estiver recebendo socorro.

– Infelizmente senhor, precisa retirar seu carro imediatamente dali ou chamarei a polícia.

– Droga! –tirei minha carteira do bolso da calça com dificuldade, podia usar apenas uma das mãos para não deixar o bebê cair. Peguei uma nota de cem dólares coloquei na mão do segurança junto com minha chave.

– Estacione onde quiser. Pode deixar em qualquer porra de lugar, eu não ligo.

Nem esperei por uma resposta e corri para dentro do hospital.

– Alguém, por favor, me ajude. O bebê está morrendo. Ele não consegue respirar. – uma enfermeira veio em meu socorro.

– O que houve senhor?

– Ele não respira direito. Quase não sinto seu coraçãozinho bater. Ele tem Miocardiopatia Dilatada. Salve-o. Faça o impossível. Eu pago o que for necessário. Isso não será problema.

Ela pegou o bebê do meu colo e levou-o com ela.

– Faça a ficha dele, senhor. Assim que estabilizarmos os sinais vitais do seu filho, o médico virá conversar com o senhor.

– Obrigado. – e fui para a recepção fazer a ficha. Me dei conta que tudo que sabia era seu nome de registro e o nome de mãe que constava. Heitor Hernandez, filho de Ananda Hernandez. Mas era o filho de Sophie e eu o salvaria.

Peguei um celular e enviei uma mensagem para Nick informando onde eu estava e pedindo que informasse aos outros. Cerca de quarenta minutos depois, entraram pela sala de espera Hamilton e Nick seguidos pelo Sr. Evans.

– Adam o que houve? Por que está em um hospital?

– Encontrei o filho da Sophie, Nick. Na verdade aquele desgraçado do Neal mandou que alguém o entregasse quase morto na porta do meu prédio.

– Como assim? Como ele está?

– Está sendo socorrido nesse momento. Ainda não tenho notícias.

– Quem aqui é o pai ou familiar responsável por Heitor Hernandez.

– Sou o responsável. – respondi para a médica.

– Pode me acompanhar um segundo senhor?

Levantei-me e segui a médica que subiu comigo para a UTI do hospital. Ela me deixou em frente a uma janela de vidro, de onde eu podia ver a fragilidade da vida do filho de Sophie.

– Meu nome é Anna Becker, sou a cirurgiã cardiovascular deste hospital e cuidei de seu filho. Ele está estabilizado neste momento, mas precisa urgente de um transplante de coração artificial ou infelizmente não resistirá até que seja possível um transplante definitivo.

– Dra. Becker, faça o que achar melhor para salvá-lo. Faça todo o possível. Dinheiro não será problema. Podem usar as melhores técnicas. O que for melhor para salvar Heitor.

– Infelizmente o senhor não poderá acompanhá-lo por agora. Ele precisa de repouso. Vou pedir que consiga todos os documentos e autorizações necessárias para a cirurgia dele e providenciarei o procedimento o mais breve possível. Mas preciso que Heitor esteja mais estável para ser operado. Te mantereii informado sobre qualquer mudança.

Ao chegar à sala de espera passei toda a situação para Nick, Hamilton e o detetive. Pedi que eles dessem um jeito de conseguir toda a documentação necessária para que fosse liberada a cirurgia do bebê. De repente me deu um estalo! Eu queria ter certeza de que esse bebê era de Sophie. Eu não podia dar a ela falsas esperanças quando a recuperasse. Ela não suportaria mais uma tristeza. Fui atrás do médico que havia dado atendimento a Sophie na noite anterior.

– Quero falar imediatamente com o Dr. Jensen Rogers. Diga que é Adam Collins. – a enfermeira da recepção o solicitou pelo sistema de áudio do hospital rapidamente.

Em alguns minutos ele vinha em minha direção.

– Como vai Sr. Collins? Queria me desculpar novamente em nome de todo o hospital pelo que aconteceu hoje pela manhã com a Sra. Sophie. Espero que ela já o tenha procurado e que esteja tudo bem.

– Não quero falar exatamente de Sophie nesse momento. Na verdade quero. Mas é o seguinte: O filho que pode ser de Sophie, nesse exato momento encontra-se na UTI desse hospital com sérios problemas cardíacos. O senhor pediu que coletassem sangue de Sophie para algum tipo de exame?

– Sim. Mas o que isso tem a ver com o fato do filho dela estar aqui?

– Quero um DNA.

– Não posso fazer isso senhor. É contra a ética da minha profissão. Além de esse bebê estar sobre a responsabilidade de outro profissional, pelo que entendi, ele não é seu filho. Somente a suposta mãe dele poderia fazer tal solicitação.

– Escuta aqui seu idiota, se não fizer o que estou pedindo, eu destruo a sua carreira. Não conseguirá mais trabalhar em nenhum lugar desse planeta. Eu não brinco quando faço ameaças. Espero que saiba exatamente com quem está lidando, doutor. – pronto. Eu havia descido o caráter e ao nível de Neal. Mas Deus sabia que era preciso.

– Sei com que estou lindando, Sr. Collins. Sei bem que é o senhor e todo o poder que tem. Mas um teste desse demora dias a não ser que esteja disposto a liberar certa quantia. Então poderei conseguir um kit forense que trará o resultado em no máximo cinco horas.

– Peça a quantia que for preciso. Imagino que saiba que dinheiro não será um fator problemático no meu caso.

Depois que assinei o cheque, sentei-me naquela sala de espera. Não sairia dali até que tudo estivesse esclarecido.

No início da noite, Nick, Hamilton e o detetive ainda não tinham voltado com os documentos e o desgraçado do médico não tinha aparecido com o resultado do DNA. Eu o mataria!

– Sr. Collins, pode me acompanhar até meu consultório, por gentileza. – e fui atrás do Dr. Rogers que enfim havia dado as caras.

Ao entrarmos em sua sala, ele nem mesmo me convidou para sentar. De pé, próximo à porta, me entregou um envelope.

– Dentro desse envelope está o resultado do DNA e de outro teste que pedi que fosse feito hoje pela manhã, pois seria necessário para medicarmos a Sra. Sophie com mais segurança. Mas não quero saber o resultado de nenhum deles. Faça de conta que nem ao menos nos vimos hoje. Um amigo que tenho na polícia conseguiu agilizar esse teste e também não quer ser envolvido no que esteja acontecendo. Entendido?

– Nunca nos vimos hoje, Dr. Rogers.

Saí pela porta e voltei para a sala de espera. Minhas mãos estavam trêmulas, mas era preciso saber a verdade. Abri o envelope...

– Adam, nós conseguimos! Conseguimos alguns documentos e com uma boa quantia para que não nos solicitassem mais nenhuma assinatura de autorização ou outro documento, será feita a cirurgia no bebê da sua Sophie.

– Não é dela Nick.

– Como é Adam?

– Esse bebê não é de Sophie.

– Não pode ser Adam.

– Mas é a verdade, o bebê não é de Sophie. – eu estava completamente sem chão.

– Como assim esse bebê não é de Sophie, Sr. Adam? Se ele tem até a mesma doença.

– Não sei explicar Sr. Evans. Mas o exame de DNA que consegui diz que esse bebê não é de Sophie.

Podem mandar repetir o exame se quiserem.

Mas o que me deixou mais desesperado é que o exame Beta HCG constava resultado inconclusivo,

seria necessário repetir após duas semanas.

Meu Deus! Sophie podia estar grávida. Um filho meu, tenho certeza! Devia ter sido naquele dia na boate... E agora tudo que tinha de mais importante na vida estaria correndo risco de deixar de existir pelas mãos de Neal White.

– O que foi Adam? O que você tem? Está me escutando?

– Nick, autorize tudo que for necessário para que esse bebê sobreviva. Ele não tem culpa de nada. Quero que ele tenha o melhor atendimento que o dinheiro pode pagar. E quero notícias dele o tempo todo. Tenho certeza de que Sophie é apegada a essa criança, mesmo que ele não seja seu filho. Ela nem sabe disso... E tudo que menos quero é que minha Sophie sinta mais dor.

Levantei-me e fui andar na fria noite de natal pelas ruas de Manhattan. Estava sem chão e ainda mais desesperado. Eu precisava de Sophie. Me lembrei da gravação que fiz dela, cantando no avião enquanto retornávamos de Paris. Coloquei os fones e deixei que a canção, na voz de Sophie, repetisse sem parar... Agora, mais que nunca, eu faria qualquer coisa para tê-la de volta. Qualquer coisa. Mas um mantra não saía da minha mente: ainda não terminamos, ela seria minha outra vez, e para sempre.

Na vida é assim, o amor surge de repente.

Leitores, vocês têm razão, esse não pode ser o final. A jornada de Sophie e Adam não terminou, pelo contrário, a história deles está apenas começando... Nas próximas páginas conheçam o primeiro capítulo do próximo livro. – A Autora.

I

Se existia dor pior que essa, eu não conhecia, era uma dor insuportável. Eu podia ouvir o choro do meu filho e não podia fazer nada presa naquele quarto. Estava enlouquecendo. Bati na porta e gritei enquanto tive forças. Chorei enquanto tinha lágrimas. Eu cantei com minha alma negra até Neal me entregasse meu filho ou me matasse, porque simplesmente não podia viver naquela casa e não estar perto do meu filho. Preferia a escuridão da morte ao luto em vida.

A única música que vinha em minha mente era ‘Back to Black’ da Amy Winehouse. E cantei, cantei e cantei. Cantei por mais de uma hora repetidas vezes a mesma música. Cantei alto, sussurrei a letra, gritei a música, e girei pelo quarto vazio e cantei. Agarrei-me ao chão e cantei. Fui até a janela e chorei e cantei. Cantei em súplica, cantei de dor. Queria incomodar, queria contar como me sentia, queria colocar para fora. Queria morrer. Estava em luto.

Quando eu já não tinha mais forças, ouvi que alguém abria a porta. Era Neal. Eu estava estirada ao chão, sem forças, sem roupas, congelada e humilhada. Eu não era mais nada. Era só a casca de uma mulher que existiu. Meu cérebro não raciocinava mais. Naquele ponto apenas sussurrava a canção. Descabelada, olhos inchados, suja por dentro e por fora, era tudo que eu via em mim.

Neal entrou, e pela primeira vez, vi um olhar de piedade em seu rosto. Eu estava acabada e ele sabia que a culpa era dele. Trancou a porta e me ergueu do chão. Não disse nada. Apenas me olhou e tocou meu rosto molhado e inchado pelas lágrimas. Eu não estava mais ali. Essa era uma das minhas qualidades, eu conseguia sair de mim e vagar quando já era possível fazer nada mais. Isso me manteve viva muitas vezes com aquele velho no Brasil e depois com Neal, e agora novamente. Tudo tão escuro!

– Se vista Sophie. Vou deixar que vá até o nosso filho agora. Mas apenas por um momento. E se fizer uma cena dramática, vai ser seu último momento com ele. Eu não estou brincando.

Era como se a luz voltasse para dentro de mim. Eu veria meu filho! Eu o colocaria em meu colo, o beijaria, pediria desculpas por tanta ausência e diria o quanto o amo, o quanto ele era importante para mim. Eu teria meu filho em meus braços, coisa que não pude fazer em todos esses meses. Eu morri todo dia um pouco por essa distância que seria, enfim, quebrada. Vesti-me o mais rápido possível. Fui até o banheiro e dei um jeito na minha aparência, que eu sabia que estava horrível. Não queria que meu filho me conhecesse naquela situação.

– Estou pronta Neal.

– Vou repetir: Não quero uma cena dramática. Entendido?

– Eu só quero ver meu filho. Tocá-lo, abraçá-lo, tê-lo em meus braços, sentir seu cheiro doce de

infância. Apenas isso. Não farei uma cena, eu juro.

Caminhamos em silêncio pelo corredor e descemos as escadas que davam para o segundo andar da casa. Chegamos a uma porta no final do corredor, um dos seguranças estavam na porta, ele se afastou para Neal e eu entrássemos. Era um quarto lindo e preparado especialmente para o meu bebê. Todo na cor azul e verde, com desenhos de pipas por todos os lados. Móveis brancos dispostos caprichadamente. Um ambiente iluminado, quentinho e aconchegante. Perfeito para um bebê. E em um cantinho, o berço, onde dormia meu Heitor. Minhas pernas ficaram bambas e a ansiedade fez meu coração disparar e minha respiração ficar descompassada. Era muita emoção!

– Anda logo com isso Sophie, eu não tenho o dia todo e disse que você teria apenas alguns minutos.

Ignorei completamente a voz de Neal e fui até o berço. Olhei para o rostinho do meu bebê. Ai, meu Deus!

– Neal! – soltei um grito abafado para não acordar a criança no berço e me desesperei a chorar. – Esse bebê não é o meu. É claro que vi meu Heitor pouquíssimas vezes de pertinho, mas o via sempre por fotos que a Nana me levava. Esse não é meu filho. Onde está meu filho Neal? Por que está fazendo isso comigo? Não brinca com meu coração... – pude sentir quando meu corpo fraco e fragilizado tocou o chão e tudo se apagou.

– Acorde Sophie! Abra os olhos! Sophie! – Neal gritava, quando consegui voltar a mim o bebê no berço chorava, parecia assustado com toda aquela gritaria.

Comecei a bater em Neal e me debater no chão. Eu o odiava. Ele tinha brincado com meus sentimentos mais uma vez. Onde estaria meu filho? O que Neal teria feito com meu bebê?

– Cala boca sua histérica! – gritou, me dando dois tapas ardidados no rosto. – Esse é nosso filho.

Levantei e comecei a chorar em busca de explicação. Como aquele bebê, aparentemente muito saudável, podia ser meu Heitor? Eu não conseguia entender. Minha cabeça girava e meu cérebro não processava mais nada. Neal foi até o berço, pegou a criança no colo e o acalentou até que parasse de chorar. O bebê se acalmou nos braços de Neal. Olhei aquela cena e tive uma revelação, aquele devia ser o bebê de Neal com alguma outra mulher, talvez com Karen. Ele já estava com outra quando ainda éramos um casal. E o pior, àquela hora, meu bebê já devia estar morto com Nana e suas filhas.

– Quem é a mãe do seu filho Neal?

– A idiota da mulher que está na minha frente.

– Você matou meu bebê? Ele morreu no hospital? Eu preciso saber. Eu só quero saber isso, não me negue a verdade. O que houve com meu Heitor? O que você fez com ele?

– Sophie, já disse, esse é nosso filho. Esse é Heitor, como você queria que chamasse o filho que planejávamos ter um dia. Esse é o filho que você teve naquele hospital em Raleigh.

– Como pode brincar comigo dessa forma? Eu acabei de morrer por dentro. Apenas me diga o que foi feito do meu filho. Permita-me chorar por ele. Deixa-me dar a ele a dignidade do fim que todos merecemos. Deixa-me cuidar do meu filho pelo menos depois de morto. Misericórdia! – soluçava em prantos. – Misericórdia Neal.

– Venha aqui. Vou explicar. – nos sentamos na cama auxiliar do quarto. Ele com o bebê no colo de

frente para mim.

– Eu não me importo com mais nada Neal. Se quiser, pode me torturar até a morte, porque eu já estou morta. Apenas me deixe saber o que houve com meu bebê, o pedaço maior do meu coração. Fala a verdade, por favor. E eu o deixarei em paz. Apenas seja sincero comigo. Só desta vez, por favor.

– Escute Sophie. – e ajeitou o bebê que já estava calmo em seus braços. – Esse é Heitor White, nosso filho. Você acha mesmo que eu deixaria um filho meu solto por aí? Lembra-se da Dra. Sarah Johnson, a médica que fez o parto do nosso filho?

– Claro que lembro, ela foi um anjo na minha vida.

– Acho que não Sophie. Quando levei você para aquele hospital, já havia combinado tudo com doutora. Paguei muito caro pelo que tramamos e fizemos.

– Do que você está falando Neal?

– Dias antes eu já havia combinado com a Dra. Johnson para fazer um teste de DNA assim que o bebê nascesse. Eu queria saber se era de fato meu. E era. Como você ficou péssima com o parto e teve todas aquelas complicações, foi tempo suficiente para que eu encontrasse um bebê recém-nascido para fazer a troca. Você não queria ficar comigo, eu jamais deixaria meu filho com você. Por um golpe do destino o bebê que consegui estava doente e eu somente soube disso quando você já tinha desaparecido do hospital.

– Você me deixou sofrer todo esse tempo? Você sabia da Nana e do seu filho todo esse tempo?

– Sim, sempre soube de tudo. Decidi ficar quieto e dar uma lição em você. Mas parece que não funcionou muito bem. Na verdade, você piorou as coisas quando se envolveu com aquele filho da puta do Adam Collins. Eu já tinha decidido contar toda a verdade a você, abandonar Karen e levá-la de volta para casa. Perdoá-la e oferecer uma segunda chance. Mas você estragou tudo.

– E o outro bebê? O que você fez com ele? Eu o quero. Ele não tem culpa de toda essa loucura. Eu quero cuidar dele, por favor, Neal. Você tem dinheiro para cuidar daquele bebê. Eu o amo e quero que ele sobreviva. Quero ser a mãe dele também. Por favor!

Com um sorriso maldoso no rosto ele apenas me respondeu que o caso estava resolvido e encerrado. Neal queria dizer que não adiantaria eu perguntar nada, pois ele não iria contar.

– Como posso ter certeza de que isso é verdade? Que não é mais uma de suas mentiras, mais um de seus planos sujos?

– Acha mesmo que eu cuidaria de uma criança que não fosse minha? Acha que eu daria meu nome a um filho que não fosse meu? Se quiser, podemos fazer um exame de DNA.

– Você pode comprar qualquer laboratório Neal. Acredito que esse bebê seja seu filho, mas com outra mulher. Você já devia estar com ela quando ainda estávamos juntos.

– Acredite no que quiser Sophie, mas esse aqui é nosso filho. Se observar bem, verá que ele se parece demais com você, apesar dos olhos serem azuis. Isso me dava ainda mais rancor, porque ele me lembrava de você dia após dia.

Deixei aquela história revirar em minha mente durante alguns minutos, apenas observando o bebê brincando com a correntinha que Neal carregava no pescoço. Comecei a observar seus pezinhos, suas

mãozinhas, seu narizinho, seus lindos olhos azuis. Aquele bebê realmente se parecia muito comigo e bastante com Neal. Ai, meu Deus! Em que acredito?

– Esse é realmente meu filho?

– Sim, Sophie. Esse é nosso filho, sim. Eu juro pela minha existência, pela alma de meus pais.

Aquelas palavras tocaram meu coração lá no fundo. Fui com as mãos em direção aquele pequeno ser que podia ser meu bebê, meu filho, ele era saudável e não morreria... Quando o peguei nos braços foi incrível o que senti... Acho que toda minha capacidade de amar foi expandida. Lágrimas de emoção rolavam dos meus olhos. Eu podia compartilhar com meu filho as alegrias e as tristezas da vida e do amor. Naquele momento tinha certeza de que era meu filho, eu me sentia mãe. Eu sabia que poderia ser raízes e asas para aquele ser pequenino, assim ele sempre teria grandeza e vigor, profundidade e robustez. Eu poderia dar a ele todo o amor que ele quisesse dessa vida.

Quando aqueles olhos azuis fixaram intensamente nos meus, é como se minha alma recebesse toda a paz e serenidade que existia. Foi como se já nos conhecêssemos há milhares de anos. Era como se meu coração batesse dentro dele e o dele dentro de mim. Foi a conexão espiritual mais intensa da minha vida. Eu sabia que faria o que precisasse para ficar ao lado dele... Nosso começo não foi o nascimento. Nosso começo foi o encontro. Toquei aquelas mãozinhas que seguraram firmes meus dedos. Meu coração estava tão cheio de alegria que eu sentia que poderia explodir de felicidade e emoção. Toquei aquele narizinho pequeno e ele sorriu. Sorri de volta. Senti seu cheiro e guardei na alma. Ser mãe era bom. Ser mãe doía. Uma mãe é uma ponte entre o céu e a terra. Ser mãe doía sim, mas também engrandecia. A medida da dor era também a medida da alegria de ver o filho saudável e feliz. Eu podia recomeçar. Era uma nova chance que a vida estava me oferecendo. Era o maior amor do mundo!

Levantei-me com ele no colo, senti seu peso, senti ele se remexendo, puxando meus cabelos, ouvi seus balbucios em uma tentativa de explorar palavras, senti seu cheiro novamente e fiz o que desejava fazer a muito tempo, apertei meu filho em meus braços e cantei para ele.

Era em português, mas Neal entendia o idioma muito bem e tenho certeza que o vi se emocionar ao me ouvir cantar ‘Velha Infância’ dos Tribalistas para o nosso bebê.

Eu acalentava meu filho, eu o acariciava, eu o amava... Amava tanto! Amava mais que a mim mil vezes. Beije cada pedaço do seu corpinho. Cheirei cada pedacinho da sua pele. Toquei cada centímetro. Memorizei aquele sorriso. Era a melhor coisa da vida! O momento mais emocionante da minha existência. Eu não era mais insignificante, eu tinha meu filho nos braços. Eu era forte agora, eu podia vencer o mundo, eu podia suportar qualquer coisa.

– Chega Sophie. Coloque Heitor no berço. Você precisa se preparar. Você se apresentará para meus convidados esta noite.

– Do que está falando Neal?

– Que você irá fazer sua apresentação como fazia na casa de shows Shades in Red.

Não era o momento de discutir com Neal. Eu ainda estava embriagada pela emoção de finalmente ter meu filho nos braços. Mas também estava preocupada demais com o outro bebê e queria notícias dele. Dessa conversa Neal não escaparia em um momento mais adequado. Eu queria o outro bebê para mim

também, já me sentia mãe dele.

– Queria conversar com você sobre algumas coisas e fazer alguns acordos, se me permitir, por favor.

– Vamos ao seu quarto.

Fizemos, em total silêncio, o trajeto de volta ao meu quarto, mas eu podia ver que ele me olhava com o canto dos olhos. O que estaria pensando? Se pelo menos eu pudesse ter certeza de que ele ainda tinha algum sentimento por mim, poderia usar isso para conseguir algumas coisas. Mas eu tinha muito medo de fazer algo que me afastasse novamente do meu filho e também tinha certeza de que não suportaria isso. Não agora que o tive em meus braços.

De repente Adam veio à minha mente. Todas as lembranças. Tudo que dissemos e tudo que fizemos. Eu o amava tanto, mas agora, mais que nunca, precisaria esquecê-lo para sempre, porque simplesmente não podia perder meu filho. Neal jamais ficaria longe de Heitor. Estava presa à Neal de tal forma que não tinha nada a fazer a não aceitar suas condições.

Entrei no quarto, sentei-me na cama e esperei que ele fizesse o mesmo. Mas parece que minha presença tão íntima o afetava. Neal ficou de pé para resistir estar perto demais de mim.

– Então, o que você quer falar? Lembre-se que não está em condições de exigir nada Sophie.

– Não quero exigir nada. Quero apenas chegar a um consenso. Em primeiro lugar, gostaria de saber exatamente os planos para esta noite.

– Promoverei uma ceia de natal para alguns sócios e precisaremos de distração. – Interrompi e falei de uma só vez.

– Ninguém tocará em mim, Neal. Isso eu não permitirei.

– Estaria morto o homem que ousasse tocá-la. Não é desse tipo de distração que estou falando. Quero que se apresente com uma canção, encantará a todos.

– O que exatamente você quer que eu faça?

– Tenho certeza que você pensará em algo Sophie. Apenas agrade meus convidados e a mim. – Confirmei que havia entendido com um sinal de cabeça.

– Gostaria também de propor um acordo, Neal. Deixa-me conviver com Heitor livremente e andar pela casa, mesmo que eu não passe da porta, mas permita que eu me sinta livre ao menos dentro dessas paredes. Em troca eu permanecerei ao seu lado até quando desejar, da forma que você quiser, sem tentar fugir ou qualquer coisa do tipo. Não suporto viver aqui trancada, sem poder me aproximar do nosso filho a qualquer momento.

– Não é um acordo ruim, porém você já me traiu mais de uma vez, inclusive me entregando para a polícia. Circular livremente pela casa poderia colocá-la a par das minhas negociações e, conseqüentemente, ofereceria perigo aos negócios.

– Eu juro que não faria nada contra você, jamais. Além disso, você poderia me eliminar em um piscar de olhos sem deixar vestígios.

– Aviso pela última vez, Sophie, se você tentar qualquer coisa que seja, eu não terei piedade. E lembre-se, aqui nesta casa minha mulher é a Karen.

– A Karen pode ser o que ela quiser, desde que não se meta entre meu filho e eu.

– Prepare-se para a noite. Tenho certeza de que encontrará algo adequado no seu closet. – E saiu pela porta sem olhar para trás.

Mas eu não estava disposta a deixar essa Karen mandar em mim e muito menos ficar próxima do meu filho. Quanto à Neal, se ele realmente se apaixonasse por essa mulher e desaparecesse da minha vida, tanto melhor. Mas a realidade é que ele queria me ferir e usaria essa Karen para fazer isso por ele. Só que eu também tinha meus planos. Faria Neal provar do próprio remédio. Até chegar ao ponto de dispensar essa mulher. Afinal, eu precisava viver em paz com ele para ter meu filho sempre perto de mim. Neal iria entender que mulheres são anjos, mas quando alguém, por maldade, quebra nossas asas, continuamos a voar em vassouras e podíamos nos transformar em bruxas sem coração, sem escrúpulos e sem piedade.

Foi quando percebi que Rush pigarreava encostado à minha porta para chamar minha atenção.

– Rush.

– O Sr. White pediu que eu verificasse se a senhora precisaria de alguma coisa para esta noite.

– Eu ia dizer que não, mas você acabou de me dar uma ideia. Gostaria que você tocasse essa noite.

Farei uma apresentação e você fará o acompanhamento com seu violino.

– Tenho certeza, senhora, que o Sr. White não aprovará esse plano.

– Escuta aqui Rush, não seja hipócrita! Você já contou para Neal que também queria me beijar e que já me viu seminua?

– Muitos homens viram a senhora seminua.

– Não na porta da minha casa.

– Eu não tive culpa de vê-la de lingerie. A senhora abriu a porta assim, eu apenas estava lá.

– Mas eu também não provoquei nenhum dos nove homens que trabalharam nessa gangue. Até onde me consta, foi o próprio Neal que os obrigou a serem, digamos, íntimos comigo. No entanto, estão todos mortos.

– Isso é uma vingança por ter mentido para a senhora?

– Eu apenas quero sua ajuda e espero que facilite as coisas.

– Tudo bem, senhora, mas se me acontecer algo... – interrompi antes de ouvir que eu seria culpada da morte de mais alguém.

– Não acontecerá nada com você, dou minha palavra. – ele virou-se e foi saindo.

– Ah, Rush, tem mais! Você será meu acompanhante nesta linda noite de natal. – e fechei a porta com o sorriso mais sarcástico que pude oferecer-lhe. A expressão de pavor que ele fez foi impagável. Garoto estúpido! Com o talento que tem, tinha preferido uma vida suja ao lado de Neal. Ele também pagaria por ter me feito de idiota. Na hora certa...

Entrei no banheiro e tomei um longo banho de ducha. Era o que tinha. Na verdade, Neal fez questão de não me deixar com conforto algum. Para maquiagem escolhi olho delineado e boca bem vermelha, e para o penteado, uma trança lateral com um topete bagunçado, bem sofisticado. A noite seria especial... Fui ao closet ver o que eu encontraria para vestir. Em meio a muitos vestidos curtos, havia um longo muito lindo na cor vermelha, na frente um decote em V comportado nos seios, mas em compensação o

decore lateral na perna era enorme, e nas costas, alças cruzadas deixando todo o resto à vista até o final. Elegante e sexy na medida certa. Podia apostar que Neal tinha escolhido aquela peça.

Eu precisava sentir segurança e autoestima dentro daquele vestido, pois tinha certeza que a Karen era do tipo de mulher que usaria um vestido curto, decotado e justo, resumindo, muito vulgar. Essa era exatamente a diferença que eu queria que todos percebessem. Não havia sequer um acessório naquele closet, mas encontrei uma sandália dourada de salto médio, linda e delicada. Ficou perfeita com toda a produção. Eu estava pronta para colocar meus planos em prática!

Aguardei até às vinte horas, se Rush não aparecesse para me buscar, eu desceria assim mesmo. Meu pensamento foi interrompido por uma batida na porta do meu quarto.

– Ainda bem que você veio Rush. Não seria bom para você me deixar aqui plantada. Costumo ser vingativa quando me ignoram. – dei minha piscadinha fatal para ele.

– Você está... Quer dizer... A senhora está muito... A senhora está especialmente linda essa noite.

– Obrigada. Mas chega de perder tempo. Vamos descer? Rush, quem está com meu filho? Quer dizer, quem fica com ele durante a festa?

– Seu filho tem uma babá, senhora. Ela fica à disposição dele a noite toda.

– Ah, entendi. Eu queria vê-lo.

– Por causa do barulho da festa o Sr. White o levou com a babá para a casa de visitas. Assim seu filho poderá dormir com tranquilidade.

– Entendi. Não tem problema. Vamos?

Chegando ao primeiro piso, me deparei com uma festa maior do que eu previa. A casa estava repleta de pessoas de diversas idades, com uma decoração natalina clássica e garçons perambulando com bandejas e garrafas de vinho na mão. Agarrei-me ao braço de Rush que gelou ao meu toque e tentou se livrar, mas não permiti.

– Vai me colocar em apuros, senhora. – ele me dizia por trás de um falso sorriso disfarçado. Mas no fundo aquilo o agradava sim. Aquela proximidade comigo o deixava completamente sem reação. Apenas sorri de volta para ele.

Foi quando avistei do outro lado da sala, Neal com Karen, a vadia estava pendurada em seus braços. A mulher era completamente sem noção. Vestia um vestido dourado, muito justo e muito curto, com decotes enormes e recortes nas laterais. Parecia um maiô. Que horror! Neal estaria mesmo com orgulho de ter aquela mulher ao seu lado? Agora sim eu me sentia segura para provocar! Pude sentir um sorrisinho de triunfo ganhar meus lábios.

Arrastei Rush até nos aproximarmos de Neal. Percebi os olhares masculinos que me seguiam enquanto eu atravessava a sala, e foi isso que chamou a atenção de Neal, que se virou e finalmente me viu. Sua expressão mudou rapidamente. Era fascínio, desejo e admiração, tudo no mesmo olhar. Ele estava muito elegante todo de preto em um terno bem cortado.

– Boa noite Sophie.

– Boa noite Sr. White.

– Vejo que conseguiu um acompanhante para esta noite.

– Sim, mas tive de obrigá-lo a isso, já que ele estava com receio de que seu chefe dele o matasse no fim da festa.

– Não sei bem se com esse corpo e essa produção você precisaria obrigar alguém a fazer qualquer coisa com você. Tenho certeza que muitos se disponibilizariam a fazer-lhe companhia.

– Vou entender como um elogio. Obrigada.

Neal voltou para junto de sua Karen e do senhor com quem conversava e eu fui circular nos braços de Rush pela festa. No fundo, o que eu queria mesmo era ficar com meu filho. No fundo mesmo, o que eu queria mesmo era pegar meu filho e sair correndo para os braços de Adam. Mas a vida nem sempre é como desejamos. Aquilo era o melhor que eu poderia ter e pelo meu filho eu aceitaria.

Entre uma taça de vinho e outra eu tocava o rosto de Rush, que era um homem muito bonito, porém cretino. Com isso sentia o olhar de fúria de Neal em mim. Aonde eu ia, ele conseguia uma desculpa para circular por perto. Estava morrendo de ciúmes. Decidi que aquele era o momento ideal para fazer a apresentação solicitada por Neal. Subimos alguns degraus na escada, era o local perfeito para ser vista por todos os convidados. Rush começou a tocar alguma coisa para chamar a atenção de todos. Quando os convidados estavam reunidos ao redor da escada, iniciei minha apresentação.

– Boa noite senhores e senhoras. Peço um minuto de sua atenção. Meu nome é Sophie, uma velha amiga do Sr. White. Vejo que essa noite está sendo muito agradável para todos. A festa está belíssima, da decoração aos convidados. Eu gostaria de lhes presentear com uma canção. Espero que agrade a todos. É um agradecimento especial ao Sr. e Sra. White que abriram sua belíssima residência para nos receber tão bem! Este é o meu presente. Feliz Natal! – foram as palavras mais falsas que eu já disse em toda a minha vida.

Tudo que veio à minha mente para cantar era a versão de Kelly Clarkson para ‘Silent Night’. Com certeza a canção mexeria com Neal, pois foi o que ouvimos em casa, no nosso primeiro natal juntos. É claro que, Rush no violino, tornava tudo muito mais especial. Sim, foi perfeito!

Ao fim, tudo que eu ouvia eram acalorados aplausos de todos os convidados. Agradei Rush com um beijinho no rosto, e claro que esse gesto também foi para incomodar Neal. A festa seguiu com uma farta ceia, da qual, obviamente, eu não participaria. Subi discretamente para meu quarto. Estava cansada daquele dia que parecia interminável. E ainda não estava totalmente recuperada da anafilaxia que havia sofrido apenas vinte e quatro horas antes. Subindo as escadas percebi que não havia comido o dia todo e estava com fome, mas como ainda não tinha conversado com Neal sobre isso, preferi ignorar os apelos do meu estômago e dormir. Eu já havia feito o suficiente por um dia, se o incomodasse mais, certamente ele não me permitiria ver meu filho no dia seguinte.

Entrei naquele quarto frio e sem vida e me lembrei de Adam e de tudo que ele havia feito por mim nesses últimos dias. Ele correu tanto risco! Desejei muito que ele estivesse com alguém perfeita para ele nesta noite de natal. Queria tanto que ele fosse feliz.

– Eu amo você! Feliz natal! – sussurrei ao vento...

Procurei no closet por um pijama bem quente, estava frio demais, na verdade estava gelado. Não encontrei nada bem quente. Coloquei uma camisola de seda, um agasalho de lã por cima e meias de lã

nos pés. Ainda assim, eu sentia bastante frio. Deitei-me e puxei o edredom para me aquecer um pouco mais. Assim que me senti um pouco mais aquecida, adormeci.

– Sophie, acorde! – acordei com o peso de Neal sobre mim. Não podia dizer nada, afinal de contas tinha provocado ele a noite toda. Ele dizia que me amava e me beijava com fome, com fúria.

– Neal, a sua mulher vai ficar muito chateada se acordar e imaginar que você está aqui neste quarto comigo. – tentei me esquivar da investida dele.

– Eu não ligo. Karen não manda em mim. Eu mando em todo mundo. Eu mando em você, porque você é minha. – Neal estava completamente bêbado. Que droga!

– Sophie, você é minha. Eu vim fazer amor com minha mulher. É seu aniversário, princesa!

– Você disse que eu não era mais sua mulher, que eu não era nada, não representava nada.

Ele não respondeu. Apenas começou a retirar a sua roupa e a minha, e entrou debaixo do edredom. Se eu o recusasse seria pior. Ele havia me devolvido meu filho. Eu podia fazer isso. Não seria a primeira vez que eu dormiria com alguém sem amor. Nem seria a última. E foi o que fiz. Aliás, permiti que ele fizesse. Pelo menos ele não foi agressivo, pelo contrário, foi carinhoso, intenso de uma forma que eu ainda não o tinha visto ser. E no fim, me virei para um canto, ele me abraçou, me desejou feliz aniversário e adormeceu. Ele dormiria comigo.

Quando a luz do sol inundou o quarto, eu acordei. Olhei para o lado e Neal estava acordado, virado para mim e com o braço apoiando a cabeça. Eu não sabia o que fazer e o que falar.

– Este quarto está bem frio.

– Sim. Está sim, Neal. – não era o mesmo homem que fez amor comigo na madrugada.

Ele levantou-se rápido da cama e começou a se vestir. Parecia com raiva por ter dormido comigo. Acho que fazer amor comigo não estava nos planos dele. Esperava que ele não descontasse em mim. Levantei-me e ao colocar os pés no chão, quase desmaiei por causa de uma náusea. Em um segundo Neal estava me aparando e me colocando na cama novamente.

– O que é isso Sophie? Ainda efeito da intoxicação?

– Fiquei tonta e com náuseas. Acho que deve ser por eu estar a mais vinte e quatro horas sem comer alguma coisa.

– Tínhamos uma festa na casa e você não comeu?

– Neal, você mesmo me disse que eu precisaria de autorização para fazer qualquer coisa nesta casa. O que eu podia fazer? Não quero ser proibida de ver meu filho.

Ele não disse mais nada, apenas me olhou como se quisesse me bater. Estava com raiva. O que eu tinha feito dessa vez? Será que ele pensava que o obriguei a dormir comigo? Ai, meu Deus! Eu só queria provar a ele que aquela Karen não podia ser comparada a mim. Não mesmo!

– Esteja preparada. Em alguns dias iremos para o Brasil.

– Você sabe que não quero voltar naquela terra. Deixa-me aqui com nosso filho. Pode deixar seus seguranças, eu não colocarei os pés fora de casa. Eu prometo.

– Você não entendeu Sophie. Iremos viver por um tempo no Brasil. Tenho alguns negócios a tratar e organizar e seria uma ótima oportunidade de afastá-la das lembranças daquele Adam.

– Você fala nele mais que eu. Mas Neal, por favor, não me leve para o Brasil. – comecei a chorar de desespero só de pensar na possibilidade de voltar para aquele lugar e nunca mais conseguir sair de lá. – Por favor, Neal, use o seu coração, não o meu. Já usaram muito o meu e ele está aos pedaços. Me dê tempo para colar os pedaços no lugar, para recomeçar com o que restou de mim.

– Se você quiser que fique, mas meu filho irá comigo.

– Neal, vamos nos dar outra oportunidade? Essa noite você falou que me amava, que eu era sua, então porque não podemos esquecer o passado e tentar outra vez? Eu errei. Você errou. Mas podemos seguir daqui e olhar para frente.

– Veja só! O maior erro dos homens é acreditar que uma mulher ou é santa ou é safada. Na verdade ela é as duas coisas, mas na hora que ela quer. Eu a amei demais, Sophie. Você era meu conforto. Seus beijos eram bênçãos na minha vida podre e amarga. Você fez muitas vezes minha vida valer a pena. Mas consegui destruir tudo e agora acha que sou imbecil o bastante para aceitá-la de volta sem qualquer rancor. Abra os olhos vadia! Eu dormi aqui porque você é boa de cama, é gostosa. Foi apenas isso. Não se iluda. Eu aprendi a ver quem você realmente é. - E saiu pela porta batendo-a atrás de si.

O que podia me acontecer de pior? Será que ele queria me afastar para eliminar Adam sem que eu ficasse sabendo? Será que ele queria se vingar de alguma forma me levando para o Brasil? Será que eu jamais teria paz? A vida supostamente devia se mover entre duas polaridades, mas a minha só fica na negativa. Nasci para sofrer e pronto. Nunca tive outra escolha. O jeito era seguir em frente e ver no que daria. Só vivemos uma vez, mas se fizermos isso direito, uma vez é o suficiente. Eu estava decidida a fazer com que o que restou da minha vida valesse à pena, ao lado do meu filho. Mesmo que isso implicasse voltar para o Brasil e suportar a vingança de Neal.

Antes de fechar o livro...

Escrever é dar forma aos sentimentos que habitam a alma e o coração. Muitas vezes é uma ação solitária, mas extremamente prazerosa. Ao mesmo tempo em que se está sozinha, também se está acompanhada de muitas vidas e histórias. É complexo.

A história ganha vida própria e transforma o autor apenas em um instrumento de anúncio. Anunciar ao mundo aquela verdade fictícia que pode emocionar e chatear, divertir e colocar tantos outros sentimentos na superfície. Não há regras. Não existe certo ou errado. Ideias se baseiam em emoções e não em fatos concretos. Pode agradar muitos e desagradar outros.

Eu decidi escrever e dar forma ao meu sonho. Perdi o medo. Porque tentar algo novo todos os dias nos torna cada vez mais vivos e pulsantes. Um sábio disse que se vivermos cada dia como se fosse o último, um dia ele realmente será o último. Então perder o medo foi o meu primeiro passo para viver com a certeza de que o melhor está por vir. Sempre!

Essa história cresceu e me indicou que não poderia se resumir em apenas um livro. É tanta coisa para contar... Quando comecei a escrever não sabia onde isso me levaria. Arrisquei! E hoje me sinto uma escritora. É mágico. É fantástico. É único. É recompensador mesmo que não agrade a todos. Não é essa minha pretensão. Eu só queria contar uma história.

Eu amo cada um dos personagens. Eles têm vida própria. Sophie, Adam, Neal e tantos outros que foram ganhando forma, cada um com sua personalidade, suas conquistas e dilemas, como qualquer um de nós.

É um desafio! E quero partilhá-lo com vocês. Escrevam para mim pelas redes sociais! Quero que me contem o que sentiram ao ler esse livro, como imaginaram cada personagem, como gostariam que fosse o desfecho deles e o fim dessa história que fala de amor, de dor e de vida.

Para mim, escrever esse livro foi rápido, inflamável e intenso. Sorri, gargalhei, me entusiasmei, me depressei e chorei com cada cena imaginada... Eu sou uma pessoa muito visceral, sinto tudo na pele, na carne. Isso me faz feliz e me faz desejar que cada um de vocês também seja muito feliz. Perder o ar de vez em quando faz bem para a pele.

E quem sabe aonde tudo isso vai nos levar? Essa é a mágica da palavra escrita. Existem coisas reservadas para todos nós que fogem do nosso entendimento, mas que no futuro farão todo sentido. Por

isso a importância de nunca perder a fé, seja em Deus, seja nas pessoas, seja nos sonhos, seja em nós mesmos.

Tudo que um livro precisa para que a mágica aconteça é de alguém que acredite nele.

Não foi mais que um sonho... Assim... De repente.

A Autora

S. MILLER tem outra profissão e sua formação universitária passa longe da literatura, mas decidiu se aventurar no fantástico mundo da literatura porque este sempre foi o seu grande sonho, ser uma escritora que encantasse todos os tipos de pessoas. Após conhecer E. L. James, Kathryn Harvey, Christina Lauren, Abbi Glines, Sylvia Day, e entre tantas outras escritoras, decidiu que escreveria seu primeiro livro, parte de uma trilogia, para homenagear essas grandes autoras de Best Sellers, e diz não ter nenhuma pretensão de chegar tão longe quanto elas.

S. Miller ama romance, e quanto mais erótico, envolvente, inteligente e intrigante, melhor. Ela adora as redes sociais e é apaixonada por música, dança, filmes e séries. A trilogia Suddenly nasceu após ouvir a música homônima da cantora Ashley Tisdale. É viciada em livros de todos os gêneros e coleciona títulos diversos para leitura diária.

É escrevendo que S. Miller se diverte e ela certamente é um novo talento da ficção.

Mais informações:

Site: www.suddenlytrilogy.com

Facebook: Suddenly Trilogy

Twitter: @SMillerWriter

Em breve!

De Repente A Obsessão

De Repente Para Sempre

Este livro foi composto em ITC Slimbach pela Editora Multifoco e impresso em papel offset 75 g/m².